

O SANGUE *do* CORDEIRO



SAM CABOT



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O SANGUE
do
CORDEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

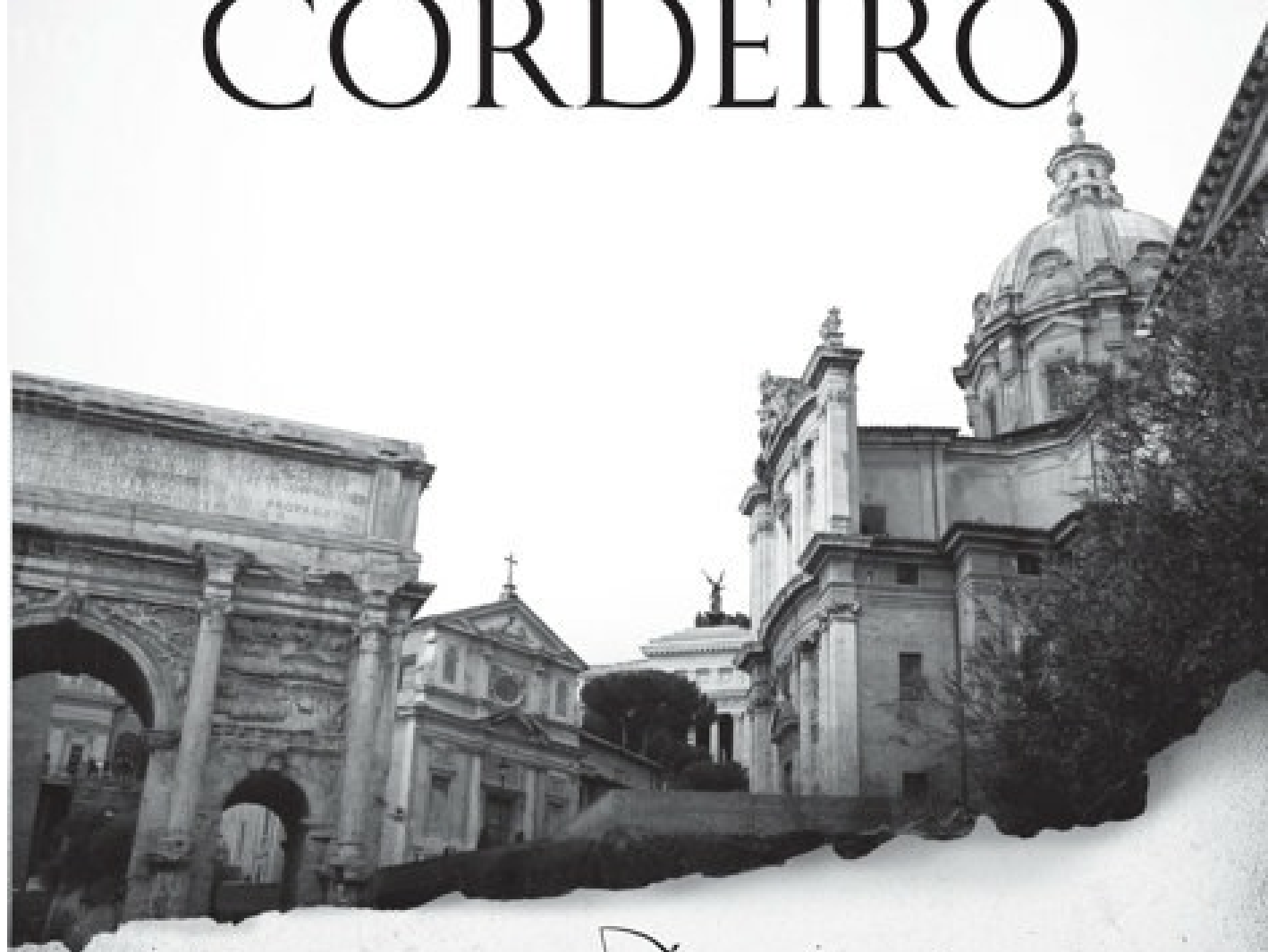
Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

SAM CABOT

O SANGUE
do
CORDEIRO



Título original: *Blood of the Lamb*

Copyright © 2013 por Carlos Dews e S.J. Rozan

Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Claudio Carina

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Carolina Rodrigues e Marlon Magno

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Pete Garceau

adaptação de capa: Miriam Lerner

imagem de capa: Klass Lingbeek-van Kranen (fórum romano); Nic Taylor/Getty Images (pergaminho)

adaptação para ebook: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C116c

Cabot, Sam

O sangue do cordeiro [recurso eletrônico] / Sam Cabot ; tradução Cláudio Carina. -1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2015.

recurso digital

Tradução de: Blood of the lamb

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-390-8 (recurso eletrônico)

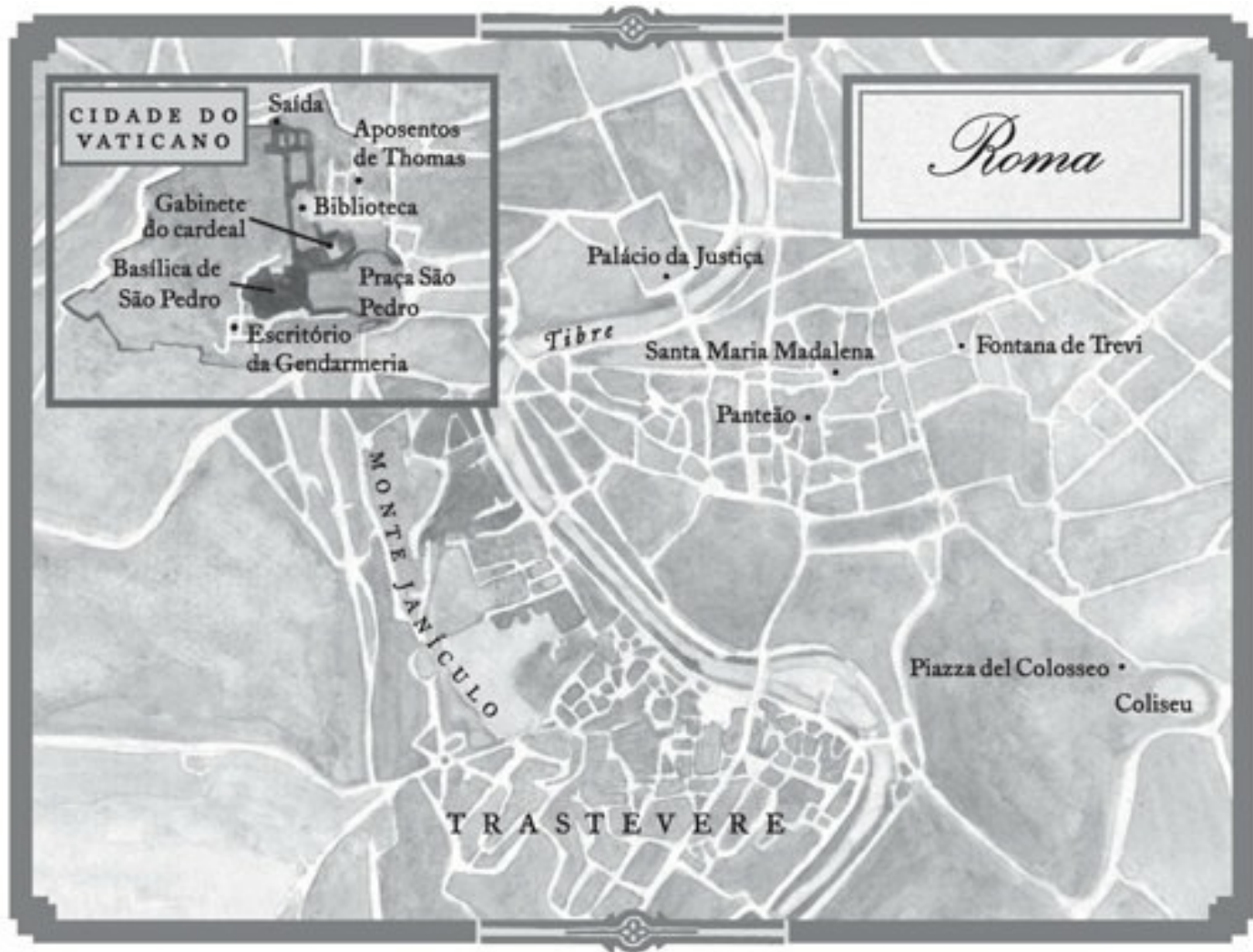
1. História de suspense. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I. Carina, Cláudio. II. Título.

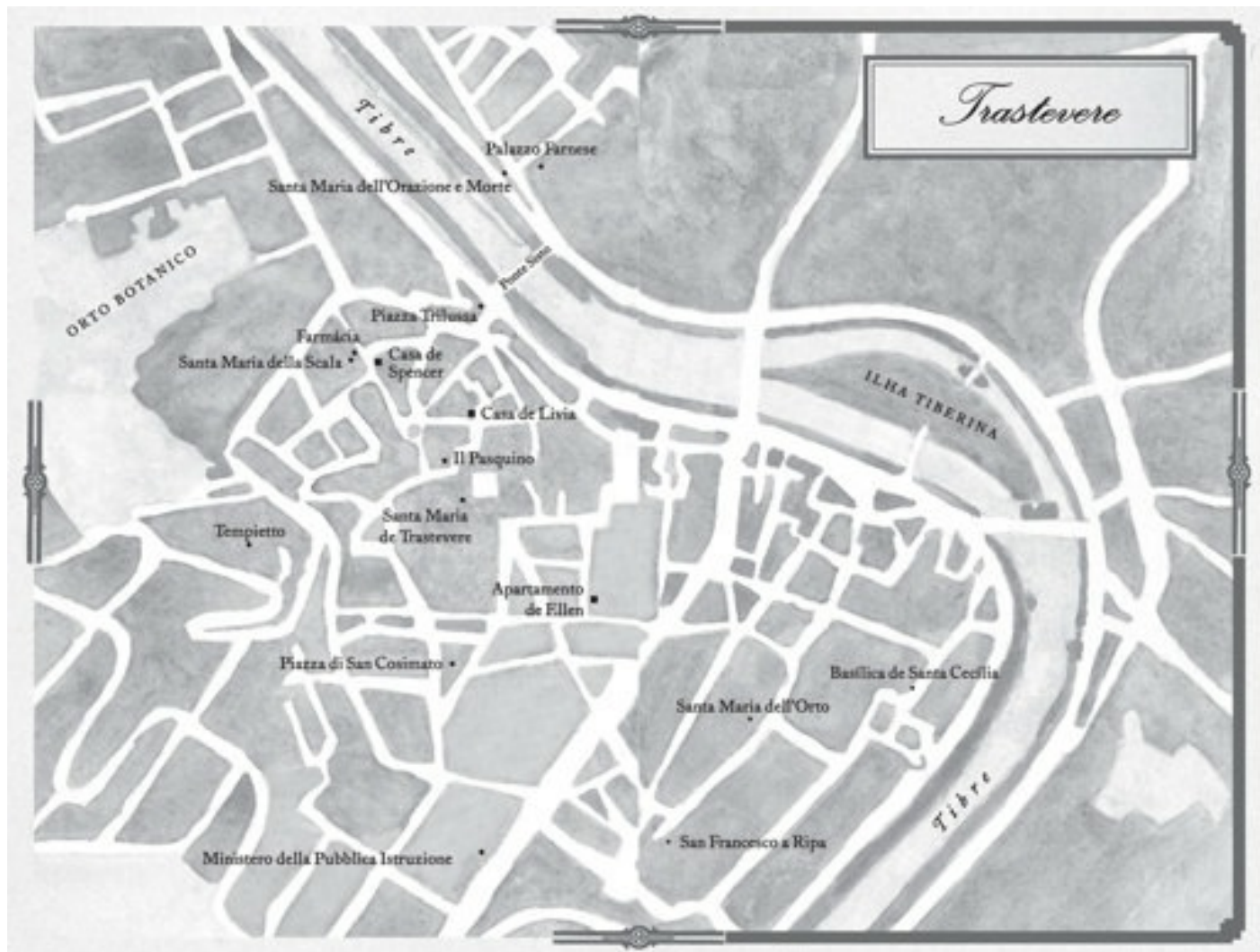
15-19830

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br





PRÓLOGO

21 de abril de 1992

Ele não estava preparado.

E nunca poderia ter se preparado. Quando o Fogo começou a queimá-lo por dentro, ele entendeu isso.

Eles já tinham discutido o assunto, bem a fundo e por muito tempo. Era a coisa certa ou errada? Ela o havia alertado, recomendado paciência. Mas ele sabia o que queria, sabia com uma certeza ferrenha e que no entanto também parecia vacilar como uma onda infinita no oceano. Ela queria o mesmo, ele sabia, e sua reserva era uma tentativa de protegê-lo do erro irreparável – se fosse mesmo errado. Não era, ele tinha certeza; pelo contrário, era a escolha que poderia aproximar um do outro com uma intensidade ainda maior que o amor e o vínculo que já partilhavam.

Eles decidiram, e assim que deixaram o *se* para trás, o *quando* e o *onde* tornaram-se simples. Agora, naquele crepúsculo suave da primavera, o céu esmaecendo do violeta ao ônix, como na noite em que ela lhe revelara que aquilo seria possível. Ali, na saleta da antiga casa onde ela morava, uma torre erigida séculos antes naquele local que viu Roma crescer ao redor, que assistiu ao mundo mudar.

No recinto escuro e silencioso, ela não acendeu nenhuma lâmpada, não colocou nenhuma música para tocar. O brilho distante das luzes da rua, os passos na *piazza* lá embaixo eram suficientes, sussurrou. Tomaram vinho, um Barbaresco aveludado, mas agora as taças jaziam esquecidas. Numa toalha de seda azul estendida sobre um elaborado tapete, ela se inclinou sobre ele, os reflexos pálidos de seus longos cabelos pretos cintilando à luz difusa. Eram a prata que complementava o dourado dos cabelos dele, assim como os olhos verdes dela eram o oceano para o céu dele. Ela fez uma pequena pausa, mas não perguntou se ele tinha certeza; esse momento já havia passado. Roçou os lábios nos dele, que de repente foi tomado por uma ânsia de abraçá-la, de pressionar o corpo contra o dela, mas não se moveu. Não conseguia se mover.

Ela segurou a mão dele. Beijou a palma e ele deixou escapar um gemido. Ela roçou os lábios de leve em seu pulso. Outro beijo, outro gemido. Em seguida, uma dor aguda e forte, uma queimadura que percorreu do ombro até as pontas dos dedos. Diminuiu tão rápido quanto começou, até desaparecer. O tempo passou, ele não sabia quanto.

E agora aquilo. Em toda parte, em cada célula – ele jurava que conseguia sentir todas elas, individualmente –, uma calidez, uma radiação generosa e difusa começou, intensificou-

se, cresceu. A sensação foi de alegria, júbilo. Enquanto aumentava, ele teve certeza de que estava em chamas, de que seria consumido pelo fogo interior. Não conseguiu evitar: ele riu.

Lentamente, o ardor também esmaeceu. Olhou para ela com uma expressão de surpresa. Ela sorria. Seu hálito, seu sangue, seu perfume de gardênia: ele conhecia aquilo tudo, o sangue dele conhecia aquilo tudo, assim como tinha consciência do gato lambendo a pata na rua de pedras, do suave murmúrio de namorados atravessando a *piazza* de mãos dadas. Um perfume inebriante entrou pela janela aberta: os botões de magnólias, que antes ele não sentia. Em algum lugar ao longe, alguém tocava piano. Ele ouvia o instrumento. E ouvia a distância.

Ele tinha se transformado.



27 de maio de 1849

Querida Margaret,

Escrevo a respeito de um assunto de máxima importância. Por favor, minha amiga, pense muito bem no que vou lhe pedir. Sou culpado, eu sei, de gostar de grandes gestos, e imagino que esteja revirando os olhos ao imaginar mais um melodrama deste seu poetinha; mas estou sendo honesto quando digo que o que está contido aqui, por mais fantástico que possa parecer, é apenas – e essencialmente – a verdade.

Junto com esta carta, envio uma caixinha lacrada. Contém uma cópia que fiz de um documento obtido na Biblioteca do Vaticano. Obtido! Margaret, eu o roubei! Como você sem dúvida deve estar sabendo agora, Pio IX fugiu, refugiando-se da nossa justa causa no Reino das Duas Sicílias. Aqui em Roma, seu covarde desaparecimento tem sido comentado há meses – é assim que o papa defende sua fé? Rá! –, mas não tínhamos certeza até a última Páscoa. Quando a notícia se espalhou, nossos soldados se viram diante da difícil escolha entre sua fúria e o desejo de festejar. O papa covarde chamou os franceses – os franceses! – e fugiu rastejando.

No final, ao me perceber incapaz de dissuadir meus homens da raiva que os consumia, preferi canalizá-la. Levei-os até os portões do Vaticano, pouco mais que uma horda uivante. (Pouco mais; porém, ainda assim, soldados, e sob meu comando. Depois de receber minha patente do general Garibaldi, seu poeta gordo e risonho tornou-se um oficial muito bom, realmente!) Eles teriam arrombado as muralhas em qualquer local, mas eu os conduzi até o portão próximo à biblioteca, embora o propósito de minhas ordens talvez não estivesse aparente.

Espere, posso ouvir sua voz, e você está chocada: “Soldados ensandecidos invadindo aquele repositório de sabedoria? Propriedades papais ou não, as glórias contidas ali são tesouros do mundo! Você, Mario, levou soldados até lá deliberadamente?” Margaret, sua reverência pelo erudito causa um sentimento de horror que suplanta o “bravo!” que estaria sem dúvida enunciando por meu feito marcial.

Não me julgue, eu lhe suplico. Eu estava em busca de um documento, cuja cópia mando agora, e o encontrei graças ao vandalismo dos meus soldados. Depois disso, ordenei imediatamente que se retirassem, e eles obedeceram. Sim, houve algum prejuízo, e houve

saques; era algo inevitável, já que minha intenção era criar um caos para que minha posse desses papéis passasse despercebida.

Este documento, querida amiga, vai abalar a Igreja.

Conservei o original, e acredite quando digo que fiz de tudo para escondê-lo bem, num local que resistirá a incêndios, inundações e às pilhagens dos franceses. Pretendo e espero poder usá-lo pessoalmente, em um momento ainda a ser escolhido, para obter o máximo efeito.

Mas o exército de Luiz Napoleão, liderado pelo fracote Charles Oudinot, continua acampado fora da cidade. Dizem-nos que são imparciais, que vieram para servir de mediadores entre Pio IX e seus súditos – seus súditos, meu Deus! –, mas Oudinot apostou tudo no papado. Não posso dizer que me surpreenda; sua intenção é que Napoleão seja eleito presidente pelo voto livre de seu povo, ele que, de acordo com os rumores, está à beira de se declarar imperador. Imperador, Margaret! Será que ele pretende ser Calígula ou talvez governar Catão?

É por isso que estou lhe escrevendo. Provavelmente é só uma questão de tempo até Oudinot agir em nome de Pio IX e sitiar a cidade. Se fizer isso, ele será bem-sucedido. É simples assim. Nosso exército será derrotado. Mas nós não seremos. Este documento, Margaret, será a salvação da causa republicana. De mais do que isso! Irá fazer com que o papa tire a corda do pescoço do povo italiano, do meu povo e de todos os que amam a liberdade em todos os cantos do mundo.

Mas saiba uma coisa: assim que o grupo secreto interno da Igreja perceber que o documento desapareceu, fará qualquer coisa para recuperá-lo. Por isso, este seu amigo, embora inflado de confiança, pode em algum momento deixar de existir. Improvável, Margaret – sou um homem difícil de matar –, por isso não tema. Mais crível é a perspectiva de que, apesar de todo o meu planejamento, o documento seja destruído; ou que eu seja impedido de recuperá-lo para usá-lo como tão ansiosamente desejo e pretendo.

“Por que não, então, simplesmente dizer onde está o documento, em vez desse artifício de cópias, caixas lacradas e tantos procedimentos tão teatrais?”, você perguntará, e mesmo que eu não lhe conte onde ele está, preciso dizer quanto estou me divertindo com essa conversa imaginária, ouvindo mais uma vez a sua voz! Não lhe contarei porque, embora esteja despachando este pacote por um mensageiro confiável (e bem pago!), existe a possibilidade de ele ser interceptado e que esta carta seja lida por olhos não pretendidos. (E se você que está lendo isto não for Margaret Fuller: que vergonha, senhor!) Não, o esconderijo do documento original é um segredo só meu. Mas, querida Margaret, como você já vem sendo minha valiosa colaboradora em nossas investigações mútuas em diversos assuntos, da literatura à arte de governar, estou pedindo que o seja mais uma vez. Envio esta cópia do documento lacrado e peço que o mantenha desta maneira. Margaret, não o leia. Garanto que o que se encontra aí é uma história na qual você não conseguirá acreditar. Vai achar que seu bom amigo enlouqueceu, mas asseguro que não estou

maluco. Imploro que siga estas instruções rigorosamente. Mantenha esta caixa fechada e sempre perto de você; e não diga a ninguém que a recebeu.

Nos próximos meses, assim que as iminentes batalhas forem travadas e decididas, mandarei notícias. Mas se eu não der sinal de vida em um ano, leve esta caixa a um local seguro e entregue-a ao general Garibaldi, se ele ainda estiver vivo. Ele vai ler o documento e, apesar de sua relutância inicial, se for o homem que sei que é, reconhecerá a verdade e saberá como usá-la. Se ele não estiver vivo, Margaret, você mesma deve publicar o documento. Lembre-se: como seu amigo, garanto que este documento não é fictício e que o acordo que anuncia é irrefutável e real. O outro signatário – meu povo – mantém a posse de seu manuscrito original, assinado e selado, assim como o do Vaticano que eu escondi. Quando sua cópia vier à luz do dia, embora o mundo possa a princípio se recusar a acreditar, meu povo não terá escolha a não ser apresentar sua cópia. Então o papado e a Igreja virão abaixo e uma nova era terá início!

Ah, Margaret, penso em você com frequência e com muito afeto, imaginando-a em seu trabalho intenso, silenciosa em sua leitura, radiante com sua família! Como sinto saudade de você! O brilhantismo de seus argumentos, a paixão de seu debate. Aqui no Exército da República, vivo com muito entusiasmo, mas muito pouco, infelizmente, no que se refere a conversas.

Spencer, é claro, previu isso, colocando-se contra minha decisão de oferecer meus serviços ao general Garibaldi. Como esperado, ele tem uma visão mais abrangente que a minha do desdobramento da história. Eu mandaria lembranças em nome dele, mas não posso, pois, sob minha insistência, ele partiu de Roma. Minha preocupação não foi tanto em relação aos perigos que ele correria, mas aos objetos de sua coleção. Planejada ou não, a destruição é inevitável na guerra; para que serve, argumentei, um historiador sem relíquias do passado, os próprios objetos que comprovam a história? Então (dentro de uma carreta puxada a bois junto com outro seguidor; como você teria rido!), Spencer partiu para o Piemonte. O resultado de minha eloquência é eu estar numa barraca cheia de goteiras comendo polenta malcozida, enquanto ele toma conhaque numa aprazível aldeia no norte.

Ah, mas como estou divagando! Seu poeta é um soldado disposto, e até mesmo ávido, mas solitário, e parece que tão tagarela quanto na vida civil.

Seu elegante Giovanni faz uma grande presença em Riete, estou certo; por favor, mande-lhe minhas recomendações. E ao pequeno Nino, que sem dúvida deve estar crescendo. Espero ansioso o dia em que, numa Itália livre e unida, estejamos todos juntos mais uma vez!

Até esse dia, Margaret, por favor: pela nossa amizade, prometa-me, embora eu não esteja aí para ouvir, que fará fielmente o que lhe pedi.

Até o nosso reencontro, querida amiga.

Com afeto,



5 de julho de 1850

Elas não rugiram. As chamas. Não rugiram, e ao impulsionar suas pernas grossas o mais forte que conseguia, escorregando e cambaleando nas pedras ásperas da Via della Madonna dell’Orto, em meio ao tumulto de gritos, carroças e o pungente aroma do medo, Mario Damiani ria. Será que o poeta celebrado, renomado por seu amor ao real e ao concreto, a fatos físicos e verdades sensoriais, estava surpreso ao encontrar um falso clichê? A experiência de Damiani com fogo era, naturalmente, limitada, mas não inexistente por completo. Labaredas engaioladas tinham aquecido as casas em que morara e cozinham suas refeições, iluminaram lampiões a gás e acenderam charutos de outros homens. Mas nenhuma rugia. As labaredas das quais ele e todos ao redor agora corriam para escapar eram grandiosas e selvagens, mas ainda estavam distantes – embora uma bola de canhão errante da posição francesa em Gianicolo e outras mais sem dúvida fossem irromper a qualquer momento. Essas labaredas escarneciam, chiavam, sussurravam, anunciando a destruição insana de locais que ele adorava. Partiam seu coração, mas não rugiam, e ele ria ao perceber quão tolo fora.

Mas não totalmente tolo. Uma curva fechada, mais um minuto acotovelando-se pela multidão frenética e de repente surgiram diante dele os portões que levavam à fachada escura e altiva da Basílica de Santa Cecília. Cecília, santa padroeira dos poetas. “Muito apropriado”, pensou Damiani, “e que maravilhoso capricho do destino.” Sua escolha do lugar, assim como dos outros que tinha visitado apressadamente naquela noite, foi ditada pelos acontecimentos: todas eram igrejas no trajeto de sua casa até o rio, e seu livreto de poemas elegíacos já tinha uma página celebrando cada uma delas. Damiani abriu o portão do jardim com um rangido, fechou-o às suas costas e parou, ofegante. O suor escorria de sua testa. Enxugou-o com a manga, sorrindo ao imaginar quão horrorizado Spencer ficaria com aquele gesto. Damiani, depois de um ano como rude soldado, teria de reaprender as normas cavalheirescas ao chegar ao norte. Quando sua respiração normalizou, ele se esgueirou pelo quintal, mantendo-se nas zonas escuras.

Era o último lugar a que ele ia naquela noite. Já tinha rasgado poemas de seu livreto e ocultado as páginas seis vezes. No rodapé de cinco delas, tinha escrito cinco letras em maiúsculas com uma indicação do artista – uma medida não muito elegante porém eficiente, afinal eram tempos de guerra – e as escondido onde estariam seguras por quanto tempo

fosse necessário. Ali, em Santa Cecília, tinha feito algo diferente. A página que deixara ali não continha um poema, mas apenas as últimas cinco letras de fôrma, as peças finais do quebra-cabeça.

Abriu a pesada porta da basílica e entrou. Os gritos e alaridos de pânico se calaram, substituídos pelo murmúrio paciente de pedras antigas e desgastadas. Vestígios de incenso pairavam no ar frio, mal discerníveis para a maioria, talvez, mas sussurrando a Damiani reminiscências de caravanas no deserto e exóticas cidades do Oriente. Nos últimos tempos, Spencer tinha demonstrado o desejo de viajar, conhecer terras e belezas longínquas. Damiani sempre afirmara que Roma bastava para satisfazer a alma de qualquer homem, mas agora, pela primeira vez, levava em consideração os anseios de Spencer. Sim, decidiu: assim que se encontrassem, os dois viajariam para contemplar milagres e maravilhas. Talvez Spencer, apesar de sempre ter zombado da ideia de conhecer o jovem país do oeste, pudesse ser persuadido a uma viagem para a América, para ver cidades efervescentes e cheias de vigor.

Damiani abanou a cabeça e sorriu. “Ótimo, Mario. Uma travessia do Atlântico. Não seria melhor você se localizar primeiro em Roma?”

Três velas votivas, provas da preocupação de alguém com a vida *após* a morte mesmo quando os soldados de Napoleão acabavam com as vidas *antes* da morte, propiciavam a única iluminação da basílica. Não tinha importância – Damiani enxergava bem no escuro e já passara incontáveis horas naquele lugar. Andou em passos rápidos até o corredor central, ajoelhou-se e fez o sinal da cruz. Era um velho hábito, que percebeu não conseguir abandonar. Spencer o acusava de na verdade não querer se livrar daquele costume, de realmente gostar da natureza atávica do gesto. Bem, talvez.

Levantou-se e pulou a mureta do altar.

Do outro lado, ajoelhou-se mais uma vez. Diante dele estava a estátua delicada e de tirar o fôlego de Santa Cecília, de Stefano Maderno, com a cabeça estranhamente virada para o lado, sem olhar para aqueles que a contemplavam. O machado do carrasco descera três vezes sobre Cecília, mas seu pescoço não fora decepado e ela continuou viva por mais três dias. Uma coisa linda e terrível para um escultor, tornada ainda mais terrível, e mais extraordinária, pelo modelo usado por Maderno: os restos mortais da própria santa, intactos quando desenterrados duzentos anos após sua morte.

Terrível, extraordinário e, para os noantri, o povo de Damiani, uma particular e secreta fonte de perplexidade.

Para Damiani, o fato de sua busca terminar ali, na obra pequena e singela que ele mais amava entre todas as obras gloriosas de Roma, tinha um gosto agri-doce. Tirou a página de seu livreto, uma folha em branco a não ser pelas cinco letras. Dobrou o papel e, depois de uma breve pausa, enfiou-o num vão na base da estátua. Depois estendeu a mão e passou o dedo por uma linha fina no pescoço dela, por onde a vida da santa deveria ter se esvaído, mas não se esvaiu. Então se levantou, fez o sinal da cruz mais uma vez (ouvindo, em sua

mente, o suspiro de Spencer) e, após relancear ao redor (mesmo no escuro, ele reconhecia os anjos, os santos), voltou ao corredor central.

Ao abrir a porta da igreja com um rangido, Damiani hesitou diante da algazarra nas ruas invadidas rompendo o silêncio. Atravessou o pátio, respirou fundo e saiu pelo portão. Ali, como antes, pessoas se aglomeravam, carretas passavam carregadas, cavalos e jumentos eram montados ou puxados com desespero. Damiani riu mais uma vez, ouvindo a voz sarcástica de Spencer dentro de sua cabeça. “Francamente, Mario. Esse drama todo é mesmo necessário? Pistas escondidas, uma caçada ao tesouro... parece uma grande chatice.”

“Ah, Spencer”, pensou Damiani, correndo pela rua de pedras antigas (será que ouviu o resfolegar de cavalos de batalha, o passo apressado de soldados?). “Ah, sim, uma grande chatice. Mas quando você encontrar o tesouro, quando estiver com o documento nas mãos, vai entender a razão.” O tempestuoso e inquieto Damiani, que nunca planejava nada além do verso seguinte de um poema, tinha escondido o documento um ano antes. Primeiro fizera uma cópia e mandara para fora de Roma. Agora, naquela noite, tinha deixado um bilhete no estúdio de Spencer, no povoado deserto: “Leia o seu poema.” Era uma instrução que soaria enigmática para qualquer um menos Spencer, e com isso ele estava propondo conduzir seu amante, um historiador, numa alegre dança. Tudo isso, por si só, deveria convencer qualquer um da seriedade de suas intenções.

Só que, claro, Spencer riria dele de qualquer forma, quando estivessem tomando um conhaque no Piemonte. Nenhuma das medidas que Damiani havia providenciado para proteger o documento teria a menor importância exceto no caso de sua morte. Agora ele se apressava para tornar todas essas medidas inúteis, pois não pretendia morrer.

Virou à esquerda na Via di Santa Cecilia, em direção à Via dei Genovesi, ao rio, a seu barco escondido e, se sua bolsa de ouro tivesse sido útil, a seu barqueiro escondido. Chegaria ao cais bem antes do horário combinado. E se o barqueiro tivesse sido tomado pelo medo e fugido? Mario conduziria o barco sozinho. E se o barco não estivesse lá? Ele pularia no Tigre e nadaria até chegar a uma praia livre dos franceses. Percorreria o caminho até o Piemonte, entraria triunfante no povoado, beberia o excelente vinho que Spencer sem dúvida levaria quando se encontrassem e continuaria escrevendo poemas até o momento chegar. Depois voltaria para recolher seu tesouro escondido e o mundo mudaria.

Seguiu atrás do tumulto, os ouvidos tão repletos de gritos e do ruído de sua própria respiração ofegante que ele só ouviu o barulho dos cascos quando os cavalos entraram na Via di Santa Cecilia, praticamente em cima dele.

Damiani escondeu-se à sombra de uma janela. O pânico na rua aumentou, embora a maioria das pessoas não tivesse nada a temer dos franceses. Nada de imediato, de qualquer forma. Com Damiani era diferente. Ainda usava a calça e a camisa áspera de algodão do exército de Garibaldi, embora tivesse sido prudente e jogado fora a casaca de oficial que ostentava com tanto orgulho um ano antes. O próprio general, ao ver Roma perdida, tinha sabiamente negociado uma trégua e retirado suas tropas para o norte. Como os planos de

Oudinot de entregar Garibaldi nas mãos do papa com os cumprimentos de Luiz Napoleão foram frustrados, suas tropas agora perseguiram os soldados que continuavam em Roma – homens como Mario Damiani.

Estavam em seu encalço, e o haviam encontrado. Aos gritos, o líder da cavalaria puxou as rédeas de sua montaria com tanta força que o animal empinou, e então arremeteu com o sabre em riste.

Um instante para decidir: esquerda? Direita? Damiani tinha assegurado a uma amiga, certa vez, que era um homem difícil de matar, e era mesmo. Mas ser capturado seria mais fácil, especialmente agora, preso entre toneladas de pedra e um monte de cavalos. À sua direita, na Via dei Genovesi, estava o rio, tão perto que ele conseguia sentir o cheiro dos canais de pedra úmida. Porém, a rua era larga e possibilitava o tráfego de montarias. Mesmo se conseguisse correr, um poeta gordo não venceria o galope dos cavalos. Na parede escura à sua esquerda, viu uma nesga de escuridão mais profunda: a passagem para uma viela. Seria mais útil se a viela desembocasse em outra rua, o que Damiani, que conhecia cada centímetro público de Trastevere (e muitos centímetros particulares também), sabia que não acontecia. De qualquer forma, os cavalos não conseguiriam segui-lo. Se os homens desmontassem e o perseguissem a pé, talvez as sombras da minúscula *piazza* o protegessem até eles desistirem, julgando que o fugitivo tivesse entrado por alguma porta e escapado. Lutar contra soldados a pé, se chegasse a tanto, ainda seria preferível a lutar contra cavalos. Damiani disparou da parede em que estava encostado.

No mesmo instante, alguns soldados viraram os cavalos e partiram atrás dele. Damiani agachou-se atrás da fonte absurdamente tilintante da *piazza*. O capitão francês mandou um homem na direção dele, cercando-o à esquerda, e dois outros para a direita. Os outros quatro voltaram à entrada da viela, em pares. Um componente de cada dupla forçava as portas enquanto o outro vigiava a escuridão. Aqueles homens podiam ser janotas franceses, mas não eram tolos, e estavam fechando o cerco. Mas eram poucos. Damiani tinha sido abençoado com uma força tremenda, assim como seu povo, e não seria impossível que conseguisse vencer quatro franceses. Mas e depois? Voltaria para a rua, onde o restante das tropas esperava? Correria por baixo da barriga dos cavalos para escapar?

Mas isso era uma questão para depois, pensou, quando o primeiro a avistá-lo gritou.

Eles avançaram; Damiani saltou da fonte na direção de uma porta recuada. “Deixe que entrem atrás de mim. Deixe que venham.”

E eles entraram. Primeiro o capitão, um privilégio da patente. Esquivando-se do braço que empunhava o sabre, Damiani arremeteu seu ombro contra o homem, empurrando-o na direção do soldado que o seguia. Por um momento, todos ficaram imóveis. Qualquer plano que tivessem para atacá-lo um a um, como cavalheiros, foi abandonado assim que perceberam sua força; e ele tinha feito o capitão de bobo. Os quatro atacaram numa confusão de gritos e espadas. Damiani sentiu a ferroadada de uma lâmina no pulso, depois um corte ardente na coxa. Uma dor insignificante, mas uma distração no momento, como

qualquer dor. Dois soldados o atacaram, fazendo-o perder a respiração e jogando-o no chão. Damiani forçou a mão embaixo do queixo suado de um deles e não parou de empurrar até o homem enfim sair de cima de seu corpo, mas o outro ainda estava em ação, e mais dois também se juntaram a ele. A cabeça de Damiani zumbiu. Ele respirou fundo, soltou um rugido e com um impulso dos braços conseguiu se erguer. Quando ficou em pé, jogou um homem contra a parede e desferiu um murro direto no bigode francês fino de outro. Mas eles continuaram avançando, punhos e sabres cortando o ar noturno.

“Mario”, pensou Damiani, “isso pode não dar tão certo como você esperava.” Esquivou-se de uma lâmina que lascou o batente da porta na altura exata de sua cabeça, enquanto retorcia o braço para se livrar de uma mão que agarrava seu pulso. Mas não conseguiu se soltar. O homem que o segurava era tão forte quanto ele e puxou-o para a esquerda e depois para trás. Damiani lutou para não ser jogado contra a parede. Em vez disso, caiu de costas na escuridão. Uma voz urgente sussurrou “Entre aqui!” e assim que ele obedeceu a porta foi fechada, deixando os franceses furiosos do lado de fora, esmurrando a madeira. Damiani saiu correndo por uma passagem escura atrás de uma sombra, sendo seguido, por sua vez, por outra sombra alta.

As pancadas e os gritos de raiva diminuíram quando ele e seus salvadores – sua própria gente, agora sabia – saíram em outra ruela. Uma trombeta soou, a patrulha francesa dando o alarme.

– Eles vão estar em toda parte agora – disse o homem atrás de Damiani, uma voz calma e profunda que o fugitivo reconheceu e ao mesmo tempo surpreendeu-se ao ouvir. – Não podemos nos arriscar nas ruas. Filippo, a porta. À frente, à sua esquerda.

A fechadura não cedia, mas Filippo – Filippo Croce, provavelmente, secretário pessoal do outro homem – jogou-se de ombro contra ela duas vezes. A madeira guinchou enquanto rachava. Um prego caiu tinindo na calçada. A porta se abriu, reclamando, e os três entraram.

A iluminação no ambiente era fraca, mas o aroma era inconfundível. Antes de Filippo acender uma tocha, Damiani, agachado com as mãos no joelho tentando recuperar o fôlego, soube que tinham entrado em um estábulo. Sombras dançantes mostraram que estava certo. O cheiro de estrume e feno dominava o ar, mas o local estava silencioso: os cavalos estavam todos no norte, montados pelas tropas de Garibaldi.

– Obrigado – arquejou Damiani, ainda dobrado. Esfregou o ferimento na perna, dolorido, mas não tão fundo quanto pensara. – Como vocês me encontraram? Ou será que tenho uma sorte inacreditável?

O homem mais alto balançou a cabeça. Em sua voz lenta e profunda, respondeu:

– Nós estávamos procurando você, Mario. Preciso dizer por quê?

O susto fez o coração de Damiani acelerar. O calor tomou sua pele e ele se aprumou lentamente. Depois de um momento, respondeu:

– Não, senhor.

– Então me diga onde escondeu o documento.

Mais um instante; outra respiração. Numa voz ao mesmo tempo trêmula e firme, Damiani repetiu:

– Não, senhor.

– Mario. – O homem de feições difusas balançou a cabeça mais uma vez. – Eu entendo a sua causa. Sei que acha que não, mas entendo. Não é o momento. O momento há de chegar, mas ainda não é agora.

– Senhor. – Damiani firmou a voz. – Meu senhor, o tempo não vai “chegar”. Em todos esses anos ainda não chegou. Nós temos que fazer com que chegue.

– Não podemos. Para tudo existe uma razão.

Damiani piscou.

– O senhor vai citar a Escritura para mim? Sobre esse assunto?

– Por que não? Sua briga, pelo que sei, é com o papado, não com a Igreja.

– Se ao menos o papado permitisse essa distinção!

Os três ficaram paralisados quando passos apressados e o tinir de espadas na rua informaram que os franceses estavam por perto.

O homem mais alto falou:

– Não temos tempo para discutir isso agora. Você precisa me dar a cópia da Concordata que roubou da Igreja. Vai entender a razão quando tiver chegado ao ponto da vida em que eu cheguei.

– É exatamente isso que o torna cego à oportunidade criada por este momento! O mundo mudou. E vai continuar mudando. A razão e o pensamento científico estão em posição de vantagem. Não precisamos mais da Igreja!

– Você está enganado, Mario. – Ele assentiu levemente com a cabeça para Filippo.

Damiani percebeu, mas não a tempo. Os dois se atiraram contra ele ao mesmo tempo; embora fosse forte, os outros eram mais. Damiani chutou e empurrou, mas ouviu um estalido, sentiu uma constrição, percebeu que seus braços e o peito estavam presos a ferros. Filippo enrolou e amarrou bem a corrente num poste. Imobilizado, Damiani ficou deitado de costas no feno, olhando para os outros.

– Filippo – disse o homem alto. – Deixe-nos a sós.

– Mas, senhor...

– Saia!

Depois de um instante, Filippo fez uma reverência e saiu.

Damiani puxou as correntes, sentindo-as machucarem seus braços. Talvez conseguisse rompê-las ou arrancar a estaca, mas levaria tempo.

– Mario, me conte.

As palavras foram pronunciadas com delicadeza.

Damiani não disse nada.

– Isso é inútil, Mario. O exército de Garibaldi foi derrotado e o papa continua no poder. Os noantri precisam manter a paz com o papado e a Igreja.

– Paz! – repetiu Damiani amargamente. – Isso não é paz. É servidão! Nós esperamos, e esperamos, nos escondendo, fingindo e dissimulando. Você sabe como é a nossa vida! Mas não precisa ser assim! Quando o acordo vier à luz, quando a Igreja cair...

– *Não é o momento!* Se a Igreja cair, nós também cairemos. A vida que você teve... o povoado, sua poesia, sua fama... você é um poeta maravilhoso, Mario. Um grande talento.

Damiani olhou para ele impassível, ignorando o elogio, e o outro homem suspirou antes de prosseguir:

– Esse acordo que você tanto despreza é o que permite isso tudo. Você não sabe como era antes. – Fez uma pausa. – Você tem sido impaciente e impetuoso desde o dia em que se juntou a nós. Eu não deveria ter permitido.

– Não, eu não conheci aquela época – retrucou Damiani. – Mas eram outros tempos. Você está vivendo no passado. Eu estou olhando para o futuro.

– O futuro. – A voz do homem ganhou uma nova entonação, mais triste. – Você não entende? Se não me entregar o documento roubado, eu não posso deixá-lo vivo.

O sangue de Damiani gelou.

– Não é algo que eu queira fazer – continuou o outro. – Receio que vá me atormentar para sempre. Mas minha responsabilidade é com o nosso povo. Se você continuar vivo, vai acabar expondo e divulgando esse documento, embora possa levar anos. Estou enganado?

Lentamente, Damiani negou com a cabeça.

– Então, se você não o devolver para mim, não poderá continuar vivo.

– Senhor. – A voz de Damiani saiu fraca. Tentou soar mais convicto: – Não faça isso, eu imploro. – Encarando o olhar firme e silencioso do outro, ele prosseguiu: – De qualquer maneira, será inútil. Eu fiz uma cópia. Entreguei-a a um amigo.

Os olhos escuros se fixaram nele.

– Não, você não fez isso.

– Fiz. Com instruções para publicá-la no caso de eu morrer.

– Entregou a quem? – Ele franziu a testa em uma expressão contemplativa. – Não Spencer George, suponho. Ele está escondido no norte há algum tempo. E não aprovaria as suas ações, imagino, se as conhecesse.

– Não, não aprovaria. Como historiador, a visão dele é de longo prazo.

Damiani disse isso com calma. Esperava estar enganado, mas, para o bem de Spencer, torcia para estar sendo convincente.

– Se é verdade que você fez uma cópia, terá colocado um amigo em perigo. Não somos apenas nós que estamos nessa busca. Você achou que o Vaticano não descobriria o seu roubo, não iria atrás do que perdeu?

– Na verdade, senhor, achei que só eles fariam isso. Não pensei que deveria temer meu próprio povo.

Pareceu que um pensamento passou pela cabeça do homem. Numa voz que refletia tanto admiração quanto desapontamento, ele perguntou:

– Foi por isso que você se juntou ao exército de Garibaldi? Com a única intenção de se colocar em posição de invadir os Arquivos do Vaticano?

Mesmo deitado e preso, ele teve de rir.

– O senhor subestima muito minha astúcia. Eu nunca entendi o que poderia acontecer até me encontrar pessoalmente com minhas tropas nos portões do Vaticano. Não, meu senhor. Eu me alistei no Exército da República para unificar a Itália e eliminar o jugo papal, não só sobre nosso povo, mas sobre todos os povos.

– Ah, Mario, você ri. Foi essa risada, esse entusiasmo, sua alegria ilimitada de viver que me convenceu de que poderia ser um de nós. Por favor, continue sendo um de nós. Me conte onde está o documento. Permita-me libertá-lo e tudo será como antes.

Damiani respirou fundo. Sentiu o cheiro do feno sobre o qual estava deitado, viu sombras bruxuleando nas paredes. Respirou mais uma vez e falou:

– Não.

– Nós vamos encontrá-lo, Mario. Vamos achar o seu amigo. O que você está fazendo é um grande gesto, mas será em vão. – Depois de um longo tempo em silêncio, o homem assentiu com a cabeça. – Muito bem, então. Eu sinto muito. Muito mesmo.

Virou-se e andou até o fundo do estábulo. Uma grande onda de medo tomou conta de Damiani e foi afastada quase de imediato, para sua surpresa, por um pensamento: “Todos os homens morrem. No fim das contas, você é um homem, Mario, como era no início.” Essa percepção o acalmou. Então, outro pensamento quase o fez sorrir. Margaret iria conseguir. A morte de Mario Damiani significaria alguma coisa, mais até do que sua vida. Margaret Fuller, rica e muito conhecida, famosa por sua determinação e diligência, fora do alcance até do papa e dos noantri, propiciaria a libertação de seu povo e a destruição da Igreja. “Está nas suas mãos agora, minha amiga. Sei que não vai falhar.” Damiani pensava sobre isso quando o homem voltou, trazendo um martelo de ferreiro.

– Mario?

Ficou esperando, mas Damiani não respondeu.

Então, o homem finalmente preencheu o silêncio:

– Eu entendo. Ao menos não vou fazer você sofrer. – Ergueu o martelo até acima da cabeça e o desceu com toda a força. A dor queimou o crânio de Damiani, que foi envolvido pela escuridão. Através dela, viu o homem pegar a tocha da parede e jogá-la no feno. Quando o mundo começou a desaparecer, Damiani teve de rir uma última vez. As chamas, quando avançam para nos devorar, de fato rugem.



14 de setembro de 2012

“Este documento, querida amiga, vai abalar a Igreja.”

O padre Thomas Kelly leu aquelas palavras mais uma vez, tamborilando distraidamente o lápis na mesa, um antigo hábito do seminário. Um olhar veio da sua esquerda e um “psiu!” da direita; ele recolheu o lápis com um ar culpado e sorriu, envergonhado. Pesquisadores sérios, impacientes com distrações, eram presença constante nos Arquivos Transcendentalistas de Londres. Thomas os entendia. Também era um deles. Se não fosse, de que outra forma poderia explicar a alegria de se meter no meio daquelas caixas e prateleiras (um bocado mal-conservadas, para dizer a verdade) para procurar um caminho que provavelmente não seria encontrado?

E durante sua licença, ainda por cima?

Ao contrário de seus colegas jesuítas acadêmicos, Thomas Kelly gostava de lecionar para os não graduados: alimentava-se do entusiasmo e da energia dos alunos, mas eles exigiam sua atenção na mesma medida em que não gostavam quando a recebiam. Ele mesmo tinha sido estudante menos de uma década antes, e sua abordagem ocasionalmente obstinada aos estudos ainda eram uma lembrança nítida de que não poderia recriminar os próprios alunos. Às vezes, lecionar era como velejar contra o vento. Divertido, porém cansativo. Passar um tempo sem dar aulas era revigorante, sem dúvida.

Ainda mais quando esse tempo era usado de forma produtiva. Ou, por outro lado, quando se encontrava uma oportunidade de relaxar. Talvez ele devesse ir até o Tâmbisa e velejar numa embarcação de verdade, não num barco metafórico, em vez de passar os dias fuçando uma desorganizada coleção de documentos deixados para trás em 1850, quando a jornalista americana Margaret Fuller fizera uma viagem de navio a Nova York. Ainda que, ele lembrou, a viagem tenha terminado num naufrágio que tirou a vida de todos os passageiros, inclusive a de Margaret Fuller e da maioria da tripulação. Era melhor deixar os barcos de verdade para lá.

Thomas olhou para o relógio. O que ele *deveria* fazer era parar de sonhar acordado e voltar ao campus. Tinha uma reunião dali a pouco em seu escritório no Heythrop College, com um aluno cuja tese ele concordara em orientar, mesmo que teoricamente estivesse afastado do trabalho. Por que não? Sua carreira acadêmica também contara com a ajuda generosa de alguns dos mais brilhantes acadêmicos da Igreja. Agora que estava incluído no

mesmo grupo que eles – uma posição que Thomas via com ceticismo, mas lá estava ele –, era seu dever oferecer ajuda com a mesma disposição.

Não era um gesto inteiramente altruísta, porém. Ou era? Em dias como aqueles era bom sentir que algo fora realizado. A manhã de Thomas fora um desperdício. A carta com a frase (“vai abalar a Igreja”, francamente!) fora escrita por Mario Damiani, um poeta antipapista feroz, integrante do Risorgimento, ou Ressurgimento – o levante do povo italiano contra o poder da Igreja no século XIX. Thomas considerava absurda a ideia de que qualquer documento pudesse ser tão perigoso. Uma das razões era que a convicção política de Damiani, somada à sua tendência à hipérbole, sugeria mais o enunciado de uma esperança que de um fato. Outra – e Thomas dizia isso como um religioso que também já passara por uma grave crise de fé, que amava a Igreja, mas a via com olhos lúcidos – era que se os escândalos, desastres e descaminhos das décadas passadas, ou de milênios, não tinham abalado a Igreja, ele suspeitava que não havia muito mais que pudesse fazer isso.

Mas estava curioso a respeito do que Damiani considerava ter esse poder. No entanto, seu verdadeiro interesse pelo homem aumentou a partir de outra parte da carta. O foco acadêmico de Thomas abrangia o Ressurgimento e outros movimentos políticos italianos da época. Já havia escrito inúmeros estudos reveladores e dois livros nessa área, e quando encontrou a carta de Damiani para Margaret Fuller as implicações fizeram seu coração acadêmico bater mais forte. Os Arquivos do Vaticano tinham sido saqueados em 1849. A carta deixava claro que Damiani estivera envolvido. Na verdade, afirmava que ele liderara as tropas pessoalmente, embora Thomas suspeitasse que o poeta fosse um tanto fanfarrão. Havia algum tempo os estudiosos da Igreja tinham perdido a esperança de recuperar tesouros roubados naquele ataque, em parte porque os registros do Vaticano eram muito imprecisos e era difícil saber exatamente o que desaparecera. Mas ninguém, até onde Thomas sabia, percorrera o caminho que ele estava seguindo: o dos partidários de Garibaldi.

Thomas fez uma grande descoberta naquela carta: Damiani tinha mandado uma cópia de algo para Margaret Fuller e escondido o original. Fosse o que fosse, sem dúvida o documento tinha afundado com Margaret Fuller e a informação sobre a localização do original devia ter morrido com Damiani. Mas talvez ele – ou outras pessoas – tivesse feito mais cópias e depois as escondido ou enviado para longe. Um estudo dos papéis do poeta e do círculo dele poderia, quem sabe, levar a algo novo.

Fazia parte do trabalho dos historiadores interpretar eventos, colocar-se à parte e *estudar*, não *participar*. Thomas tinha escolhido esse papel e estava em paz com sua opção. Mas, ao pegar seu casaco, o laptop, o bloco de notas, a pasta e o lápis, ele pensou – não pela primeira vez – quão satisfatório seria fazer parte da ação, ao menos uma vez. Participar da história, em vez de apenas segui-la. Uma pequena descoberta, um documento que Thomas Kelly encontrara porque decidira procurar onde outros não tinham tentado... Ora, ora, se não era o pecado do orgulho entrando em sua mente malvada. Thomas sorriu e, provavelmente para satisfação dos outros pesquisadores, saiu do Arquivo Transcendentalista.

O Heythrop College ficava do outro lado do Holland Park. Desde que se mudara de Boston para Londres, sete anos antes, Thomas se tornara um acadêmico bastante sedentário. Uma caminhada rápida faria bem, decidiu, e saiu andando a passos largos pelo parque. As folhas douradas e brilhantes das tílias acima de sua cabeça e sob os seus pés evocaram nele uma prece silenciosa de agradecimento. Thomas adorava a mudança das estações, tanto na teoria como na prática. Folhas amareladas, galhos nus, brotos pálidos, botões em flor, depois folhas amarelas outra vez: tudo isso acontecia independentemente de nossa vontade. Não importava se no auge do verão não fosse possível acreditar no inverno ou se nas profundezas do inverno pensássemos que o verão nunca mais voltaria. Flores, outono, cores, neve, tudo estava a caminho; não era preciso ter fé. Para Thomas, só aquele fato já era suficiente para despertar a fé.

Ele atravessou o parque, chegou ao campus e subia os degraus de pedra até as portas do Charles Hall quando seu celular tocou. Atrapalhado com a pasta e as chaves do escritório, ele prendeu o telefone entre o ombro e a orelha.

– Thomas Kelly.

– *Buongiorno*, Thomas. Quem fala aqui é o Lorenzo.

– Padre! – Thomas parou, sorrindo de alegria e surpresa. Não falava com o cardeal Lorenzo Cossa havia três ou quatro meses. Culpa dele mesmo, sabia. O orientador de sua tese, além de conselheiro espiritual e amigo, andava muito ocupado desde que se mudara para o Vaticano, quatro anos antes. Thomas é que deveria ter se esforçado mais para se manter em contato. – Que prazer inesperado! Como vai?

– Muito bem, muito bem, Thomas. E você?

– Tudo bem, obrigado.

– Você parece sem fôlego.

– Na correria de sempre, só isso.

– Com o paletó desabotoado e os braços cheios de livros.

– Receio que sim.

– Você está ocupado.

– Sempre. Mas não...

– E está prestes a ficar ainda mais. Thomas, eu preciso de você.

– É claro. – Ele trocou a carga de mão e recomeçou a subir a escada. – Me diga o que posso fazer por você.

– Aqui.

– Como?

– Aqui, Thomas. Eu preciso de você em Roma. E agora. Assim que puder vir. Tem muita coisa acontecendo. Finalmente chegou o dia.

– Desculpe... não estou entendendo. Que dia? O que aconteceu? Está tudo bem?

– Muito melhor do que bem. Estou querendo ligar pra você há alguns meses, desde que o padre Brughès ficou doente, mas claro que isso não foi possível. Mas agora é oficial. Faz

duas semanas que ele se aposentou, merecidamente. Thomas, eu tive a honra de herdar os dois cargos dele. Agora sou arquivista e bibliotecário do Vaticano.

– Ah! – Thomas parou outra vez, fazendo com que um aluno apressado trombasse com ele. Ao perceber que ele estava ao telefone, o estudante formou um silencioso “Desculpe, padre” com os lábios. Thomas sorriu e fez um aceno com a mão. – Ah, que maravilha! Parabéns! Os dois cargos... quanta honra.

– E quanta responsabilidade. Obrigado, Thomas. Agora venha me ajudar.

– Eu... minhas aulas, meus alunos...

– Você está de licença, não está?

– Mas estou orientando três teses.

– Nosso Senhor nos deu novas e gloriosas tecnologias que permitem que faça isso daqui.

– Eu...

– Thomas, nós conversamos sobre isso em Boston, quando era apenas um sonho. Essa coleção preciosa, insubstituível e totalmente caótica precisa de uma administração competente, de uma abordagem e de um cuidado metódico que ainda não foi estabelecido. A oportunidade de participar desse trabalho foi a razão de eu ter vindo a Roma. A chance de liderar esse processo foi o que eu sempre desejei, por muito tempo, e não nego isso. Ajudar o monsenhor Bruguès foi o começo. Agora a biblioteca inteira está sob os meus cuidados. Meu plano sempre foi que você tivesse um papel nisso.

– Sim, é claro. – Thomas entrou no prédio e virou no corredor. Na porta de seu escritório, o estudante que o aguardava logo ficou de pé. Thomas ergueu o dedo pedindo que esperasse um pouco, destrancou a porta e a fechou depois de entrar. – E espero que...

– Um papel específico – continuou Lorenzo. – Todo o trabalho é importante, mas há uma tarefa exclusiva para a qual preciso de você. De sua capacidade e de seu conhecimento. Trata-se de algo que ainda não discutimos. Eu estava esperando o momento certo, e agora esse momento chegou.

– Eu preciso retomar minhas aulas no próximo semestre – falou Thomas, sem convicção.

Lorenzo Cossa deu um suspiro.

– Sua obsessão como acadêmico é o lado positivo, suponho, da sua... falta de flexibilidade. Thomas, eu sou um cardeal. Sou o arquivista e bibliotecário do Vaticano. Eu posso transferir você para cá, e o Heythrop College vai ficar orgulhoso, não consternado. Garanto isso a você. Por favor, venha me ajudar.

Thomas se livrou do paletó, olhando ao redor. Suas plantas, as fotos, os livros e os papéis. Sete anos de trabalho. Jogou o paletó na cadeira.

– Sim – falou. – É claro.

A vocação para o sacerdócio sempre tinha sido a força mais persuasiva na vida de Thomas Kelly. Um irlandês ruivo e magricela, ele também se envolvera com beisebol, garotas e bandas de garagem na juventude, passada no sul de Boston, e tinha amigos que adquiriam

ilegalmente engradados de cerveja e substâncias fumáveis. Mas por trás de tudo, além da agitação frequente da infância e acima dos clamores da adolescência, pairava algo permanente e silencioso. Algo tão calmo e profundo, tão infinito e convidativo quanto o mar. Mais tarde, ele viria a entender essa presença como fé; logo no início, só conhecia a paz, a sensação de estar em casa que experimentava na missa. Demorou anos para reconhecer que a maioria das pessoas não se sentia como ele, e mais ainda para ver o caminho aberto à sua frente. Quando compreendeu, aceitou sua vocação com alegria e gratidão.

Tinha sido um seminarista exemplar, atraído pela vida acadêmica e intelectual. Depois da ordenação, seguiu a trajetória universitária, explorando com prazer os trajetos obscuros da história da Igreja. Seu poderoso talento intuitivo para a pesquisa atraiu a atenção de outros estudiosos, de periódicos e de editores. Posições no doutorado, pós-doutorado e como professor lhe foram oferecidas, e ele se sentiu grato por isso. Fossem quais fossem os talentos intelectuais que possuía, estavam no mesmo patamar – não, na verdade eram suplantados por isso – de sua pronunciada falta de jeito como conselheiro pastoral. Seus esforços para consolar o ocasional aluno ou um velho amigo que o procurava em momentos de crise só faziam Thomas se sentir inoportuno, um poço de clichês. Tinha uma grande admiração pelos padres que orientavam seu ofício diretamente para as necessidades espirituais do povo, mas aceitava que sua contribuição para a Igreja seria menos imediata, mais etérea. Apesar disso, o fato de seu trabalho provavelmente não interferir de forma direta na vida de ninguém não diminuía sua alegria ou confiança na vocação e no caminho que tinha escolhido.

Por essa razão, foi um choque para ele quando, quatro anos depois da ordenação, viu-se mergulhado num terrível abismo por conta de uma única palavra.

No processo de confortar a jovem viúva de um colega de colégio falecido inesperadamente (uma das ocasiões em que Thomas achou que seu dever como padre seria oferecer algum amparo), uma voz nunca antes ouvida sussurrou dentro de sua cabeça, e ele repetiu à inconsolável viúva as palavras que escutou: “O Senhor tem um plano para cada um de nós. Nós podemos não saber qual é, mas nunca se deve duvidar de sua existência. Para tudo existe o momento certo...” De repente ele parou, confuso, ao ouvir uma pergunta silenciosa: “É mesmo?”

A viúva, confundindo o silêncio dele com um comportamento pastoril, sorriu com tristeza e completou a frase: “... para todos os propósitos sob o céu. Sim, padre, é claro.” Ela havia, Thomas se lembrou, se fortalecido com o que quer ele tivesse dito, saindo dali com a esperança renovada. Ele, por sua vez, ficou imóvel em seu gabinete pelo resto do dia. A tarde caiu e as luzes lá fora conferiram uma cor anêmica às calçadas molhadas. A voz que tinha feito a pergunta continuou fazendo outras, todas diferentes, mas com um só significado. “Tem certeza? Como pode estar certo? Não é conveniente que Deus tenha para cada um de nós o que mais desejamos – um propósito, uma razão para existir – e mantenha isso em segredo? Thomas”, murmurava a voz, “você é um homem inteligente. Não é igualmente provável que tenhamos inventado tudo isso, um grande porto seguro teológico, por termos

medo? Não é possível que nada tenha um propósito, um sentido, e que Deus seja apenas um amigo imaginário coletivo? Thomas... será?”

– Thomas, os únicos seres de Deus que nunca sentiram o que você sente agora são os cordeiros. Ah! Os Cordeiros de Deus. Seguidores, não pensadores. – Em seu gabinete austero e tomado de livros, Lorenzo Cossa acendeu o isqueiro dos Red Sox que Thomas tinha lhe levado de presente e grunhiu de satisfação diante da firmeza da chama. Inalou baforadas até o charuto acender, depois repousou seu físico corpulento numa poltrona. – É uma crise de fé. Todo mundo passa por isso.

– É, padre.

– Saber disso não ajuda em nada, não é?

Thomas balançou a cabeça em uma negativa. Três semanas depois da sua sessão de aconselhamento com a viúva, ele continuava espiritualmente combalido e incapaz de retomar a fé. Tinha requisitado uma licença e voado para Chicago, na esperança de que seu mentor pudesse ajudá-lo a ver algum sentido naquele ataque de incerteza.

Quando Thomas estava na faculdade, no Boston College, os seminários de história do monsenhor Lorenzo Cossa eram lendários pelas rigorosas exigências intelectuais e também pela oratória hipnotizante do padre. Ele afirmava que a Igreja havia se desviado de seu caminho espiritual e que não só tinha deixado de ser um trajeto para a salvação no mundo corrompido, como corria o risco de ser devorada por ele. Não era uma convicção partilhada por Thomas – onde estava a Igreja, e onde mais podia ser necessária se não no mundo? –, mas a retórica de Lorenzo Cossa era tão poderosa que Thomas teria estudado álgebra com ele pelo prazer de ouvi-lo falar. O fato de seus cursos corresponderem aos interesses de Thomas era um bônus. Que Lorenzo considerasse Thomas um dos mais promissores alunos que tivera em anos era uma faca de dois gumes. Ele exigia mais de Thomas do que dos outros, mas, mesmo sozinho na biblioteca às três da manhã, Thomas entendia que estava sendo levado a extrair o máximo de sua inteligência e, embora exausto, sentia-se grato. No ano seguinte ao doutorado de Thomas, o monsenhor Cossa foi promovido e se tornou o encarregado de programas educacionais da Igreja no Oriente Médio. Os dois permaneceram em contato, mas a crise espiritual de Thomas foi tão poderosa que ele sabia que o telefone e o computador seriam insuficientes na situação.

– Não – respondeu Thomas, no gabinete de Lorenzo, agora bispo. – Não ajuda.

O outro não se perturbou.

– É claro que não. É como ir ao dentista. Saber que todo mundo que se sentou naquela cadeira sofreu a mesma agonia não diminui a dor. Mas lembre-se de uma coisa: todos sobreviveram.

– Não estou muito certo a respeito disso. Alguns homens abandonam o sacerdócio. Alguns saem da Igreja.

Lorenzo sorriu por trás do charuto.

– Eu estava falando do dentista. Thomas, com toda a honestidade, você tem uma das vocações mais fortes que já vi. Mas o que o fez pensar que jamais teria dúvidas? O próprio Jesus teve suas dúvidas. A dúvida é a moeda que compra a nossa fé. O fato de isso nunca ter acontecido com você antes pode ser sorte ou falta de sorte. Você está mais adiantado na estrada do que a maioria quando a primeira crise acontece. Mas todos acabam chegando a esse abismo e precisam encontrar uma forma de transpô-lo.

– Primeira crise? Então devo esperar que isso ocorra outras vezes?

– Esqueça que eu falei isso.

– Não, na verdade é uma esperança. Quase põe as coisas em perspectiva.

Lorenzo examinou Thomas em silêncio. Batendo a cinza do charuto, ele falou:

– Eu sabia que isso ia acontecer.

– Sabia? E por que não... e por que *eu* não sabia?

– Por que não o alertei a respeito, você quer dizer. Será que acreditaria em mim? O que lhe aconteceu é um dos perigos do mundo acadêmico. Conhecimento é poder, não é o que dizemos? Mas o poder corrompe. Uma instituição baseada no conhecimento e no aprendizado não pode evitar ser uma instituição corrupta.

– Está falando que a Igreja é corrupta?

– Essa é a questão! – Com um entusiasmo que fez Thomas se lembrar das suas aulas, Lorenzo disparou: – A Igreja não se baseia no conhecimento, mas na fé! O que o atraiu para o sacerdócio, Thomas? O magnetismo espiritual da fé. Indefinível. Místico, até. Se tivesse escolhido a vida contemplativa e se trancado num mosteiro, você estaria muito bem. Mas cometeu o erro de atrelar sua fé ao mundo, através do estudo de história.

– Tendo você como guia.

– Sim, tudo bem, eu cometi o mesmo erro. E tive crises semelhantes, se é isso que quer saber. Até perceber que todo o conhecimento do mundo não consegue resistir à fé. Não importa o que você aprenda, Thomas, sua fé continua por trás de tudo. O ímã continua atraindo.

O charuto do bispo tinha apagado. Ele reacendeu, deu uma baforada e prosseguiu:

– É o aprendizado que está perturbando você, não é? A evidência é pesada demais para ser ignorada: o fato de que ninguém associado a esse empreendimento, e estou me referindo à Igreja, é divino, com exceção do Senhor. É uma exceção que brilha. Mas a descoberta faz com que a gente reflita. Thomas, gostaria que você se lembrasse do seguinte: conhecimento diz respeito a fatos. Fé diz respeito à verdade. Não são necessariamente a mesma coisa. Foi para falar sobre isso que você atravessou meio país de avião, não foi? Vamos, está na hora do jantar. Acho que nunca houve uma discussão sobre a fé que não ficasse melhor com uma garrafa de vinho.

Aquela noite não levou Thomas de volta à terra firme, mas providenciou uma boia para que ele se agarrasse em meio ao assustador mar de suas apreensões. Os dois conversaram

durante três dias; por fim, foi uma sugestão prática do bispo que realinhou o mundo, mostrando a Thomas um caminho a seguir enquanto esperava que sua fé retornasse.

– Um de seus poderes como historiador sempre foi seu amplo espectro de interesses – disse Lorenzo quando os raios de sol matinais atravessaram a janela. – Períodos, lugares. Agora eu vou sugerir outra abordagem. Algo diferente aconteceu com você, Thomas, algo que talvez exija uma resposta à altura. – O bispo se espreguiçou e cruzou as pernas. – A vida intelectual do século XIX, na América e na Europa, orbitava em torno da fé. O que era, quem a tinha, onde e quando era necessária. Era um poderoso conjunto de perguntas às vezes criado por movimentos políticos e militares, às vezes os criando. Questões de fé moviam sociedades seculares. Sugiro que você concentre sua atenção nesse campo.

Thomas considerou o conselho.

– Aleatoriamente? Ou você tem alguma coisa específica em mente?

– Claro que tenho. Tem certeza que não quer um? – perguntou, fazendo um gesto na direção do umidificador. Como sempre, Thomas balançou a cabeça em negativa. Não conseguia pensar em muitas refeições ou celebrações de missas depois das quais tinha visto Lorenzo sem um charuto. Antes ele costumava aceitar um por educação, mas nunca gostara de fumar, e já havia alguns anos que a amizade entre os dois não exigia mais esse tipo de cortesia.

– Quero que você entre direto na cova dos leões – disse Lorenzo, pegando um charuto para acender. – No século XIX, antes de existir uma Itália unificada, rebeliões por toda a península levantaram questões sobre o poder secular do papado. A existência da Igreja no mundo, Thomas.

– Seu tema predileto.

Lorenzo revirou os olhos num desespero fingido.

– *No mundo, do mundo*: duas coisas completamente diferentes! Você não aprendeu nada, padre Kelly?

Thomas podia até não ter aprendido outras coisas, mas aprendera muito bem essa distinção específica em seus anos com Lorenzo Cossa. Não pôde deixar de sorrir.

O bispo grunhiu.

– Você está caçoando de mim, não está? Acho que é um bom sinal o seu senso de humor, por assim dizer, estar retornando. Posso voltar ao assunto?

– Por favor.

– As questões sobre o poder secular da Igreja se transformaram em questões sobre o poder espiritual. Entende o que quero dizer? Aqueles homens seguiram suas dúvidas até seu final lógico. Não fuja disso: estude. Se sua fé for forte como sei que é, você vai sobreviver a essa crise e se tornar melhor.

– E se isso não acontecer?

Lorenzo manteve os olhos nos de Thomas.

– Não estou fazendo promessas. Mas pelo menos você terá aumentado o estoque de conhecimento humano. Isso, por si só, é algum objetivo desprezível?

Não era, e Thomas seguiu nessa direção, a princípio de forma mecânica, depois com crescente entusiasmo. A sugestão de Lorenzo se revelou exatamente a cura para a sua doença espiritual. O estudo atento das palavras e das ações de homens cujo maior inimigo era a Igreja forneceu a ele as ferramentas, o tempo e, de alguma forma, a coragem para desvendar as raízes da própria fé e de suas dúvidas. As dúvidas, Thomas começou a entender, nasciam a partir do conhecimento absorvido, de suposições não examinadas. “Thomas... tem certeza?” A fé se originava numa região mais simples, mais profunda: a paz que ele sempre sentira na presença de Deus. As questões que a nova voz propunha eram só isso: questões. Não afirmações de fatos, apenas incertezas. Legítimas, mas contra elas havia a inegável e palpável sensação de se sentir em casa.

Thomas tinha certeza de que sem a ajuda de Lorenzo na época, sem os telefonemas tarde da noite nas semanas e nos meses que se seguiram, ele teria cometido o grave erro de dar mais valor à nova voz do que à antiga paz. Teria abandonado sua vocação e deixado a Igreja. Agora, oito anos depois, com Thomas seguro de sua decisão e no comando da própria vida, Lorenzo pedia ajuda a ele.

Como poderia recusar?



O cardeal Lorenzo Cossa pôs o ornamentado fone no gancho e olhou com azedume o aparelho em sua mesa. Quanto tinha sido gasto para adaptar aquelas ridículas antiguidades de porcelana aos padrões modernos? Reacendeu o charuto, suspirando. O fato de terem se dado a esse trabalho demonstrava, mais uma vez, a solidez de seu argumento: a Igreja, o lar de Lorenzo, sua única família por opção, tinha perdido o rumo. Estava vagando a esmo. Os elementos úteis da modernidade – aparelhos eletrônicos, roupas confortáveis, por exemplo – eram evitados em favor de ouro e peles. Mas bastava sugerir uma missa em latim ou dizer que a contemplação das relíquias de um santo poderia ser algo bom para o espírito para ser considerado patético e antiquado.

Tudo bem, então, ele era antiquado. E dali em diante passaria a usar seu celular.

Enquanto fumava o charuto, seu estado de espírito melhorou. Thomas estava a caminho, chegaria em dois dias. Ao contrário de Lorenzo, ele não se irritava com as frivolidades da Igreja; ou as ignorava, ou realmente não as notava, tão concentrado estava nas grandes alegrias da pesquisa sobre assuntos obscuros. Não era apenas um homem da Igreja nato, mas um jesuíta nato, e depois de ser encontrado por Lorenzo tornara-se também liderado, dirigido e guiado. Thomas Kelly fora um aluno muito talentoso, daqueles que só se encontra uma vez na vida, e Lorenzo Cossa murmurava suas preces diárias agradecendo essa graça. O bom Deus sabia o que estava fazendo ao enviar Thomas a Lorenzo. Na verdade, o bispo via aquilo como um sinal: sua hora estava chegando.

E, agora, tinha chegado.

Muitos dos que trabalhavam com Lorenzo supunham que, agora que ele havia alcançado duas importantes posições ao mesmo tempo, teria realizado sua ambição e passaria a folhear alegremente manuscritos e livros pelo resto da vida. Um cardeal importante e valioso, um funcionário graduado e conselheiro confiável, sim, com toda a certeza – mas à margem, onde é o lugar dos bibliotecários.

Não era verdade. Ah, não, não era verdade. O trabalho de Lorenzo tinha apenas começado.



O vento quase derrubou o chapéu de Livia Pietro quando ela saiu pela porta. As grossas folhas de magnólia cintilavam à luz do sol, mas ela nem sequer olhava para elas ao seguir pelo calçamento irregular da Piazza Trilussa em direção à ponte. Uma brisa forte soprava o cheiro do rio Tibre; quanto mais Livia acelerava, maior era o atrito do vento contra ela. Era uma manifestação externa perfeita de seu estado interior; ela ria se não estivesse enjoada. Não tirou o chapéu de palha de abas largas, só segurou-o na cabeça enquanto corria. Sentia-se tola, com a mão na cabeça daquele jeito, embora os sorrisos indulgentes dos vizinhos sugerissem que sua excentricidade não era novidade – como se ela já não soubesse disso. O chapéu, os óculos escuros, a casa na antiga torre, as mechas grisalhas que se recusava a tingir nos cabelos compridos e escuros e, pior, o fato de ser solteira naquela idade, tudo conspirava para essa imagem, embora seu status acadêmico propiciasse uma explicação parcial. (“*Professora*”, as pessoas cochichavam entre si com implicações tácitas.) As fofocas, Livia já tinha se resignado, eram inevitáveis. Mas, por conta de seu comportamento amigável e os gastos generosos nas lojas locais, ela conseguia manter as fofocas ao menos benignas.

Uma buzina soou. Ela deixou um *motorino* passar e atravessou a rua numa dança ágil pelo meio do tráfego. Passou pela ponte o mais depressa que se permitiu, embora não tão rápido quanto seria capaz. Entre os dotes de Livia estavam a agilidade e a velocidade. Amazona na juventude, ela ainda mantinha um alto nível atlético. Mas uma *professora* de meia-idade correndo a toda pela ponte Sisto chamaria exatamente o tipo de atenção que ela tentava com todas as forças evitar.

Estranho, pensou enquanto corria, se apressar tanto para chegar a um lugar aonde não queria ir. No entanto, uma convocação não era um feliz acaso, tampouco uma ocasião opcional. Embora o conclave se reunisse regularmente para debater questões importantes para a comunidade, era possível ter uma existência longa e feliz sem nunca ser convocada. Na verdade, era isso que acontecia com a maioria dos noantri, embora já fosse a segunda vez para Livia.

Pior, ela temia que aquela convocação estivesse relacionada com a primeira.

Do outro lado do rio, virou à esquerda, na Via Giulia, onde o calçamento acompanhava a parede marfim do Palazzo Farnese. A fontana de Mascherone – a Fonte da Grande Máscara – parecia especialmente apreensiva e infeliz hoje. À sua frente, a Ponte Michelangelo curvava-se sobre a avenida. Livia adorava aquela ponte, seu arco perfeito e a trilha de folhas, mas naquele momento seu coração estremeceu diante de sua visão. Logo

depois, à direita, havia um prédio residencial onde pessoas levavam suas confortáveis vidas normais; à esquerda, estava o seu destino: Santa Maria dell'Orazione e Morte.

A historiadora de arte dentro dela queria parar por um momento, admirar a fachada ornamentada da igreja, correr o olhar pelo caminho traçado pelo escultor, centímetro a centímetro, ao esculpir crânios e querubins na pedra. Às vezes, diante de uma estátua ou de um quadro, Livia sentia pequenas contrações nos braços e nas mãos. Seu corpo, muito mais perspicaz que sua mente ou até que seu coração, recriava os movimentos do artista, imaginando como as peças tinham ganhado vida. Aqueles momentos de percepção, que depois de tantos anos ainda a emocionavam, tinham sido parte da Transformação de Livia: as obras diante das quais sentia aquilo eram as que mais amava e melhor conhecia.

A fachada daquela igreja era uma delas, mas Livia não parou para contemplá-la. Tirou uma nota de cinco euros do bolso e enfiou na caixa de coleta. No mesmo movimento, apalpou e puxou um ferrolho escondido para destravar a porta da igreja. Todos os noantri convocados para o conclave tinham sido instruídos sobre o ferrolho e seu funcionamento. Livia tinha sido informada da primeira vez; agora, ela lamentava dizer, já sabia o que fazer.

Dentro da igreja, tirou os óculos escuros e andou pelo santuário até um local atrás do altar. A porta da cripta estava aberta. Tirou o chapéu, ajeitou o cabelo, sentiu por um momento as batidas do próprio coração e desceu os degraus irregulares, entrando no ar úmido da cripta.

Pelo menos havia chegado na hora.

A escadaria fez uma curva até um recinto com teto arqueado e piso de pedra cujos nichos guardavam pilhas de ossos e pirâmides de crânios. Rosetas em forma de mãos e arcos em forma de costelas adornavam as paredes. Os pobres e indigentes ao longo de quatro séculos tinham sido santificados ali, seus ossos meticulosamente limpos e posicionados para os devotos refletirem enquanto rezavam. Não pela primeira vez, Livia considerou a estranha predileção de seu povo pelas pompas da morte. Algo semelhante, pensou, às tramas tecidas nos tapetes dos beduínos.

Apesar de estranha, aquela igreja era uma excelente escolha para as reuniões do conclave. Como tantas outras igrejinhas romanas, Santa Maria dell'Orazione era pouco visitada, e a cripta, menos usada ainda. Uma discreta e generosa contribuição anual dos noantri à sociedade funerária da igreja comprava o acesso privado à cripta a qualquer momento; por isso o ferrolho na caixa de doações. Oficialmente, para meditações sem interrupção, e nenhum padre ou limpador de ossos jamais tinha pensado em investigar com mais profundidade. O conclave continuava imperturbado, e o peso de séculos nos aromas da terra e da rocha serviria, como sempre, para lembrar àqueles que se encontravam ali a consequência de suas deliberações.

A cripta abrigava uma chama eterna, também muito apropriada. Seu brilho costumava ser a única iluminação ali, mas agora, como era comum nos encontros do conclave, grandes candelabros de ferro dos dois lados do recinto lançavam bruxuleantes poças de luz. Lufadas

de ar das rachaduras das paredes antigas dançavam como sombras na escuridão mais profunda. Quando passou pela porta, o único som que Livia ouviu foi o de seus passos e seus ecos tímidos, esmaecendo à medida que avançava para se apresentar.

Todos estavam reunidos em silêncio, à espera: os doze conselheiros sentados em filas à direita e à esquerda, e entre eles o pontífice, cujo olhar sombrio deixava Livia nervosa mesmo nas circunstâncias mais casuais. Ali, na quietude das pedras e dos esqueletos, ela precisava se esforçar para não se sentir inquieta. Ficou em silêncio; o protocolo mandava que o pontífice fosse o primeiro a se pronunciar, mas na verdade, naquele momento, Livia não conseguiria falar absolutamente nada. Um tímido conflito tomava conta dela, familiar desde a sua primeira convocação. Como todos os noantri, Livia sentia uma paz imediata, uma sensação de gratidão e pertencimento, quando estava entre sua própria gente. Era algo físico e instantâneo, um chamado de sangue para sangue. Esse alívio a tinha inundado quando ela entrou pela cripta. Mas ali era uma ilusão. Aqueles conselheiros de batas negras não eram amigos. Quando se apresentou diante deles pela primeira vez, Livia sentiu lampejos individuais de piedade por trás da desaprovação unânime. Agora, porém, apesar de ainda não saber por que estava ali, o ar úmido recendia a raiva.

– Livia Pietro – disse o pontífice, sua voz grave e profunda ecoando na câmara de pedra.
– Sinto-me consternado por vê-la diante de nós mais uma vez.

“Não tanto quanto eu”, pensou Livia, mas só concordou com a cabeça.

– Há alguns anos, quando foi convocada – continuou o pontífice –, você falou com eloquência. Admitiu seu erro de julgamento, mas manifestou-se a favor do caso Jonah Richter. Seu pedido foi ouvido. Ele foi iniciado e autorizado a permanecer. Muitos entre nós, ao longo de todos esses anos, cometeram erros semelhantes em nome do amor. – Ainda que o pontífice não afastasse os olhos de Livia, o homem de preto no final da fila à sua esquerda, posição ocupada pelo mais novo membro do conclave, abaixou o olhar. Livia se esforçou para não fazer o mesmo. – Nesse caso – prosseguiu, com a voz grave –, sua desobediência à lei parece ter sido em vão. Jonah Richter a abandonou pouco depois de ter se tornado um de nós. Você parece surpresa por eu saber disso.

– Nós estávamos... estávamos em Berlim na época, meu senhor.

– Você achou que não iríamos vigiá-lo só porque permitimos que ele ficasse? Os iniciantes sempre exigem vigilância, Livia.

Ela virou a cabeça para o outro lado, o rosto ardendo. Sua separação de Jonah não era segredo, mas ela não sabia que era um fato público e notório.

– Livia – disse o pontífice num tom delicado, para sua surpresa –, nós não a chamamos aqui para tratar disso. Este conclave já deliberou e, como você fez de Jonah Richter um noantri, permitiu que ele continuasse. Essa foi a nossa decisão. Além disso, nenhuma reprovação por qualquer um de nós pode ser mais penosa que a atitude dele em relação a você, tenho certeza. É assim que acontece com os assuntos do coração. – Livia voltou a olhar

para cima, fitando os olhos escuros enquanto ele falava: – Não, nós estamos aqui por conta de uma outra traição. Mais grave e muito mais perigosa.

Virou-se para a mulher à sua direita. Antiga no conclave e uma das Anciãs – assim como o pontífice, uma ponte entre o presente e os tempos de Antes –, era conhecida como Rosa Cartelli, embora Livia soubesse que não era o seu nome de nascença.

– Nós recebemos uma carta – disse Cartelli, de forma direta e metódica. – De Jonah Richter. Em alemão.

Livia percebeu claramente o desprezo na voz da mulher. Para os conselheiros, vindos de diversas terras e todos muito eruditos, o idioma nativo de Jonah não representava um problema. No entanto, por tradição, a comunicação no conclave era iniciada em latim. Por cortesia, em geral os conselheiros respondiam na língua do requerente. Como Livia fora convocada por eles, todos falavam em italiano. Mas a escolha era sempre dos membros do conclave. O fato de Jonah ter confrontado a tradição daquela maneira não era um bom sinal.

– A carta é uma ameaça – continuou Cartelli, sem rodeios. – Ele está nos dizendo para escolher: ou tornamos público o conteúdo da Concordata, ou ele fará isso.

– Mas...

Livia ficou perplexa.

– Você duvida que ele vá levar isso adiante? – perguntou o pontífice.

Depois de um momento, Livia balançou a cabeça.

– Não, meu senhor. Jonah é... impaciente. Ele acha que a Concordata nos restringe. Há muitas pessoas que pensam da mesma maneira – acrescentou. – Que acham que o momento de nos expormos à luz já chegou há muito tempo. E que o mundo está pronto para nos aceitar.

Por que ela dissera isso? Para defender Jonah? Depois de tanto tempo e naquelas circunstâncias? Que absurdo.

– Sim – anuiu o pontífice, com paciência. – Eu sei. E elas estão enganadas.

Livia observou de relance o rosto dos conselheiros. A maioria parecia concordar com o pontífice. Três conselheiros, contudo, tinham no olhar uma ferocidade acusadora que só poderia estar mascarando uma dúvida. Bem, e por que não seria assim? A Revelação era um tópico de interminável interesse e discussão dentro da comunidade; por que não seria debatido no conclave também? Ainda assim, fossem quais fossem suas convicções individuais, nenhum dos conselheiros se pronunciou, a não ser uma mulher sentada a duas cadeiras de Cartelli, de feições asiáticas e cujo nome Livia não sabia.

– Elas estão enganadas – ecoou a mulher, numa voz clara e suave – e existem outros na nossa comunidade, mais radicais do que Jonah Richter, que poderiam se aproveitar do caos que essa revelação causaria para levar adiante planos ainda mais perigosos.

Livia ficou esperando mais explicações. Ninguém falou mais nada, mas ela não duvidava do que a conselheira tinha dito. Olhou mais uma vez para o pontífice.

– Mas, meu senhor, essa ameaça... Por que qualquer um dos inalterados acreditaria nisso? Ele pode tentar revelar o que quiser, mas vai parecer um louco delirante. Com certeza não chega a ser um perigo real.

– Mas pode ser – falou o homem na ponta, o que afastou o olhar quando o pontífice mencionou os enganos cometidos por amor. – Se ele conseguir provar.

– E como ele poderia fazer isso?

– A cópia da Concordata desapareceu do Vaticano em 1849 – disse o conselheiro.

Pega de surpresa, Livia perguntou:

– Desapareceu?

– Sim. E Jonah Richter diz que está com ele.

– E isso é possível?

O conselheiro olhou para o pontífice.

– O homem que a roubou e escondeu – começou o pontífice –, um poeta chamado Mario Damiani, era um de nós... um noantri que acreditava no que Jonah acredita. Damiani morreu sem revelar o paradeiro do documento. – O homem falava com firmeza, mas uma sombra passou por sua expressão e Livia achou que não tinha sido o bruxulear das velas. – Nós fizemos uma busca. Posso assegurar que a Igreja também procurou, começando antes mesmo de o papa voltar de Nápoles para reinstituir sua gestão em Roma. O Vaticano acabou concluindo que a cópia havia sido perdida, ou talvez destruída, no saque e na subsequente tentativa de restabelecer a ordem. Durante os últimos 150 anos eles acreditaram que o mais provável é que estivesse perdida na vasta desorganização da sua coleção.

Livia aquiesceu lentamente.

– Seria plausível. Documentos e obras de arte aparecem no Vaticano o tempo todo. Às vezes, séculos depois de terem sumido.

– A burocracia do Vaticano, e da Igreja em geral, aliás, sempre trabalhou a nosso favor. O simples fato de nunca ter aparecido convenceu a Igreja de que a Concordata não tinha caído em mãos erradas. De nossa parte, o conclave achou bom que tivesse sido destruída ou que estivesse tão bem escondida que nunca seria encontrada. Mas Jonah Richter afirma que descobriu seu esconderijo e que irá revelar sua localização, a não ser que divulguemos o seu conteúdo. Isso, é claro, seria o equivalente a uma Revelação.

Livia tentou pensar com clareza.

– Será possível que Damiani nunca tenha colocado as mãos nela? Que Jonah saiba dessa história e esteja blefando?

– Jonah Richter pode estar blefando, mas Mario Damiani roubou a Concordata. E fez uma cópia.

O pontífice virou-se para um homem rubicundo, um americano chamado Horace Sumner, Livia se lembrou.

– Ele mandou essa cópia a uma amiga, uma jornalista chamada Margaret Fuller – explicou Sumner. – Lacrada numa caixa de prata. Com instruções para que Fuller não a

lesse, e acreditamos que ela não tenha lido. De qualquer forma, ela não falou nada a respeito e morreu um ano depois, num naufrágio. Seus papéis e pertences foram todos perdidos... menos a caixa de prata, que conseguimos recuperar. Nós lemos a cópia. É a Concordata, palavra por palavra.

Livia entendeu. Embora os termos gerais da Concordata fossem conhecidos por todos na comunidade, ninguém além do conclave a tinha visto. Mario Damiani não poderia tê-la citado a não ser que a tivesse diante de si.

– Jonah Richter nos deu um prazo limite. Que descaramento! – Cartelli mal conseguia se conter. – Três dias depois da Festa de São Genaro. Bem simbólico.

Os lábios crispados da mulher davam a Livia a impressão de que, se as duas estivessem sozinhas, suas próximas palavras seriam: “Falando sério, o que você viu nesse homem?”

– Desde então Richter está escondido – falou o pontífice. – Pela maneira como enunciou sua ameaça, não acreditamos que esteja de posse do documento. Achamos que ele descobriu a localização, mas deixou-o onde estava.

– Por que ele faria isso?

– Talvez por estar em algum lugar público demais ou privado demais para um acesso fácil. Bem, nós podemos achá-lo e eliminar o perigo imediato. – A casualidade com que essas palavras foram ditas, naquela cripta da morte, fez o sangue de Livia gelar. – Mas isso não nos levará até a Concordata. Se não a *encontrarmos*, vamos correr o risco de isso voltar a acontecer. Livia, *você* precisa encontrar os dois. Jonah Richter e a Concordata. Ele é responsabilidade sua. Você o conhece bem, sabe como ele pensa. Faça o que quer que ele tenha feito, siga as pistas que ele seguiu. Ache os dois antes da data final.

– E depois?

Ela perguntou isso com um tremor na voz, pois já sabia a resposta.

– Você vai nos trazer a Concordata. E matar Jonah Richter.



Quarenta e oito horas antes, Thomas Kelly estava no frescor do outono de Londres, vivendo um confortável e previsível dia em meio a seus alunos, seus livros e um escritório cheio de plantas. Agora se encontrava numa poltrona forrada de seda observando uma dança de partículas de poeira pairando numa nesga de luz do sol no Vaticano. Ainda tentava entender essa mudança de padrão na sua vida quando seus pensamentos foram interrompidos por um jovem e simpático padre, um africano de voz alegre que o conduziu pela antessala até uma grande porta dupla. Lorenzo Cossa o olhava de trás de sua escrivaninha cheia de adornos dourados.

– Eminência! – Thomas não conseguiu deixar de sorrir. – O senhor está ótimo.

O cardeal estava magro como sempre, mas uma aura de determinação dominava suas feições. Thomas conhecia aquele olhar: Lorenzo Cossa estava iniciando um grande e novo trabalho. Nem ele nem ninguém mais envolvido dormiriam muito por algum tempo.

– Você também está ótimo, Thomas. – Lorenzo se levantou e saiu de trás da mesa, examinando seu discípulo enquanto o padre africano se retirava, fechando a porta com discrição. – Venha, vamos nos sentar. Ali? Aqui? Que tal testar todas as cadeiras? – Com uma aflição teatral, ele acenava com a mão, gesticulando na direção dos montes de móveis, dos mosaicos e madeiras raras, dos painéis de seda nas paredes, do estatuário de mármore, das pinturas. – O que você acha? Ainda é cedo para redecorar?

– O senhor não mudou nada.

A suíte, como cada centímetro do Vaticano, era luxuosa e ornamentada, aquele cômodo ainda mais, por ser o gabinete de um cardeal. A maioria dos príncipes da Igreja levava a sério sua posição como tal. Mas Lorenzo sempre tinha achado ambientes luxuosos de mau gosto.

– Todo esse ouro... – falou, balançando a cabeça em negativa. – Distrai demais a atenção. Temos trabalho a fazer.

Se Lorenzo tivesse uma oportunidade, Thomas sabia, aquele recinto seria esvaziado e pintado de branco. Estantes de arquivos substituiriam os querubins, prateleiras de livros se alinhariam nas paredes que agora ostentavam madonas da Renascença. Tudo seria removido, menos a escrivaninha – e o umidificador.

– E você, Thomas? Já mudou seu jeito de ser? Uma das vantagens de Roma em comparação à minha terra é que posso fumar onde eu quiser. O padre Ateba vai trazer um café. Aceita um charuto?

– Não, obrigado.

Thomas se sentou numa poltrona de veludo, ajeitando a batina. Raramente usava esse traje, preferindo dar suas aulas de paletó, mas achou que se apresentar no Vaticano pela primeira vez requeria uma indumentária mais formal.

– A propósito, você pode se vestir como quiser – resmungou Lorenzo, parecendo, como de hábito, ler os pensamentos de Thomas. Ele próprio usava um paletó preto, com uma pesada corrente de ouro pendendo do bolso, na qual ele mantinha sua cruz de cardeal para que ela não atrapalhasse seus afazeres. Isso e o anel de ouro eram as únicas mudanças que Thomas podia ver no impertinente acadêmico que conhecera anos antes. – Quero que você se concentre no trabalho, não nas dobras da batina. Eles levam as pompas a sério aqui, mas não se deixe enganar. Muito do que acontece é bem menos sacro do que você pensa. Ou do que espera. Às vezes as coisas estão mais para negócios do que para um sagrado trabalho de Deus. – Lorenzo cravou os olhos nele por um momento, depois relaxou. Pegou um isqueiro de ônix, baforou seu charuto. – É por isso que você está aqui. – Acomodou-se no estofado de veludo de uma poltrona e mais uma vez olhou firme para Thomas. – A Igreja foi fundada pelo Senhor, mas é dirigida por homens. Homens bons, em sua maioria, mas não na totalidade, e todos cometem erros, nós dois inclusive. Às vezes esses erros, grandes ou pequenos, voltam para nos atormentar. Você já viu isso acontecer.

Thomas concordou, sem saber aonde Lorenzo iria chegar.

– Um erro sério foi cometido há seiscentos anos. Eu gostaria de desfazê-lo, mas não posso. O máximo que sou capaz de fazer é garantir que não venha à luz. – Lorenzo bateu a cinza do charuto. – Em 1431, pouco depois de se tornar papa, Martinho V assinou um acordo conhecido como Concordata. A Igreja tem vivido segundo seus termos desde então. Foi um erro assinar esse documento e foi um erro segui-lo, mas neste momento a Igreja teria um enorme prejuízo se sua existência se tornasse conhecida. Um prejuízo muito maior do que o já causado por tê-lo obedecido.

Thomas franziu a testa, pensativo.

– Concordata? Nunca ouvi falar.

– Não, nem poderia. O acordo foi escondido até mesmo de vocês, pesquisadores muito eruditos. É um segredo desconhecido até pela maioria dos cardeais.

– Entendo. Mas agora que você é arquivista e bibliotecário...

– Isso é o que eles pensam. Mas eu já conhecia a história havia algum tempo.

– Essa Concordata... é um acordo com quem?

– Não posso lhe contar ainda. Quando você ler, vai saber, mas até lá... Thomas, tenho medo do que vai acontecer com você, com sua fé, quando ouvir o que tenho a dizer, sem provas.

Thomas ergueu o olhar, depois riu.

– Minha fé? Eu já passei por essas labaredas e saí vivo do outro lado. Graças a você. Seja o que for, não pode ser pior do que foi.

– Você está enganado.

Lorenzo sustentou o olhar de Thomas com firmeza. O silêncio se estendeu e Thomas tomou consciência de um relógio invisível tiquetaqueando em algum canto distante.

Lorenzo mudou de posição e deu mais uma baforada no charuto.

– A Concordata está desaparecida.

– Desaparecida?

– A cópia do Vaticano. A outra parte evidentemente conseguiu manter sua cópia segura por todos esses séculos... ao menos até onde sei. A nossa, no entanto, parece ter sumido em algum momento depois de 1802. Foi a última vez que foi realizado um inventário abrangente, embora eu não tenha muita certeza de os registros serem exatos mesmo naquela época. – Lorenzo balançou a cabeça em uma negativa. – Eu disse a você: essa coleção é caótica. Desastrosamente caótica.

– Mas a reforma... a biblioteca toda ficou fechada durante três anos.

– O caos continua sendo caos mesmo depois de uma reforma. As obras foram dirigidas a circuitos eletrônicos de segurança, centros de informática e abrigos à prova de bomba. O que realmente existe aqui, e onde se encontra... continua desconhecido.

A porta se abriu e o jovem padre voltou, trazendo uma bandeja de prata e xícaras de porcelana para o café.

– Obrigado, padre – disse Lorenzo. – Você não precisava ter feito isso. Me disseram que há criados responsáveis por esse tipo de tarefa.

O padre sorriu.

– Tive a impressão de que o senhor precisava de privacidade e discrição, Eminência. E a bandeja não estava muito pesada.

– Um ótimo jovem – comentou Lorenzo com Thomas quando o padre Ateba saiu. – Tem futuro aqui em Roma. Ou pode voltar a Camarões e se tornar um bispo, sem dúvida. O futuro da Igreja está na África. Na América Latina. Na Ásia! Sabe por quê?

Thomas pegou a xícara que Lorenzo lhe entregou e acrescentou creme e açúcar, admirando a delicadeza da porcelana.

– Você está prestes a me dizer, não é?

– Para iluminar suas ideias, sim! – O tom de voz de Lorenzo era de ironia em relação a si mesmo, mas ele continuava sério. – Porque eles acreditam. Para os povos desses lugares, é uma questão de fé... Conosco é apenas lógica, razão, racionalismo. A chamada imparcialidade... uma acomodação! Isso vai matar a Igreja. Ah, tire esse sorriso da cara.

– É um prazer ouvi-lo reclamar outra vez, só isso. Eminência.

– Sim, claro. Você acha que sou o cardeal Chicken Little. Mesmo assim, me dê um pouco de credibilidade. Esse assunto é sério. Posso estar enganado, e é claro que você tem o direito de continuar pensando assim enquanto realiza o seu trabalho. O que preciso é que você encontre a cópia da Concordata da Igreja. Foi por isso que o chamei aqui. Fiz uma busca quando assumi este cargo e não encontrei nada, mas precisamos achar logo esse documento. Antes que alguém dê de cara com ele por acaso e tudo seja divulgado.

Thomas recostou-se na poltrona e deixou o olhar vagar pelo salão de teto alto. O peso da história era palpável nas pinturas e nas esculturas, nos grossos tapetes estampados. Os triunfos e preocupações, o trabalho e os esquemas – as preces e incertezas – de religiosos ao longo de séculos podiam ser sentidos no ar. Dois dias antes, Thomas estava num arquivo empoeirado em Londres, lendo uma carta de um inimigo implacável daquele local, e agora respirava aquele ar. Pousou a xícara de café na mesinha.

– A cópia não está aqui.

Fosse o que fosse que Lorenzo esperava que Thomas dissesse, claramente não era aquilo.

– Como assim? De repente você desenvolveu uma fé inabalável, e não na doutrina teológica vital, mas na eficiência da equipe de arquivistas? Só porque não conseguimos encontrar o documento, você conclui que não está aqui?

– Não foi o que eu quis dizer. Nunca tinha ouvido falar dessa Concordata até hoje, mas... O nome Mario Damiani significa algo para você?

– Não. Deveria?

– Talvez. – Thomas se reacomodou, ouvindo o farfalhar da batina. – Damiani foi um poeta do Ressurgimento. Um capitão do exército de Garibaldi. É provável que estivesse envolvido no saque dos Arquivos de 1849.

Lorenzo manteve o olhar atento.

– Você acha que foi aí que a Concordata desapareceu?

– Acho que ele a roubou. Deliberadamente.

– Ah, é? Baseado em quê?

– Ele escreveu uma carta a Margaret Fuller. A jornalista americana, lembra? – Nenhum lampejo de reconhecimento se acendeu nos olhos do cardeal, mas não tinha importância. – Era isso que eu estava fazendo em Londres. Pesquisando os papéis de Fuller. Ela foi muito importante na Itália. Seus relatos moldaram a visão dos americanos a respeito do levante e ajudaram a transformar Garibaldi num herói. Foi casada com um partidário da causa, sabia tudo sobre eles e nunca fingiu ser objetiva. Ela e Damiani eram muito amigos. Na carta, ele conta a Margaret que roubou algo do Vaticano. Com muitas reservas, mas o define como, nas palavras dele, “um documento que vai abalar a Igreja”.

Por alguns instantes, Lorenzo ficou em silêncio. Em seguida, falou:

– Não, não acredito nisso. Se tinha o documento e sabia o que era, por que ele não o usou?

– Não sei bem se teve a oportunidade. Ele diz que o escondeu em algum lugar seguro. Fez uma cópia e a enviou para Margaret Fuller com instruções de que ela não lesse o conteúdo, e sim entregasse a carta a Garibaldi se alguma coisa ocorresse com ele. Algo aconteceu, embora não se saiba bem o quê. Essa carta é de 1849, pouco antes de os franceses entrarem em Roma, e é a última notícia que se tem dele.

Lorenzo se empertigou no assento.

– E existe uma cópia?

Thomas balançou a cabeça em uma negativa.

– Fuller partiu para Nova York um ano depois, num veleiro. Ninguém sabe exatamente por quê.

– Por que ela viajou ou por que de veleiro?

– As duas coisas. Mas ambas fazem sentido à luz da carta de Damiani. Ele recomenda que Margaret tenha cuidado, pois o Vaticano irá atrás do documento, e que o entregue a Garibaldi caso não tenha notícias de Damiani durante um ano. Àquela altura, Garibaldi já estava em Nova York. Os navios a vapor começavam a cruzar o Atlântico, e eram mais velozes que os barcos a vela, mas também maiores. Maior o perigo de ser seguida. No navio que transportou Margaret, além da sua família só havia um outro passageiro, um americano chamado Horace Sumner, que embarcou no último minuto. Mas o navio acabou se mostrando um equívoco lendário: eles naufragaram numa tempestade já com a costa de Nova York à vista. A maioria dos corpos nunca foi encontrada e todos os documentos de Margaret Fuller se perderam. Além dos livros e artigos publicados, ela só deixou para trás itens dispersos.

– Que você, meu diligente aluno, descobriu?

Com um sorriso, Thomas respondeu:

– Essa é minha especialidade, você sabe.

– Ora, ora, se você não parece satisfeito consigo mesmo... Acho que me recordo que não era sua especialidade até que um homem sábio a recomendou a você. Mesmo assim, você merece os parabéns se estiver correto. – O cardeal continuou fumando em silêncio por um tempo. Enfim, falou: – Se esse documento era a Concordata, isso responderia a duas questões: por que não o encontramos aqui e por que não foi divulgado.

– Exatamente.

– Bem... – Lorenzo descansou o charuto num cinzeiro de cristal. – Você acha que pode encontrá-lo?

– Não faço ideia. Mas por que não deixá-lo escondido?

– Porque, como ele não foi descoberto durante todos esses anos, podemos supor que não será mais? Por duas razões. Primeiro, não sabemos ao certo se esse tal Damiani estava se referindo à Concordata. Eu detestaria pensar que ele desenterrou outro documento igualmente perigoso, e gostaria de saber. Em segundo lugar, supondo que *seja* a Concordata, o risco é grande demais. Talvez agora já esteja destruída, mas, se não estiver, ainda pode ser encontrada. Por alguém cavando uma fundação, ou derrubando uma parede, ou folheando um livro antigo, ou trocando uma velha moldura... Não, o que eu preciso é do documento em si ou de alguma prova de que tenha desaparecido para sempre. Você pode me conseguir isso?

– Realmente não sei. Você quer que eu procure a Concordata ou o documento que Damiani roubou e escondeu, seja lá o que for?

– As duas coisas. Siga qualquer trilha que faça sentido. Mas tenho um pressentimento de que você pode estar certo. Siga o seu poeta. Descubra o que ele roubou. Se for a Concordata, você terá prestado um grande serviço à Igreja.

No opulento salão com o relógio invisível tiquetaqueando baixinho, Thomas concordou.

– Vou começar agora à tarde.



No silêncio abafado da cripta repleta de ossos, Livia Pietro lutou para encontrar a própria voz. Tinha acabado de receber as instruções do conclave, passadas pelo próprio pontífice; não cabia nenhuma discussão, mas assim mesmo ela falou:

– Meu senhor, não posso fazer isso.

– Muito pelo contrário – replicou o pontífice, calmamente. – Você vai matar Jonah Richter, ou nós o mataremos. Ele é seu discípulo. É sua responsabilidade.

Livia sentiu-se fraca. Claro que ele tinha razão. Ela conhecia a Lei. Sua primeira transgressão – levar Jonah para a comunidade sem autorização prévia – tinha sido a maior delas, e só pela graça do conclave não fora exilada por isso. Eles não seriam mais tão tolerantes.

– A busca pela Concordata, no momento, tem prioridade sobre a busca por Jonah Richter – disse o americano Horace Sumner.

Com isso, Livia sentiu um fiapo de esperança. Talvez, se encontrasse o documento e o devolvesse, Jonah pudesse ser poupado. Ele era impaciente, sim, mas ainda um iniciante, e era jovem. Poderia ser convencido, ver que muitos outros tinham refletido sobre a situação e que os resultados da Revelação não seriam o que ele esperava.

– Quanto a isso, tivemos um pequeno golpe de sorte – continuou Sumner. – Um padre de Londres recém-chegado a Roma, convocado pelo novo bibliotecário do Vaticano. Thomas Kelly é o seu nome. O campo de atuação dele é a história da Igreja, com especialização na Itália do século XIX.

– O cardeal está procurando a cópia da Concordata do Vaticano – acrescentou Cartelli. – Mandou que passassem um pente fino pela coleção assim que assumiu, mas claro que ninguém encontrou nada. Ele sabe quando foi vista pela última vez e, por isso, mais ou menos quando desapareceu. Nossas fontes dizem que ele convocou Kelly por sua expertise, mas nós achamos que o padre não conhece a natureza do documento.

Livia olhou de Cartelli para Sumner.

– Uma estranha coincidência. Essa sincronia, quero dizer.

– Não – atalhou Sumner, balançando a cabeça. – O mais provável é que Jonah Richter, sabendo do empenho do cardeal em localizar a Concordata, tenha se sentido pressionado e por isso passou a nos pressionar.

O lado acadêmico de Livia, tentando se manter calmo, concentrou-se numa pergunta não respondida:

– Por que o cardeal está se empenhando tanto, aliás? Pelo que vocês dizem, os arquivistas anteriores se deram por satisfeitos deixando esse segredo quieto.

Foi o pontífice quem respondeu:

– Assim como sempre estivemos divididos entre os que se sentem gratos pela Concordata, prontos a se conformar com suas orientações, e os que acreditam que o documento nos restringe e que já está mais do que na hora da Revelação, a Igreja também tem seu debate interno há séculos. Entre os religiosos que sabem sobre a Concordata, todos, *todos*, Livia, a consideram repugnante. Mas uma facção extremista acha que, ao concordar com ela, Martinho V envenenou a própria alma da Igreja. Eles acreditam que qualquer relacionamento conosco que não seja de inimizade homicida, como era antigamente, é um erro trágico e irresponsável, e argumentam que a atitude de Martinho o deslegitimou, assim como a todos os papas desde então. Que isso é uma prova de que ele nunca teve competência para conduzir a Igreja. Eles apregoam que fomos nós que arquitetamos a ascensão de Martinho em troca desse acordo. Uma acusação – acrescentou com um sorrisinho – não muito distante da verdade. Nós não arquitetamos nada, mas, assim que percebemos a transformação que Martinho estava preparado a causar em nossas vidas, nós... participamos dos eventos já iniciados.

– Uma diferença sutil que os extremistas não perceberam – fungou Cartelli. – Uma coroa indevida e improdutiva. O que eles mais desejam é retornar à linha apostólica do homem que teria sido João XXIII, agora chamado de antipapa. Foi a ele que Martinho derrotou.

Livia considerou o que ouviu.

– Eles querem instaurar hoje como papa alguém dessa linha? A Igreja nunca permitiria.

– Não faz diferença se permitiria ou não! – exclamou Cartelli. – Acho até que eles poderiam permitir. Mas você não consegue ver o perigo dessa discussão, independentemente de quem vencer? Se a Igreja viesse a público nessa questão, nossa existência seria revelada. Para atrair partidários à própria causa, a facção militante nos pintaria com as cores mais sombrias. Usaria uma retórica maldosa e violenta para aterrorizar os fiéis, como em tempos passados. A luta pelo poder dentro da Igreja seria expressada por nós: *Você é realmente um filho devoto da Sagrada Igreja? Ou amigo dos noantri sem Deus?* Os que estão no poder no momento tentariam fazer as pessoas verem a Concordata como o menor dos males para manter os malignos noantri sob controle. Os outros diriam que não existe acordo possível com demônios dessa laia. E ninguém, Livia Pietro, nos veria como amigos.

Livia sentiu o estômago se contrair; queria argumentar, mas sua longa experiência mundana a calou. De fato, Cartelli provavelmente tinha razão.

– O novo bibliotecário – disse o pontífice, e Livia sentiu-se grata por sua calma e pelo tom comedido –, o cardeal Lorenzo Cossa, é da ala extremista. Ficaria feliz em usar a Concordata como um flagelo contra nós. Mas está atado pela obediência à Igreja. Por isso, acreditamos que sua busca pela cópia perdida seja uma tentativa de fazer a segunda melhor coisa: garantir que esse acordo nunca venha à luz.

– Entendi – disse Livia lentamente. – Mas e se...

– Se Jonah Richter revelar o conteúdo da Concordata e provar sua existência, acreditamos que o cardeal ficaria muito grato. A histeria que se seguiria dentro da Igreja, e no mundo todo, o deixaria livre para argumentar com o papa atual e os poderes da Igreja que só uma ab-rogação da Concordata e a destruição dos noantri poderiam restaurar a legitimidade da Igreja.

O pontífice fez uma pausa, depois falou em tom ferrenho:

– Isso não vai acontecer.

O eco de sua voz pareceu agitar as sombras, fazendo os ossos dançarem nas paredes à luz das velas. Livia não duvidava. O pontífice era um dos anciões, um homem de grande erudição, sábio em seus julgamentos e respeitável conselheiro. E tinha algo mais: uma compreensão profunda e sutil da comunidade, de suas vidas e da situação de todos, que o destacava dos demais. Havia os que, como Jonah, acreditavam que eles não precisavam de um conclave e de um líder, e que depois da Revelação não haveria nenhum. Mas desde que tinham *aquela* líder, nenhum noantri jamais afirmara que havia alguém mais adequado que ele.

Em voz baixa, o pontífice continuou:

– O fato de o cardeal Cossa ainda não ter começado sua discussão dentro da Igreja indica, segundo acreditamos, que ele não sabe da ameaça de Jonah Richter. Nem vai saber. Como já disse, se você não fizer progressos na sua busca pela Concordata, o conclave irá recorrer a Jonah Richter. Mas haverá outros Jonah, outros cardeais. Enquanto o mundo não estiver mais esclarecido, esse perigo estará em nossas vidas. O documento precisa ser recuperado.

No silêncio que se seguiu, todos os olhares se voltaram para Livia. Ela tinha a impressão de estar vendo o pontífice, todo o conclave, de uma grande distância, mas com a mesma estranha clareza de sempre.

– Esse padre – ela ouviu a própria voz dizendo. – Padre Kelly.

– Você vai precisar dele – retrucou o pontífice. – Temos quase certeza de que Mario Damiani deixou algum tipo de instrução indicando o local onde escondeu a Concordata, onde Jonah Richter topou com ela.

– Topou com ela – ironizou Cartelli. – O mais provável é que estivesse procurando obsessivamente, embaixo do nosso nariz.

– Pode ser – concordou o pontífice. – De qualquer forma, Mario Damiani tinha um desprezo enorme pela Igreja. Era um homem muito inteligente também. Deve ter entendido que a Concordata poderia passar décadas, talvez séculos, em seu local secreto. Escondê-la na própria Igreja seria uma decisão racional: as edificações da Igreja são sempre as últimas a ser demolidas e dificilmente são reformadas além de reparos estruturais mínimos. Esse caminho também teria apelado ao sentido de ironia de Damiani. Ele deve ter escolhido o local com

muito cuidado. Se Jonah Richter já localizou o esconderijo do documento, um perito na história da Igreja poderia recuperar a vantagem.

– Além do mais – interveio Cartelli, secamente –, nós não gostamos da ideia de um padre solto por aí remexendo no nosso passado. Gostaríamos de mantê-lo sob vigilância.

– Vocês querem que eu inclua o padre Kelly na minha busca?

– Ou ofereça sua ajuda – respondeu o pontífice. – Uma historiadora da arte que viveu muito tempo em Roma pode ser valiosa para ele. A informação que temos é que o padre Kelly é um pesquisador obsessivo, encarregado de uma tarefa importante. Pode estar aberto a uma oferta de ajuda. Mas tenha em mente que ele não tem um prazo final, portanto não sente nenhuma urgência em resolver o assunto. Nós, sim.

– E se ele se recusar?

– Convença-o.

– E se isso implicar... contar a verdade? Sobre os noantri?

Os conselheiros se entreolharam. O pontífice não desviou os olhos de Livia.

– Nesse caso, você deve contar. Nós já discutimos isso. O padre Kelly é um estudioso muito bem-sucedido, de uma profunda curiosidade intelectual. É difícil imaginar que o cardeal Cossa espere que ele não leia a Concordata se a encontrar.

– Será que ele acredita em nossa existência, como o cardeal Cossa?

– Todos eles acreditam – respondeu Cartelli em um tom de desagrado.

O pontífice, pela primeira vez, olhou para Cartelli com uma expressão levemente impaciente, mas não a corrigiu.

– Se Kelly ainda não conhece o conteúdo da Concordata, o mais provável é que também não saiba a verdade sobre a nossa existência – falou. – Mas o cardeal Cossa vem acompanhando esse jovem há algum tempo. É provável que pretenda contar-lhe esse segredo quando o padre estiver mais avançado em sua carreira religiosa. Com certeza, um dia ele saberá.

– E você está me autorizando a contar para ele agora?

– Ora, por que essa obediência repentina? – indagou Cartelli. – Não me lembro de você ter pedido permissão da última vez.

Livia enrubesceu. Da última vez: quando ela contara a Jonah. Revelou o que ela era, quem eram os noantri. Queria dividir com ele sua intimidade mais profunda, fazer com que compreendesse suas certezas e seus temores – o que os dois poderiam ter numa vida em comum e o que não poderiam. O risco era que ele reagisse como tantos outros: com medo, repulsa. Queria que Jonah entendesse que ela sabia disso e que preferia se arriscar, por ele. Desde o início dos tempos os amantes prometem uns aos outros subir às mais altas montanhas, mergulhar nos oceanos mais profundos, para demonstrar seu amor, mas Livia ofereceu a Jonah um presente maior: o próprio amor, para ser aceito ou destruído.

E Jonah não sentiu medo nem repulsa. Nem aceitou simplesmente, sem perguntas. Divertido, no início achou que ela estivesse brincando. Depois, quando se convenceu, ficou

emocionado e logo estava querendo saber tudo a respeito, pedindo para ser igual a ela. Para ser um noantri também. Livia pensou, na época, que era por amor. Que Jonah queria ser tudo o que ela era.

– Livia. – A voz sombria chegou até seus ouvidos vinda de longe. – Livia. Você precisa começar. – Ela ergueu os olhos e viu o pontífice inclinado para a frente sob a luz bruxuleante. – O tempo é curto – disse ele, com um pequeno sorriso, reconhecendo a ironia da afirmação.

– Meu senhor – retrucou Livia. – Eu posso não conseguir.

O pontífice balançou a cabeça numa negativa.

– Você vai conseguir. Vai procurar a Concordata até encontrar. Se o prazo começar a se esgotar e você ainda não a tiver localizado, vai continuar a busca enquanto conversamos com Jonah Richter. – Voltou a se sentar. – Jonah não pode evitar essa sentença, Livia. Será muito melhor para ele se for você a executá-la.

Os conselheiros, o pontífice, todos ficaram imóveis, os olhos fixos em Livia, sob a luz dos candelabros. Ela recebera suas instruções e fora dispensada; entendeu isso. Mesmo assim, numa chocante quebra de protocolo, como se ela não fosse parte dos procedimentos, mas estivesse apenas observando, ouviu a própria voz murmurar:

– Não existe nenhuma outra forma?

Talvez o pontífice fosse começar a responder, mas Cartelli deu um tapa no braço da sua poltrona. O som matraqueou como um disparo:

– *Que* outra forma? Você também está louca? Ou – e nesse momento os olhos dela se estreitaram no rosto enrugado – será que pensa como Jonah Richter? Será que também acredita que chegou o momento da Revelação?

Livia negou com a cabeça.

– Não, não. Gostaria de responder que sim, mas não acredito que tenha chegado o momento.

– Então pode ir. Faça o que lhe foi ordenado, antes que seis séculos de paz sejam destruídos. As labaredas voltarão. Seremos caçados por medo e fúria, expulsos, e iremos todos morrer. Você não conheceu esses tempos. Eu conheci. Nós conhecemos. – Fez um gesto com a cabeça na direção do pontífice e de alguns dos outros. – Tudo aquilo vai se repetir, multiplicado por mil, se o mundo souber mais uma vez que pode rotular alguém como “vampiro”.



Os olhos azuis que observaram Livia Pietro entrar na igreja agora a viam sair, trêmula e pálida. Ela fechou a porta com cuidado, como se fosse frágil, e ficou parada na calçada até uma lufada de vento agitar seus cabelos pretos e compridos. Isso pareceu despertá-la: passou a mão na cabeça e pôs o chapéu. O coração do observador bateu mais forte. Recordou a sensação do cabelo dela sob sua mão, espesso e rebelde. A pele também, flexível e aveludada apesar da idade. Abriu um sorriso, compreendendo agora o que não tinha entendido da primeira vez que a tocara: o total e duplo sentido daquilo. E o cheiro dela. Estava atrás de uma janela fechada, num apartamento do outro lado da Via Giulia, de forma que o que sentia agora não devia ser real, mas uma lembrança. Mesmo assim, teve de recuperar o fôlego. Poucos noantri usavam perfume. Para os sentidos ampliados pela Transformação, o mundo oferecia visões, sons e aromas numa complexidade infinita e assustadora, e o cheiro da pessoa fazia parte desse conjunto; poucos se preocupavam em mascarar ou mesmo ampliar sua assinatura. Por isso, e também em relação a outros costumes da comunidade, sua Livia era diferente. Adorava um espectro de essências, raras e delicadas, todas aplicadas em camadas finas – e cada uma atuando nele de forma distinta e irresistível. Tinha tentado, tantas vezes e de tantas maneiras, convencê-la de algo que era claro para ele: que seu descaso em relação às convenções dos noantri provava que o que ela dizia almejar – uma vida confortável, assimilada e invisível – não era seu verdadeiro desejo.

Sua Livia. Ele balançou a cabeça. Ainda pensava nela nesses termos. Não se falavam havia mais de dois anos e, se estivesse certo, ela havia recebido instruções para matá-lo.

Jonah Richter sabia que a carta enviada ao conclave colocaria todos em pé de guerra – e que começaria com as enfadonhas assembleias e debates. Mas depois eles teriam de agir. Jonah achava que sabia de que forma se daria a reação deles, e pelo jeito estava certo. Livia havia sido convocada, parecia apreensiva ao entrar e tinha saído muito abalada. Talvez estivesse dando uma importância excessiva a si mesmo, mas, se o conclave se sentisse alarmado pela sua ameaça, como ele esperava, sua morte seria uma solução óbvia. Livia – a noantri que o havia criado, e por isso a única intrinsecamente perigosa para ele – seria a agente óbvia.

Muitos de seus amigos desse povo, que pensavam o mesmo que ele sobre a Revelação, afirmavam que os noantri eram superiores aos inalterados. Na verdade, alguns chegavam a orgulhosamente preferir “mortal” no lugar de “inalterado”, um rótulo tão frágil que seu uso fora abandonado pela comunidade muito tempo antes. A opinião dos extremistas era que, ao

contrário de serem forçados a ter vidas secretas e restritas, os noantri deveriam exercer o poder. Que sua sensibilidade mais sutil, a sabedoria adquirida e a visão objetiva do passar do tempo os tornavam mais apropriados para governar do que os limitados inalterados.

Jonah não concordava com essa visão e sentia o fedor do egoísmo nos que acreditavam nela. Desconfiava que todos eles se viam como o Imperador de Tudo depois que passavam pela transformação. E continuava cético em relação à ideia de que era possível governar com benevolência os que eram, na falta de uma definição mais exata, sua própria fonte de alimentação.

A crença partilhada por Jonah e seu grupo era diferente. Depois da Revelação, os inalterados entenderiam duas coisas: que os noantri não eram uma ameaça e que ser um noantri era viver de forma tão integral, com sentidos tão acurados e uma mente tão desperta que todos iriam querer se transformar.

E de onde viria o alimento quando todos tivessem sangue noantri? Os pretensos imperadores riam dessa questão nas cafeterias e nos bares noantri, nas saunas e nos locais de encontro. A resposta – defendida com toda a paciência por adeptos como Jonah e descartada pelos menos tolerantes – era: a ciência. Afinal, o sangue humano era um simples composto químico. Poderia ser clonado, sintetizado, criado. Por que não? Já havia pesquisas promissoras no Japão. Outros estudos se seguiriam. Até lá, os inalterados já doavam barris de sangue, alguns dos quais chegavam em segredo aos noantri havia vários séculos. Mais especificamente, muitos vendiam o próprio sangue para pagar o aluguel e sua cerveja. Por que não poderiam manter essa prática, sobretudo com o preço que os noantri eram capazes de oferecer?

A discussão ia longe. Conversas sobre a Revelação estavam em toda parte; segundo os mais antigos que Jonah, sempre tinha sido assim, desde o dia em que a Concordata fora assinada. O conclave não fazia objeções aos debates – na verdade, estava sempre disposto a ouvir uma nova linha de raciocínio, contra ou a favor. Sua posição, no entanto, nunca tinha sido afetada pelos diferentes pontos de vista. A Revelação aconteceria em algum momento, mas aquele não era o momento.

Mas era. Jonah estava cansado de ouvir aqueles argumentos. Cansado de fingir, de se evadir de questões importantes como aquela com um sorriso. De repente, começou a sentir medo de perder os amigos da juventude, ao perceber como eles mudavam, ao ver os rostos enrugarem e o olhar enfraquecer. Livia tinha tentado acalmá-lo, dizendo que essas perdas faziam parte do lado sombrio da vida de seu povo, algo inevitável, mas compensado por tantas outras coisas. Repetia para ele um aforismo, um ditado dos noantri: “O inalterado se altera; só o transformado se mantém sem transformação.” Mas a tristeza ficava evidente em sua voz quando ela pensava nas pessoas que tinha amado tanto tempo antes. Então, em vez de ser convencido a aceitar o destino de seus amigos, Jonah começou a ver um curso de ação totalmente diferente.

“Livia”, pensava agora, ao ver que ela começava a andar pela rua. “Você vai entender. Isso é o certo, sem dúvida. Até mesmo os membros do conclave vão ficar contentes quando acontecer, quando estiver consumado. Depois, talvez – talvez – eu e você possamos ficar juntos de novo. De qualquer forma, não se preocupe: você não vai me matar.”



No silêncio da imensa sala de leitura dos manuscritos da Biblioteca do Vaticano, o padre Thomas Kelly rabiscava um bloco de anotações, mas logo guardou o lápis no bolso para não recair no velho hábito. Não se podia tamborilar com o lápis. Também não se podia fotografar, levar comida ou bebida, canetas-tinteiros nem cantarolar consigo mesmo. E nada de tocar nos livros sem luvas de algodão brancas. Ah, a liberdade intelectual...

Não que essas restrições o incomodassem; longe disso. Sentia-se em êxtase só de estar ali. Não desejava nada mais que perambular por aqueles salões iluminados, pelos corredores, passar pelas janelas altas e entrar por portas e divisórias ocultas. Gostaria de poder destrancar arquivos, puxar gavetas, subir escadinhas. Mas não era permitido. Você sentava e trabalhava a partir de um catálogo eletrônico, um legado do sistema de reorganização do bibliotecário anterior. Você requisitava os itens que queria estudar e eles lhe eram entregues.

O colarinho clerical de Thomas o colocava em posição mais favorável com os atendentes, mas ele tinha a mesma liberdade de acesso que outros estudiosos. Lorenzo, é claro, poderia ter solicitado a entrada dele em qualquer sala que desejasse, para manipular qualquer documento que quisesse, sem interferência. Mas seria um pedido muito incomum e não passaria despercebido. Devido à natureza delicada da pesquisa de Thomas, Lorenzo pediu que ele trabalhasse de acordo com o sistema.

– A não ser que seja absolutamente necessário abrir uma exceção – acrescentara ele. – Se for, é só me dizer e eu tomarei as providências.

Thomas se sentiu tentado, só para poder vagar por aqueles corredores, mas seria uma atitude arrogante e incorreta. Para a tarefa que lhe fora incumbida por Lorenzo, o sistema estava funcionando bem. No momento, mais do que bem.

Um dia de pesquisa intensa ali mais o trabalho que realizara em Londres nos últimos anos convenceram Thomas de que ele era um dos maiores especialistas sobre o saque à Biblioteca do Vaticano de 1849. Isso, por si só, não era uma grande realização. No entanto, ele também passou a ter certeza de que fora naquela data que Mario Damiani – que, por mais falastrão que pudesse ter sido, parecia ter mesmo liderado a invasão – tinha roubado a Concordata. O que era esse documento e qual sua importância exata, Thomas ainda não sabia. Mas tudo aconteceria em seu devido tempo: Lorenzo o tinha convocado para descobrir seu esconderijo, não seu significado.

Como era um acadêmico metódico, Thomas passou a primeira tarde seguindo as poucas pistas difusas a que a equipe de pesquisa anterior havia chegado, só para se certificar de que

eles não tinham ignorado nada. Quando essas pistas se revelaram becos sem saída, ele voltou ao caminho original e começou a rastrear Mario Damiani.

Durante todo o dia anterior ele não havia descoberto nada além dos fatos da vida e do trabalho de Damiani como membro do Exército Republicano de Garibaldi. Parte do que encontrou não tinha nenhum significado oculto; outra parte teve de ser interpretada nas entrelinhas. Algumas coisas ele já sabia, outras não; muitas teriam interesse para o acadêmico, mas poucas para o recém-cunhado detetive. No entanto, a nova manhã trouxe consigo uma nova ideia e um achado fortuito.

Damiani escrevia em *romanesco*, o dialeto tradicional de Roma, uma escolha de alguns patriotas republicanos daquela época que Thomas considerava afetada e autolimitadora. Na opinião dele, o *romanesco* não era tão diferente do italiano para ser usado como uma afirmação da feroz independência que os partidários da causa pretendiam; era apenas diferente o bastante para deixar um falante de italiano irritado durante a leitura. Por conta de seus estudos, havia algum tempo Thomas era fluente em *romanesco*, assim como em muitos outros dialetos italianos, mortos ou ainda em uso. Na esperança de entender melhor quem era, na verdade, Mario Damiani, como ele pensava e, portanto, onde poderia ter escondido algo tão precioso como a *Concordata*, Thomas requisitou os volumes da obra do poeta na biblioteca. Quando as obras chegaram, ele viu que não tinham muito a revelar, mas àquela altura ele já estava numa trilha diferente.

Enquanto esperava os volumes serem desenterrados de qual fosse a urna profunda em que estavam guardados, Thomas tinha acessado o catálogo do computador e clicado aleatoriamente pela lista de outros poetas *romanescos*, achando que talvez as obras dos ardorosos patriotas colegas de Damiani pudessem ajudá-lo a penetrar na mente do homem. O catálogo incluía imagens em miniaturas, em geral das capas das obras em questão. Algumas pareciam promissoras, e Thomas tirou o lápis do bolso uma ou duas vezes para anotar nomes de livros para pedir mais tarde se fosse necessário. No final da lista, encontrou uma série de itens avulsos: cartas, registros, fragmentos. Um deles, incluído na categoria “Poemas, manuscritos, anônimos, danificados”, chamou sua atenção. Clicou na imagem reduzida para ampliá-la. Era um caderno surrado e vincado. Thomas não tinha como saber a extensão dos danos nas páginas do miolo, mas a capa estava em condições razoáveis e ele pôde ler o título escrito à mão: *Poesie d’Amore, per Trastevere, Gennaio, 1847*. “Poemas de amor, Trastevere, janeiro de 1847.” Apesar de não ter conseguido distinguir as palavras na imagem reduzida, a caligrafia pareceu conhecida. Agora, na ampliação, viu que estava certo: era a letra de Damiani.

Thomas imediatamente preencheu um pedido solicitando o caderno, que lhe foi entregue logo depois, num carrinho silencioso, por um atendente magro e solene, que saiu de mansinho em seguida. Thomas pegou o caderno e o folheou com uma delicadeza que não correspondia à rapidez das batidas de seu coração. Será que poderia ser tão fácil? O documento perdido, escondido dentro de um caderno, desaparecido por todos aqueles anos

por falta de uma classificação precisa? Thomas imaginou a Concordata pulando daquelas páginas, viu-se em disparada pelos corredores, levando-a triunfante até Lorenzo, e riu em voz alta ao virar as páginas finais. Claro que não estava lá. Nada caiu do caderno, apesar de suas péssimas condições: sem a quarta capa, parecendo ter sido pisoteado mais de uma vez. “Ah, Thomas. Você continua sendo um romântico incurável.”

Deu uma olhada em alguns poemas. Como a capa prometia, eram poemas de amor ou ao menos dedicados a ruas e edificações, a fontes e estátuas de Trastevere. Nenhum tinha título; deixava-se ao leitor o trabalho de descobrir sua inspiração. Alguns pareceram óbvios a Thomas:

*Du' angiolori de quell'angiolo stanno de guardia
ar martiro, buttato ggiù in ner pozzo*

Dois anjos daquele anjo mantêm a vigília
sobre o mártir, jogado no poço

Só podia ser São Calisto: dois anjos de Bernini fitavam perenemente na igreja o poço onde o papa martirizado tinha morrido. Ou

*Cosmoggje de colore, rosso-sangue, bianche,
e le curve llustre de li pini ombre de verde*

Cosmologias coloridas, vermelho-sangue, brancas,
e as curvas brilhantes dos pinhos nas sombras de verde.

Esses versos evocavam o piso de San Crisogono. Muitas igrejas tinham pisos semelhantes, mas aquelas cores se associavam, pelo menos na cabeça de Thomas, às da igreja em questão.

Bem, o plano original de Thomas era passar a manhã estudando a obra de Damiani. Por que não começar por aquele caderno? Então debruçou-se sobre o livro, os cotovelos apoiados na mesa. Leu um poema, virou uma página, leu outro. Estava tão absorto que teve um sobressalto quando ouviu uma voz suave ao seu lado.

– Mario Damiani! Achei que ninguém mais lesse isso além de mim!

Thomas piscou repetidas vezes para enxergar melhor: era uma mulher, com uma saia florida rodada e um casaco complicado (como as mulheres conseguiam vestir coisas como aquela?), que estava tirando os óculos escuros e sorrindo com surpresa. Em seguida, ela também tirou o chapéu de palha e ajeitou os cabelos escuros. Tinha falado em inglês e, estendendo a mão, continuou a falar nessa língua:

– Livia Pietro. Sou historiadora de arte.

Thomas apertou a mão dela automaticamente. O aperto da mulher era forte e frio, e os olhos eram de um verde-escuro extraordinário, rajado de prateado. Luz da lua no mar. Thomas percebeu que a encarava.

– Thomas Kelly – falou. Começou a se levantar, mas ela puxou uma cadeira para perto dele e se acomodou. Thomas voltou a se sentar e acrescentou: – Também historiador, mas da Igreja. De Boston.

– Eu sei.

Livia Pietro baixou a voz para um sussurro quando dois estudiosos perto da janela franziram a testa para os dois. Colocou o chapéu na mesa e deu um sorriso maroto para Thomas.

– Que eu sou americano? – Thomas também sussurrava. – É tão óbvio?

– Bem, os americanos sentam, andam e se portam como você. Não é difícil distingui-los. Mas não, eu estava falando de ser um historiador. O colarinho poderia indicar um teólogo, mas você está lendo Damiani, um poeta conhecido por sua falta de sutileza religiosa.

– Muito bem. – Thomas sorriu. – Uma dedução perspicaz.

– Bem, obrigada, padre. Eu também já estudei alguma coisa de Damiani. Era um excelente escritor. Complicado, cheio de elipses, mas vale a pena o esforço. Posso?

Livia abriu o zíper da bolsa, tirou um par de luvas brancas de algodão, calçou-as e pegou um volume da pilha. “Preparada e totalmente à vontade”, pensou Thomas. O protocolo acadêmico exigia que ele se opusesse, firmasse sua posição para não correr o risco de perder os créditos pela descoberta dos volumes de Damiani. Mas o bom humor de Livia era cativante, e ocorreu a ele que, se ela conhecia tão bem o trabalho do poeta, talvez pudesse ajudá-lo a entrar na cabeça dele.

Ela olhou para Thomas e perguntou:

– Você entende romanesco? Poucos não italianos entendem. Poucos italianos também, na verdade.

– Meu tema principal é a Igreja no século XIX, na península Itálica e no resto da Europa, e as consequências dos movimentos políticos do período. Muitas fontes originais nunca foram traduzidas. Achei mais fácil... – Thomas parou de falar diante do sorriso de Livia, dando-se conta, horrorizado, de seu modo pedante de falar. – Desculpe. Acho que passei muito tempo com meus alunos. Sim, eu entendo romanesco.

– Eu também. O que é isso? – Com um movimento rápido e conspiratório, Livia deslizou o surrado caderno de anotações pelo tampo da mesa. Marcando a página em que Thomas estava com um dedo, começou a folhear o manuscrito. Seus olhos verdes pareciam faiscar. – É do Damiani? Eu não conhecia este.

Thomas, que até aquele momento achava que olhos só faiscassem nos romances, falou:

– Sim, acho que é. Estava catalogado junto com a miscelânea. Duvido que alguém o tenha consultado desde que foi arquivado. Se tivesse sido acessado, a caligrafia teria...

– Sim – interrompeu ela. – Concordo. Que emoção! Você fez uma descoberta. Aumentou o acervo do conhecimento humano. – Em seguida, ela enrugou a testa. – Mas veja... tem páginas faltando. Por que será?

– Imagino que os poemas não tenham saído bons.

– Pode ser – disse ela, em dúvida. – Mas dê uma olhada em alguns deles. Palavras riscadas, reescritas, setas, mais palavras riscadas, anotações nas margens. Parece que ele não se importava em burilar os poemas.

– Talvez ele achasse que os arrancados não tinham salvação.

– Hum... – Livia estava quase cantarolando consigo mesma enquanto virava as páginas do caderno. – Interessante...

Então ela aquiesceu, disse “Hum” mais uma vez e se debruçou sobre o livro. Depois de algum tempo, Thomas puxou a cadeira para mais perto e começou a ler junto com ela.



Sob o glorioso céu azul de Roma, os edifícios de La Sapienza brilhavam de erudição. Anna Jagiellon recostou-se no tronco de um plátano de folhas douradas. A manhã estava fresca e luminosa, e ela ainda tinha uma hora antes da próxima aula: poesia russa do século XX, uma maravilhosa combinação de três assuntos relacionados a um tema fascinante, apresentado num currículo organizado de forma criativa e lecionado por um professor que, embora mortal, não era um idiota, para variar. Não só não era um idiota como era um tesão: um sérvio sorridente e trigueiro. Anna já tinha notado a maneira como ele a olhava enquanto ela fazia suas anotações, os cantos da boca repuxando para cima quando ela afastava os cabelos louros da testa. Já poderia ter se aproximado dele, mas estava tranquila em sua vida atual e não queria arranjar complicações só por conta de uma transa. Especialmente agora, com sua meta de repente mais próxima, depois de tanto tempo. Se conseguisse realizar seu objetivo, ela e o sérvio poderiam se divertir. Àquela altura, os dois seriam um alvo fácil um para o outro.

Não que houvesse muito equilíbrio quando um noantri se aproximava de um inalterado. O corpo dos noantri era tão irresistível aos sentidos dos mortais que o costume determinava que a sedução de inalterados era inaceitável. Incrível, pensou Anna, como seu povo tinha os mesmos traços de hipocrisia virtuosa dos mortais, que proibiam traição, bebedeira e corrupção, mas cometiam freneticamente todos os pecados possíveis em seu tempo de vida. Na comunidade dela era a mesma coisa. Se todos os noantri que se envolvessem amorosamente com um mortal fossem punidos, o conclave não teria tempo para mais nada. E, Anna desconfiava, perderia alguns de seus próprios membros.

Agora que estava na sombra, Anna tirou o chapéu de vime vermelho com um véu que não seria muito útil se ela tivesse realmente de ocultar suas feições, se precisasse ostentar aquele ar misterioso e elegante que projetava cem anos antes. Ah, o progresso! Depois de um século, agora ela podia andar com o rosto descoberto.

Honestamente, como aqueles mortais conseguiam aguentar?

De todas as identidades, profissões e ofícios que Anna Jagiellon tivera em sua longa existência, a vida universitária era a que repetia com mais frequência. Era verdade que seu considerável intelecto quase nunca era desafiado a não ser por professores de seu próprio povo, que, reconhecendo um dos seus, logo ajustava tarefas levando em conta não apenas sua inteligência, como também os anos de aprendizado do seu passado. Ainda assim, mesmo quando isso não acontecia, ela encontrava coisas para aprender e se manter interessada nas

universidades, e sua impaciência e inquietação eram parecidas com o frívolo fervor dos jovens mortais. Sim, mortais. Ela usava o politicamente correto “inalterado”, ou *gli altri* – “os outros”, em oposição a “noantri”, que significa “nós outros” –, quando precisava, mas detestava esses termos. Como costumava explicar aos noantri que sempre encontrava naquela sala nos fundos do café Circolo degli Artisti, não era o fato de serem os *outros* ou *inalterados* que tornava a maioria dos humanos diferentes de seu povo e, sim, inferiores a ele. Era o fato de serem *mortais*. Era o fato de que iriam morrer.

Esse tipo de conversa era perigoso, naturalmente. Anna já tinha sido exilada por causa disso quase um século e meio antes, e mandada para Buenos Aires. Era longe da Europa, mas não tinha sido uma grande provação para ela. A linda, rica e agitada cidade portuária tinha adorado aquela linda, rica e agitada jovem húngara. E ela também adorou o sol escaldante e o largo e cintilante rio, as *confiterías* onde bebericava *café con leche* o dia todo, as luxuosas discotecas onde dançava a noite toda. Pensou em virar as costas para o Velho Mundo e ficar morando na América Latina, mas ainda que a comunidade noantri fosse bastante extensa na Argentina, Roma era o centro do poder do opressor e também do povo dela. De sua gente escondida, otimista e absurdamente satisfeita, que tinha todo o direito de comer o pão e se contentava com as migalhas. O conclave acabou suspendendo sua sentença, sem chamá-la de volta, mas permitindo que retornasse se quisesse. Foi o que ela fez.

Enquanto trançava os longos cabelos louros, mal podendo esperar a hora inteira de leitura de Akhmatova, o celular tocou. O tema “I Will Follow You into the Dark” (vou segui-lo pelas trevas) indicava que era Jorge, aquele tolo. Talvez ela não devesse ter atribuído um toque específico a ele. Agora, sempre que Jorge ligava, Anna tinha mais alguns segundos para se exasperar entre o toque do telefone e o momento em que sabia quem era.

– Pronto, Jorge.

Ele falaria em espanhol, ela sabia; o italiano dele era satisfatório, mas desajeitado, e suas risíveis tentativas de dominar umas poucas palavras do húngaro nativo dela eram patéticas. Se quisesse deixá-lo mais à vontade, teria atendido com um “*Bueno*”, mas Jorge era mais útil quando não estava à vontade, pois tentava agradar ainda mais.

– Anna. – Só pelo modo como ele pronunciou seu nome, ela percebeu que estava empolgado. – Estou na Biblioteca do Vaticano.

Sim, como ela previra, em espanhol e só um pouco mais alto que um murmúrio.

Anna suspirou, respondendo em espanhol para dar continuidade à conversa:

– Mas é onde você deveria estar mesmo, Jorge. Está me ligando por isso?

– Não! É claro que não. Eu estou de olho naquele padre, como você recomendou...

– Muito bem! – retorquiu Anna, sabendo que ele iria sorrir, sem perceber o seu sarcasmo.

– Obrigado. – Meu Deus, pela voz, ele estava corando! – Nos últimos dois dias ele tem requisitado livros de poetas republicanos do século XIX.

– E...?

Talvez ele fosse incapaz de notar o sarcasmo, mas perceberia a impaciência, pelo menos elevada àquele nível.

– E alguém veio falar com ele hoje – prosseguiu Jorge. – Uma de nós.

Anna se empertigou. Tudo bem, talvez o garoto tivesse descoberto alguma coisa.

– Quem? Como assim foi falar com ele?

– Ela se apresentou, mas eu não ouvi. Uma mulher de cabelo preto comprido. Com algumas mechas grisalhas – acrescentou, com um nítido orgulho de seus poderes de observação.

– Quando você tiver oportunidade, seria bom verificar o registro – disse ela, sugerindo o óbvio. – Ela não teria que assinar?

– Sim, teria. – Mais uma vez, o sarcasmo passou despercebido. Anna pensou se ele teria uma deficiência auditiva ou talvez mental. – Vou checar. Mas estou ligando por outra coisa.

– Ah, então existe uma razão?

– Anna! – Finalmente ele estava magoado. – O padre pediu um livro e quando ela viu qual era ficou toda empolgada. Os dois ficaram lendo juntos.

Jorge fez outra pausa. Às vezes, Anna pensava se os noantri seriam mesmo a escolha certa para governar o mundo se a comunidade incluía imbecis como Jorge. E como ela própria, que afinal era a responsável por ele estar lá.

– Jorge – disse com cuidado –, que livro era?

– Um livro de poesia – respondeu ele prontamente. – Do século XIX, mas até agora sem autor atribuído. O padre acredita que seja de Mario Damiani. Anna, ele não era um dos...

– Era. E ela concordou? A mulher de cabelo preto?

– Sim, e ela...

– Pegue.

– O quê?

– O livro, Jorge! Eu quero esse livro! Você entendeu?

– Eu... entendi, mas...

– Me ligue quando estiver com o livro. *Ciao* – disse Anna e desligou o telefone, talvez com mais força que o necessário.

Recostou outra vez no tronco da árvore e pegou um cigarro. Poucos noantri fumavam. Realmente uma pena, ela sempre pensou; era um grande prazer e os riscos à saúde não significavam nada para eles. Claro, o problema era o fogo. Era preciso uma chama para acender o cigarro, que queimava na ponta o tempo todo. Bom, e daí? Eram brasas minúsculas, tão facilmente esmagáveis na sola do sapato. O povo dela tinha medo de fogo e de muitas outras coisas, havia muito tempo.

Aspirou a fumaça e exalou com prazer. O conclave tinha fontes no Vaticano; bem, bom para eles. Anna e seus amigos também tinham. Ela já havia sido informada sobre o padre Thomas Kelly, convocado ao Vaticano para vasculhar os arquivos numa busca – nitidamente urgente – por alguma coisa. Agora ele estava na companhia de uma noantri com credenciais

para a Biblioteca do Vaticano, por isso obviamente uma acadêmica. E lá estavam os dois, contentes, lendo um livro de poesia noantri.

Claro que aquilo poderia não significar nada. Só dois acadêmicos emocionados com um livro.

Mas, se não significava nada, por que a pele de Anna estava arrepiada daquele jeito?



– Interessante – disse Livia Pietro mais uma vez, ainda examinando as páginas do caderno de poemas.

Thomas, que lia junto com ela, ergueu o olhar.

– O que é interessante?

Livia olhou para ele, pensativa.

– Você conhece bem Trastevere?

– Não muito, infelizmente. Fica do outro lado do Tibre, por isso foi, durante séculos, uma localidade de não romanos quando apenas os romanos tinham permissão para morar dentro das grandes muralhas de Roma. Abrigava os judeus, até o gueto ser dissolvido, e sempre foi um atrativo para pessoas de diversas nacionalidades por sua proximidade das docas. Tem reputação de um lugar boêmio e foi revitalizado recentemente pela presença de escritores, galerias, cafeterias... você está sorrindo de novo. Fiquei pomposo e pedante outra vez, não foi?

– Só um pouquinho. Mas você está certo. Damiani morava lá e por acaso eu também moro. É um lugar extraordinário, embora a maioria das pessoas ache isso da cidade onde nasceu. Provavelmente você considera Boston extraordinária.

– Sim, considero. – Thomas achou muito gentil e educado da parte dela o esforço para não colocar sua cidade acima da dele. Embora ainda não tivesse conhecido nenhum romano que não considerasse qualquer outro lugar inferior a Roma. – Parece um lugar fascinante. Trastevere. Com certeza Damiani achava o mesmo, já que escrevia poemas de amor à cidade. Foi isso que você quis dizer com “interessante”? O fato de ele ter escrito poemas de amor às construções?

– Não. – Ela balançou a cabeça, pensativa. – Na verdade, nós temos essa tradição por lá. Mas veja só isto. Essas páginas devem conter uns quarenta poemas. Alguns são claramente elegias do que poderíamos chamar de locais principais... igrejas importantes, estátuas, praças.

– Você sabe dizer quais?

– Alguns são inconfundíveis. Aqui... o mártir no poço só pode ser São Calisto.

– Foi o que eu também pensei.

Livia olhou para ele de lado, sorrindo.

– É mesmo? – Então voltou a atenção ao livro. – E aqui é a Fontana dell’Acqua Paola, e acho que vejo a Porta Settimiana. Mas são tantos poemas... Alguns parecem ser de lugares relativamente insignificantes. E acho que faltam alguns dos locais principais.

– Bem – disse Thomas –, um amante escreve poemas de amor. E pode favorecer o que outros consideram insignificante.

– Sim, é verdade – concordou ela, depois inclinou a cabeça. – Mas há uma ou duas igrejas, por exemplo, que nenhum amante de Trastevere ignoraria. O que estou imaginando é se as páginas que faltam não se referem a esses locais.

– Pode ser. Mas não temos como saber.

– Não tenho tanta certeza. Eu... – Então Livia olhou ao redor. O solene atendente que havia levado o material que Thomas solicitara passou com o carrinho pela mesa. Os olhos verdes dela pareceram lampejar por um momento, outra coisa que Thomas não achava possível no mundo real. Sem prestar atenção nos dois, o homem atravessou a sala para recolher os livros deixados por um pesquisador que encerrara sua jornada do dia. Livia ficou observando-o sem falar nada, em seguida virou-se outra vez para Thomas. – Se você notar como a...

Parou de falar e se levantou. Antes que Thomas conseguisse se dar conta, ela estava em pé à sua frente e ele se sentiu sendo puxado para trás e jogado no piso frio de pedra. O som da cadeira caindo ecoou pelo salão, misturando-se aos gritos dos indignados acadêmicos e de Livia, que, num borrão, parecia lutar com o silencioso atendente pela posse do caderno de poemas. Thomas ficou momentaneamente imobilizado em meio àquela confusão. O que estava acontecendo? Por que o homem o tinha derrubado da cadeira? Como fora capaz de atravessar o salão com tanta rapidez? Mas quando um livro derrubado atingiu sua testa, ele voltou à realidade e agarrou o tornozelo do atendente. Só conseguiu segurar na perna da calça e puxou-a com força. Desequilibrado, o homem cambaleou e caiu, mas conseguiu se levantar. Ignorou Thomas, que desajeitadamente tentava se libertar de livros caídos e do mobiliário derrubado. O atendente e Livia se encararam. Por meio segundo, os dois ficaram imóveis como as estátuas de mármore que observavam a cena com olhares de repreensão nos nichos das paredes.

Em seguida, ambos voltaram à ação: o atendente arremeteu, os olhos fixos no caderno na mão de Livia. Enquanto se levantava, Thomas bloqueou-o com o corpo, um truque aprendido nas esquinas do sul de Boston. Quando o homem caiu no chão com uma cadeira por cima, alguma coisa passou em disparada por Thomas: a silhueta do casaco de Livia. Com a bolsa e o chapéu numa das mãos e o caderno na outra, ela corria pelo piso de mármore.

Surpreso, Thomas gritou:

– Espere!

Então ficou perplexo com a súbita percepção de que tinha entendido tudo errado: Livia Pietro estava roubando o caderno de poemas e o atendente tinha tentado impedir. Thomas olhou para baixo e viu o homem lutando para se desvencilhar da pesada cadeira. Não havia tempo para ajudá-lo: Livia entrara num corredor. Em meio a vários gritos de “*Silenzio!*” dos outros leitores, Thomas partiu atrás dela.



Livia entreabriu a porta oculta o suficiente apenas para ver Thomas Kelly fazer a curva e parar estupefato, a poucos metros dela, no salão vazio e iluminado. Um barulho na sala de leitura lhe informou que o atendente tinha se livrado da cadeira; sons de passos fortes indicaram que estava indo atrás dela. Se os gendarmes também já não estivessem a caminho, logo estariam. Livia se achou uma tola. Por que não se manteve alerta no momento em que avistou o atendente? Claro que diversos noantri prestavam serviços ao Vaticano – era uma questão de prudência –, mas aquele era alguém que ela não conhecia. Isso deveria ter disparado um alarme em sua mente, mas não.

Ou talvez tivesse disparado, mas ela estava tão concentrada em sua missão e na descoberta de Thomas Kelly que o ignorou. A descoberta do padre, aquele caderno de notas, tudo poderia ser crucial. Achou que tinha percebido um padrão nos locais que faltavam, algo que Thomas não teria notado por não conhecer Trastevere. Talvez estivesse enganada ou o padrão poderia existir e não significar nada. Até ter certeza, no entanto, ela não abriria mão do caderno. Nem para o padre nem, principalmente, para o sujeito noantri de dedos pegajosos.

Por alguns segundos, Livia considerou deixar Thomas para trás. Ele apenas a retardaria e, pensando bem, o que tinha a oferecer? Bem, refletiu, ele entendia romanesco, talvez melhor do que ela. Se estivesse certa quanto ao padrão do que faltava no caderno e se os poemas que restavam se revelassem importantes, outro ponto de vista sobre os versos cheios de elipses de Damiani poderia ser útil. Assim como, dada a natureza das edificações, um perito em história da Igreja. Mais importante: o conclave tinha recomendado que ela utilizasse aquele padre, que ficasse de olho nele. Obedecer ao conclave ao pé da letra lhe pareceu uma decisão sábia naquele momento.

Livia abriu a porta e colocou a cabeça para fora.

– Padre Kelly! Depressa! Aqui!

O religioso virou-se, surpreso. Ela acenou com o caderno. Thomas correu na direção dela, em seguida Livia o pegou pelo braço e o puxou pela porta, trancando-a logo em seguida.

– Eu... O quê...

– Shh – ordenou ela. – Venha comigo.

Começou a arrastá-lo pelo corredor, sabendo que ele não conseguia enxergar nada. Mesmo os olhos dela, muito mais aguçados que os do padre, mal conseguiam discernir o piso

das paredes na luz difusa que entrava pelas aberturas no alto. Nos salões adjacentes, aquelas ranhuras seriam invisíveis, apenas sombras nas sancas perto do teto. A porta que ela trancara também era imperceptível do lado de fora. O Vaticano era cheio de passagens secretas e a biblioteca não era exceção. A maior parte tinha sido construída para permitir que os funcionários se locomovessem sem ser vistos. Algumas haviam sido criadas para facilitar outras transferências e fugas. Ao longo de vários anos, no decorrer de inúmeros projetos de pesquisa legítimos em diversas bibliotecas, museus e centros de estudo no mundo todo – suas credenciais acadêmicas eram impecáveis –, Livia já passara algum tempo vagando por onde não deveria. Essas explorações a levaram a inúmeras portas e passagens e ocasionalmente a alguns interessantes locais de estudo. Algumas portas secretas, como aquela, nunca ficavam trancadas e forneciam acesso fácil a quem encontrasse o ferrolho escondido. Outras exigiam mais sutileza. Para ajudar em seus projetos de pesquisa particulares, Livia adquirira um jogo de ferramentas de chaveiro e aprendera a usá-las, mas estava contente por não ter precisado delas agora.

Mas era certo que o atendente também não perderia tempo. Mesmo se não conhecesse aquela passagem, acabaria descobrindo-a. Seus aguçados sentidos noantri o levariam até ela pelo olfato, se todo o resto falhasse. Mas ela e o padre tinham uma boa vantagem inicial. A esperança de Livia era que, quando o homem descobrisse o ferrolho escondido, os dois já estivessem do outro lado da passagem.

Isso se o padre Kelly se convencesse a continuar em frente. A princípio em silêncio, perplexo pela súbita aparição de Livia e por estar sendo arrastado, parecia que agora começava a se recuperar. Resistindo e se contorcendo, tentava se libertar, ou pelo menos impedir que prosseguissem. Diante da força dela, não conseguia fazer uma coisa nem outra, o que aumentava ainda mais seu pânico e confusão. Afinal, conseguiu se firmar nos calcanhares e gritou:

– Não! Espere! O que está acontecendo?

Livia parou e se virou.

– Eu vou explicar – falou. – Mas não aqui. Fique quieto. Nós precisamos ir embora daqui. Eu estou com o manuscrito de Damiani – acrescentou.

– Eu sei que está! Você o roubou! Nós precisamos devolver.

– Agora não há tempo. Vamos.

Começou a andar outra vez, puxando-o junto com ela.

– Não precisa me arrastar! Eu vou sozinho!

O padre Kelly soou tão surpreso, tão ofendido com a inesperada força dela, que Livia quase riu. Em geral, como a maioria dos noantri, ela escondia suas habilidades – a força, a agilidade – dos inalterados, para não provocar exatamente aquela reação. Largou o braço dele.

– Você não precisa vir comigo. Pode ficar. É só voltar pelo corredor. Ou gritar para que alguém acabe encontrando-o. Mas eu vou levar o manuscrito, e se você não vier junto não

vai saber por quê.

– Você não pode fazer isso! É... – Ele fez uma pausa. Quando voltou a falar, a voz estava mais calma: – Você veio aqui atrás desse manuscrito, mas não está estudando Damiani, como eu. Quem é você?

– Sou uma historiadora da arte, como falei, e estou, sim, estudando Damiani, exatamente como você. Eu não sabia da existência deste caderno, mas estou contente por você tê-lo encontrado. De qualquer forma, não vim atrás dele. Vim por sua causa.

Uma pausa.

– O quê?

– Preciso da sua ajuda. E também posso ajudá-lo. Nós dois estamos atrás da mesma coisa.

O padre Kelly não disse nada. Apenas arregalou os olhos. Ela sustentou seu olhar, embora no escuro ele provavelmente não a visse.

– Eu estou procurando a mesma coisa que você – continuou – e nós precisamos achá-la com mais urgência do que pode imaginar.

– Nós? Você está...

– Espere! – Ela encostou um dedo nos lábios dele, o que o fez se assustar. Livia ficou ouvindo por um instante, depois falou: – Ele encontrou a porta. Vai localizar o ferrolho a qualquer momento. Decida se vem ou se vai ficar.

O padre não se mexeu.

– Padre Kelly, se quiser encontrar a Concordata, vai ter que vir comigo.

Livia percebeu quando ele inspirou.

– O que você sabe sobre a Concordata? – quis saber o padre.

– Mais do que você. Você foi mandado para encontrá-la com a explicação de que é algo perigoso, mas não sabe nada sobre o conteúdo, sabe? Pois eu sei.

– Só sei que é um segredo que a Igreja guarda com muito cuidado.

– Está duvidando de mim. Você tem esse direito. Mas estou dizendo a verdade.

– Por que está atrás desse documento?

– Agora não posso explicar. Vamos logo.

Em vez de agarrar o braço dele de novo, ela pegou sua mão com delicadeza. O padre se assustou mais uma vez, mas ainda que não tenha enlaçado os dedos nos dela, também não recolheu a mão. Livia esperou um pouco, depois deu um puxão de leve. Dessa vez, Thomas cedeu e deu um passo na direção dela.

Os dois seguiram pela passagem dos funcionários, Livia atenta ao progresso do atendente. Ouviu um pequeno estalido – ele havia encontrado o ferrolho. Aumentou a velocidade, firme, enquanto o padre tropeçava atrás dela. Por duas vezes teve de ampará-lo para evitar que ele caísse, perdendo preciosos segundos em cada ocasião. Sem ele, Livia já estaria fora do alcance do atendente, mas agora estava por um triz. O ritmo e o som cada vez mais alto dos passos do homem atrás deles a informaram que ele estava encurtando a

distância e já se encontrava bem próximo quando ela e o padre saíram por outra porta oculta numa pequena antessala. Kelly piscou várias vezes diante da súbita erupção de luz. Livia colocou os óculos escuros e o chapéu.

– Aja normalmente – instruiu, enquanto passavam por uma arcada baixa que dava para uma das galerias do Museu do Vaticano.

Com Thomas Kelly ora atrás dela, ora a seu lado, Livia passou pela multidão de turistas em movimento, fazendo comentários rápidos porém acurados sobre os quadros, as esculturas e os artefatos por que passavam. Era uma guia turística particular conduzindo um padre visitante pelos tesouros do museu. Seguiam apressadamente, mas ainda assim atentos às obras por que passavam. Ninguém pareceu notar os dois, nem mesmo os seguranças que passeavam casualmente, protegendo as salas sem alarmar os turistas. Um dos guardas era um noantri, um homem que Livia reconheceu. Trocaram um aceno imperceptível. Será que poderia contar com ele para deter o atendente se chegasse a esse ponto? Não sabia ao certo; era melhor não arriscar.

O atendente, claro, já tinha saído da passagem e continuava perseguindo-os. Encontrava-se dois salões atrás deles; Livia ouvia seus passos com facilidade. Era improvável que o homem tentasse um confronto no meio da multidão. Continuaría seguindo-os, esperando uma oportunidade de interceptá-los. Ouviu-o acelerando quando ela e Thomas manobravam em meio aos visitantes do museu e começavam a descer a escada de bronze em espiral. Quando chegaram lá embaixo, o atendente estava descendo o primeiro degrau. A mesma multidão vagarosa que os atrasara também atrapalharia o homem, mas ainda assim ele estaria poucos segundos atrás deles quando os dois saíssem na *piazza* iluminada e cheia de gente.

Como Livia temia, os alarmes começaram a soar quando o caderno em sua bolsa cruzou os limites do Vaticano. O presente de despedida do cardeal Fariña, um novo sistema de segurança. Ela sabia desde o início que seria um risco. Andando depressa ao seu lado, Thomas empalideceu.

– Cinquenta pessoas saíram junto conosco – disse ela em voz baixa, mantendo um sorriso tranquilo, sem olhar para ele nem acelerar o passo. – Quarenta e cinco delas parecem mais suspeitas que uma guia de meia-idade acompanhando um padre. Fique ao meu lado.

Ignorando o alarme e os seguranças que agora corriam pela multidão, pegou-o pelo braço outra vez e o conduziu na direção dos carrinhos que vendiam doces e sorvetes.

Turistas e suas câmeras enchiam a *piazza*, enxameando ao redor dos guarda-chuvas coloridos de seus guias. Rodeavam os vendedores de água e quinquilharias como peixes famintos. Os ônibus despejavam-nos na calçada e, mais importante, esperavam em pacientes filas para recolhê-los depois.

– O que você está...

– Shhh. – Livia observou a multidão. Os taiwaneses de boné não teriam nenhuma utilidade e os americanos tinham acabado de chegar, porém, mais à frente, um grupo

heterogêneo de italianos, poloneses e gregos embarcava num ônibus azul-claro. – Vamos. – Quando os dois estavam perto do veículo ela diminuiu o passo, esperando o guia virar para o outro lado para dar uma informação a um turista qualquer com um guia de viagem na mão. – Agora! – exclamou, subindo os degraus e entrando no ônibus.

O motor já estava ligado. Continuou andando até a parte traseira, sorrindo para os outros passageiros como se estivessem juntos havia dias naquela maravilhosa viagem pela Itália. Encontrou um assento e já estava olhando pela janela quando Thomas desabou ao seu lado.

– Você está louca? – perguntou ele num sussurro.

Livia virou-se com um sorriso. Ele estava suando e agitado.

– Você é um turista – falou ela em voz baixa. – Comporte-se como tal.

– Me dê esse caderno – disse ele.

– Vou dar. Vou dar, e você poderá devolvê-lo à biblioteca. Mas antes disso nós precisamos dele.

– Precisamos para quê? Você *não pode* fazer uma coisa dessas. – Thomas gaguejava em voz baixa. – *Quem é você?*

– Uma historiadora, como você. Não podemos falar agora. Espere até chegarmos ao nosso destino.

– Não. Me dê logo esse caderno ou eu chamo a polícia.

– Você não vai chamar a polícia.

– Vou, sim!

O guia subiu a escada do ônibus. O motorista manteve a porta aberta para os últimos turistas que ainda molengavam para entrar.

– Você podia ter pedido ajuda a qualquer momento no museu e no entanto está aqui – observou Livia. – Está curioso. – No rosto dele, vestígios de uma expressão culpada eclipsavam sentimentos de raiva e confusão. – Padre, por favor, confie em mim. Nós estamos atrás da mesma coisa: a cópia perdida da Concordata. Este caderno pode ser vital para encontrá-la e assim que chegarmos a um lugar seguro eu vou dizer por quê.

– Seguro? Nós estávamos perfeitamente seguros até você roubar o manuscrito!

– Não. Era o atendente que estava tentando roubá-lo. Eu não permiti.

– O atendente? Quem é ele?

– Não sei.

Kelly franziu a testa.

– De qualquer maneira, é ridículo. Por que ele pegaria o caderno para mim para depois roubá-lo? Poderia tê-lo roubado a qualquer momento, se era isso que queria.

– Acho que foi o meu interesse que chamou atenção dele. Meu interesse combinado com o seu, quero dizer. Acho que ele estava na biblioteca pra vigiar você.

– Me vigiar? E você disse que veio por minha causa? Claro. Thomas Kelly, de Boston, é o centro desinformado de uma grande conspiração no Vaticano. É isso o que está dizendo?

– Quando você coloca dessa maneira...

– Bom, talvez seja isso mesmo. – O padre agitou as mãos. – Talvez o atendente estivesse atrás do mesmo que nós. Apenas outro membro do nosso feliz clã.

Era impossível não perceber o sarcasmo desesperado de Thomas, mas ela respondeu com seriedade:

– Não. Se as pessoas que me mandaram até aqui já tivessem um agente no Vaticano, teriam me informado. Temo que ele esteja trabalhando para o outro lado.

– Que *outro* lado?

Livia tocou no braço dele e acenou com a cabeça na direção do corredor, por onde o guia turístico vinha se aproximando, cumprimentando o grupo, respondendo a perguntas.

– Não diga nada. Você não fala italiano.

– Claro que eu...

Ela o silenciou com um olhar.

Quando o guia se aproximou, ergueu a sobrancelha com ar de interrogação. Antes que começasse a falar, Livia sorriu e disse em italiano:

– Oi! Você é o nosso novo guia? Onde está o Aldo?

– Aldo? Quem é Aldo?

– Nosso guia de hoje de manhã. E de ontem também. Ele é tão engraçado! A gente riu tanto com ele na Fontana de Trevi, não foi, Thomas? Mesmo sem falar italiano, Thomas entendia o Aldo! Todo mundo entendia, até aqueles escoceses mal-humorados! Ele tirou a tarde de folga ou algo do tipo?

– *Signora* – disse o guia, com delicadeza. – Eu estou com este grupo desde sábado. Não tem ninguém aqui chamado Aldo.

– Ah, mas... – Livia parou de repente. Olhou espantada para o guia e deu uma olhada ao redor. – Ah! – Bateu as mãos abertas, depois enterrou o rosto nelas. – Thomas! – disse em inglês, com um riso abafado. – Nós entramos no ônibus errado!

– *Signora*...

Livia baixou as mãos, mudou de novo para o italiano:

– Nosso ônibus também era azul! E estávamos tão atrasados que achei que todos estariam furiosos... Ah, que coisa mais chata! – Esticou o pescoço e olhou pela janela, depois deu uma risadinha de colegial apanhada numa estripulia. – Nosso ônibus já saiu! Estamos tão atrasados que o ônibus já saiu! – Fuçou na bolsa e pegou o celular. – Não se preocupe. – Espiou o nome do guia no crachá. – Sergio? Não se preocupe, Sergio. Vou mandar uma mensagem para o Aldo. Ainda bem que ele deu o número do celular pra gente! Imaginei que nunca iríamos precisar, mas está vendo só? Ele tinha razão! Pra onde vocês vão agora? – Seus polegares pairavam sobre o teclado do celular. – Este grupo... pra onde está indo?

Sergio piscou.

– Para o Coliseu, *signora*.

– E nós também! Que bom! Que maravilha! Vou mandar uma mensagem pro Aldo dizendo que não se preocupe, que vamos nos encontrar com o grupo lá. Muito obrigada, Sergio! Desculpe causar tanto transtorno! Ah, que coisa ridícula! – Riu mais uma vez e debruçou-se no telefone, digitando rapidamente. – Thomas, como nós somos idiotas! Por que você não disse nada? Você sabe que eu não tenho senso de direção! Que coisa mais engraçada!

Ainda estava rindo e digitando quando o guia aquiesceu, disse alguma coisa sobre não ser problema nenhum e voltou para a frente do ônibus.



As portas finalmente se fecharam e o motorista começou a tentar passar com o ônibus pela turba em volta do Vaticano, atento a uma brecha no tráfego.

– Veja – disse Lidia, sinalizando com a cabeça em direção à *piazza*.

Thomas se debruçou para ver. O atendente, no meio da confusão de turistas, olhava de um lado para outro, claramente perdido e visivelmente pálido. Naquele vaivém imprevisível, outra irrupção chamou atenção de Thomas: dois homens de uniforme azul e um terceiro de terno preto correndo na direção errada por uma entrada e abrindo caminho na multidão. Era a gendarmaria: a polícia do Vaticano. Thomas viu o atendente avistá-los também e se esgueirar para fora da visão. “Por quê?”, pensou ele. Os gendarmes teriam sido avisados pelo alarme, mas não sabiam do que estavam atrás. O atendente não apenas sabia o quê, mas também quem. Por que não contar aos oficiais sobre eles? Por que não ajudar a polícia?

Só se o que Livia falou fosse verdade: o atendente estava mesmo tentando roubar o caderno.

Thomas voltou a se recostar no assento quando o ônibus encontrou uma abertura e entrou no fluxo de veículos. O que ele estava fazendo? “Isso é orgulho, Thomas. O pecado do orgulho. Você devia ter ficado no corredor e gritado pedindo ajuda. Devia ter chamado um guarda na *piazza* assim que o alarme soou. Devia ter arrancado o caderno de Damiani das mãos daquela historiadora maluca.” Ainda que não soubesse bem como poderia ter feito isso, dada a espantosa força física da mulher. Claro que ele tinha pouca experiência com o corpo feminino, mas viu quando ela dominou o atendente e sentiu seu aperto ferrenho. Tocou no próprio braço – estava dolorido e sem dúvida ficando roxo debaixo da manga –, pensando que não estava enganado ao suspeitar que Livia Pietro era muito forte. Mesmo assim, o fato de que provavelmente perderia a luta com ela não era razão para não ter tentado. Mas Livia tinha razão: ele estava, como sempre, curioso. Orgulho: o direito de ter suas perguntas respondidas passando por cima de imperativos éticos, como “não roubarás”.

Virou a cabeça para olhar Livia. Ela continuava olhando pela janela.

– Bem – começou Thomas em voz baixa. – Gendarmes. É de se imaginar que alguém tenha cometido um crime. Um furto, talvez. Fico pensando se os criminosos estão preocupados.

Livia se recostou no banco, dando de ombros.

– Não há nada que eu possa fazer.

– Eu posso.

Ela ergueu uma sobrancelha ao olhar para ele. Não tinha tirado os óculos escuros, uma mancha sobre a pele clara. Thomas se viu desejando, de uma forma perturbadora, ver outra vez aqueles olhos cor do mar sob a lua. Aqueles olhos que tinham encontrado com tanta facilidade as passagens escuras no Vaticano onde ele se sentiu cego como um morcego. Afastou a imagem da cabeça quando Livia perguntou:

– Você pode o quê?

– Fazer com que parem de procurar – respondeu ele. – Mas você vai ter que me devolver o manuscrito.

Se Livia o devolvesse, ele ligaria para Lorenzo. O cardeal diria à gendarmaria que fora tudo um mal-entendido. A polícia não iria discutir com o bibliotecário. Desconfiaria de alguma coisa, mas abandonaria o caso. Depois disso, Livia ficaria em débito com Thomas, que insistiria para ela revelar do que se tratava a Concordata e como ela sabia a respeito. E por que queria colocar as mãos nela. E quem...

– Não.

Livia olhou direto para ele, segurando mais firme a bolsa no colo, como se o desafiasse.

Depois de um momento, Thomas se recostou outra vez e ficou olhando para o nada. Talvez devesse ligar para Lorenzo de qualquer forma. Animava-se ao pensar que àquela altura Lorenzo estaria se inteirando dos acontecimentos na sala de leitura e que isso faria Thomas parecer um herói: mulher maluca rouba manuscrito, atendente não consegue impedir, Thomas corre atrás dela. O fato de ele ter impedido o atendente de ir atrás de Livia poderia pôr as coisas sob outra ótica, mas mesmo se Lorenzo soubesse disso, continuaria acreditando na versão “Thomas, o Herói” até ser obrigado a acreditar em outra coisa. Momento que nunca chegaria, se Thomas ligasse para ele agora.

Mas ele não fez isso. Ficou refletindo sobre a relação entre curiosidade e orgulho, uma relação que não tinha percebido antes, enquanto o ônibus buzina em seu trajeto pela Lungotevere em direção à ponte.

O ônibus estava estacionando na Piazza del Colosseo quando Livia, mais uma vez olhando pela janela, ficou tensa.

– Gendarmes – disse em voz baixa.

Thomas olhou naquela direção e reconheceu os mesmos dois homens uniformizados que tinha visto no Vaticano, agora saindo de um minúsculo Alfa Romeo preto e branco. O de terno escuro já estava na *piazza*, ao lado de um Peugeot civil, observando a multidão. O veículo mais confortável, um privilégio da patente.

– Acho que eles não nos viram entrar neste ônibus – falou Livia.

De repente, Thomas compreendeu.

– Tenho certeza que não – falou, com um sorriso maroto que não conseguiu disfarçar.

– Então como...?

– O caderno – disse ele, indicando a bolsa dela. – O cardeal Fariña, antes de se aposentar, passou anos reformando a biblioteca e os arquivos, e a maior parte da reforma foi

relacionada à segurança. Aposto que o chip que disparou os alarmes também contém um GPS. Eles nos rastrearam. *Professora* Pietro, você vai ser presa.

Para surpresa dele, ela sorriu quando o ônibus freou com um gemido.

– Você acha mesmo? Olhe só.

Tirou o caderno da bolsa e virou-o de costas. O chip de segurança, um quadrado fino de cerca de 5 centímetros, estava preso à penúltima página, em branco. A qual, quando Livia a arrancou com um puxão, deixou de fazer parte do caderno.

– *O quê?* Não! Você não pode fazer isso!

Chocado, Thomas tentou pegar o livro, mas como sempre ela foi mais rápida. Enfiou-o no fundo da bolsa e guardou o chip no bolso da saia rodada. Thomas, desconcertado, pensou: “Ué, mas ainda está em você. Por que não o jogou fora?” Em seguida, ficou espantado ao ver que estava torcendo para aquele furto dar certo, mesmo que só em pensamento. Livia levantou-se quando a porta de trás se abriu. Thomas não conseguia acreditar que tinha acabado de ver aquela mulher vandalizar um documento da Biblioteca do Vaticano. Estava a ponto de ficar ali mesmo, deixar que ela saísse do ônibus e fosse presa pelos gendarmes. Por outro lado, aquilo poderia não acontecer. E, se não acontecesse, seria um momento ridículo para manter os próprios princípios e perder o manuscrito. Levantou-se do banco.

As portas se abriram e Livia desceu na calçada iluminada, fervilhando de turistas. A estrutura desmoronada do Coliseu assomava meio quarteirão à frente, mas Livia tomou a outra direção e atravessou a rua. Andou entre táxis, sedãs e carros Smart. Thomas seguiu logo atrás, já esperando ser abatido, murmurando uma ave-maria de forma automática, apesar de duvidar da eficácia de uma prece quando se está roubando algo do Vaticano. Pelo menos estava com seu colarinho de clérigo. Talvez as pessoas hesitassem em atirar em um padre. Finalmente, ele e Livia chegaram ao outro lado ilesos e Thomas só conseguiu alcançá-la na entrada da estação do metrô do Coliseu – e mesmo assim porque ela parou de repente.

O atendente estava de pé entre os dois e as roletas.

“Atendente na frente, gendarmes atrás, fim da estrada, *professora*.” Antes de Thomas concluir o pensamento, porém, Livia perguntou:

– Você tem um bilhete?

Demorou um tempo para entender que ela estava falando com ele, não com o atendente, e o que significava a pergunta.

– Um passe mensal – gaguejou.

– Então use-o. E espere por mim.

Ele viu os gendarmes, um dos uniformizados com um aparelho na mão, o outro tentando frenética e inutilmente parar o trânsito. Os dois desviavam-se dos automóveis em zigue-zague, como Thomas e Livia haviam feito, tentando atravessar as vias movimentadas. Um guincho de freios, um clangor de metal contra metal, o tilintar de vidros quebrados, depois uma sinfonia de xingamentos e buzinas. Thomas olhou para a rua e viu os policiais ainda se

aproximando, para-choques amassados, carros parados e motoristas furiosos. De um jeito ou de outro, decidiu ele, o lado de lá das roletas parecia o lugar mais seguro para estar durante a confusão prestes a irromper por ali. Usou seu passe e o atendente o ignorou, avançando um passo na direção de Livia, para bloquear seu caminho.

Thomas achou que ela fosse desviar, mas Livia não fez isso, preferindo atacar de frente. O atendente ficou tão surpreso quanto Thomas, talvez ainda mais, quando a mulher o agarrou. Os dois se engalfinharam, giraram e rolaram, fazendo com que turistas e locais corressem aos gritos. Os gendarmes chegaram à calçada da entrada e passaram em disparada pelas barraquinhas de suvenires. Num borrão, Thomas viu Livia se levantar. Ela pegou o chapéu e os óculos escuros do chão e gritou para ele:

– Vá!

Thomas ficou paralisado, até ver Livia saltar a roleta e descer correndo a escada rolante. Então ele partiu atrás dela, embora se perguntando por que se dar ao trabalho: os gendarmes iriam fazer o mesmo e chegariam a qualquer momento. Acabariam capturando-a na própria estação ou mandariam os *carabinieri* esperarem na próxima parada se ela conseguisse entrar no metrô. Independentemente do que acontecesse, Thomas queria estar bem distante. Decidiu, então, observar o desenlace de longe e depois contar tudo a Lorenzo.

A primeira coisa que viu quando chegou à plataforma foi o relógio de controle, anunciando que a próxima composição chegaria em menos de três minutos. A segunda foi Livia, já de chapéu e óculos escuros, esperando calmamente. Virou-se para trás em direção à escada para acompanhar o progresso dos gendarmes. Só que eles não apareceram. A única coisa que Thomas viu foi o fluxo constante dos elegantes moradores locais e dos turistas de mochila, indiferentes a uma leva de policiais no ataque.

Como se percebesse que Thomas a observava, Livia virou-se para ele e sorriu. Depois de um momento de incerteza, o padre foi até ela.

– Os gendarmes estão vindo, você sabe.

Ela não respondeu, só continuou sorrindo. Os policiais não apareceram. O metrô chegou e Livia entrou. Thomas, refletindo sobre o que acontecera com o homem que ele era havia 34 anos, seguiu-a para dentro do vagão enquanto as portas se fechavam.



Nenhum oficial de polícia – nem gendarmes nem *carabinieri* – invadiu o vagão do metrô na parada seguinte. Não havia ninguém esperando na plataforma quando eles saltaram na estação Pirâmide, tampouco à espreita perto na rua quando os dois saíram para tomar o ônibus.

Livia teria ficado surpresa se eles estivessem lá.

Durante o trajeto de metrô, quando o ruído nos trilhos poderia encobrir os sons de uma conversa, os dois não se falaram: o padre manteve um silêncio perplexo. Durante a curta viagem de ônibus até Trastevere, Thomas chegou a sussurrar uma ou duas perguntas, mas o coletivo estava lotado e Livia se recusou a responder. Quando saltaram, em frente ao gigantesco *palazzo* do Ministero dela Pubblica Istruzione, Livia finalmente relaxou. Como sempre naquelas ruas, se sentiu tranquila e à vontade. Ela nascera em Trastevere e, embora tivesse morado durante anos em outros lugares – uma necessidade da vida noantri –, seu lar ainda era ali.

Assim que começaram a andar, ela pressentiu que Thomas voltaria a interrogá-la. Mas as ruas ainda estavam muito movimentadas, por isso ela seguiu um pouco mais depressa que ele, continuando à frente até chegarem à rua de pedras da Piazza di San Cosimato. Dois *carabinieri* patrulhando ostensivamente o lugar fizeram o padre prender a respiração. Livia sorriu para eles e os dois retribuíram o gesto, um deles levando a mão ao quepe num cumprimento.

– *Buonasera, professoressa.*

Depois continuaram andando.

– Eles estão indo tomar um café – comentou Livia com Thomas. – É por isso que parecem tão determinados. Nada a ver com a gente. – Continuou andando depressa pelas ruas de paralelepípedos, o padre de cara amarrada, porém sempre junto dela. Quando passaram pela fonte na porta da Santa Maria de Trastevere, a multidão diminuiu e Livia desacelerou o passo.

– Por que viemos aqui? O que está acontecendo? – Quando ela não respondeu, ele soltou um grunhido. – Eles vão nos encontrar, você sabe. – Depois de um instante, se corrigiu: – Vão achar *você*. Ou talvez o atendente a localize primeiro. Ele parece ser persistente.

– Os gendarmes não chegaram a nos ver – lembrou ela. Eles viraram uma esquina perto de um antigo hospital. – E eles já encontraram o chip que procuravam.

Kelly parou.

– Encontraram?

Ela sorriu.

– Se você tivesse perguntado quando estávamos no metrô, em vez de ficar me fuzilando com os olhos, eu teria dito. – Enfiou o braço no dele e os dois continuaram a andar. – Eu coloquei no bolso do atendente quando tivemos aquele pequeno atrito. Por isso acho que ele também não vai mais nos causar problemas.

– Eu... foi por isso que você se engalfinhou com ele?

– Bem, não foi por ser fã do futebol do seu país.

O ombro dela ainda doía pela colisão com uma roleta. Assim como o tornozelo que o atendente tinha chutado. As dores não eram mais tão fortes, mas Livia nunca iria entender o que as pessoas viam nos esportes de contato – principalmente os inalterados, que demoravam bem mais tempo para se recuperar que os noantri.

Os dois tinham acabado de chegar à pequena *piazza* em frente à Santa Maria della Scala quando o padre rompeu mais um silêncio sombrio para perguntar:

– Aonde estamos indo?

O tom indicava que ele já estava no limite da paciência. Livia não podia culpá-lo, mas por sorte eles já tinham chegado.

– Visitar um amigo.

Do outro lado da praça, em frente à igreja, havia uma casa velha, menos impressionante por fora, ela sabia, do que por dentro. Livia subiu a escada até a porta e bateu com o anel de estanho na boca de um leão.

Depois de alguns instantes, a porta foi aberta pelo próprio Spencer George. Ele usava um suéter de caxemira marrom-escuro e uma calça cáqui, os pés metidos em chinelos de couro bege. Livia sempre gostava de ver Spencer, que parecia adorar o próprio bom gosto. Suas roupas escolhidas com esmero compensavam seu cabelo já rareando e seu rosto comprido perpetuamente à beira de uma carranca. Os dois eram velhos amigos, mas hoje ela não esperava uma recepção calorosa, e não estava enganada.

– Livia. Que prazer – disse ele num tom seco, em inglês, sua língua nativa.

Por cortesia – ele era mais velho –, ela também respondeu em inglês:

– Então você já sabe?

– Ah, acho que todo mundo já sabe.

Livia não ficou surpresa. As reuniões do conclave eram raras o suficiente para serem dignas de nota. Ninguém aparecia diante do conclave a não ser em convocações. Como Livia Pietro tinha sido vista entrando na Santa Maria dell’Orazione e Morte – pela segunda vez –, os canais de fofoca dos noantri fervilhavam de notícias.

– Devo admitir que achava que você viria – disse Spencer.

– E estava torcendo para eu não vir.

– Pelo contrário. Não sei quais são suas instruções, mas vou ficar feliz se puder ajudar. Embora ache que não vou poder.

– Por que não?

– Porque, seja o que for, se o conclave tivesse alguma esperança em mim, eles teriam me convocado também. Quem é o seu amigo?

O tom com que Spencer falou “amigo” indicava que não foi a primeira palavra que lhe veio à mente. Livia sorriu e respondeu:

– Este é o padre Thomas Kelly.

Spencer ficou esperando, mas ela não falou mais nada. Thomas virou-se para ela, prestes a dizer algo, mas Livia balançou a cabeça numa negativa. Depois de um demorado olhar de claro desagrado dirigido ao padre, Spencer deu de ombros e abriu caminho.

– Então muito bem. Entrem.

Conduziu os dois pelo vestíbulo e pela escada acima até seu escritório. Durante vários períodos, tanto antes de Livia conhecê-lo como depois, Spencer mantinha uma equipe completa de empregados. Em outras épocas, tivera mordomos ou valetes; com o passar do tempo, passara a ter só uma faxineira, que ia duas vezes por semana, e uma cozinheira. Alguns noantri eram indiferentes à comida ou bebida. Outros, embora apreciassem os prazeres do paladar, não se davam ao trabalho de manter a despensa cheia ou cozinhas bem equipadas. Livia pertencia a esse grupo. Gostava de uma boa refeição na companhia de amigos, tanto noantri como inalterados, mas em casa, com exceção do *gelato al pompelmo rosso* que comprava aos litros, sua despensa estava quase sempre vazia. Spencer, porém, era um gourmet antes de se tornar noantri. Os outros serviços mudavam com o passar do tempo e de acordo com a época, já que Spencer precisava ser discreto em relação à idade. Mas um cozinheiro era inegociável.

Ele chamou a cozinheira da vez enquanto Livia e Thomas se acomodavam em pesadas poltronas de couro.

– Aceita um café? – perguntou Spencer ao padre.

Livia sorriu internamente. Spencer não simpatizava com religiosos, mas nunca abria mão da educação.

Apesar da confusão e da impaciência de Thomas, Livia notou que ele não parava de olhar ao redor, observando os mapas e gravuras nas paredes, as antiguidades nas prateleiras e nas mesas envernizadas. “Nós, historiadores, somos todos iguais”, pensou ela. A casa de Spencer sempre fora atulhada demais para o gosto dela, mas combinava com o proprietário. Livia escolhia os objetos que a cercavam pela beleza. Spencer, no entanto, colecionava seus itens principalmente por seu interesse e significado; a beleza era uma preocupação secundária. Também era historiador, mas seu objeto de estudo eram os povos.

Quando a cozinheira apareceu, Spencer lhe pediu uma bandeja com café. Depois que a mulher se retirou, ele se ajeitou, alisando as pernas das calças.

– Então vocês vieram me pedir ajuda. O que posso fazer por vocês? – perguntou, olhando para Livia e em seguida, de maneira ostensiva, para Thomas.

– Não é uma ajuda qualquer – falou Livia. – Eu não me sentiria bem se não contasse a história toda: a gendarmaria está atrás de nós.

– A gendarmaria? – Spencer ergueu as sobrancelhas. – Não os *carabinieri*? Nossa, o que vocês fizeram?

– Roubamos um manuscrito da Biblioteca do Vaticano. Eu roubei – corrigiu ela, ao ouvir o som estrangulado emitido por Thomas.

– Bem, sorte sua. Imagino que tenha feito isso seguindo ordens, certo? Devo esperar que aqueles jovens cheios de suspensórios cheguem a qualquer momento, então? Posso ir pedindo mais café.

– Não, acho que nós cuidamos deles por enquanto.

– Ótimo. Mas, Livia, por favor, antes de continuarmos, você vai ter que me explicar o padre.

– Eu falo inglês, sabia? – interveio Thomas.

– Não, eu não sabia – respondeu Spencer com indiferença. – Então que tal se explicar por si mesmo?

– Se eu tivesse a mínima ideia, faria isso com prazer. Mas estou perdido. Não sei por que estou aqui e provavelmente deveria ir embora. – Virou-se para Livia. – Com o manuscrito.

– Manuscrito? – perguntou Spencer com delicadeza.

– O manuscrito que eu roubei. – Livia sentiu uma onda de compaixão por Thomas. – Pedi ao padre Kelly que viesse comigo. Ele ainda não sabe por quê.

Spencer ia questionar o “pedi”, mas antes de começar a falar a cozinheira entrou com uma bandeja.

– Ótimo – disse o dono da casa, sem deixar claro se estava se referindo à situação ou à chegada da bandeja.

Agradeceu à moça, dispensou-a e serviu o café de um bule de prata em finas xícaras de porcelana. Com uma pinça de prata, colocou dois biscoitinhos em cada pires. Thomas aceitou a xícara com um ar meio aturdido, pensou Livia.

– Então você pode explicar para nós dois, Livia, por que me trouxe um padre – falou Spencer.

Livia tomou um gole do excelente café, depois apoiou a xícara num canto da mesa.

– Eu fui convocada pelo conclave ontem.

– Acho que já mencionei: todo mundo sabe disso.

– E todo mundo sabe por que fui convocada?

– Claro que não.

– Parece que a cópia da Concordata do Vaticano desapareceu há cerca de um século – começou Livia. – Agora parece que foi encontrada. Não pelo Vaticano.

Antes que Spencer pudesse falar, Thomas se precipitou:

– Foi encontrada? Encontrada onde?

Apontando com a xícara na direção do padre, Spencer perguntou:

– Quanto da história ele sabe?

– O nome *dele* é Thomas Kelly! – exclamou Thomas, inclinando-se para a frente, com o rosto vermelho. – Ele é de Boston, foi chamado para cá há dois dias pelo cardeal Lorenzo Cossa para encontrar essa misteriosa Concordata, está prestes a ligar para o cardeal e dizer que o seu pessoal sabe onde está e que ele pode vir buscar pessoalmente.

Spencer olhou para ele, imperturbável.

– Se acha que invocar um cardeal nesta casa vai provocar medo e tremedeiras, você está desinformado, padre. O que estou perguntando é: você conhece o conteúdo dessa “misteriosa Concordata”?

Thomas sustentou o olhar de Spencer. A agressividade aparente em sua postura deixou claro para Livia que a vontade do padre era dizer a Spencer que sabia tudo o que precisava saber e mandá-lo passear. Porém, depois de um suspiro resignado, ele respondeu:

– Fui informado que é um acordo entre a Igreja e outro grupo. Não sei que grupo é esse nem qual é sua relação com a Igreja, mas o cardeal Cossa me garantiu que a Concordata é um documento sigiloso e perigosíssimo. Que o conhecimento público de sua simples existência, quanto mais dos detalhes, poderia prejudicar seriamente a Igreja. O que, com todo o respeito pelo cardeal, me parece uma conversa fiada alarmista.

– Não, padre. É verdade – atalhou Livia.

Thomas lançou um olhar sério a ela, depois deu de ombros.

– Se você está dizendo... Eu não tenho como julgar, e não estou dando muita importância a isso. Meu trabalho era encontrar a Concordata, e parece que consegui. – Ele se levantou. – Agora me devolva o caderno.

– Sente-se – disse Spencer.

Em todos aqueles anos, Livia nunca ouvira Spencer levantar a voz, mas também não conhecia ninguém que não obedecesse instantaneamente ao tom cortante que ele usara agora.

Para sua surpresa, Thomas continuou de pé, em silêncio, depois lançou um olhar calmo a Spencer e virou-se para ela outra vez.

– Me devolva o caderno.

– Padre – falou Livia –, por favor, escute o que tenho a dizer. A Concordata foi encontrada, mas eu... nós... não estamos com ela. Nenhum de nós sabe onde está, a não ser o homem que a encontrou.

– Ah – retrucou Spencer, ignorando qualquer coisa que o padre pudesse estar prestes a dizer a respeito. – E quem é esse homem? Suponho que exista uma razão para que o conclave não tenha pedido a quem a encontrou que a embrulhasse para presente e a mandasse pelo correio. E também alguma razão, Livia, para você ter sido escolhida.

O olhar de Spencer era ao mesmo tempo severo e solidário. As bochechas de Livia queimaram. Assentiu com a cabeça para confirmar a suposição dele.

– É o Jonah.

Pelo canto do olho, viu que Thomas a olhava com estranheza. Ele não voltou a se sentar, mas não falou nada.

– Ah – disse Spencer. – Ora, ora. Estou começando a entender. O seu juvenzinho não está nem um pouco inclinado a entregar a Concordata nas mãos do conclave, não é? Nem do Vaticano. Me deixe adivinhar. Ele está ameaçando torná-la pública.

– Está.

– Mas ainda não fez isso. Então está fazendo exigências em troca do seu silêncio. O que ele poderia estar pedindo?

– Não se trata disso. Ele só está dando ao conclave uma oportunidade de fazer isso formalmente. Diz que, se eles não divulgarem o conteúdo, ele vai divulgar.

– É mesmo? Ele é tão militante assim? Eu não fazia ideia.

– Foi uma das... razões da nossa separação. Tentei explicar que os iniciantes muitas vezes se sentem dessa forma, que com o tempo eles acabam entendendo.

– Mas parece que ele não entendeu. E o que o conclave espera de você? Com certeza eles são capazes de localizar um renegado e lidar com ele por conta própria.

Livia sentiu o coração dar um sobressalto ao ouvir a palavra “lidar”.

– É claro. Mas eles não querem apenas Jonah. Querem a Concordata. Para que isso não aconteça mais. Achem que eu posso encontrar Jonah e o documento, já que o conheço tão bem.

– E porque ele é responsabilidade sua – observou Spencer, em tom severo.

Spencer tinha a própria opinião sobre algumas das leis, mas a responsabilidade de um padrinho pelo discípulo era algo em que acreditava fortemente. Era, suspeitava Livia, a razão pela qual nunca se tornara padrinho de ninguém.

– Sim – reconheceu ela. Seu rosto enrubescceu quando olhou diretamente para Spencer. – É verdade.

– E eles estão certos? Você pode ligar pra ele e ter uma conversa agradável, durante a qual ele ficará feliz em revelar seu esconderijo? Ou pular essa parte e partir direto para a Concordata, porque você já sabe onde é o local?

Livia balançou a cabeça em uma negativa.

– Uma das razões é por acharem que não foi ele quem escondeu. Ele só diz que sabe onde está. O mais provável é que tenha de alguma forma encontrado o esconderijo. Por outro lado, já faz tanto tempo, Spencer... Acho que eu nem o conheço mais.

Spencer aquiesceu.

– Bem, devo admitir que sinto certa solidariedade.

Livia estava prestes a agradecer quando percebeu que ele não estava falando dela.

– Spencer, você concorda? Acha que a Concordata deve vir a público?

– Não – retrucou ele, com um suspiro. – É claro que não. Embora, num mundo perfeito, torná-la pública fosse trazer benefícios para todos os envolvidos. Mas num mundo perfeito nós nem teríamos precisado dela.

– Um dos benefícios de torná-la pública é que o restante de nós poderia saber sobre o que vocês estão falando – disparou Thomas.

Spencer virou-se para encarar o padre.

– Livia, por que ele está aqui? – perguntou de novo.

– O conclave me instruiu a... envolver o padre Kelly nessa busca. Porque ele está procurando a mesma coisa.

– Espere... eles orientaram? – perguntou Thomas. – Mas nós acabamos de nos conhecer. Porque você me viu com todos aqueles livros de poesia...

Livia notou pelo olhar do padre que ele começava a compreender.

– Sinto muito.

– Me deixem entender uma coisa. Você – falou Spencer, apontando para Thomas Kelly – foi chamado para cá recentemente, pelo novo bibliotecário, para encontrar a Concordata do Vaticano? O cardeal sabe o que o conclave sabe? Que Jonah Richter a encontrou?

– Tenho certeza que não – respondeu Thomas, com firmeza –, senão não teria me pedido para procurar nos Arquivos, não é?

– Tirando o seu tom de voz, acho que você está certo. Nesse caso, eu tenho duas perguntas. Uma: é uma estranha coincidência, não acha, que sua busca tenha começado justamente quando a Concordata reapareceu? A segunda, mais direta ao ponto: que utilidade você poderia ter para Livia? Livia, por que não me deixa acompanhar o padre até a porta? Sem o manuscrito roubado, é claro, se você acha que precisa dele para concluir sua tarefa.

– Por uma razão – retrucou Livia. – Foi ele quem encontrou o manuscrito.

– Outra é que ele não vai sair daqui sem o manuscrito – disparou Thomas. – Vou chamar os gendarmes, se for necessário.

Spencer revirou os olhos.

– Spencer? – disse Livia, com delicadeza. – Tem outra coisa. O caderno é de Mario Damiani.

O homem ficou lívido.

– Sinto muito – continuou Livia. – Me disseram no Conclave que foi ele quem roubou a Concordata. Quando a Biblioteca do Vaticano foi saqueada.

Depois de uma longa pausa, seu velho amigo balançou lentamente a cabeça.

– Ora, ora. Mario. Sempre houve rumores de que ele tinha feito algo grave e bem ruim, e que teve de ser punido por isso. Eu sabia que ele tinha morrido. Tinha certeza que não estava escondido. Não teria desaparecido por tanto tempo sem se comunicar comigo. Mario. Eu esperei, sabe? No norte. Realmente achei que ele apareceria. – A voz de Spencer foi

sumindo. Livia lançou ao padre um olhar para mantê-lo em silêncio. Finalmente, Spencer se levantou. – O conclave – falou. – Faz tempo que eles sabem disso?

– Que Damiani roubou a Concordata? Pelo jeito, desde que aconteceu. Na época, quando o documento não apareceu e as buscas não deram em nada, o conclave acreditou que tivesse sido destruído. Ou ao menos que estivesse tão bem escondido que não pudesse ser localizado.

– Eles lhe contaram como Mario... O que aconteceu com ele?

– Não.

Spencer assentiu e terminou seu café, olhando para o nada. Um minúsculo sorriso repuxou os cantos de sua boca.

– Isso explica, então, por que você foi chamada, e não eu.

Thomas começou a falar, sua curiosidade acadêmica subitamente superando a raiva e a indignação:

– Então eu estava certo. Era à Concordata que a carta de Damiani se referia.

Livia olhou para ele.

– Que carta?

De repente, Thomas voltou a se sentar.

– Vocês têm os seus segredos e eu tenho os meus. Do que nós estamos falando?

Como que de um lugar distante, Spencer perguntou:

– Livia? Posso ver esse manuscrito?

Ela tirou o caderno da bolsa. Estava preparada para se defender do padre, mas, embora ele não tenha tirado os olhos do manuscrito enquanto ela o pegava, também não fez menção de agarrá-lo. Ao entregá-lo a Spencer, ela falou:

– Acho que isto pode nos levar até a Concordata.

– Como? – perguntou Spencer, distraído.

Começou a virar as páginas vagarosamente.

– É um caderno de poemas elegíacos a igrejas, praças, fontes... diversos lugares em Trastevere.

– Ele estava trabalhando nisso, sim. É esse, então? – Spencer sorriu. – Ah, isso mesmo. Todos os poemas são *cinquini*... ele inventou essa forma, como você deve saber. Rimas A-B-A-B-A. Ele tinha que ser diferente.

– Estão faltando sete páginas – disse Livia. – Uma delas pode ser um poema sobre o lugar onde a Concordata foi escondida. – Ela ficou observando Spencer enquanto ele lia um poema de caligrafia esmaecida. – Você está bem? – perguntou por fim.

– Há algo neste caderno... Não sei o quê, mas é estranhamente familiar.

– Você deve ter visto muitos outros manuscritos de Damiani.

– Não, é mais do que isso. – Spencer sentiu o papel esfregando-o entre dois dedos. – Mas voltando ao que você disse: se um dos poemas que faltam identifica a localização da Concordata, e os outros? Por que estão faltando sete?

– Terão sido arrancados para despistar?

– Para despistar quem? – Spencer fez uma expressão cética. – E qual é o seu plano? Descobrir os locais que faltam e procurar o documento em cada um?

– Não consigo pensar em nada melhor que isso – admitiu Livia.

– Não sei muito bem nem como você poderia estabelecer esse mapeamento – comentou Spencer. – E o padre?

– Ele é um historiador da Igreja. Se algum desses lugares que faltam, ou todos eles, for uma igreja, ele poderia...

– Chega! – explodiu Thomas. – O padre está cansado de ser referido na terceira pessoa e cansado de se sentir como... como se estivesse numa peça sem um roteiro! Quem é o conclave? O que é a Concordata? O que Mario Damiani representa para vocês? Quem são vocês?

Livia e Spencer se entreolharam.

– Chega – repetiu Thomas. – Se não me contarem, eu vou embora. Vou chamar os gendarmes e o cardeal assim que sair por aquela porta. Os gendarmes virão por causa do caderno e o cardeal vai me explicar o que está acontecendo.

Levantou-se mais uma vez. Livia também se colocou de pé, apesar de não saber bem o que fazer. Impedir que ele fosse embora, com certeza. Se o conclave o queria envolvido, o conclave o teria. Mas como? Poderia obrigá-lo a ficar, mas não conseguiria forçá-lo a cooperar. Ele já sabia que aquela busca era de grande importância para a Igreja, mas estava pronto para partir, por isso esse argumento não iria convencê-lo. E, apesar de o prejuízo à Igreja dele ser certo e irreparável se a Concordata fosse revelada, Livia não tinha os mesmos interesses e ele não acreditaria se ela afirmasse que tinha.

Era a comunidade dela que a preocupava.

Era Jonah.

Ainda tinha esperança de salvar Jonah de sua sentença. Se não encontrasse o documento, porém, a morte dele seria certa.

E se Jonah encontrasse um jeito de levar sua ameaça adiante antes de o conclave destruí-lo, a consequência inevitável, impensável, seria a devastação do seu povo. A eliminação de seis séculos de liberdade do terror e dos perigos que os assolaram incontáveis anos antes.

O padre continuava perto da porta, frustrado, furioso e pronto para sair. “Ele nunca vai entender o que está em jogo se não souber a verdade”, Livia afinal admitiu para si mesma. Olhou para Spencer em busca de ajuda, mas ele continuava com o manuscrito, perdido em suas páginas, como se ela e Thomas não estivessem ali.

– Padre – disse Livia, pousando uma das mãos no braço dele. – Por favor, sente-se.



Thomas desceu correndo a escada da frente da casa. Abriu a porta com tanta ferocidade que o anel bateu na boca do leão. Virou cegamente à direita, dobrou a esquina e continuou correndo, só parando quando, um quarteirão à frente, percebeu que se encontrava meio escondido perto das mesas e dos guarda-sóis na calçada de uma cafeteria. Seu coração ainda batia forte. Respirou fundo e olhou para trás, entre clientes bebericando seus *espressos*, lendo o jornal e falando ao celular.

Ninguém. Ele não estava sendo seguido.

Na verdade, não tinha sido seguido nem pelas escadas, percebeu, repassando a cena na cabeça. Seus próprios passos foram os únicos que ouviu. Depois das palavras insanas de Livia e da chocante demonstração de Spencer, ela nem se levantou quando ele saiu correndo. Nem seu amigo maluco. Não iriam atrás dele. Estava a salvo.

Mas a salvo de quê? O que tinha acabado de acontecer? O que significava tudo aquilo? Quem era aquela gente e por que tinham tido tanto trabalho para assustá-lo? Porque sem dúvida era disso que se tratava. Aqueles lunáticos estavam brincando com a mente dele. Para distraí-lo, só podia ser. Sim, é claro. Para neutralizá-lo. Para impedir que achasse a Concordata antes deles. Por quê? Por que eles queriam aquele documento? O que era aquele pedaço de papel que levava as pessoas a fazer tantas coisas extremas para colocar as mãos nele? Porque sem dúvida não era o documento que haviam descrito para ele.

Agora seus batimentos estavam quase voltando ao normal. Tirou o celular do bolso. Antes de telefonar, viu que havia sete chamadas do cardeal no registro. Pressionou o botão para ligar e ficou olhando por baixo dos guarda-sóis em direção à Casa dos Malucos.

Lorenzo atendeu de imediato.

– Thomas! Onde você está? O que está acontecendo? Por que não atendeu às minhas ligações?

– Eu não vi. Estava com o telefone desligado. Na biblioteca, pra não incomodar as pessoas, e depois eu...

– Bem, parece que você perturbou um monte de gente. Mas o que aconteceu, afinal? O relatório fala de uma luta, um manuscrito roubado...? Que ainda não foi recuperado, apesar de o ladrão estar sob custódia. Onde você está? O que aconteceu? Que manuscrito é esse? Está com você?

– Em Trastevere. Não. É meio difícil explicar. Esse aí não é o ladrão. O atendente. Ela disse que ele estava tentando roubar, mas na verdade ele estava tentando impedir o roubo.

Foi ela quem roubou. Um caderno de anotações de Mario Damiani. Ela ainda está com o manuscrito, mas eu sei onde está. Eu... – “Você o quê, Thomas? Você fugiu? Porque dois malucos contaram uma história louca?”, imaginou o cardeal dizendo. Ali fora, sob o sol matinal, naquela tranquila rua de paralelepípedos, Thomas se sentiu incapaz de admitir algo tão ridículo. – Está na casa de um historiador que mora em Trastevere. Em frente à Santa Maria della Scala. Nós levamos o manuscrito para ele e os dois estão lá agora. Pode mandar os gendarmes. Os policiais acham que pegaram o ladrão porque ela escondeu o chip no bolso do atendente. Mas avise para que venham armados, porque aquela gente é louca.

– Thomas?

– Eu devia ter tirado o manuscrito dela, mas ela ficou falando um monte de coisas malucas. Quem eles são, o que é a Concordata. Coisas totalmente malucas. E depois... depois do que ele fez... Mesmo assim eu não devia ter ido embora. Talvez seja melhor eu voltar. Isso. Vou voltar lá. Eu...

– Thomas.

– Não tem como...

– Thomas.

– Eu tinha que...

– *Padre Kelly!*

A última vez que Thomas ouvira seu nome naquele tom de voz tinha sido durante sua segunda semana na faculdade. Um colega seu, em uma aula sobre o pensamento agostiniano, comentou que alimentar os pobres e jejuar eram dois lados da mesma moeda, o que fez Thomas imaginar o que eram realmente as obrigações dos pobres nos dias de jejum. Aparentemente tinha se aprofundado tanto no pensamento que perdeu a discussão seguinte e Lorenzo Cossa, ainda não cardeal, mas já uma lenda, não gostou nada.

– Padre Kelly! Controle-se!

Thomas engoliu em seco.

– Desculpe, padre. Eu estava longe, não é? Desculpe.

– Thomas – disse o cardeal, agora. – As pessoas que estão com o manuscrito... elas saíram da casa?

– Não, acho que não. Vou voltar lá e recuperar o documento.

– Não vai, não. Eu vou mandar a polícia.

– Por causa do manuscrito?

– Fique aí até a polícia chegar para garantir que eles não saiam. Se saírem, não os enfrente. Vá atrás deles e me ligue. Se não saírem, volte para cá assim que os *carabinieri* chegarem.

– Os *carabinieri*? Não a gendarmaria?

– Você sabe onde é o ponto de táxi mais próximo?

– Eu...

– Se estiver perto da Santa Maria della Scala, tem um na Piazza Trilussa. Quando a polícia chegar, pegue um táxi e venha para cá. Vou ficar esperando.

O cardeal desligou.



Lorenzo Cossa estava sentado, imóvel, atrás de sua ornamentada escrivaninha. Já havia deixado instruções para que o padre Ateba conduzisse o padre Kelly até ali assim que ele chegasse e ligara para os gendarmes falando que libertassem o infeliz atendente. Antes, tinha telefonado para seu sobrinho, Raffaele Orsini. O jovem membro dos *carabinieri* estava de serviço, mas disponível para prestar um favor ao tio. Isso significava que o parceiro de Raffaele, Giulio Aventino, não deveria estar por perto

Mesmo considerando o trânsito de Roma, Thomas deveria chegar em quinze minutos.
E depois?

Lorenzo suspirou. Será que havia alguma dúvida? Thomas estava mesmo delirando, e Thomas Kelly não delirava. Alguma coisa ruim o tinha abalado, assustado muito – algo que ele não entendia. A mulher da biblioteca que havia roubado o manuscrito, o historiador que morava em Trastevere: os dois apavoravam o padre. Ele disse que ambos eram loucos, mas Lorenzo percebeu a leve insinuação de dúvida na voz de Thomas.

Só havia uma possibilidade.

Eles disseram a verdade.



Luigi Esposito, vice-assistente dos gendarmes, deu um murro na mesa e cerrou os dentes. Se estivessem em Nápoles, seu local de origem, estaria xingando em alto e bom som, mas desde que chegara a Roma para trabalhar na gendarmaria, anos atrás, ele aprendera a conter a língua. Bem, não, não era isso. Aprendera a manter a boca fechada em ocasiões exasperantes como aquela para não correr o perigo de inundar os oficiais de segurança da Santa Sé com as palavras que a situação exigia.

Já era ruim ter disparado pelas ruas entupidas de carros de Roma na companhia de dois patetas provincianos cuja única ambição era encontrar bolsas perdidas por turistas e depois sair de cena com a aposentadoria ridícula dos gendarmes. Ainda que ao menos a perseguição, ao contrário da maior parte do trabalho que Luigi fazia ali, tivesse sido animada. E eles até conseguiram agarrar sua presa, um atendente branquelo e chorão que roubara um livro da Biblioteca do Vaticano.

Os idiotas uniformizados que Luigi arregimentara riram muito da estupidez do atendente, aquele idiota argentino que trabalhava na biblioteca e não sabia do chip com GPS dos livros. E quando o alarme disparou, arrancar a página, esconder o manuscrito em algum lugar e esquecer que continuava com o chip! Ah, que *imbecil*!

Cerrando os dentes, Luigi tinha pensado: “Não. *Vocês* são os imbecis. Ninguém é tão burro assim, com a possível exceção de vocês dois.” Era claro que a manutenção do chip era uma estratégia para despistar a polícia. O atendente tinha passado o livro roubado para um cúmplice – provavelmente a mulher de cabelo preto com quem fingira lutar –, ficando com o chip para que se concentrassem nele enquanto ela fugia. Isso fazia Luigi considerar uma rede de furtos organizada. Talvez especializada em manuscritos antigos ou talvez simplesmente em furtos do Vaticano. Por que não? A riqueza existente ali era inimaginável. Além do mais, até onde Luigi sabia, as posses do Vaticano eram uma espécie de iceberg. Os 10% visíveis já eram impressionantes, mas o restante estava escondido em águas turvas. Se você conseguisse transportar um daqueles itens para fora das muralhas, havia uma boa chance de que ninguém sentisse a falta dele. O que não significava que fosse fácil fazer isso, mas era possível e talvez, para um certo tipo de ladrão, algo irresistível e tentador.

Luigi era um policial, não um criminoso. Nas agruras de sua infância nas ruas de Nápoles, ele tinha um pezinho no mundo do crime. Quantos de seus amigos não haviam furtado uma TV, saído correndo com a bolsa de alguém, feito tarefas para alguns bandidos locais? Mas não era para ele. Viu seu amigo Nino ser mandado para o reformatório, que

todo mundo sabia que era uma espécie de inferno; e depois o primo Angelo, aos 15 anos foi avisado uma noite para sair imediatamente de Nápoles e nunca mais voltar. Angelo deu um beijo em sua chorosa mãe e não teve tempo nem de fazer uma mala. Luigi viu desde cedo que havia vantagens no mundo do crime, mas não um futuro verdadeiro.

Ao contrário da polícia, onde havia um futuro, além de outras vantagens. Você podia ser durão e respeitado. Luigi, então, conseguiu entrar para a força local, mas esbarrou em uma dificuldade. Seu passado como delinquente e garoto de recados não foi um impedimento, afinal era Nápoles: se a polícia só aceitasse recrutas imaculados não haveria nem dez policiais na cidade. Além disso, Luigi era mais inteligente e mais empreendedor e confiável que a maioria dos rapazes, capaz de pensar por conta própria. A questão foi que todos os bandidos de Nápoles procuraram os serviços dele e, quando Luigi virou as costas a todos e declarou sua lealdade à polícia, houve ressentimentos. Toda investigação criminal depende do cultivo de fontes e da troca de favores, mas nenhum criminoso de Nápoles falava com ele. Não adiantou tentar negociar: a informação de que se bandeara para o lado do inimigo já tinha corrido e todas as portas foram fechadas.

Luigi sabia reconhecer um obstáculo quando estava diante de um. Começou a se desesperar com a perspectiva de um futuro patrulhando ruelas sujas e supervisionando o trânsito em ruas cheias de fumaça.

Um dia, enquanto respondia a um furto na Via Santa Chiara, no coração de seu antigo bairro, veio a inspiração. A bolsa da turista já era – quando elas iam aprender a não segurar a bolsa de forma tão descuidada, na ponta dos dedos? –, mas ele preencheu o boletim de ocorrência e entrou na igreja deserta. O velho padre Carmelo ficou muito contente em ver Luigi Esposito e saber que se dera tão bem. Em outras palavras, ficara satisfeito por Luigi ter concluído o ensino médio e não estar na cadeia. O agora policial desabafou seu problema com o padre, que conversou com um colega de seminário cujo primo era bispo, e assim Luigi foi mandado para Roma.

Era uma grande honra servir na gendarmaria, segundo lhe foi dito. Talvez fosse verdade, mas Luigi logo descobriu que era uma honra reservada a homens como ele próprio: gente que conhecia gente importante. Talento para o trabalho, que por acaso Luigi tinha, era secundário. De certa forma, isso era uma coisa boa. Rodeado por pedaços opacos de carvão, um diamante fica ainda mais brilhante. Luigi, que não tinha certeza de ser um diamante, mas sabia que não era tão opaco quanto os colegas, chegou ao cargo de vice-assistente num tempo impressionantemente curto. Vice-assistente era um título de detetive; o problema era que a gendarmaria não tinha nada para investigar. Os batedores de carteira da praça São Pedro tinham que ser contidos, e o ocasional doido de pedra que insistia em falar com o papa – ou insistia que *era* o papa – precisara ser discretamente retirado do local. No entanto, qualquer coisa mais succulenta, qualquer atividade criminosa em que um investigador pudesse cravar os dentes, esbarrava no fato de que, na visão da Santa Sé, o silêncio valia ouro. *Tirar de cena* era a primeira diretiva de um gendarme. Encontrar quem tivesse feito o

que fosse, depois explicar de um jeito calmo e suave que tinha sido compilado um dossiê sobre a pessoa e que o melhor era que ela fosse embora em silêncio. Todos sempre obedeciam e as investigações dos poucos crimes de verdade que Luigi tinha encontrado terminaram como dossiês compilados em sua mesa. Era o suficiente para transformar qualquer policial num cínico.

Ou despertar o desejo de uma nova mudança. Luigi começou a sonhar em se juntar aos *carabinieri*. Para um garoto de Nápoles lotado na gendarmaria, era um sonho quase impossível de ser alcançado, em razão tanto da clara preferência dos *carabinieri* pelos romanos quanto do fato de Luigi não ter participado de grandes feitos em seus seis anos com os gendarmes.

Até agora. Talvez sua sorte pudesse mudar. Luigi podia ver que aquele argentino, Jorge Ocampo, não era um idiota nem tinha agido sozinho. Ao ser capturado, ele não estava com o livro, mas estava sob a custódia de Luigi, que o levou à delegacia e começou a interrogá-lo. Era só uma questão de tempo até o malandro abrir o bico e revelar quem eram seus cúmplices. Como detetive responsável pelo caso – aliás, como detetive responsável por prender pessoalmente o atendente depois de uma luta encenada com a mulher (ainda que o garoto magricela fosse muito mais forte do que parecia e tivessem sido necessários três gendarmes para dominá-lo) –, Luigi estava numa ótima posição para ser promovido a membro dos *carabinieri* antes do pôr do sol.

Estava, pensou, bem perto – alguns minutos, talvez meia hora – de pulverizar o papel de vítima do garoto e fazer com que soltasse a língua, quando seu superintendente o interrompeu. Alguém telefonara a mando do cardeal Lorenzo Cossa: era tudo um engano. Nada fora roubado. Não havia nada de errado. O que tinha acontecido fora uma falha no sistema de alarme, um chip que caíra de um livro. Muito barulho por nada. Podiam soltar o garoto.

Expressar seu desapontamento e sua indignação para seu superior não levou Luigi a lugar nenhum – não conseguiu nem um tapinha de solidariedade nas costas.

– Nós trabalhamos para eles, Esposito. – Foi a fria resposta de seu chefe. – A maioria de nós está feliz com a oportunidade de servir.

Foi assim que o argentino, pálido e confuso, porém sem fazer maiores perguntas, escapou, deixando Luigi Esposito esmurrando a mesa enquanto tentava conter os xingamentos que ameaçavam sair de sua boca. Um cardeal! O uniforme azul dos *carabinieri* tinha acabado de ser arrancado de suas mãos por um cardeal que sem dúvida se sentira constrangido pela desastrosa perseguição no meio do trânsito e a confusão no metrô. Isso sem falar no envolvimento óbvio da equipe da Biblioteca do Vaticano. Como todos eles, Lorenzo Cossa só estava interessado no “tirar de cena” e provavelmente considerava um livro desaparecido um preço baixo a se pagar para manter a dignidade e o decoro da Santa Sé.

Luigi saiu para um pequeno intervalo. Estava tentando parar de fumar, mas a situação exigia um cigarro. Acendeu um, deu uma tragada profunda e olhou ao redor, observando a

perfeição bem cuidada, disciplinada e entediante daquele lugar.

Talvez tivesse sido a mudança de perspectiva, ou o efeito da nicotina em seu cérebro, mas Luigi teve uma ideia enquanto apagava o cigarro. Lorenzo Cossa queria *tirar de cena* o problema do Vaticano. Mas, se Luigi estivesse certo, aquele não tinha sido um crime restrito ao Vaticano, por assim dizer. Fora praticado por uma quadrilha em uma ação organizada, visando ao Vaticano, mas talvez, também, a outros lugares. Locais seculares. Provavelmente o grupo tinha um membro dentro da Biblioteca do Vaticano e outros fora de lá. Se Luigi fosse capaz de desvendar o esquema, conseguiria indicar a direção certa para as autoridades seculares, o que poderia ser sua porta de entrada para os *carabinieri*.



Jorge Ocampo estava imóvel no meio da multidão de turistas na praça São Pedro. Os gendarmes o haviam escoltado para fora da delegacia depois que o agressivo detetive napolitano decidira de repente que ele seria solto. Jorge ficou satisfeito por seus apelos como inocente finalmente terem sido ouvidos.

Porém, sua satisfação não durou muito.

Anna estava zangada. Muito zangada.

Jorge se retraiu ao ouvir a voz que saía do receptor na sua orelha.

– Deixe isso para lá, Jorge. Vá pra casa. Vá tomar um bom café. Volte pra Argentina! Não me interessa. Você é um idiota! Um completo inútil! Eu mesma vou cuidar disso. Não... vou encontrar quem faça. Franklin, da Califórnia... Isso, vou ligar pra ele.

O sangue de Jorge gelou. Franklin entrara havia pouco tempo para o grupo que se reunia nos fundos do Circolo degli Artisti, onde Anna ensinava a planejar o mundo que criariam quando os noantri assumissem seu papel de direito. Franklin era jovem, mais diletante que Jorge, e um apaixonado. Acreditava em Anna e na missão deles, e a última coisa que Jorge desejava era ceder seu lugar ao lado de Anna àquele americano com cara de garoto.

– Não, não, Anna! – grasnou Jorge. Engoliu em seco e continuou: – Desculpe. Me deixe tentar outra vez. Eu vou encontrar o manuscrito. Vou descobrir quem é aquela mulher e vou tirar o caderno dela. Vou consegui-lo pra você, Anna. Eu vou.

– Você não vai conseguir nada, Jorge. Não é a pessoa certa para o trabalho.

– Sou, sim!

Uma pequena pausa.

– Não sei, não.

– Anna...

– Tudo bem. Mais uma chance. Mas não vá estragar tudo, Jorge.

– Não! Eu vou descobrir...

– Eu já sei quem ela é.

– O quê?

Com um suspiro exasperado, Anna falou:

– Eu andei perguntando sobre ela por aí. O nome é Livia Pietro. Historiadora da arte. Três pessoas a reconheceram a partir da sua descrição. Nem eram noantri, mas simples mortais, estudantes de arte. Ela é bem conhecida. Mora em Trastevere, numa casa bem

antiga na Piazza dei Renzi, que costumava ser a torre de vigia. Você acha que é suficiente para seguir em frente, Jorge? Acha que pode fazer direito dessa vez?

– Claro! Sim, Anna. Obrigado. Vou para lá agora mesmo. Vou recuperar o manuscrito.

– É melhor que recupere.

Então desligou.

Jorge guardou o celular no bolso e enxugou o suor acima do lábio. Ficou ali por mais um instante, observando as multidões aparecerem por todos os lados, ávidas por verem tudo o que pudessem enquanto estivessem ali. Tolas e ignorantes, era como Anna chamava aquelas pessoas. Cegas demais para distinguirem os próprios interesses. Não era de admirar a bagunça que tinham feito do mundo! Basicamente, não se importavam com nada que não as afetasse de forma direta, pois lá no fundo sabiam que estariam mortas quando as coisas ficassem piores.

Será que o que Anna tinha dito era verdade? Ela era muito passional e absolutamente séria com tudo em que acreditava, mas, ainda assim, Jorge não tinha certeza. Não se lembrava de se sentir daquela forma quando era mortal. Sua transformação era muito mais recente que a de Anna, que já era noantri havia quatrocentos anos, e por isso talvez já tivesse esquecido. Na Argentina, onde os dois haviam se conhecido, Jorge entrara para o Partido Comunista por compartilhar com seus camaradas o sonho revolucionário de um futuro melhor. Eles sabiam que defensores da liberdade como eles provavelmente não veriam esse futuro, mas estavam dispostos a lutar e a morrer pelo sonho.

No entanto, Jorge não podia negar que uma visão de longo prazo também tinha suas vantagens. E Anna pensava muito sobre essas coisas. Também tinha sido membro do Partido, combatido a ditadura militar com discursos ferozes e atos espantosos de coragem. Mesmo agora, com a compreensão de que, sendo noantri, ela talvez não estivesse se arriscando tanto quanto ele e os amigos, seu peito ainda se inflava de orgulho por ela e por sua coragem.

Bueno. Chega de sonhar. Precisava ir para o estacionamento, para pegar seu *motorino*. Quando começou a se encaminhar para lá, pegou outra vez o celular e desativou o modo silencioso. Na Biblioteca do Vaticano, os telefones precisavam estar sem som e com tudo o que acontecera ele ainda não tinha se lembrado de ativar o toque. Acabara de falar com Anna, mas ela poderia ligar de novo com novas instruções ou para dizer que tinha pensado melhor e percebido que não fora culpa dele. Anna tinha seu toque pessoal no celular: “Vida Clandestina”, de Fuerte Apache. Ouvir esse tema sempre provocava um conflito de emoções em Jorge: a alegria por Anna estar ligando e uma pontada de saudade de casa. Ele tinha saudade da Argentina. Às vezes, antes de cair em si, quase desejava não ter conhecido Anna, não ter se transformado num noantri, não ter entrado para a lista de desaparecidos da maldita ditadura militar em seu amado país, como tantos dos seus amigos. Às vezes, queria ter morrido como um mártir, herói de La Guerra Sucia. Era esse o destino que o esperava até a intervenção de Anna.

Mas esses momentos passavam. Como poderia não querer o que tinha agora, o que todo mundo desejaria se soubesse que era possível? A vida eterna! Tinha os poderes para curar o próprio corpo, desenvolver seus talentos, aperfeiçoar sua mente! Anna contara como seria, naqueles instantes depois do Fogo, depois da Transformação, enquanto ele ainda estava atônito e paralisado. Jorge estava morrendo, Anna explicou; ela não teve escolha. Jorge ficaria agradecido, ela garantiu, quando entendesse. Quando soubesse quem ela era e no que ele tinha se transformado. A informação de que estava morrendo o surpreendeu – o ferimento doía muito, mas mesmo enquanto se contorcia ele sabia que a dor era da clavícula estilhaçada por uma bala –, mas Anna tinha se arriscado bastante, como explicou mais tarde, para salvá-lo. Tinha conseguido fugir de seus perseguidores, mas o verdadeiro risco viria depois. Era proibido transformar alguém em noantri sem o consentimento prévio do conclave; para Anna, já no exílio por infrações anteriores à lei, a penalidade por tal atitude poderia ser... Jorge estremeceu. Não queria pensar a respeito. O que Anna tinha feito por ele, sem que Jorge pedisse ou mesmo soubesse o que pedir, demonstrava o seu amor. Estava em débito por essa maravilhosa vida nova e faria o que Anna precisasse, o que Anna desejasse, enquanto ela precisasse dele.

Pela eternidade.

E Anna tinha um objetivo! O mundo não continuaria do jeito que estava, dia após dia... O que ela queria era que todos, mortais e noantri, tivessem uma existência rica e magnífica. Como a dela. Não levaria muito tempo até os planos dela – os planos dos dois – se realizarem. Quando eles triunfassem e a jurisdição noantri fosse estabelecida, Jorge poderia voltar para casa. No momento em que a Igreja fosse destruída, não haveria mais razão para Roma continuar sendo o centro de poder dos noantri. Ele e Anna estariam livres para retornar à Argentina. Ela poderia governar de Buenos Aires e os dois seriam felizes.

Agora o celular estava com o som ativado e Jorge continuou a olhar para o aparelho, mudo em sua mão, enquanto andava. Por fim, resignado, guardou-o no bolso, chegou ao estacionamento e pegou as chaves do *motorino*. Montou no veículo, acionou o motor e pegou o caminho para Trastevere, como Anna instruíra.



Pela segunda vez naquele dia, Thomas Kelly saiu cambaleando por uma porta. Seus passos trôpegos ecoavam pelos ornamentados corredores de mármore quando ele saiu correndo do gabinete da Biblioteca do Vaticano da mesma forma como tinha fugido da Casa dos Malucos. Mas agora era pior. Muito, muito pior. Pois, segundo o cardeal Lorenzo Cossa, seu amigo, porto seguro e âncora espiritual, aquelas pessoas não eram malucas.

Era um pesadelo. Sim, era isso! Literalmente. O dia inteiro tinha sido um pesadelo. Na verdade, ele estava dormindo em sua cama na *residenza*, exausto, desorientado, provavelmente sob a influência do bom vinho tinto de Lorenzo durante o jantar. Sim, um pesadelo. Thomas desacelerou o passo e esperou: na sua experiência, quando se descobria que estava tendo um pesadelo, você acordava.

Mas isso não aconteceu. A multidão continuava em polvorosa na praça São Pedro: câmeras clicavam, grupos de turistas andavam para lá e para cá. A grande Colonnade circulava a *piazza* pelos dois lados, mas agora Thomas não via nenhuma grandeza, só se sentia tonto.

Então não era um pesadelo. Era um horror pior do que isso.

Retomando o passo, Thomas começou a andar pela Via del Pellegrino. Quando Lorenzo dissera que ficaria hospedado na *residenza* dos jesuítas dentro da Santa Sé durante a sua missão, Thomas sentira respeito e admiração. Agora só queria ir embora o mais rápido que pudesse, fugir para algum lugar bem distante.

Ouviu um “*Buongiorno, padre*” quando passou por outro padre, um homem que ainda vivia num mundo normal. Não conseguiu responder. Na porta do quarto, tentou enfiar a chave na fechadura, mas não encontrou o buraco. “Controle-se, Thomas!” Quem tinha dito aquilo? Lorenzo! Que atrevimento! O cardeal Lorenzo Cossa, que demonstrara, naquela última hora, que estivera mentindo para Thomas desde o dia em que se conheceram.

Uma hora antes, numa outra vida, Thomas esperara em Trastevere, como Lorenzo o instruíra a fazer, até avistar o Lancia azul-escuro dos *carabinieri* estacionar perto da cafeteria onde ele estava escondido. O carro parou num lugar onde não poderia ser visto da pequena *piazza* na Santa Maria della Scala e, quando o jovem de terno saiu e virou a esquina, ele olhou na direção da casa do historiador. Tudo bem, a polícia tinha chegado. Thomas atravessou correndo a Piazza Trilussa e pegou o primeiro táxi da fila. O automóvel contornou a praça, pegou a ponte Garibaldi para atravessar o Tibre e seguiu por uma rua larga e movimentada do outro lado. Thomas tentou se concentrar apenas nos plátanos que

passavam ritmicamente pelas janelas. Quando chegou ao Vaticano, já tinha se acalmado. Pagou a corrida e encaminhou-se para a sede da biblioteca.

Desta vez, não precisou esperar muito. Foi recebido de imediato pelo jovem padre africano. Agora, pensando em retrospecto, Thomas imaginou se teria visto um brilho estranho nos olhos do jovem. Será que ele também sabia? Lorenzo garantira que não, que só poucas pessoas, nas mais altas posições da Igreja, conheciam aquele segredo. Mas como Thomas podia acreditar em qualquer coisa que Lorenzo dissesse agora?

Assim que o jovem padre o anunciou, Lorenzo dispensou-o, indicou uma cadeira a Thomas e serviu conhaque em dois cálices de cristal. Mesmo ainda sendo muito cedo, Thomas sentiu-se grato por isso, mas a bebida forte tornou ainda mais surreal o que se seguiu.

– Thomas – disse Lorenzo num tom de voz calmo e comedido –, me conte o que aconteceu. Comece pela biblioteca.

Então Thomas contou o encontro com Livia Pietro, a luta, a fuga. Lorenzo ouviu em silêncio, fumando seu charuto, os olhos avaliando o rosto de Thomas. Àquela altura, certo de que a situação toda fora uma inexplicável tentativa de aterrorizá-lo, Thomas sentiu-se calmo, quase eufórico. Mas de repente, quando chegou à conversa no escritório de Spencer George, teve dificuldade para continuar. Lorenzo recomendou que terminasse o conhaque e serviu-lhe mais uma dose.

– O que aconteceu lá, Thomas? – perguntou o cardeal. – O que eles lhe disseram?

Sentindo o reconfortante calor do excelente conhaque, Thomas falou:

– Primeiro, nada. Só que alguém que os dois pareciam conhecer, um tal de Jonah, sabia onde estava a Concordata. E que ela, Livia Pietro, tinha ordens de um grupo que eles chamavam de conclave para encontrar o documento. Esse grupo a orientou a me convencer a ajudá-la. Eles sabem por que estou aqui.

Olhou para Lorenzo, mas o homem só aquiesceu.

– Ela tem medo deles – prosseguiu Thomas – ou de alguma coisa, mas não sei do quê. Ele... – Nesse momento, a expressão de Spencer George apareceu na frente de Thomas e seu estômago se contraiu. – Que homem antipático e arrogante... Ele...

– Ele o quê, Thomas?

Thomas tomou outro gole. O conhaque estava esquentando-o. Sentia um calor na ponta dos dedos e na nuca. Sentia-se solto, seguro.

– Eu disse que não os ajudaria. Eles não estavam me contando o que sabiam sobre a Concordata, nem do que se tratava ou por que a queriam, e finalmente eu falei que iria embora se não me contassem. Comecei a sair e Livia me pediu para não ir, para me sentar de novo, e falou que eles são... o que disseram que eram. Será que eles mesmos acreditam nisso? Será que conseguem ser tão malucos? Como pode alguém...

– Thomas, o que eles disseram?

Thomas se esforçou para voltar a olhar para Lorenzo.

– Ah, sim. Desculpe. Ela disse... – Franziu a testa e se concentrou, examinando a luz refletida no líquido cor de âmbar dentro do copo que segurava. Enquanto falava, o brilho cintilava, dançava. – Ela insistiu em usar a palavra “noantri”. É um termo em romanesco, uma contração de *noi altri*, que significa “nós outros”. Os moradores de Trastevere referem-se a si mesmos usando essa palavra, mas ela disse que esse não é o único significado, que o termo se refere também ao povo dela.

– Povo dela? Thomas, quem é o povo dela?

Thomas ergueu os olhos mais uma vez para Lorenzo. Por que o cardeal parecia tão solene? Thomas deu um sorriso contraído. Percebeu que estava ficando bêbado e que aquilo era a coisa mais absurda que poderia dizer a Lorenzo. Num gesto dramático, ergueu a mão para o teto.

– *Vampiros!*

Então começou a rir. As gargalhadas o faziam se sacudir, e ele não conseguia parar. O conhaque derramou da taça enquanto ele continuava rindo.

Lorenzo estendeu o braço e pegou o cálice da mão de Thomas. Deixou-o na mesa e perguntou em voz baixa:

– O que mais?

No mesmo instante, a graça acabou. De repente, Thomas estava sóbrio.

– Eu me recusei a acreditar neles – ouviu a própria voz dizendo, monocórdia. – Em algo tão ridículo. Então o historiador falou que tudo bem, que eu podia ir embora, mas Livia disse que era importante que eu ficasse, que os ajudasse. Então o homem deu de ombros e pegou uma faca em cima da mesa. Depois pegou as flores de um vaso de vidro... acho que eram íris, não sei...

– Thomas...?

– Ele arrumou as flores com muito cuidado numa bandeja, como se gostasse muito delas. Então pegou o vaso e pôs na mesa bem na minha frente, depois pegou a faca e cortou o próprio pulso.

Thomas parou.

– Cortou o próprio pulso – repetiu Lorenzo.

Thomas notou que o cardeal falou aquilo como uma afirmação, não como uma pergunta.

– Acima do vaso – continuou. – O sangue caiu na água, vermelho e brilhante... Mas logo depois, *imediatamente*, o pulso começou a cicatrizar. Foi um corte profundo. Ele me mostrou, girando o pulso bem na minha frente, e vi enquanto cicatrizava. *Eu vi*. E no vaso, o sangue não se misturou com a água. Ficou pairando na superfície, em manchas. – Thomas olhou para Lorenzo. – Como ele fez aquilo? Que espécie de truque...

Lorenzo balançava a cabeça em uma negativa.

– Livia nem se mexeu – prosseguiu Thomas. – Continuou tomando o café. Como se nada tivesse acontecido. Depois ele fez de novo. Cortou o outro pulso. A mesma coisa, mais sangue na água, e quando o pulso começou a cicatrizar ele me mostrou. Parecia só um

arranhão. “Muito bem, padre”, ele falou, “podemos parar com o drama agora?” Eu não respondi e ele disse: “Livia, acho que ele ainda não se convenceu.” Em seguida, sorriu e me deu a faca. Estava cheia de sangue. Ele abriu a camisa e bateu no próprio peito. Na altura do coração.

– E o que você fez?

– Larguei a faca e saí correndo.

Esse era o momento em que Thomas esperava que Lorenzo sorrisse, depois começasse a gargalhar tanto quanto Thomas tinha gargalhado e explicasse o que a Concordata era na verdade, quem era o outro signatário e quais eram as verdadeiras intenções da quadrilha de ladrões/terroristas/enganadores/lunáticos que conhecera.

Mas Lorenzo não riu.

Muito pelo contrário. Pediu desculpas por ter escondido aquela informação de Thomas por tanto tempo. Explicou que a reação de Thomas provava que Lorenzo tinha agido corretamente, que de todos os segredos da Igreja, de todas as suas verdades ocultas, a que se referia à Concordata era a mais difícil para qualquer devoto compreender. Que os noantri, crias de Satã, nascidos no inferno, andavam pela Terra. Que tinham como propósito a degradação dos corpos dos homens e a destruição de suas almas. Que a promessa de vida eterna daquele povo, na forma de uma interminável existência terrena e não de um renascimento diante do Senhor, era uma promessa proibida e fútil.

E que a Igreja tinha feito um acordo com eles. E que o mantinha, para benefício mútuo de ambas as partes, havia seiscentos anos.



Thomas Kelly abriu gavetas e pegou montes de camisas recém-passadas. Tirou paletós dos cabides no armário, limpou a mesa de canetas e blocos de anotações e enfiou tudo em sua mala. Normalmente era cuidadoso e metódico quando arrumava a bagagem, assim como em tudo mais, porém não havia nada normal naquela situação e a única coisa que importava era sair dali. Para onde? Não fazia diferença. Entraria no primeiro avião que partisse de Roma para qualquer lugar. Pequim, Nova York, Kuwait. Algum destino onde não conhecesse ninguém, onde pudesse tentar entender o que tinha acontecido com ele naquele dia.

As gavetas e o armário já tinham sido esvaziados e a mala bagunçada já estava fechada quando Thomas ouviu o celular tocar, enquanto guardava o passaporte e a carteira nos bolsos. Não! Fosse quem fosse, ele não atenderia. Mas o hábito fez com que pegasse o telefone do alto da cômoda. Um número desconhecido, código de Roma. Mais uma vez seu inconsciente levou a melhor: já fazia muito tempo que ele servia os outros, sempre tentando ser útil. Então, antes de saber ao certo o que estava fazendo, ele atendeu.

– Thomas Kelly.

– *Buongiorno*, padre. – Era uma voz desconhecida. – Você não me conhece, mas temos razões para trabalharmos juntos – falou a pessoa, em inglês, com um leve sotaque. – Você precisa me trazer a Concordata.

Thomas parou no meio do quarto, a mala esperando na cama.

– Quem é você? Do que está falando?

– Quem eu sou não é importante. Talvez esteja mais interessado em saber quem eu conheço.

– Do que você está...

– Thomas. – Uma outra voz, desta vez familiar. – Aqui é o Lorenzo. Seja o que for que esse homem pedir, não faça!

– O quê... O que você...

Pelo telefone, Thomas ouviu sons abafados e ininteligíveis. Depois a primeira voz voltou a falar:

– Seu amigo é um homem corajoso. Surpreendente para um homem da Igreja. Em geral vocês são bastante covardes. Padre Kelly, eu não tenho muito tempo, nem você. Se não me trouxer a Concordata, o seu amigo irá morrer.

Thomas afundou na poltrona e se inclinou para a frente com o telefone na mão.

– O quê? – perguntou, com a voz fraca.

– Meu povo precisa desse documento. Chegou o momento de revelar a hipocrisia e a maldade da sua Igreja para o mundo. Seu amigo cardeal queria que você encontrasse a Concordata para escondê-la outra vez e salvar a Igreja. Agora você vai ter que encontrá-la para salvar *o seu amigo*. Ele está aqui conosco, e não por escolha própria, acredite. Se você não nos trazer o documento, ele vai morrer. – Uma breve pausa. – Não, melhor ainda: ele não vai morrer. Não vai morrer nunca. Vou fazer dele um de nós. – Thomas ouviu um arquejo horrorizado que só poderia ter sido emitido por Lorenzo. – Sim, que ideia maravilhosa – continuou a voz. – Vou conceder o dom da vida eterna ao seu amigo. Não é o que vocês da Igreja vivem falando? Vida eterna? Ele não vai adorar isso?

“Uma promessa proibida e fútil.” As palavras de Lorenzo soaram na cabeça de Thomas. A destruição da alma dos homens.

– Não – falou Thomas. – Isso não está acontecendo. Não é real.

– Sinto muito, mas é real. Você vai procurar aqueles dois dos nossos, aqueles que já conheceu, e vai ajudá-los. Vocês vão encontrar a Concordata e trazê-la para mim, ou terei o prazer de inserir o seu amigo na nossa comunidade. Nós já temos representantes na Igreja, mas ele será o nosso primeiro cardeal. Uma honra e tanto, não acha?

– Não! – Lorenzo gritou a distância. – Thomas! Não os ajude! Eles...

Nesse momento, as palavras foram interrompidas.

– Ah, sim, ele é muito corajoso. – A voz agora era sarcástica. – Pronto para morrer pela sua Igreja e seu Deus, não duvido. Mas, infelizmente, acho que ele não irá conseguir isso. Ajude na busca à Concordata, padre Kelly, e espere minha próxima ligação.

Então a chamada foi interrompida.



Livia Pietro debruçou-se sobre um mapa de Trastevere de 1840. Tinha sido ideia de Spencer fazer uma cópia do mapa, um dos antigos tesouros de sua coleção, e usá-lo para localizar os pontos dos poemas de Damiani. Na verdade, o distrito não tinha sofrido muitas mudanças desde a confecção do mapa, mas Spencer achou que usar o mapa antigo lhes possibilitaria chegar o mais perto possível da perspectiva de Mario Damiani.

Livia percebia que aquilo era muito difícil para Spencer. Ela não conhecera Damiani – sua transformação ocorreu durante a Primeira Guerra Mundial – e Spencer nunca fora de revelar seus sentimentos. Mas ele e o poeta ficaram juntos por muitas décadas – até onde Livia sabia, por quase um século.

As uniões entre os noantri eram bastante semelhantes às dos inalterados. Assim como os humanos, eles decidiam ficar juntos por uma conjunção indefinível entre características físicas, intelectuais, emocionais e espirituais. E também precisavam lidar com as mudanças de personalidade e comportamento ao longo do relacionamento, na medida em que novos conhecimentos, novas conexões e novas experiências aconteciam. Só que, para eles, havia um desafio extra: as relações podiam durar séculos, ao fim dos quais os membros de um casal às vezes se percebiam totalmente desconhecidos um para o outro.

No entanto, em algumas ocasiões, a passagem dos anos só conferia mais força ao amor. Era o que tinha acontecido com Spencer e Damiani, talvez pelo fato de os dois sempre terem sido tão diferentes.

Livia, ao contrário do que dera a entender ao padre Kelly, sabia pouco sobre o poeta até o dia anterior, quando recebera as instruções do conclave. Tinha feito uma extensa pesquisa sobre ele antes de ir à Biblioteca do Vaticano naquela manhã. Pelo que ficara sabendo, Damiani era tudo o que Spencer não era: entusiasmado, extrovertido, otimista e espontâneo. Entre os noantri de Roma, ela descobriu, a relação entre os dois era lendária.

– Tenho a impressão de que Damiani conhecia cada centímetro de Trastevere – observou Livia, olhando para Spencer enquanto falava.

Debruçados sobre o manuscrito do poeta e o mapa, os dois tentavam decifrar as referências apaixonadas e cheias de elipses de Damiani. Estavam trabalhando havia quase duas horas, desde a partida de Thomas Kelly. Spencer tinha adorado se ver livre do padre. Livia, por sua vez, embora desanimada, percebeu que ir atrás dele só o deixaria ainda mais apavorado. No pouco tempo que estiveram juntos, achou que ele poderia ser forte o bastante para aceitar a difícil verdade que estava descobrindo. Mas tinha se enganado. Sentiu-se mal

por ele e preocupada com a reação do conclave quando ficasse sabendo. Mas talvez o envolvimento de Thomas não fizesse diferença, afinal. Seus conhecimentos poderiam ser úteis, mas provavelmente o manuscrito de Damiani era o verdadeiro tesouro. Então, enquanto Spencer limpava com toda a calma o vaso de vidro que usara em sua demonstração teatral – a signora Russo, a cozinheira, era uma inalterada, por isso não seria bom que visse aquilo –, Livia desenrolara o mapa e começara a pesquisa.

– Quando nos conhecemos, já fazia vinte anos que Mario era noantri, e eu havia quase duzentos. – Spencer se dirigiu a Livia sem erguer os olhos. – Durante todo o tempo que ficamos juntos, nunca viajamos para longe. Mario não se entusiasmava. O coração dele estava em Roma, em Trastevere em particular. Eu sempre viajei, mesmo antes da minha transformação. Queria voltar à Ásia, mas Mario nunca se convenceu. Dizia que gostaria de conhecer o Novo Mundo qualquer dia, talvez Nova York, mas eu não me interessava muito por aquela... grosseria. Por isso ficamos em Roma.

Spencer caiu num silêncio pensativo e Livia deixou por isso mesmo.

– Pronto – disse ele depois de algum tempo, num tom mais forte. Botou o lápis de lado. – Acho que este é o último. – Franziu a testa diante do mapa e depois para o manuscrito. – Preciso confessar que, o que quer que estivesse me perturbando, agora já passou. Mas alguma coisa nesses poemas me é tão familiar...

– Não seria apenas por você saber que Damiani estava trabalhando neles?

Livia estudava o mapa, agora completo, buscando um padrão nos locais que Mario escolhera para celebrar.

– Eu sabia, mas não tinha visto nenhum. Ele nunca me mostrava seus trabalhos inacabados. Alguma coisa aqui... Algo sobre o próprio manuscrito, acho que...

O clangor do anel de bronze na porta da frente o interrompeu. Livia e Spencer se entreolharam. O historiador atravessou a sala para olhar pela janela que dava para a *piazza*.

– Ah – falou. – Ora, ora. Livia, venha ver isso e me diga o que quer que eu faça.



O *sergente* dos *carabinieri* Raffaele Orsini projetou o queixo para a frente e se ajeitou na sua cadeira na cafeteria. Mesmo as melhores cadeiras podiam se mostrar um pouco desconfortáveis depois de uma hora e meia.

Àquela altura, Giulio Aventino, seu parceiro e superior, já devia ter voltado para a delegacia, chocado pelo fato de o *maresciallo* ter dado permissão a Raffaele para levar aquela vigilância adiante. Se estivesse lá quando o pedido fora feito, Giulio teria se oposto, mas o *maresciallo* passaria por cima dele e mandaria Raffaele seguir em frente de qualquer forma. Raffaele sabia que era uma questão política, não religiosa: prestar um favor descomplicado como aquele para o Vaticano podia ser muito útil para os *carabinieri*, porque no dia que a polícia precisasse, por exemplo, seguir um suspeito em São Pedro, a Cúria agiria da mesma forma. Uma mão lava a outra, esse era o jeito italiano, e Giulio Aventino não era diferente a não ser quando se tratava da Igreja.

O detetive sênior não era apenas um descrente blasé para quem a Igreja não significava nada. Na visão de Raffaele, o cinismo amargo de Giulio parecia ter sido motivado por um coração partido. Tinha certeza de que ele já fora um devoto. Agora, porém, sua religião era o trabalho. Como sargento, Raffaele se esforçava para aprender com um policial sênior experiente, habilidoso e de alta reputação. Já como homem, mais jovem, porém com uma fé muito maior na Santa Madre Igreja, era grato pela própria crença em face da amargura do parceiro.

Agora, enterrado ali em sua cadeira como se não houvesse nada em sua cabeça além do café com leite à sua frente, Raffaele pegou o celular e fez uma ligação. Parecia apenas um jovem romântico telefonando para a namorada, mas, na verdade, estava ligando para o tio, o cardeal, para quem os *carabinieri* estavam fazendo aquele favor. Raffaele não sabia por que o haviam mandado vigiar aquela casa, mas achou que Lorenzo Cossa poderia se interessar em saber que um padre havia acabado de chegar, batido na porta, e agora conversava com a mulher de cabelo preto cuja foto o cardeal tinha enviado para a polícia como o alvo da vigilância que Raffaele então realizava.



Em pé na calçada ouvindo o eco de suas batidas esmaecer, Thomas Kelly teve de se esforçar para não se virar e sair correndo. Engoliu em seco, a bile queimando-lhe a garganta. A ideia de que em breve estaria mais uma vez na presença daquelas... *criaturas* embrulhava-lhe o estômago e o deixava arrepiado.

Ainda não sabia ao certo se acreditava naquilo: no que tinha visto, no que Lorenzo tinha contado. Tivera a esperança de que fosse um simples pesadelo, mas agora se apegava a uma nova ideia: de que talvez fosse algum tipo de alucinação induzida por drogas. Talvez ele tivesse sofrido um acidente – quem sabe tivesse sido atropelado por um daqueles motoristas terríveis de Roma? – e agora estivesse num hospital sob o efeito de medicamentos, que teriam levado seu subconsciente a criar aquela fantasia insana.

A teoria o tranquilizava, mas o problema era que, enquanto esperava que o mundo voltasse ao normal, precisava tomar alguma atitude. Ainda que, na alucinação de Thomas, Lorenzo Cossa o estivesse enganando e traindo havia quinze anos, o destino que ameaçava o cardeal era tão terrível que, mesmo que ele não merecesse sua ajuda, Thomas seria incapaz de simplesmente abandoná-lo. “Afim de contas”, pensou o padre, “se você não agir como um herói nem em sua alucinação, o que poderá esperar de si mesmo na vida real?” De alguma forma, Thomas tinha certeza de que tudo aquilo estava ligado à fé. Não sabia por que seu subconsciente estava exigindo aquilo dele, mas não iria querer decepcioná-lo.

Num canto obscuro e longínquo de sua mente havia uma micropontada de dor que ele tentava desesperadamente ignorar. Mas assim como uma pedrinha no sapato, embora minúscula, era agonizante e implacável: a indizível possibilidade de ele estar desperto e de que tudo aquilo fosse verdade. Nesse caso, Lorenzo mereceria sua ajuda ainda menos, mas precisaria dela muito mais.

A porta se abriu. Sem querer, Thomas recuou diante da visão de Livia.

– Não encoste em mim!

– Não, padre – respondeu ela, calmamente. – É claro que não. – Depois de algum tempo ela deu um passo para trás e manteve a porta aberta. – Não quer entrar? – perguntou.

Thomas percebeu que não conseguia atravessar o limiar, que não era capaz de entrar naquela casa. Os dois ficaram em silêncio, se entreolhando. Os olhos verdes de Livia pareciam bondosos, até preocupados, mas Thomas não seria mais iludido.

– Você é um monstro – rugiu.

Ela balançou a cabeça em negativa.

– Sou uma pessoa. Como você, mas diferente de você.

Uma pessoa? Aquela criatura estava afirmando que existia à imagem do Senhor? Thomas sentiu a calma ocasionada por sua nova teoria começar a abandoná-lo.

– Não! – exclamou. – Uma criatura sem alma.

Livia apenas o fitou com tristeza; por alguma razão, aquele olhar de piedade o irritou ainda mais.

– Você vendeu sua alma pela promessa de uma vida eterna. Mas não foi isso que conseguiu. É uma desonestidade sem tamanho. Uma decadência eterna! – Sentia o calor na pele, ouvia a própria voz subindo, sabia que parecia histérico, mas não conseguia se conter. – Sua barganha não tem valor nenhum! Nenhum! O seu falso profeta vai abandonar você. O Final dos Tempos vai chegar, mesmo para você, e...

Livia ergueu a mão. As bochechas de Thomas queimavam; ele tremia de raiva. Mas, ao contemplar o rosto pálido dela, os cabelos longos e pretos, ao fitar seus olhos verdes da cor do mar, ele sentiu suas acusações perderem o sentido. De que adiantava? A escolha que Livia Pietro e os outros como ela haviam feito não podia ser desfeita. O pecado que tinham cometido não podia ser confessado, expiado, perdoado. Thomas deixou os ombros tensos caírem. Um sentimento de impotência e tristeza o dominou, substituindo a ira dos justos de instantes atrás.

– Padre – disse Livia –, você foi embora e eu entendi. O que está falando não está certo, mas tudo bem, muitas pessoas pensam assim. Mas você voltou. Por quê?

Não, ele não poderia fazer aquilo. Sem o ardor de sua fúria, Thomas se sentiu fraco e sua respiração falhava só de estar na frente dela. Não poderia entrar naquela casa. Lembrou-se do sangue no vaso.

– Padre Kelly? Está se sentindo bem?

– Não! Como poderia estar bem? O seu... seu “povo”...

– Padre. – Agora ela falava com determinação, num tom autoritário. – Entre ou vá embora.

“Senhor meu Deus”, pensou Thomas. “Pai, me ajude.” Ficou no umbral por mais um instante, ouvindo ao longe o ruído das motonetas, e afinal entrou.



Livia conduziu Thomas em silêncio até o escritório de Spencer. Na porta, o padre parou e observou o lugar com apreensão.

– Cadê ele?

– Pedi que Spencer nos deixasse sozinhos por um tempo.

Livia sentiu o alívio de Thomas, mas ele se empertigou e disse:

– Não tenho nenhuma razão para ficar sozinho com você.

– Preferiria que Spencer estivesse aqui? Entre e sente-se. Por favor.

Ela se acomodou primeiro, tentando parecer o menos ameaçadora possível. Thomas escolheu uma cadeira no canto mais distante e mal encostou no assento. Continuou olhando ao redor, inquieto.

– Spencer já guardou o vaso – falou Livia. – Por que você voltou?

Thomas olhou para ela como um gato acuado. Depois de um momento, disse:

– O cardeal Cossa. O bibliotecário do Vaticano.

– Bibliotecário e arquivista. Sei quem é. O que tem ele?

– Eu recebi uma ligação. Alguém do seu... “povo”... o sequestrou.

– O quê?

Ela se endireitou na cadeira. Quando fez isso, Thomas recuou.

– Vão transformá-lo em um de vocês – contou ele. Então engoliu em seco, contraiu a mandíbula e prosseguiu: – A não ser que eu lhes entregue a Concordata.

– Não estou entendendo – falou Livia. – Quero dizer... Quem são essas pessoas?

– Não faço ideia. Disseram que eu deveria voltar aqui para ajudar vocês e que entrarão em contato. Assim que eu estiver com a Concordata, tenho que entregar a eles.

“Assim que *você* estiver com a Concordata?”, pensou Livia, mas disse apenas:

– Quando foi isso?

– Acabaram de me ligar. Não faz nem quinze minutos, que foi o tempo que demorei pra chegar até aqui. – Thomas tirou um lenço do bolso e enxugou o rosto molhado. – O sequestro deve ter acontecido há menos de uma hora. Eu estava com ele até pouco antes. Ele me contou... me contou...

– Sobre a Concordata – completou Livia. – E sobre nós. Os noantri.

Thomas aquiesceu, parecendo estar passando mal.

– Padre – disse ela com delicadeza –, o que ele contou...

– Seu povo prometeu levar Martinho V ao papado – falou Thomas, sem parar para pensar. – Se ele concordasse em cessar o extermínio de vocês, como a Igreja sempre fez. Se deixasse vocês existirem, proliferarem e denegrirem o mundo!

– Não, isso...

– E pior: Martinho não só concordou que vocês continuassem existindo, mas também em fornecer sangue dos hospitais católicos para seus rituais imundos. Sangue inocente!

– Padre – interrompeu Livia com firmeza –, até o momento, os fatos que citou estão corretos, mas as motivações estão erradas. O que acha do meu povo não corresponde à realidade. E você está deixando muita coisa de fora. Imagino que não tenham lhe contado toda a verdade.

– O que me contaram...

– O que lhe contaram é aquilo em que a maioria dos inalterados acredita.

– “Inalterados”?

– Pessoas como você, padre. Por favor, espere um instante. Há algo que eu preciso fazer, com urgência, mas gostaria muito de continuar esta discussão. Falar sobre...

– Sobre o quê? O seu lado da história? A vida do ponto de vista do demônio?

Livia se levantou e Thomas se retraiu.

– A notícia que me trouxe é perturbadora – disse ela. – Preciso falar sobre isso com... as pessoas que me deram as instruções que estou seguindo. Não vou demorar.

– E o que eu devo fazer? Simplesmente ficar aqui sentado?

– Estou pedindo que me espere, mas você não é um prisioneiro. Pode ficar ou ir embora. Então ela passou por ele e saiu do escritório, deixando-o pálido e perplexo.

Livia encontrou Spencer onde ele disse que estaria, no estúdio no outro andar.

– E aí? – perguntou ele, erguendo os olhos após colocar um marcador de livro no volume em suas mãos. – Como está nosso jovem padre? Voltou para cravar estacas em nossos corações? Trouxe uma pistola com balas de prata?

– Ele está morrendo de medo. Você realmente não precisava fazer aquele teatro todo, Spencer.

– Claro que precisava. Ele não estava acreditando em uma só palavra que você dizia com toda a sua calma. Continuava achando que nós éramos loucos. Dois birutas desempenhando um papel numa peça.

– Eu ia acabar conseguindo convencê-lo.

– Devo lembrá-la que eu e você temos todo o tempo do mundo, mas o seu padre envelhece a cada minuto. Quando suas delicadas palavras finalmente o convencessem, ele já estaria senil demais para ser útil. Além do mais, se não me engano, por mais tempo que tenhamos de vida, ainda temos um prazo a cumprir.

Livia desabou numa cadeira.

– Você tem razão. E as coisas pioraram ainda mais.

Ela contou a Spencer a notícia que o padre Kelly trouxera.

O historiador ergueu as sobrancelhas.

– Que desenrolar mais interessante...

– Você parece bem tranquilo a respeito.

– O sequestro de um cardeal não é algo que me perturbe.

– Nem nas atuais circunstâncias? Nem esse cardeal específico? Acho que é extremamente perturbador. – Ela pegou o celular. – Preciso informar o conclave. Talvez eles ainda não saibam.

Apertou um número e levou o celular ao ouvido.

– *Salve* – disse a pessoa que atendeu.

Como ela imaginava, a voz pertencia a Filippo Croce, o secretário particular do pontífice. Discreto, confiável e dedicado, o homem atuava como o canal de comunicação entre o conclave e a imprensa desde as mais priscas eras.

– *Salve. Sum Livia Pietro. Quid agis?*

Automaticamente, como seu povo fazia havia séculos, ela indagou sobre a situação da comunidade antes de apresentar o seu caso.

– *Hic nobis omnibus bene est. Quomodo auxilium vobis dare possumus?* – respondeu ele. “Por aqui está tudo bem. Em que podemos ajudar?”

Concluído o breve ritual em latim, Livia mudou para o italiano e perguntou se podia falar com o pontífice ou, se não fosse possível, com Rosa Cartelli. Livia não tinha solicitado aquela missão; claramente recebera a preferência do conclave para a tarefa, o que, por mais elogioso que fosse, era algo que ela preferia que não tivesse acontecido. Foi informada de que o pontífice a atenderia em seguida. Seguiu-se um breve silêncio, depois a música de Carlo Gesualdo começou a tocar.

Assim como as peças expostas nos escritórios do conclave – quadros de artistas como Ivan Nikitin e Romualdo Locatelli –, todas as músicas tocadas ali, mesmo ao telefone, eram obras de noantri. Livia sempre se sentira desconfortável com aquele orgulho exacerbado. A seus olhos, era quase um sinal de separatismo. Como historiadora da arte, acreditava que a boa arte era boa e a ruim era ruim, independentemente de quem a produzia. Se os quadros de artistas noantri podiam ser expostos em museus e galerias do mundo todo sem que os curadores e colecionadores inalterados soubessem, nas paredes noantri também deveria haver obras dos melhores artistas inalterados junto com as de seu povo. E uma música melhor que a de Gesualdo como tema de espera no telefone do escritório do conclave.

Revirou os olhos para Spencer.

– Estou na espera.

Spencer deu um suspiro, aproveitando a oportunidade para perguntar:

– Quem você acha que está por trás disso? Do sequestro?

Livia deu de ombros.

– Existem outras facções, outras pessoas além de Jonah, que estão impacientes pela Revelação. Qualquer uma delas poderia forçar o assunto da mesma forma que Jonah.

Spencer pareceu cético.

– Para tomar essa atitude e fazer essa ameaça, mandando o padre voltar até nós, eles teriam de saber o que você foi ordenada a fazer e por que esse padre está em Roma.

– Thomas Kelly – disse ela enquanto esperava o pontífice atender. – O nome desse padre é Thomas Kelly.



Thomas estava fazendo tudo o que podia para continuar sentado. Se levantasse da cadeira, sabia que sairia correndo de novo daquela casa, dessa vez para sempre. Quanto tempo deveria esperar? Parte dele torcia para que Livia não voltasse mais, enquanto a outra temia o perigo mortal – não, o perigo imortal, eterno! – que Lorenzo corria, que se tornava mais real a cada segundo que passava.

Era um terror que ele jamais havia sentido antes. As discussões até tarde da noite no seminário, os debates sobre livre-arbítrio na faculdade, regados a vinho, nunca tinham abrangido este território: a possibilidade de um homem poder perder a alma não por conta de suas escolhas, mas por meio das ações de outras pessoas. Confissão, penitência e absolvição: esses eram os temas centrais da fé de Thomas. Qualquer homem, até o último suspiro, poderia se arrepender de seus pecados e ser perdoado, poderia chegar à presença do Senhor mesmo depois de tê-Lo negado a vida inteira. Mas a redenção e a graça de Deus perdidas para sempre porque um monstro decidiu transformá-lo num monstro também... nem Thomas nem qualquer de seus colegas tinham chegado a considerar isso por um momento sequer.

Os debates sofisticados sobre livre-arbítrio giravam em torno da onipotência e onisciência do Senhor, questões bastante conhecidas que tinham sempre as mesmas respostas: Deus, em Sua onipotência, nos confere o nosso próprio poder; em Sua onisciência, nos garante o conhecimento, a fim de que façamos nossas próprias escolhas. Age dessa forma por esperança e por um amor sem limites, para nos oferecer o privilégio de ir até Ele por vontade própria, de escolher entregar nossa alma aos Seus cuidados.

Quando aquele pesadelo terminasse – aquele coma induzido por drogas, aquela alucinação –, Thomas esperava conseguir se lembrar da ingenuidade tola e da falência filosófica da sua maldita teologia.

Claro que era apenas uma alucinação e os noantri não existiam, por isso ninguém poderia roubar a alma de ninguém e tudo voltaria a ser como antes. Ah, que coisa maravilhosa! Se ele acordasse, não precisaria se lembrar do que tinha acabado de saber, pois seria inútil.

E se não acordasse também não precisaria se lembrar, pois jamais seria capaz de esquecer.

Levou um susto quando a porta se abriu, mas desta vez tinha se preparado. O crucifixo de prata que normalmente usava no pescoço estava em sua mão. Levantou-o quando Livia entrou no escritório. Ela parou, olhou e balançou a cabeça.

– Guarde isso. – Atravessou o carpete e voltou a se sentar. – A Igreja sempre foi nossa inimiga, padre Kelly, mas nós não somos seus inimigos. Achar que a visão de uma cruz teria algum efeito em mim... Desculpe, mas isso é narcisismo.

Thomas baixou o braço lentamente e Livia começou a contar:

– Passei sua informação ao conclave. Causou um bocado de inquietação. A situação já estava séria, mas agora ficou muito pior. O fato de o destino do cardeal Cossa depender da revelação da Concordata é um problema de grande preocupação para os nossos líderes noantri.

Thomas teve dificuldade em encontrar a própria voz, mas finalmente conseguiu dizer:

– Desculpe se não consigo me sentir agradecido.

Livia olhou para ele com firmeza, antes de continuar:

– O conclave tem seus recursos. Estão tentando descobrir o que puderem sobre o que aconteceu para então intervir se for possível.

– Não! – bradou Thomas, levantando-se. – Qualquer interferência pode prejudicar ainda mais o cardeal!

– De acordo com o seu raciocínio, a posição dele já está bastante ruim. Discordamos do que acha de nós, mas uma de nossas primeiras leis reza que nenhum mortal deve ser transformado em noantri contra sua vontade. É uma condição presente na Concordata. O documento que você tanto despreza.

Ela acenou para a cadeira dele. Sem saber bem se teria força para permanecer de pé, Thomas voltou a se sentar.

– Uma breve lição de história para você, padre. Primeiro: apesar de os noantri terem ajudado Martinho V a chegar ao papado, não fomos os principais agentes de sua ascensão. Ele contava com um amplo apoio na Igreja, ou seja, entre o *seu* povo. Nós o ajudamos porque ele concordou com as vantagens mútuas que a Concordata traria para os noantri e para os inalterados. Os rivais dele, da linhagem de Avignon, mostraram-se cegos a esses benefícios. A Concordata, em essência, obriga a Igreja Católica a parar de tentar nos aniquilar, como vocês dizem. E, sim, a nos fornecer sangue dos hospitais católicos. Sangue é o nosso sustento, padre. Não é uma escolha que fizemos, é um simples fato. Em troca, nós não transformamos ninguém em noantri sem o consentimento da própria pessoa e do conclave. – Ela desviou os olhos ao dizer esta última frase e ficou em silêncio por um instante. Em seguida, voltou a fitar Thomas e prosseguiu: – De nossa parte, nós concordamos em continuar escondidos, sem revelar nossa verdadeira natureza. Mas não tão escondidos quanto antes: agora nós vivemos numa comunidade, junto com os de nossa espécie, em cidades no mundo todo. O simples fato de estarmos juntos é um grande alívio para nós. Como nosso sustento está garantido, não precisamos viver à espreita, nem de violência ou de culpa. Não somos mais o povo bestial, furtivo e degradado do passado. A Concordata nos propiciou isso.

– Você continua dizendo “nosso povo”, “nossa gente”. Vocês não são gente.

– Somos, sim. Todos nós começamos como você é hoje. Como homens e mulheres mortais. “Inalterados” é a palavra que empregamos. A transformação acontece por meio de um micro-organismo introduzido no sangue, que altera a estrutura do nosso DNA. – Livia deu um sorriso de leve. – Você parece surpreso.

– De ouvir você falar de um pacto com o diabo em termos tão frios e científicos.

– Mas é ciência... não é nada sobrenatural. O diabo, se ele existir, ou não, não tem nada a ver com isso. O que aconteceu, no início da existência, foi o aparecimento de um micróbio mutante no sangue de um pequeno grupo de humanos. Talvez, inicialmente, de um único humano. Esse micróbio provocou uma grande necessidade de sangue humano, uma sede, e ao mesmo tempo conferiu ao nosso DNA a capacidade de reparar as células rapidamente. Nossas células não se deterioram. Por isso não morremos. Só isso.

Thomas deu um suspiro.

– Devo lembrá-la que a própria essência do mal é a sutileza. Você acha mesmo que fazer um trato com um micróbio e não com um homem de rabo e chifres é diferente de vender a alma a Satã?

Thomas poderia ter continuado argumentando que a figura de Satã era apenas uma metáfora, uma manifestação da capacidade humana para a crueldade. Ou, também, a expressão do mal que existia no Universo, em contraposição à bondade de Deus. No momento, porém, se Satã passasse pela porta com seu rabo e seus chifres, Thomas sairia correndo.

– O seu Deus não poderia ter criado esse micróbio? – perguntou Livia. – Aliás, do seu ponto de vista, de que outra forma esse micróbio poderia existir?

– O Senhor também criou facas e armas de fogo. Ele nos dá o privilégio de escolher se as queremos usar. – Em solo mais firme agora, envolvido num debate teológico, Thomas acrescentou: – As pessoas não foram feitas para viver nesta terra para sempre. Só através da morte o homem pode chegar à vida eterna.

– É mesmo, padre? E você diz isso aos seus médicos nos hospitais? Os que evitam que pessoas morram todos os dias? Alguns deles são noantri, a propósito.

Thomas sentiu o solo firme começar a ficar instável de novo.

– Médicos?

– E advogados, taxistas. E... – Livia apontou para si mesma – professores universitários. Você vive ao nosso lado e nos conhece desde sempre, padre.

– Não. Não pode ser verdade.

– Mas é verdade. Os noantri começaram a existir há muito tempo. Antes da sua Igreja, antes dos sistemas de crenças e religiões que a sua Igreja difundiu. Antes do início da história escrita. Nós estamos aqui desde o começo da humanidade.

– Assim como o mal.

– Correto, porém irrelevante.

Thomas balançou a cabeça em uma negativa.

– Mesmo que sua explicação esteja certa, o micróbio foi claramente enviado por Satã.

Livia sorriu.

– Isso não está tão claro para nós. E quanto à sua observação sobre a vida eterna, talvez você tenha razão. Nós não sabemos. O que temos pode ser apenas longevidade. Extrema, mas não eterna. Alguns de nossos cientistas acham que também estamos nos deteriorando, como vocês, só que num ritmo muito lento para ser percebido.

Thomas se viu perguntando, apesar de sua repugnância:

– Vocês podem... morrer?

– Podemos. Não de causas naturais, em razão da rapidez com que nossas células se restauram. E com certeza não por meio de balas de prata ou estacas no coração numa encruzilhada à meia-noite. Nem por causa de uma overdose de alho.

– Ou da luz do sol – acrescentou Thomas. – Eu estive com você, sob o sol.

– A transformação aguça todos os sentidos e nos torna muito sensíveis ao ambiente. Ouvimos e enxergamos excepcionalmente bem, por exemplo, por isso a maioria de nós não gosta de barulho. Por essa mesma razão, a luz forte nos incomoda e naqueles que têm a pele mais clara a epiderme queima com facilidade. Não é perigoso, mas dói, e a dor também é algo que sentimos com mais intensidade que vocês. Por isso usamos óculos escuros. E mangas compridas, e chapéus. O filtro solar foi desenvolvido por um químico noantri, aliás.

– Mas estacas no coração... – Uma cena daquele mesmo dia ressurgiu diante de Thomas.
– Se eu tivesse esfaqueado Spencer George no coração...

– Ele não teria morrido. É um fenômeno complexo e ainda malcompreendido, mas parece que existe em nosso organismo uma espécie de massa de sangue e tecido capaz de restaurar e, se necessário, replicar partes do corpo. Pode demorar bastante tempo, dependendo do dano causado, mas acaba acontecendo. No caso, o coração de Spencer teria parado, e iria parecer que ele tinha morrido, mas depois de um dia ou uma semana de coma profundo ele estaria de volta entre nós.

– Depois de se levantar da tumba. É por isso que dizem que vocês se levantam da tumba.

Livia concordou.

– É exatamente por isso. Nós não dormimos em caixões, é claro. Mas se formos enterrados, podemos voltar da “morte”. Agora você sabe que não se trata de morte. Mas entendemos por que os inalterados acham isso.

E os mortos se levantarão

Incorruptíveis

Thomas estremeceu. A dádiva prometida a toda a humanidade no Juízo Final, usurpada e pervertida.

– Mas você disse que os noantri podem morrer.

– Podemos. De duas formas, uma delas muito mais bem compreendida que a outra. Primeiro, pelo fogo. Algum processo químico envolvido na transformação torna nossa carne mais vulnerável ao fogo que a dos inalterados. Não sou cientista, então não sei explicar, mas

se quiser saber... É, tudo bem, deixa pra lá. A consequência é que o fogo pode nos destruir muito rápido. Se nosso corpo for totalmente consumido, não sobra nada para reiniciar o processo de renovação.

– Sempre sobra alguma coisa. Um dente, um pedaço de osso.

– Ossos e dentes não se regeneram da mesma forma que a carne. Cabelo e unhas também não. É necessário tecido vivo, que contenha sangue, que é o que o fogo destrói.

– E a outra forma?

– Obviamente, um desmembramento total eliminaria, a certa altura, nossa massa regenerativa. Em quantos pedacinhos vocês teriam de nos cortar... – a esta altura, para horror de Thomas, ela sorriu – é algo que não sabemos.

– Por que não?

– Que noantri se submeteria voluntariamente a esse experimento?

– Voluntariamente? – Thomas deixou escapar uma risada esganiçada. Vilões com ética médica? – Por que não, sei lá como vocês chamam, infectam um monte de gente? Depois é só cortar todo mundo em pedacinhos e ver se voltam à vida!

Livia o encarou.

– Não é possível que acredite mesmo que faríamos isso.

Thomas não respondeu.

– Não – disse ela, calma, porém firme. – Nós consideramos nossas vidas transformadas uma grande dádiva. Uma bênção. Nenhum noantri conseguiria sequer pensar no que você sugeriu.

– Mas vocês podem queimar. Então, quando chegarem ao fogo do inferno... Mas como isso pode acontecer se vocês não morrem...?

– Bem, padre, talvez lhe sirva de consolo saber que daqui a milhões de anos a Terra vai ser devorada pelo sol. E os noantri serão todos destruídos. Vamos todos morrer e, se houver um Juízo Final, seremos julgados.

– Vocês não podem ser julgados. Vocês não têm alma.

– Como pode estar tão certo disso?

Thomas olhou ao redor em busca de ajuda, de orientação. Ele era um jesuíta. Não um cientista, mas um acadêmico, educado para enfrentar os conflitos entre os fatos e a fé. E sempre seguira esse princípio. Em última instância, via essas contradições como um presente de Deus: era por causa delas que a fé era necessária. Se a bondade de Deus, se até Sua existência, pudesse ser comprovada, então o que o homem podia oferecer em troca? O que Deus pedia ao homem era a fé. Esse é o único presente que podemos Lhe dar. A única coisa que o homem pode oferecer a Deus, e a única coisa que Ele deseja.

O que aquilo significava, então? Seria possível que aquelas... criaturas fossem apenas outras formas de vida humana? Que em última instância, como dissera Livia, morreriam e seriam julgadas como todos os outros?

Thomas olhou para a historiadora mais uma vez. Por um instante, viu seus olhos gentis e sua expressão animada por uma inteligência vivaz. Em seguida, pensou: “Cria de Satã nascida no inferno!” Em sua mente, tão claro quanto se o próprio Lorenzo estivesse ali, Thomas ouviu-o trovejar: “A degradação do corpo dos homens, a destruição da alma dos homens. Uma promessa proibida e fútil.”

Eles bebem sangue humano.

A sutileza faz parte da essência do mal.

Olhos bondosos, uma expressão inteligente. Homens melhores que ele já tinham sido enganados por menos.

Livia ficou em silêncio, observando-o. De repente, falou:

– Padre, eu achei que estava conseguindo me comunicar, mas vejo que não é verdade. Gostaria que você mantivesse a mente aberta, mas sei que é difícil e não posso interferir em suas crenças. Acho que está na hora de pararmos de falar. Estamos perdendo tempo. Nós dois temos motivos de sobra para encontrar a cópia perdida da Concordata, e nossas chances serão maiores se agirmos juntos. Será que pode pôr de lado sua desconfiança e trabalhar comigo?

“Se fosse apenas desconfiança...”, pensou Thomas, desolado. Repulsa, raiva, tristeza e um desespero no fundo da alma abriam um abismo dentro dele. Tinha sido isso que Lorenzo quisera dizer quando falara “Tenho medo do que isso vai fazer com você, com a sua fé”.

E Thomas tinha rido, pois achava que sua crise de fé já havia sido superada. Agora via que relaxara apenas para passar por uma prova maior ainda.

– Spencer e eu começamos a estudar o manuscrito – disse Livia. – O caderno de anotações de Damiani. Ele concorda comigo que o padrão das páginas que faltam pode ser importante.

Thomas olhou para ela. Será que iria mesmo fazer aquilo? Como se discutir os poemas de Damiani, ou qualquer outra coisa, com ela fosse sensato? Mas, sem saber se já tinha chegado a alguma conclusão, ouviu a própria voz dizer:

– Como vocês... Como vocês podem saber? Já identificaram os locais a que as páginas que foram arrancadas se referem?

– Não. São muitas possibilidades. O que fizemos foi decifrar os poemas que temos. Quando localizamos esses lugares no mapa, descobrimos que uma grande área que vai daqui, desta casa, até o Tibre, atravessando Trastevere, não tem nenhum poema relacionado. É possível que Damiani tenha ido daqui para o rio e escondido a Concordata no caminho, em algum lugar, algum prédio, estátua ou fonte sobre a qual já tinha escrito.

Thomas hesitou, depois disse lentamente:

– Se eu concordar em ajudar, como vou poder ser útil?

– Você conhece melhor que Spencer e eu o significado de muitos desses prédios para a Igreja – retrucou Livia de imediato. – Se conseguirmos encontrar o prédio certo, ainda teremos de localizar o esconderijo de Damiani lá dentro. Estou percebendo que ele era um

homem brilhante e irônico, com um grande senso de humor. Se o prédio que ele escolheu foi uma propriedade religiosa, como desconfio que tenha sido, o seu conhecimento da história da Igreja pode ser muito valioso.

– Não tenho tanta certeza disso.

– O conclave tem. E o seu cardeal também.

Sim, o cardeal. Lorenzo tinha muita fé em Thomas. Não o suficiente para lhe dizer a verdade, mas o bastante para pedir que assumisse a tarefa.

– E se nós encontrarmos a Concordata? – perguntou Thomas. – O que vai acontecer depois?

– Nosso objetivo é o mesmo: mantê-la em segredo.

“Esse é o *seu* objetivo”, pensou Thomas. “E do cardeal. O meu, neste momento, é salvá-lo. Se para isso eu tiver que entregar a Concordata a alguém que revele o seu conteúdo, até que ponto será prejudicial? Será que isso causaria a destruição da Igreja?”

Não: a estrutura da Igreja voltaria ao caminho correto, a uma trajetória que – Thomas agora podia ver – fora abandonada seiscentos anos antes. Será que ele conseguiria convencer Lorenzo de que aquilo era o certo? O cardeal tinha gritado que Thomas não os ajudasse, ou seja, estava pronto para se sacrificar a fim de proteger a Igreja. Mas Lorenzo, Thomas percebeu de repente, podia estar ansioso para manter o status quo apenas porque tudo aquilo era teórico para ele. Sem dúvida o cardeal não conhecera nenhum noantri até eles o sequestrarem, nunca estivera na insidiosa e sedutora presença de um deles. Caso contrário, ele entenderia. Se sentiria da mesma forma que Thomas se sentia agora.

Thomas engoliu em seco e perguntou:

– Por onde nós começamos?

– Spencer está com o manuscrito. – O alívio de Livia era palpável quando ela levantou. – Vou chamá-lo. Ele...

Ela parou quando a porta se abriu. O estômago de Thomas se contraiu à visão de Spencer em pé no umbral, com o manuscrito de Damiani. O padre teve de se controlar para não agarrar o crucifixo de novo. Observando o historiador, ele teve de admitir que o homem não parecia ter sido nem um pouco afetado pelo jato de sangue que esguichara de sua veia algumas horas antes.

Nem um pouco afetado; mas parecia estranho.

– Livia? – falou Spencer numa voz distante. Era como se nem tivesse notado Thomas ali.
– Livia, eu tenho um desses poemas.



O coração de Livia disparou. Spencer estava com um dos poemas de Damiani que faltavam e o padre Kelly ia ajudar na busca. Ela estava fazendo o que o conclave havia instruído e agora tinha esperança de conseguir. Talvez as coisas ainda dessem certo.

Talvez Jonah não precisasse morrer.

Spencer foi até uma escrivaninha no canto. Livia ficou observando enquanto ele destrancava e abria o tampo de correr. Puxou uma gaveta e retirou lá de dentro um pequeno estojo de couro, dentro do qual havia uma folha de papel. Ele a apanhou, passou os dedos pelas bordas, então percorreu-a com os olhos de cima a baixo, como se procurasse alguma coisa oculta – algo que já tinha procurado muitas vezes, mas que nunca encontrara. Em seguida, deixou o papel de lado e abriu o caderno de Mario Damiani.

Thomas começou a se aproximar, mas Livia estendeu a mão para impedi-lo. Os dois ficaram esperando até que Spencer finalmente falou, num tom monocórdio:

– Venha aqui ver isto. – Depois de um momento: – Você também, padre Kelly, pode vir.

Os dois se aproximaram e por sobre o ombro de Spencer Livia viu que o tipo de papel, a caligrafia e a qualidade da tinta eram os mesmos. O historiador virou as páginas, comparando as bordas rasgadas até localizar o lugar de onde tinha sido arrancada a folha que estava em sua escrivaninha.

– Mario me deu isso quando estava começando a escrever este livro – contou Spencer. – Ele estava satisfeito com este poema... Não – acrescentou com um sorriso triste. – Era Mario. Ele estava maravilhado. Disse que mesmo que o resto do livro não ficasse bom, este poema tinha saído exatamente como ele queria e seria sempre meu. Achei que o bilhete só significasse isso.

Livia olhou para ele.

– Bilhete?

Spencer tirou uma segunda folha do estojo de couro. Embora o papel e a tinta fossem nitidamente diferentes, a caligrafia era a mesma. A única linha estava escrita em italiano, não em romanesco, e tinha sido rabiscada às pressas, mas não havia dúvida de que fora Damiani. “Olhe para o seu poema”, dizia.

– Achei que fosse uma despedida. – Spencer virou-se e fitou Livia direto nos olhos. – Quando afinal voltei a Roma, isso estava na minha escrivaninha. Achei que Mario tivesse deixado para mim no caso de... algo acontecer com ele. Para me lembrar que eu ainda tinha o poema. Que tinha alguma coisa dele. Está vendo?

– Estou.

– Mas talvez não tenha sido isso que ele quis dizer. Talvez quisesse que eu encontrasse a Concordata. Talvez estivesse me dizendo onde ela está.

Com o coração batendo mais forte, Livia examinou o poema; por cima do outro ombro de Spencer, Thomas fez o mesmo.

*Quer sbirilluccico che jje strazzia
er gruggno, er ginocchione flessu, è 'n passettino
incontro ar Padre nostro: Lui sà ch'è la monnezza
tra dde noi che bbatte er cammino,
piede destro, poi er sinistro, che porta l'anima a la grazzia.*

As palavras em romanesco pareciam estranhas na página, com os grupos de letras diferentes dos encontrados no italiano. Mas Livia tinha muita prática naquilo, e sabia que Spencer também. Tampouco Thomas pareceu intimidado. Na mente de Livia, o poema se transformou com rapidez:

O ardor do êxtase no rosto,
o joelho dobrado, o mais humilde dos passos
em direção ao nosso Pai: Ele conhece a base
e cabisbaixos são os que percorrem o caminho,
pé direito depois do esquerdo, levando a alma à graça.

– Você tem razão, Spencer. Se conseguirmos entender – disse ela –, se conseguirmos descobrir... Talvez seja isso que ele quis dizer, e é disso que precisamos.

– Descobrir? – perguntou Spencer, parecendo surpreso.

– Ao que se refere! – disparou Thomas. – Para onde ele estava mandando você!

Spencer sorriu.

– Me admira você, padre, um estudioso da Igreja supostamente tão erudito... “O mais humilde dos passos.”

Thomas corou, irritado.

– Sinto muito, Spencer – falou Livia. – Também não consigo ver.

– Pelo contrário. Você consegue, sim.

Então Spencer apontou para a janela, para a fachada sombreada da igreja de Santa Maria della Scala.



Jorge Ocampo acendeu outro cigarro e pediu mais um café. Era o quinto cigarro e o terceiro café desde que chegara àquela cafeteria na Piazza della Scala. Tossiu. Talvez devesse pegar mais leve. Apesar de Anna sempre dizer que não havia razão para isso. Seu indestrutível corpo noantri regeneraria qualquer dano que estivesse sendo causado. Mas Jorge achava desagradável a sensação de tossir.

Anna nunca tossia.

O *cameriere* trouxe o café. Jorge gostava muito daquele tipo italiano, mas até o momento ainda não tinha tomado um café com a mesma intensidade e força do argentino. Misturou o açúcar (ali eles também usavam pouco açúcar) enquanto mantinha um olho na porta pela qual o padre havia desaparecido. Anna ficaria orgulhosa dele. Tinha localizado o religioso, e desta vez não o deixaria escapar.

Admitiu que tivera sorte, mas boa parte da habilidade de um combatente revolucionário era reconhecer quando a sorte se apresentava e saber como usá-la. Enquanto corria em sua vespa para a casa da mulher noantri de cabelo preto que morava na Piazza dei Renzi, ele quase trombara com o padre que vira com ela na Biblioteca do Vaticano. Então deu meia-volta e o seguiu, ouvindo o instinto que lhe dizia que aquele homem, apressado daquele jeito, poderia levá-lo aonde precisava ir.

Além do mais, aquele padre o tinha derrubado no chão e ia pagar por isso, pensou enquanto se acomodava na cafeteria esfregando o ombro, apesar de, na verdade, não estar mais doendo. Um fato infeliz no corpo dos noantri, Jorge tinha percebido, era que os sentidos altamente aguçados faziam com que a dor, como qualquer outro fenômeno físico, fosse ampliada para muito além da que os mortais experimentavam. Mas também era verdade que a rápida recuperação logo acabava com o sofrimento. Anna tinha prometido, já que a invalidez e a morte se tornaram impossíveis, que em algum momento o pavor instintivo e o medo de uma dor mais grave também desapareceriam.

Jorge esperava que sim. Enquanto isso, ficava feliz em trocar ocasionais ataques de pânico e momentos de dor lancinante pela insubstituível dádiva que seus sentidos ampliados propiciavam: o prazer profundo que experimentava quando Anna tocava nele. Os lábios aveludados roçando os seus, beijando-lhe o pescoço... Os dedos macios acariciando seu rosto, o peito... e a agonia gloriosa quando ela enterrava as unhas nos seus ombros e arranhava suas costas: tudo isso era dele e fazia qualquer coisa valer a pena.

Algumas poucas vezes, Jorge se pegara pensando como teria sido fazer amor com Anna se os dois fossem mortais e só desfrutassem dos sentidos com os quais haviam nascido. A urgência emocionante e desesperada de que Jorge se lembrava como uma vívida parte dos abraços mortais. A urgência, é claro, era parte indissociável de todos os empreendimentos humanos, embora na vida diária ela fosse quase imperceptível. Originava-se da consciência de que um dia tudo estaria acabado, e tal percepção acrescentava um sabor picante a todos os momentos dos quais às vezes, em seus pensamentos mais incautos, Jorge achava que sentia falta.

Mas, em troca, quanto ele havia recebido! Vida eterna. E Anna.

E, naquele momento, tinha uma oportunidade de fazer Anna muito feliz. A porta que ele estava vigiando se abriu e por ela saíram o padre, a *professora* de cabelo preto e uma terceira pessoa: um homem bem vestido que Jorge não conhecia, mas podia dizer pela fragrância que era um noantri. Estavam atravessando a pequena *piazza* com determinação, andando em direção à igreja.

A *professora* tinha na mão o manuscrito furtado.

Jorge se levantou.



O sargento Raffaele Orsini continuava sentado à mesa do café na Piazza della Scala. A ligação que fizera meia hora antes para o tio, Lorenzo Cossa, sobre a chegada do padre à casa que Raffaele vigiava, caíra na caixa postal. Tentou mais uma vez e, quando o cardeal não atendeu de novo, Raffaele ligou para o *maresciallo*.

– A suspeita acaba de sair da casa. Está com duas pessoas que não conheço. Uma delas é um padre. Não estou conseguindo falar com o cardeal.

Seu chefe, do outro lado da linha, ficou em silêncio por um momento. Raffaele podia visualizar a expressão exasperada dele enquanto avaliava as opções. Por um lado, o *maresciallo* estava se privando do serviço de um de seus homens e depois teria que informar a seus superiores sobre o tempo improdutivo de Raffaele. Por outro, estava fazendo um favor a um cardeal. Mais cedo ou mais tarde, o *maresciallo* poderia cobrar o favor e, assim, impressionar seus superiores com seu acesso ao Vaticano.

Ter uma boa entrada na Santa Sé, à parte das cordiais relações profissionais que os *carabinieri* mantinham a duras penas com a Igreja, era uma grande vantagem para um policial ambicioso subindo na carreira. Raffaele tinha percebido como seu prestígio havia aumentado diante do olhar calculista do *maresciallo* quando seu tio fora promovido a cardeal e trazido a Roma. Tinha achado divertida a transparência de seu chefe, mas Raffaele, por sua vez, também era um policial ambicioso. O fato de ser sobrinho de um cardeal era pura sorte, mas ele não tinha vergonha de aproveitar as vantagens que essa posição poderia propiciar. Seu parceiro e superior, Giulio Aventino, sempre dizia que o trabalho da polícia era cinco por cento persistência, cinco por cento sorte e noventa por cento a capacidade de reconhecer e usar com persistência a sorte que cruzava seu caminho.

O motivo da hesitação do *maresciallo* em relação à informação que Raffaele acabara de lhe dar só podia ser Giulio. O trabalho que Raffaele estava deixando de fazer, no escritório ou em campo, sem dúvida tinha recaído sobre os ombros de seu parceiro. Giulio, com sua cara de desânimo, sua aversão à burocracia, sua impaciência diante da tecnologia e sua antipatia em relação à Igreja, com certeza passara a última hora e meia reclamando sobre a ausência de Raffaele. Não seria a mesma coisa se o *maresciallo* tivesse dado ao sargento a tarde de folga para ir ao dentista? Por que não se aplicava àquela situação, em que Giulio precisava cuidar das funções do parceiro enquanto ele realizava uma tarefa para um cardeal nepotista?

Finalmente, o *maresciallo* grunhiu no seu ouvido:

– Continue firme. Siga a mulher.

Vaticano, um, Giulio, zero. Raffaele sorriu para si mesmo. Mas a hesitação de seu chefe, ainda que breve, tinha sido longa o suficiente para levantar um outro problema.

– Eles estão indo para a igreja.

– Que igreja, Orsini? Onde você está?

– Desculpe, senhor. Na Santa Maria della Scala. Em Trastevere.

– Eles estão entrando?

– Sim, senhor.

– E um deles é um padre? – Outro momento de reflexão, muito mais breve dessa vez. – Não vá atrás deles. Só nos pediram para manter a mulher sob vigília. Tem certeza que é ela?

– Eu estou com uma foto.

– Bem, seja lá o que estiverem fazendo, uma hora vão ter que sair. Fique esperando. Não quero você invadindo igrejas. É sempre um pesadelo, mesmo quando um crime é cometido, e não sei se é um caso de crime. Além do mais, eu já estive em Santa Maria della Scala. É muito pequena e você pode ser notado.

“Seu exibido”, pensou Raffaele.

– Fique esperando até eles saírem – repetiu seu chefe. – Se voltarem para aquela casa, continue vigiando. Se forem a algum outro lugar, vá atrás deles, mas continue tentando falar com seu tio. Quero você de volta aqui ainda hoje. Giulio está deixando todo mundo maluco.



Thomas nunca tinha ido à Santa Maria della Scala, mas conhecia sua história. Conhecia muitas histórias da sua Igreja.

As portas da frente estavam abertas. Thomas deu uma rápida parada e entrou em seguida como se fosse um padre qualquer, na companhia de dois historiadores, visitando uma igreja de Roma. Sentia intensamente a presença de Livia ao seu lado e a de Spencer alguns passos atrás. Será que eles podiam entrar numa igreja? Pisar num solo sagrado com a mesma facilidade que ele? Parte dele esperava – não, torcia – que os dois fossem fulminados no limiar, reduzidos a pó e cinzas por violarem a atmosfera santificada. Mas também era verdade que seu crucifixo não tivera nenhum efeito. Nem a luz matinal na *piazza*, nem o brilho do sol sob o qual ele e Livia tinham escapado da Biblioteca do Vaticano algumas horas antes, aquele momento feliz em que ele achava que só estava maluco.

Agora, os três passaram pela soleira de madeira e não aconteceu nada. Resignado, Thomas entrou no vestíbulo pela porta da direita. Parou alguns passos à frente, na fonte de mármore, para molhar os dedos na água benta e se benzer, talvez um pouco mais fervorosamente do que o normal. Ficou horrorizado com a perspectiva de que Livia ou Spencer pudessem fazer o mesmo. Mas talvez não conseguissem. Talvez o contato com a água benta lhes causasse a destruição que a visão do crucifixo não causara. Talvez eles derretessem, comesçassem a ferver e... “Pare com isso”, disse a si mesmo, “você está falando como um dominicano.” Livia olhou para a fonte, para ele, abriu um pequeno sorriso e balançou a cabeça numa negativa. Spencer passou direto.

Ao seguir atrás deles, Thomas estreitou os olhos na escuridão. Tentava enxergar enquanto Livia tirava os óculos escuros, parecendo bem à vontade. Spencer também tinha colocado óculos escuros e um chapéu quando eles saíram da casa, embora só tivessem precisado atravessar a *piazza*. Devia ser um hábito para eles. De súbito, Thomas se lembrou de um médico amigo seu que usava óculos fotossensíveis, com lentes que escureciam automaticamente ao primeiro sinal de luz. Era um homem afável, que estava sempre com um boné de beisebol... Não. Não podia ser.

Thomas afastou aquele pensamento. De repente, não conseguia suportar a proximidade dos dois noantri. Seguiu pelo corredor central em direção ao altar, e é claro que eles foram atrás. O que ele esperava? Para não precisar encará-los, Thomas olhava para cima, para baixo, ao redor.

Santa Maria della Scala era por si só um milagre, embora um milagre comum em Roma. Na fachada serena e levemente descascada, a porta pequena conduzia a um interior bem cuidado, grandioso e imponente, que abrigava um piso de pedra estampado – incorporando, como tantas outras igrejas, lápides com os nomes de seus donos, que agora dormiam debaixo da terra –, bancos de madeira envernizada e um teto abobadado alto, sustentado por colunas de mármore. Em toda parte, obras de arte: pinturas, afrescos, esculturas, candelabros dourados. Sobre o altar e nas capelas laterais, lustres de cristal do século XIX presenteados por algum devoto – ou por alguém atormentado pela culpa. Os lustres eram uma presença estranha, mas toda igreja tem sua estranheza, suas excentricidades, seus segredos.

Eles tinham ido ali para desvendar um desses segredos. O padre Thomas Kelly, da ordem dos jesuítas, junto com dois vampiros. Thomas sentiu que estava quase perdendo a compostura.

Parou em frente ao altar e os dois se posicionaram ao seu lado.

– O que fazemos agora? – perguntou Thomas, não necessariamente querendo uma resposta; era mais para não perder o autocontrole.

– Estávamos esperando que você nos dissesse, padre – retrucou Spencer.

Thomas percebeu que ele havia tirado o chapéu e sentiu um lampejo de raiva diante da hipocrisia do gesto.

– E como imaginam que eu faça isso? Eu não conhecia Mario Damiani. Nunca estive nesta igreja. A primeira vez que ouvi falar da Concordata foi há alguns dias, e posso afirmar que adoraria jamais ter ouvido!

– Padre – chamou Livia com delicadeza, colocando uma das mãos no braço dele.

Fez um sinal em direção a duas mulheres acendendo velas numa capela lateral.

Thomas afastou a mão dela e baixou a voz para um murmúrio sarcástico.

– Claro, não podemos perturbar os fiéis. Eu sei como isso os incomoda.

Spencer revirou os olhos e Livia disse:

– Incomoda mesmo. Eu fui criada na mesma Igreja que você e acho que a fé é uma coisa preciosa, que deve ser respeitada em qualquer lugar. Sei que não acredita que penso assim, e não estou pedindo que acredite. Só sugiro que se concentre na razão por que estamos aqui.

Thomas a encarou por um longo tempo. Depois bufou e olhou ao redor, impotente.

A missa tinha acabado havia pouco tempo, e um aroma forte de incenso pairava no ar, misturando-se à fragrância das flores. Os passos e os murmúrios não perturbavam o silêncio pacífico comum a muitas igrejas. Tudo era reconfortante e familiar, e Thomas pensou ter experimentado um eco de sua antiga sensação de estar em casa.

Mas não conseguia imaginar nenhum lugar onde pudesse ter sido escondido um documento de seiscentos anos descrevendo um pacto satânico em detalhes.

– Esta igreja – falou Spencer. – O que há de especial nela?

– Você mora do outro lado da praça! Deveria conhecê-la muito melhor do que eu!

– É mesmo, padre? Quanto tempo imagina que eu passei aqui? E o que acha que eu faria se viesse? Ajoelharia para rezar?

– Não, eu entendo que não faria sentido. Nem as preces podem salvar sua alma vendida!

– Então por que eu viria?

– Spencer? – interrompeu Livia, dirigindo-se ao historiador, mas lançando um olhar de censura a Thomas. – Mario costumava vir aqui?

Spencer desviou lentamente o olhar de Thomas e virou-se para Livia. Fez que sim com a cabeça.

– Ele adorava todas essas igrejinhas. A arte, e a história... Vim aqui com ele uma ou duas vezes. Sempre foi uma de suas favoritas, e ele ficou ainda mais ligado a ela durante a Rebelião, porque serviu de hospital de campanha para o exército de Garibaldi. Mario foi um oficial na guerra contra o poder do papado, você sabe. – Lançou mais um olhar a Thomas, que mordeu o lábio e se recusou a cair na armadilha. – A missão que ele delegou a si mesmo – continuou – era tirar esses pequenos tesouros da influência da Igreja e devolver-lhes seu significado estético e verdadeiramente espiritual.

– *Verdadeiramente espiritual?* – sibilou Thomas, incapaz de se conter. – Como se houvesse alguma dúvida do significado espiritual de uma igreja?

– Nesse caso, eu concordo com você. Sempre achei esse projeto todo absurdo. Passei quase três séculos em Roma evitando todas as igrejas que pude.

– Teria sido melhor se...

– Padre? Será que não podemos ter essa conversa mais tarde?

Enquanto falava, Livia se virou para olhar o corredor central. Um monge mais velho caminhava depressa na direção deles, com seu hábito farfalhando. Livia e George sorriram para cumprimentá-lo. Thomas lutou para fazer o mesmo.

– *Buongiorno, padre* – disse o monge para ele.

– *Buongiorno, padre* – respondeu Thomas. Então continuou, em italiano: – Eu me chamo Thomas Kelly e sou de Boston. Essa é a Dra. Pietro e... o Dr. George. Os dois são historiadores. Como eu – acrescentou.

– Giovanni Battista. Bem-vindos à igreja Santa Maria della Scala.

As mãos finas do monge eram deformadas pela artrite e sua voz tremia como a de um ancião.

– Obrigada – disse Livia, educadamente.

Spencer murmurou um cumprimento também, apesar de Thomas poder jurar que ele não abriu a boca. Livia continuou, timidamente:

– Estamos aqui como parte de um projeto. Estudamos a arte e a história das igrejas de Trastevere. Cada uma delas é especial de alguma forma, e estamos interessados em ver as obras específicas daqui.

O sorriso de Battista deu a entender a Thomas que ele conhecia muito bem a riqueza artística, embora modesta, de sua igreja.

– Então vocês precisam conhecer o ícone da Nossa Senhora, a pintura sagrada que curou a criança – disse ele. – Está no altar do transepto, desse lado.

Sem esperar uma resposta, Battista deu meia-volta para mostrar o caminho. Sem saber o que fazer, Thomas foi atrás dele, espiando ao redor, esperando... o quê? Um raio de luz celeste atingir um dos quadros? Um coro de anjos cantar quando ele passasse por uma escultura? Observou todos os detalhes do santuário, enquanto ouvia distraidamente as sandálias do monge batendo de leve no piso de pedra.

Sandálias.

O padre Battista era um membro da Ordem dos Carmelitas Descalços.

“Descalço”, nesse caso, significava de sandálias, não com os pés no chão, embora os carmelitas, assim como a fundadora da ordem, Santa Teresa de Ávila, costumassem ser retratados dessa forma. Até mesmo Bernini celebrou a escultura da santa representando-a com um pé descalço saindo por baixo da bata.

... o mais humilde dos passos...

pé direito depois do esquerdo, levando a alma...

– A relíquia! – bradou Thomas.

O monge parou e se virou.

– Padre...?

– A relíquia – repetiu Thomas, também interrompendo a caminhada. Controlou o tom de voz, embora não tenha conseguido acalmar as batidas do coração. – Santa Teresa. Ela está aqui, não está? Eu gostaria muito de vê-la.

Spencer franziu a testa e Livia lançou a Thomas um olhar confuso, mas ele continuou fitando o padre Battista.

O interesse fez as linhas do rosto enrugado do monge se suavizarem.

– Tenho de admitir que é uma agradável mudança – disse ele. – A veneração de relíquias anda fora de moda hoje em dia.

Lançou um sorriso amargo a Thomas, que retribuiu, embora “hoje em dia” fosse um termo relativo: a mudança datava de 1965, tendo sido acarretada pelo Concílio Vaticano II. Fora antes de Thomas nascer, por isso ele adotara uma vida religiosa que seguia os preceitos do Concílio. No entanto, o padre Battista, mais velho, ainda era um jovem na época, então Thomas pensou se ele já tinha feito seus votos quando houve a reunião do Concílio. Imaginou também se o homem ainda teria entrado na ordem sagrada se soubesse das mudanças que viriam. E se tivesse as informações que Thomas detinha agora? Se soubesse sobre os dois colegas de Thomas e o acordo corrupto da Concordata? Como se sentiria a respeito de sua Santa Madre Igreja?

– ... uma pena – continuou dizendo Battista. Thomas voltou a se concentrar no monge. – A comunhão com os restos mortais de um santo cria uma atmosfera para preces diferente de tudo. Leva o fiel a uma relação íntima com a santidade, algo muito difícil de alcançar de outra forma.

“Realmente”, pensou Thomas. “Eu já ouvi esse discurso antes.” O padre Battista poderia passar uma tarde agradável regada a charutos e conhaque ao lado de Lorenzo, discutindo a direção equivocada que a Igreja tinha tomado. Poderiam conversar sobre relíquias e a missa em latim, a vocação apostólica, freiras abandonando seus hábitos. Battista poderia nem notar que a devoção de Lorenzo era uma mentira.

Uma mentira com que Thomas jamais teria a oportunidade de confrontar Lorenzo – ao menos não na forma humana – se não encontrasse a Concordata.

– Sim – concordou com o padre Battista, assentindo com a cabeça. – Eu gostaria muito de ver a relíquia.



– Que relíquia o seu padre está nos levando para ver? – murmurou Spencer a Livia enquanto o velho monge os conduzia pelo corredor lateral.

– Não faço ideia. Nem por quê.

Livia ficou observando o padre Battista e Thomas andando lado a lado alguns passos à frente, dois homens unidos pela mesma fé, a mesma visão de mundo. A fé do padre Thomas estava abalada pelo que tinha acabado de descobrir, mas Livia esperava que ele recuperasse o equilíbrio. Ela dissera a verdade: acreditava que a fé era uma coisa preciosa. Sua fé era mais complexa que a dele; não tinha nenhuma certeza de que isso fosse algo bom, mas era um fato que não havia razão para negar.

Livia fora criada para acreditar no mesmo Deus de Thomas, apesar de nunca ter sido tão fervorosa quanto ele. Desde a sua Transformação, refletia com frequência sobre a questão da divindade e também da vida após a morte. Como havia contado a Thomas, os noantri podiam morrer. Só não fora totalmente sincera sobre o assunto com ele: das três formas pelas quais um membro de seu povo podia morrer, ela só tinha descrito duas. Mas o que dissera sobre o fogo era verdade, e não estava exatamente brincando quando afirmara que todos seriam devorados quando o sol explodisse. E depois? Sobre aquele tema mais amplo, ela não havia chegado a nenhuma conclusão. Mas tinha certeza de três coisas.

Uma era que não existia nenhuma razão para um Deus benevolente, o Deus de Thomas Kelly, não poder ser responsável pela criação de um micróbio que abençoara os noantri com suas vidas longas e completas. Thomas via o micróbio, e o povo dela, como um mal. Os inalterados sempre acharam isso, e era uma visão compreensível durante os milênios em que a necessidade de sangue dos noantri os transformara numa ameaça eminente. Não era mais verdadeiro do que dizer que o mal era responsável por um gato matar um rato, mas era possível entender o ponto de vista do rato.

Isso levava Livia ao seu segundo artigo de fé: que a Concordata era um bem inadequado.

A explicação que o cardeal Cossa dera a Thomas sobre a origem da Concordata não fora um relato mais completo que o resumo de Livia sobre como um noantri podia morrer. Era verdade até certo ponto, assim como os fatos que acrescentara à sua narrativa no escritório de Spencer, mas ela sabia de mais coisas que não revelou. E ainda havia um segredo no âmago da história da Concordata que Livia não conhecia. Sim, Martinho V tinha percebido as vantagens de encerrar o incessante e virulento ataque aos noantri. Na época da Concordata, antes do surgimento da comunidade e da lei, o povo de Livia era furtivo e

fragmentado. Dar um basta à perseguição, à caçada, era algo que permitiria a Martinho concentrar sua força nas questões urgentes da consolidação do poder papal. Mas assinar um acordo com o povo dela, comprometendo a Igreja com obrigações perpétuas? Como grupo, em 1431, os noantri não dispunham nem de poder nem de riquezas suficientes para trocar pelos serviços de Martinho. Por que ele tinha feito isso, então? E por que a Igreja continuara mantendo o acordo durante seis séculos?

Talvez a resposta a essa última questão fosse simples: paz é paz. Mesmo no princípio, deve ter ficado claro para os poderosos da Igreja que quando a Concordata fosse assinada os noantri deixariam de ser um perigo. Assim, a Igreja poderia voltar sua atenção para outros assuntos.

Quanto à questão mais ampla, porém, Livia refletira muito a respeito, mas acabara aceitando o fato de que não tinha uma resposta e talvez jamais tivesse. Aquele conhecimento não era partilhado com nenhum inalterado, a não ser membros da alta cúpula da Igreja, e com nenhum noantri fora do conclave. No fim das contas, porém, isso não importava. Fosse o que fosse que tivesse propiciado a existência da Concordata, já era em si uma bênção.

Mas embora a maioria dos inalterados desconhecesse a existência da Concordata, e os noantri só soubessem as diretrizes básicas que eram obrigados a seguir, a terceira coisa de que Livia tinha certeza era que a vida que ela e seu povo conseguiam ter por causa do documento, tão rica e plena que todos os noantri a consideravam uma bênção, só continuaria sendo possível se o acordo fosse fielmente cumprido por ambas as partes.

Jonah se recusava a aceitar essa verdade, mas estava enganado. E só se ela encontrasse a última cópia da Concordata e a entregasse ao conclave ele teria alguma chance de viver por tempo suficiente para entender isso.



Jorge Ocampo, que estava ajoelhado, levantou-se devagar. Esperou alguns instantes e então passou entre os bancos do corredor à esquerda da igreja. As pessoas que ele vigiava foram recebidas por um velho monge e agora se dirigiam à extremidade do transepto. Era necessário mantê-los à vista, mas sem se aproximar muito. Até o momento, o tamanho da igreja e o perfume de flores e incenso impediam que a *professora* o notasse. Se tomasse cuidado, continuaria despercebido. Tinha esperança de que o grupo planejasse ver alguma obra de arte ou examinar algo numa das capelas laterais e depois fosse embora. Quando estivessem se dirigindo à porta ele os seguiria e, assim que eles saíssem, pegaria o manuscrito e correria até seu *motorino*. Levaria o caderno para Anna e ela veria que Jorge era o homem certo para aquele trabalho.

Sua única preocupação era que estivessem a caminho dos escritórios da igreja, ou até pior, da clausura dos carmelitas, localizada nos fundos da construção. Não sabia ainda como faria para segui-los até lá, mas encontraria uma maneira. Desta vez, nada iria impedir que recuperasse o manuscrito para a sua Anna.



Thomas andava devagar ao lado do padre Battista. Sua vontade era sair correndo, mas precisava acompanhar o passo artrítico do ancião. Além do mais, não queria alarmar as mulheres que acendiam velas e o jovem que rezava num banco no fundo. Isso sem falar no próprio monge. Era pouco provável que alguém, por mais devoto que fosse, saísse em disparada pela Santa Maria della Scala para chegar à relíquia da igreja.

Thomas ouvia Spencer cochichando com Livia. Nenhum dos dois fazia ideia do que ele estava pensando, e Thomas não queria esclarecer nada. Que seus aguçados sentidos noantri descobrissem a resposta. De qualquer forma, se estivesse certo, se veria livre dos dois depois daquilo.

Ao lado de uma grade havia um genuflexório de madeira acolchoado bloqueando a entrada na capela onde se situava um grande altar de mármore.

– A Capela da Relíquia é por aqui – disse Battista, apontando para a direita, na direção de um portão aberto na parede da capela. – Raramente é visitada, e nós somos poucos aqui. Por isso a mantemos trancada.

– Agradeço sua boa vontade em abri-la para nós, padre – falou Thomas.

– Sem problemas.

O velho monge começou a empurrar o genuflexório para o lado, mas Thomas se adiantou para assumir a tarefa. À frente do portão da capela, embaixo de dois anjos dourados, Battista tirou um chaveiro do bolso e enfiou a chave certa na pesada fechadura.

Thomas entrou atrás dele na pequena capela de pé-direito alto onde a luz penetrava por janelas de vitral à esquerda e à direita do altar. Imagens de João da Cruz e de Santa Teresa adornavam as paredes, mas Thomas mal olhou para elas. À frente, atrás de um gradil baixo de pedra, estava o que ele procurava. Sobre um altar de mármore, uma escultura de solenes anjos dourados em pleno voo sustentava um armário de porta de vidro de cerca de 45 centímetros de altura. Dentro, outra caixa com fachada de vidro apoiava-se nas pernas de um leão dourado. Era a relíquia.

Em seu interior, jazia o pé direito de Santa Teresa.

O coração de Thomas bateu mais rápido. Devia ser aquilo que Damiani quisera dizer. Passos, caminho, degraus – estava tudo ali. Os dois noantri se entreolharam, mas Thomas os ignorou. Percebeu que o ancião o observava.

– Padre, gostaria de ficar a sós para rezar?

Percebendo que seu alívio e entusiasmo tinham sido confundidos com devoção, e consciente de que estava prestes a mentir para um monge numa capela consagrada em frente à relíquia de uma santa, Thomas respondeu:

– Gostaria, sim, padre. Obrigado.



O padre Battista saiu da Capela do Relicário, sorrindo enquanto ouvia o som do portão se fechar atrás dele. Já fazia muito tempo – anos, calculou, embora sua memória enevoada pudesse estar se confundindo outra vez; em todo caso, muito tempo – que não via aquele brilho no olhar de um visitante diante da relíquia de Santa Teresa, o objeto sagrado confiado a ele e aos seus irmãos. Repreendeu-se por ter interpretado errado as intenções daquele trio. Imaginou que estivessem interessados apenas nos aspectos artísticos e históricos da igreja, que quisessem só ver o ícone, como em geral faziam os visitantes. Afinal, três historiadores num projeto de estudo de igrejas... O que mais ele poderia pensar? Os jovens padres americanos costumavam ser os piores, orgulhosos da própria sofisticação, com seu cinismo e suas atitudes mundanas. E os jesuítas? Para eles tudo estava ligado à razão e ao aprendizado. De acordo com a longa experiência de Battista, os jesuítas não se interessavam por misticismo, não davam a menor importância àqueles raros, ansiosos e inexplicáveis momentos que faziam a vida dele valer a pena.

Os carmelitas se dedicavam tanto à meditação quanto ao trabalho. Giovanni Battista sempre gostara mais das horas solitárias de contemplação e oração do que servir de guia para os visitantes da igreja, embora tentasse ao máximo ser diligente na realização de tarefas pastorais. Considerava essa preferência uma de suas muitas falhas. O Concílio Vaticano II, que lançara suas diretivas nove anos depois de Giovanni ter prestado seus votos, o desapontara muito. As mudanças, todas na direção da secularização, haviam ajudado a aproximar a Igreja de seu rebanho. Do ponto de vista de Giovanni, fora um grande erro. A Igreja deveria ser a Cidade de Deus no alto da rocha de São Pedro: inalcançável, mas sempre um objetivo cintilante a que acorrer. Era o rebanho que precisava ser ajudado a se aproximar da Igreja.

Mas aqueles historiadores tinham sido uma agradável surpresa. Achou que só o padre gostaria de um tempo na capela para rezar, mas a mulher – não conseguia lembrar o nome dela, apesar de terem sido apresentados – lhe dera um sorriso simpático e agradecera com entusiasmo. Que olhos bondosos e adoráveis! Tinha dito que Battista não podia imaginar quão importante aquilo era para todos eles, e até o arrogante historiador mais velho chegou a aquiescer e sorrir também. O padre Thomas também parecera se surpreender com os companheiros, mas esse era o poder do Espírito Santo. Então Battista os deixara a sós.

Uma sensação agradável o invadiu quando pensou no contentamento silencioso com que seus irmãos ouviriam aquela história durante a colação noturna. Era impressionante como

até os americanos e os jesuítas ainda podiam nos surpreender.

Com um novo alento em seus velhos ossos encarquilhados, Giovanni Battista adiantou-se para recepcionar o jovem magro que se aproximava pelo corredor.



– Não fique tão desanimado, padre – disse Livia a Thomas, afastando-se da porta da capela para olhar para ele.

– Ora, ele está desapontado – comentou Spencer. – Estava achando que iria ficar sozinho com a relíquia.

– Fui eu quem teve a ideia – disparou Thomas.

– Ah, sim, e foi muita esperteza de sua parte – reconheceu Spencer. – Todos aqueles pés e passos do poema de Mario?

– Isso é o membro decepado de uma santa – explicou o padre friamente. – Teresa de Ávila. Foi ela quem fundou a Ordem dos Carmelitas.

– Sim, agora lembro que Mario me falou a respeito. Mas esta capela estava fechada quando viemos, por isso ele não conseguiu me mostrar. Foi um belo subterfúgio o que usou para permitir nossa entrada, aliás. Parabéns.

Thomas deu um passo à frente, os punhos fechados. Livia não podia culpá-lo, pensou até em deixá-lo dar um soco em Spencer só para ver a cara dele. Mas levantou a mão.

– O padre Battista não vai nos deixar aqui a vida toda. Spencer, você acha que é possível que este seja o lugar que Mario queria que encontrasse?

– Ah, é muito provável. É bem na rua onde ele morava. Os duplos sentidos no poema, mais o exotismo peculiar de venerar partes dissecadas de cadáveres... Sem querer ofender, padre.

Spencer claramente queria ofender e Thomas claramente se sentiu ofendido, mas conseguiu se manter em silêncio.

– Imaginar que eu me lembraria de alguma coisa sobre o conteúdo desta igreja foi o risco que ele assumiu – continuou Spencer. – Foi um erro. Mas, se eu me lembrasse, sim, teria vindo direto para este lugarzinho.

Livia virou-se para Thomas.

– Padre Kelly? Agora que estamos aqui na capela, o que acha?

Thomas não respondeu. Depois de dar uma olhada em Spencer, se virou e andou até o vão do altar, onde ficou parado fitando as duas caixas douradas, uma dentro da outra. Com um olhar de advertência, Livia fez Spencer permanecer no local em que estava enquanto ela seguia o padre.

O vidro frontal do relicário tinha painéis dourados nas laterais e, até onde Livia conseguia ver, na parte traseira. Em seu interior, a relíquia cravejada de joias e calçada com

uma sandália dourada repousava num pano de veludo.

Thomas hesitou. Depois, esticou o braço e tocou a base da caixa externa. Enganchou os dedos na armação dourada e tentou abrir, mas não conseguiu. Virou-se para Livia e sua expressão transmitia ao mesmo tempo fracasso e triunfo.

– Está trancada.

Ela deu um passo à frente.

– Me deixe tentar.

– Eu já disse: está trancada.

– E eu não lhe contei, mas consigo abrir.

Tirou uma vareta de um compartimento da bolsa, em seguida uma lixa de unha para usar como cunha. Depois de entregar a bolsa a Spencer, avaliou a altura do altar e saltou o gradil. Um salto vertical de um metro e meio sem impulso não era uma proeza cotidiana nem para um noantri, mas Livia era forte e estava motivada. Aterrissou com leveza no mármore, provocando um arquejo horrorizado no padre e uma risada de Spencer.

– Bravo! – exclamou ele.

Livia reuniu suas ferramentas e arrombou a fechadura antes que o padre encontrasse palavras para expressar seu horror.

Spencer ainda estava rindo quando ela abriu a porta de vidro.

– Livia! Eu não conhecia essa sua habilidade.

Ela olhou para Thomas.

– Padre...?

Ele arregalou os olhos.

– Eu? O que você... Ir até aí? O altar do relicário? Não, de jeito nenhum.

– Então eu vou ter que derrubá-lo.

– Não! Não toque nisso!

Thomas olhou ao redor, aflito. Avistou uma cadeira grande e brocada perto da parede, usada para celebrar hinos durante a missa. Arrastou-a e subiu. Livia esticou o braço para ajudar, mas ele espalmou as mãos no altar e saltou com uma surpreendente graça atlética.

Parado ao lado dela na estreita plataforma de mármore, lançou-lhe um olhar ressentido e em seguida voltou a atenção para o próprio relicário. Depois de um momento, falou:

– Está vendo aqueles pergaminhos lá dentro?

Ela se inclinou para ver.

– São autenticações, ex-votos, orações – explicou ele. – Talvez Damiani tenha enrolado a Concordata e posto no meio daquilo. Ninguém jamais examina esses pergaminhos depois que são colocados com uma relíquia.

Livia observou com ceticismo os papéis encerados presos com fitas.

– Acho pouco provável. São muito pequenos. Mas vamos dar uma olhada. Imagino que prefira manipular os documentos com as próprias mãos.

– Com certeza! – exclamou ele.

Livia ficou de lado, enquanto Thomas se certificou de que o relicário não estava trancado e em seguida abriu o painel frontal para tirar os cinco pergaminhos lá de dentro, evitando encostar no pé da santa. Encarou os delicados documentos por um momento e depois, empalidecendo, enrijeceu a mandíbula e começou a desatar as fitas e romper o lacre de cada um deles. Abriu e leu os cinco com atenção, um por vez, então os colocou de lado.

– Eu estava enganado – falou afinal, desanimado. – Não está aqui.

Livia deu uma olhada nos pergaminhos, todos em latim, e nenhum parecia ser o que eles procuravam.

Lá de baixo, Spencer falou:

– Não, isso é típico demais do Mario para estar errado. – Erguendo as sobrancelhas para Livia, deu um passo à frente. – Posso ir até aí com vocês?

– Não, não pode! – exclamou Thomas.

Spencer deu um suspiro.

– Então procurem direito. Verifiquem se não tem nada preso no alto.

Depois de um tempo, com o máximo de cuidado, Thomas tateou a parte de cima da caixa e sentiu a tampa rugosa e dourada. Ficou imóvel. Segundos depois, recolheu a mão. Nela havia uma única folha de papel, dobrada e amarelecida pelo tempo.



Raffaele Orsini suspirou. Detestava ficar de vigia. Giulio Aventino parecia não se importar quando os dois passavam horas sentados no banco de um parque, esperando alguém aparecer ou algo acontecer. Já Raffaele sempre achava penoso, embora no momento estivesse grato por ao menos estar sentado numa cadeira com um café na mão.

Para ser justo, ele não tinha nada contra matar o tempo num café. Antes de seus filhos nascerem, ele e Elena costumavam passar muitas horas agradáveis fazendo a refeição matinal e lendo o jornal diário. Mesmo nos últimos anos, em que as tarefas haviam aumentado, eles faziam questão de ficar alguns períodos juntos sem fazer nada, numa lânguida indolência.

O problema da vigilância era o agente ter que parecer lânguido e indolente, mas ser exatamente o oposto. Raffaele tinha descoberto – na verdade, justiça fosse feita, Giulio tinha lhe ensinado – que quase sempre a informação vital de uma ação de vigilância provém de algum acontecimento anterior à localização do alvo. Era importante observar todas as idas e vindas, lembrar-se de rostos e roupas, de automóveis e os números das placas, enquanto se vagabundeava por horas a fio.

Desde que chegara ali, Raffaele vinha catalogando as pessoas que passavam pela *piazza*, os clientes da cafeteria, os eventuais carros e as barulhentas vespas na rua. Fazia isso de forma automática, em parte para aguçar seu senso de observação e em parte para se manter concentrado. No momento em que a mulher de cabelo preto saía da casa e entrava na Santa Maria della Scala, ele passara a focar especificamente nos visitantes que entravam e saíam da igreja. Até agora tinham sido poucos, só quatro americanos sorridentes com suas câmeras e um jovem magricela que havia estado antes no café, a algumas mesas de distância.

Os sinais de que o rapaz estava apaixonado eram inconfundíveis. Provavelmente tinha ido rezar para que a Virgem Maria resolvesse seus problemas românticos. Os americanos já tinham saído, consultando guias de viagem enquanto se afastavam. Raffaele sabia que poderia descrever os quatro se fosse necessário e também sabia que nunca precisaria fazer isso, mas sentia-se orgulhoso do profissionalismo com que os gravara na memória assim mesmo. Estava imaginando quantas pessoas além dos seus alvos e do jovem magricela se encontrariam de fato dentro da igreja quando uma senhora saiu gritando freneticamente.



Esforçando-se para seus dedos não tremerem, Thomas desdobrou o papel encontrado no teto do relicário. Era uma única folha pequena, mas, até abri-la completamente, mantinha a esperança de ter encontrado a Concordata. No entanto, quando desfez a última dobra, a esperança desapareceu.

Mesmo assim, não havia dúvida de que aquele papel era a razão por estarem ali.

Era outro poema.

– Ah, meu Deus – disse Spencer, suspirando, enquanto olhava para a folha na mão de Thomas. O padre nem se deu ao trabalho de censurá-lo pela blasfêmia. – Mario, Mario – sussurrou ele. – O que você estava aprontando?

Livia debruçou-se sobre o poema para examiná-lo. Começou a falar, mas antes que conseguisse proferir uma só palavra ela e Spencer levantaram a cabeça.

– O que foi? – perguntou Thomas. – O que está acontecendo?

Livia fez um sinal para que ele se calasse. Ficou imóvel, com os ouvidos atentos, e em seguida Thomas escutou um grito distante vindo de fora da igreja. A historiadora se virou para ele.

– Ponha essas coisas no lugar. Precisamos fechar tudo.

– Tudo?

Por um instante, Thomas sentiu-se perdido. Logo depois percebeu que ela falava das orações, das súplicas dos fiéis para a santa. É claro. Que bem uma prece poderia fazer a ele agora, de qualquer forma? Thomas deslizou os pergaminhos para dentro do relicário e fechou a tampa. Fechou a porta maior também e, com o poema ainda na mão, desceu de onde estava. Livia fez o mesmo. O padre colocou no lugar a cadeira que tinha usado para subir enquanto a historiadora continuava imóvel, a testa franzida de concentração. Finalmente ela falou, em voz baixa:

– Ele está aqui! O atendente. O incenso, as velas... essas coisas estão me confundindo. Mas acho que ele está aqui.

– O “atendente” a que você se refere é o noantri da Biblioteca do Vaticano?

Livia assentiu.

– Mas o que aconteceu? Quem está gritando? – indagou Thomas, com urgência.

– Não sei. Fique quieto. – Ela abaixou a cabeça, parecendo se concentrar. – Não sei – repetiu. – Mas não é coisa boa... Ah, não. A polícia.

– Gendarmes?

– Não. *Carabinieri*. Acabaram de entrar. Só um, mas está com um rádio. E chamou uma ambulância.

– Precisamos saber qual é o problema – disse Thomas, tomando a direção do portão.

– Desculpe, padre, mas você está louco? – disse Spencer, barrando o caminho dele.

– Eu sou padre. Talvez possa ajudar.

– Imagino que você não seja médico também. Acredite, se o que aconteceu precisar de um padre, não vai ser difícil encontrar um por aqui.

– Mas não podemos simplesmente...

– Padre – falou Livia. – Nós precisamos. Esse poema deve estar nos mandando para outro lugar. Fazia parte do manuscrito, não consegue ver isso?

Thomas observou de novo a folha desdobrada em sua mão. Papel, tinta e caligrafia, tudo igual. E havia algo mais, também: uma fileira de letras acrescentadas com grafite embaixo do poema a tinta. Thomas não fazia ideia do que representavam, mas estava claro que Livia tinha razão. Aquela folha também fora arrancada do caderno de notas de Damiani.

– Está nos mandando para outro lugar – repetiu ela.

Rindo, Spencer estalou os dedos.

– É claro. De cara, existe a questão das páginas faltando. São sete, não uma só.

Thomas considerou as implicações disso enquanto o historiador prosseguia:

– Outra questão é que Mario nunca fazia as coisas pela metade. Se quisesse esconder algo importante como a Concordata, faria de um jeito que fosse difícil de achar.

Livia e Spencer ficaram imóveis mais uma vez. Agora Thomas ouviu o que os dois tinham escutado: o uivo de uma sirene se aproximando. Não: mais de uma sirene. A ambulância e a polícia.

– Livia – disse Spencer –, você e o padre precisam sair. – Devolveu a bolsa dela. – Seja o que for que tenha acontecido, foi grave o suficiente para atrair os *carabinieri*, e você não vai querer se envolver com eles. Eu fico, e se o monge voltar eu explico que vocês dois já foram embora há muito tempo. E o atendente... ele deve ter seguido você. Também precisa ser distraído.

– Você disse que ele tinha sido preso. – Thomas olhou para Livia com uma expressão de surpresa. – Se isso fosse verdade, ele não poderia...

– Poderia, sim – cortou Livia, virando-se em seguida para Spencer. – Spencer, nós precisamos de você. Os poemas de Damiani... Você deve saber...

Spencer balançou a cabeça em uma negativa.

– Eu já disse que não li nenhum deles. São tão novos para mim quanto serão para você. Você sabe mais sobre as igrejas de Trastevere que eu. E, mais importante, você foi a encarregada pelo conclave de encontrar a Concordata. Você e o seu padre.

– Eu não sou o padre dela! – disparou Thomas. – E fora um pequeno arrombamento e furto, que não são o que eles estão procurando, o que mais temos a temer? Por que não saímos, dizemos que estávamos aqui, que não sabemos nada do que está acontecendo e...

Spencer fez um sinal para Thomas ficar quieto.

– Se alguma coisa realmente ruim aconteceu, esta igreja será fechada. As autoridades irão interrogar todo mundo e a sua busca será atrasada por horas. De acordo com vocês dois, cada um por uma razão, o tempo é importante. A sua situação, padre, sinto dizer, não me comove, mas gosto muito de Livia e detesto pensar nas consequências se ela não conseguir cumprir sua tarefa. – Olhou bem para os dois. – Agora saiam daqui, antes que eles e esse tal atendente encontrem vocês.

– E como vamos sair? – perguntou Thomas. – Andando na ponta dos pés pelo corredor lateral enquanto você os distrai fazendo malabarismos na nave?

– Isso sem dúvida seria engraçado, mas com certeza existe uma maneira mais razoável.

Ele olhou para as janelas altas e estreitas e Thomas seguiu seu olhar. Nem João da Cruz nem Santa Teresa pareciam ter se movido um milímetro sequer nos últimos quinhentos anos.

Um sino começou a tocar no mosteiro atrás da igreja. Era uma nota só, repetida e altissonante: não um chamado à oração, mas o anúncio de uma calamidade.

– Já sei! – exclamou Livia de repente. – Sim, existe outra maneira. Venha, padre.

Thomas ficou paralisado, como se estivesse pregado no piso de mármore. Encarou Livia por um segundo, apenas a duração de uma nota do sino. Logo depois, ela arrancou o poema da mão dele e guardou-o na bolsa.

– Venha comigo. Ou fique aqui com Spencer e pelo menos consiga algum tempo para mim.

Ficar com Spencer e confirmar as mentiras que ele diria enquanto a única chance de Lorenzo continuar humano – com uma morte natural e o eterno e abençoado descanso que se seguiria – se esvaía? Quando Livia Pietro se esgueirou para fora da Capela do Relicário, Thomas saiu correndo atrás dela.



Giulio Aventino não conseguia decidir se suspirava de frustração, rosnava de raiva ou abria um sorriso de satisfação. Escolheu a raiva enquanto pilotava seu Fiat pelo tráfego de Trastevere. Sua emoção dominante no momento, precisava admitir, era de soberba.

Tinha voltado à delegacia para descobrir que seu sargento, o devoto e abastado Raffaele Orsini, estava fora fazendo um serviço para o tio cardeal. A culpa não era toda de Raffaele, é claro: ele agira corretamente e levava o pedido do cardeal ao *maresciallo*. Tudo o que Raffaele fazia era apropriado. O chefe, obviamente ambicionando um lugar na lista preferencial do Vaticano, tinha mandado Raffaele se postar num café para vigiar alguém cujos passos o cardeal, por alguma razão secreta do Vaticano, queria seguir. Giulio não dava a mínima para o Vaticano e seus segredos, não estava nem aí para aquilo tudo. A não ser pelo fato de que estava, sim.

Droga, duas vezes droga.

Uma pelo *maresciallo* ter mandado Raffaele sair para fazer, basicamente, uma prolongada pausa para o café, deixando Giulio atolado em uma montanha de relatórios de testemunhas não preenchidos sobre um caso que ele e Raffaele tinham fechado na semana anterior.

E outra pelo fato de o Vaticano pensar que podia ligar a qualquer hora que os *carabinieri* saíam correndo só porque eles queriam.

Não, três drogas.

Mais uma pelo Vaticano, só para garantir.

Mesmo assim, nem os segredos do Vaticano nem a descarada ambição do *maresciallo* nem os turistas de bermuda e garrafinhas de água na mão passeando pelas ruas como se não houvesse leis a respeitar eram capazes de diminuir a satisfação de Giulio. A pequena pausa para o café de Raffaele tinha se transformado em um homicídio bem debaixo do nariz patricio do sargento. A notícia fez o apoplético *maresciallo* sair correndo do gabinete e mandar Giulio para a Santa Maria della Scala imediatamente, o mais rápido possível, para ver o que dava para salvar da situação.

O chefe, Giulio percebeu, e tinha sido naquele momento que sua satisfação começara, xingou bastante o ausente Raffaele Orsini.



Thomas Kelly estava logo atrás dela quando Livia escapou pelo outro lado do painel de madeira na extremidade oposta do transepto, depois passou por uma cortina azul de veludo e contornou a capela até chegar a uma porta meio escondida na parede à frente. A fechadura era fácil de arrombar e Thomas, embora estalando a língua numa demonstração de óbvio desprazer quando Livia a abriu, teve a sensatez de permanecer em silêncio até os dois já estarem seguros do outro lado.

– E agora? – indagou ele num sussurro, observando uma escada que levava a um espaço escuro. – Isso não parece uma saída.

– Não. Nós precisamos decifrar o que esse poema significa antes de irmos a qualquer lugar. Não vamos ser incomodados aqui.

– O que aconteceu com “você e o seu padre precisam sair”?

– Não fui eu quem disse isso. Olhe, Spencer pode ser difícil de aguentar, eu sei. Mas ele tem uma mente maravilhosa e é um amigo leal. Além disso, o trabalho dele tem sido muito importante para os noantri.

Thomas fez uma careta. Sem saber por quê – será que ela achava mesmo que ele iria ser agradável com ela e seu povo? E que diferença faria isso? –, Livia continuou:

– Ele estuda a história dos noantri. É estranho viver por tantos anos, como nós, e não ter um sentimento de continuidade *enquanto povo*, não uma história em comum até algumas centenas de anos atrás. Eu poderia apresentar você a vários noantri que cavalgaram com Gêngis Khan ou navegaram com Cristóvão Colombo. Outros ajudaram a construir as pirâmides do Egito, Machu Picchu, a Grande Muralha da China. Todos eles, durante séculos, só sabiam que eram diferentes dos que estavam ao redor. Encontravam apenas a culpa e o medo sempre que tentavam saciar uma fome sobre a qual não tinham controle. Conheciam apenas a própria história, entende? A história individual. Desde a Concordata, tem sido possível para nós juntar essas histórias. Esse é o trabalho de Spencer: nos ajudar a começar a entender quem somos enquanto povo.

Ela parou de repente, sentindo as bochechas arderem. Nunca tinha falado com nenhum inalterado sobre a história e os anseios de seu povo, a forte necessidade de conexão, o alívio e a alegria da comunidade. Os poucos inalterados fora das fileiras da Igreja que sabiam da existência deles, e os pouquíssimos entre eles considerados amigos, quase nunca ouviam relatos sobre as dificuldades, a infelicidade ou as dúvidas dos noantri.

Livia passou por Thomas e começou a subir a escada sinuosa de pedra, percebendo que a aversão do padre por seu povo parecia ter sido amenizada, ainda que brevemente, pelo interesse acadêmico dele pelo que ela dissera.

Ela chegou a um patamar com uma janela na parede da esquerda e armários de portas de vidro à direita. Nas prateleiras havia várias garrafas com líquidos vermelhos, azuis e cor de âmbar. A maioria tinha rótulos descrevendo o conteúdo – *Perle della Saggezza, Tónico del Missionario* – numa escrita meticulosa e esmaecida pelo tempo, embora em algumas mais recentes as etiquetas tivessem sido preenchidas com a tecnologia de ponta da época, uma máquina de escrever mecânica. Por algum tempo, enquanto trabalhava na fechadura da porta entre os armários, Livia deixou Thomas satisfazer sua curiosidade examinando as prateleiras. Desta vez ele não estalou a língua com desprazer, mas prendeu a respiração quando ela conseguiu abrir a porta e os dois entraram na sala.

O que mais o surpreendeu, Livia sabia, não foi a tapeçaria em *trompe l'oeil* ou o antigo balcão de madeira, nem as garrafas de cristal de Murano ou as jarras de cerâmica com bordas coloridas. Era a oitava ou nona vez que Livia entrava naquela sala, e o aroma glorioso que envolvia o visitante quando a porta se abria era uma das razões que a faziam voltar sempre.

Thomas parecia maravilhado, como a maioria dos marinheiros de primeira viagem, embora Livia soubesse que ele não era capaz de discernir a onda de aromas com a mesma precisão que ela: a doçura das aquilégias e o picante da arnica, o viço esmaecido dos chifres-de-veado e a adstringência do arsênico. E muitos, muitos outros: o ar era uma tapeçaria de traços olfativos, espessos e finos, agudos e suaves, amargos como bile e doces como mel. Mais de duzentas ervas, flores, folhas e cascas de árvores, essências de frutas e seivas de árvores, minerais, ossos partidos e terra revolvida eram armazenados naquela sala em gavetas, jarros e garrafas, à espera.

– Que lugar é este? – perguntou Thomas em um arquejo.

– A antiga farmácia do século XV.

– Ainda está em uso?

– Não, desde 1954.

– Mas parece tão completa... tão... pronta.

Livia balançou a cabeça em uma negativa.

– Quando foi fechada, os últimos monges farmacêuticos simplesmente trancaram a porta e foram embora. Os membros da ordem deles serviram aos papas como farmacêuticos por seiscentos anos. Acho que não acreditaram que de fato nunca mais seriam chamados.

Thomas virou-se para ela.

– Você acha. Você conhecia esses monges, não é? Em 1954, você estava aqui.

Livia olhou para ele com calma e segurança.

– Eu tive que me ausentar por um período depois da Segunda Guerra Mundial. Nós precisamos fazer isso de tempos em tempos, por mais comprometidos que estejamos com o

lugar em que moramos. Ficamos longe por anos e mudamos nossa identidade antes de voltar. Chamamos isso de “despiste”. É uma espécie de exílio interno, uma experiência difícil para nós. Mas, sim, naquela época eu já tinha voltado.

Outra vez, ela falou mais do que queria. Preparou-se para um estremecimento da parte dele ou até uma contração dos lábios, de nojo. No entanto, para sua surpresa, não aconteceu. Também não recebeu um sorriso delicado ou um olhar solidário, mas seria pedir demais. Thomas simplesmente assentiu com a cabeça, como se confirmasse uma hipótese acadêmica, e voltou a examinar o recinto.

Em cima do balcão onde os frades farmacêuticos trocavam ervas e elixires por moedas dos clientes, um anjo pintado espiava por cima das cortinas em *trompe l’oeil*. “O anjo está vendo”, dissera para ela um monge certa vez, para garantir que a negociação fosse justa.



Jorge Ocampo corria como o vento. Sabia que não deveria: Anna já lhe dissera que ele não podia deixar os inalterados verem a extensão de suas habilidades como noantri. Com suas mentes tacanhas, eles ficariam muito assustados; passariam a evitá-lo, e talvez até o atacassem, se percebessem que era muito diferente dos outros. Ela lhe assegurara que ele não poderia ser ferido de fato se fosse atacado, que qualquer dor seria transitória, que nos séculos transcorridos desde a assinatura da Concordata os inalterados tinham perdido a compreensão dos efeitos do fogo.

Mesmo assim, Anna explicara, se Jorge começasse a despertar suspeitas, teria menos valor para ela. Era um pensamento aterrorizante, mas ainda assim ele virou correndo a esquina da Vicolo del Piede para chegar ao seu destino: um cinema abandonado. Jorge tinha certeza de que as expressões de espanto quando ele passava correndo (“*Madonna!* Você viu aquele sujeito?”) reduziriam menos o seu valor para Anna do que ser identificado como o homem responsável pelo que tinha acontecido em Santa Maria della Scala.

O antigo cinema estava caindo aos pedaços à sombra das trepadeiras que tinham tomado suas paredes laterais. Uma das razões de Jorge ter escolhido o lugar como seu esconderijo particular era que a Vicolo del Piede estava sempre tranquila. Nem Anna sabia que ele costumava ir até ali. A rua agora encontrava-se vazia, como de costume, sem ninguém para vê-lo pular até uma sacada e entrar por uma janela entreaberta.

Imediatamente, como em geral acontecia, o silêncio e a escuridão do interior das ruínas acalmaram o coração de Jorge. Seus olhos noantri se ajustaram no mesmo instante à iluminação precária que atravessava as janelas rachadas, mas mesmo sem essa luz não haveria problema: ele conhecia cada centímetro daquele cinema. Já havia uma década que não se exibiam mais filmes no Il Pasquino, mas o prédio, mesmo inútil agora, não fora demolido, como acontecia com frequência em Roma. Tinha sido simplesmente abandonado, enquanto seus adoradores passaram a amar algum outro lugar.

Anna. Ele precisava ligar para ela. O que diria? Precisava lhe contar a verdade, mas tinha tanto medo da inevitável fúria dela – Anna era dona de uma raiva incendiária, exatamente como uma garota argentina – que, apesar de se obrigar a pegar o celular, por um instante não conseguiu seguir em frente. Agarrou o aparelho com força e se sentou no lugar de sempre: terceira fileira, lado direito, no corredor, o mesmo assento que costumava ocupar em todos os cinemas da avenida Corrientes, em seu país natal. Antes de se juntar a seus companheiros na Guerra Sucia, antes de conhecer Anna e se tornar parte de um movimento

revolucionário ainda maior, as horas mais felizes que vivera tinham sido passadas na escuridão dos cinemas de Buenos Aires. Mesmo com os estofamentos rasgados, as aranhas e o cheiro de mofo, mesmo sem um filme para assistir na tela fosca e bolorenta, Jorge sentia-se mais em casa no Il Pasquino do que em qualquer outro lugar de Roma.

Ah, como ele queria ir para casa... Ansiava pelo dia em que os planos de Anna se realizariam e os dois poderiam voltar à Argentina, finalmente juntos, só pensando um no outro. Anna estaria sempre ocupada com o bem-estar dos noantri, é claro, e Jorge continuaria apoiando seus esforços em relação ao povo dela. Ao povo *deles*! Quantas vezes ela precisara lembrá-lo de que ele também era um noantri, agora e para sempre? Mas assim que o último obstáculo a um governo noantri fosse vencido, ele e Anna estariam livres para mudar suas prioridades e trocar o trabalho como combatentes da liberdade pela alegria de estar nos braços um do outro.

E mesmo que ele tivesse cometido um erro feio hoje, Anna saberia como consertar. Passaria novas instruções, que ele cumpriria fielmente, e os planos dela não seriam frustrados. Os dois continuariam no caminho para a vitória, e de casa.

Sentindo-se muito mais calmo agora, levou o telefone ao ouvido.



Anna Jagiellon jogou o telefone dentro da bolsa com violência. Na verdade, não deveria descontar sua raiva no aparelho, que não era o culpado por ela ter que lidar com aquele idiota argentino. Que grande equívoco ele se revelara. Na ocasião, parecera uma boa ideia transformar Jorge Ocampo em um noantri. O estudante magricela de medicina – que escolhera esse curso porque Che tinha sido médico, e Jorge estava sempre venerando um herói – já a seguia como um cachorrinho, fascinado pela estrangeira fogosa. A ascendência húngara de Anna, que ela ora escondia, ora revelava, em seus ciclos de identidades durante os anos que passara na Argentina, tinha sido exibida abertamente na faculdade no momento em que Juan Péron retornara ao poder, em 1973. Todos eram comunistas ali, todos os rapazes mais lindos e as garotas mais corajosas, dispostos a mudar o mundo, e Anna era a organizadora mais articulada, a líder mais destemida. Ah, as palavras de ordem que escrevia, os discursos que proferia! Cantando e marchando pelas ruas com os outros, fugindo do gás lacrimogêneo e das balas pelas ruelas transversais – como se aquelas coisas pudessem feri-la... Falando em salas esfumaçadas para jovens suados e ansiosos, todos ansiosos por ouvi-la e vê-la, pois ela era a imagem da beleza que o mundo podia ser, protegido por eles dos ricos e poderosos.

Eram uns tolos, é claro, mas não era culpa deles. Os inalterados, como descobriu Anna, só conseguiam alcançar algo parecido com sabedoria quando estavam perto da morte. Mas não era a proximidade do fim que trazia a compreensão. Muito pelo contrário, era simplesmente o passar dos anos. A sabedoria levava décadas para florescer, e a maioria dos inalterados não dispunha de tempo suficiente para vivenciar isso. Podia ser triste, mas era a verdade. Os companheiros de partido de Anna, seus líderes e seus seguidores fiéis eram tolos porque eram jovens.

Anna também tinha sido jovem, muitos anos antes, quando John Zapolya subira ao trono da Hungria e ela fora arrancada da vida a que tinha direito. Sedas e veludos, carne, vinho e música foram substituídos da noite para o dia por panos velhos e sujeira, pão dormido e água imunda. Apesar de ser filha biológica do pai, embora não legítima, Anna continuava sendo a única herdeira viva da casa de Jagiellon e, como tal, deveria ser exterminada. A rebenta de cabelos dourados da quase extinta linhagem real foi, então, jogada numa cela fedorenta na qual seus desejos não significavam nada e sua degradação era completa.

Ficou trancafiada ali até a noite que pensou ser sua última na terra – a execução estava marcada para a manhã do dia seguinte. O padre foi ouvir sua confissão e Anna se recusou a falar com ele. Ela vinha de uma família religiosa, que assistia à missa diariamente na capela do palácio e comungava sempre. O pai era o patrono do mosteiro da colina. Agora o Deus que veneravam com tanto fervor havia permitido aquela matança e desolação, e um de seus padres oferecia o perdão a ela. Não, não, era aquele homem que devia estar de joelhos, implorando o perdão *dela*! Anna ficou de costas, imóvel, até ele sair, e depois esperou que o amanhecer chegasse e a libertasse daquele inferno.

Perto da meia-noite – como acontecia em tantas histórias de terror –, ela ouviu um tilintar de chaves e em seguida um homem entrou para falar com a filha do rei morto. Anna, agora entorpecida, entregue à longa espera pelo amanhecer, ficou olhando para a parede enquanto o sujeito se acomodava na pilha de palha suja a seu lado e dizia ser um amigo, um ex-cortesão do rei que estava ali para ajudar. Ele mentia, Anna tinha certeza: todos os amigos de seu pai tinham sido condenados à morte ou fugido. Anna não sabia por que ele dissera aquilo. Alguns dos homens que a haviam visitado em sua cela tinham falado o mesmo. Alguns tentaram convencê-la de que havia uma razão para ela não os odiar pelo que iriam fazer. Anna os desprezava ainda mais do que aos que a atiravam em silêncio na palha e a possuíam até se fartar.

Por isso, ela não respondeu ao que aquele homem disse, nem olhou para ele, e quando ele se aproximou Anna não se mexeu. Tinha aprendido a reagir o mínimo possível; no começo lutava, mas eles sempre venciam, e sua luta ineficaz só os aticava mais. Seu único poder era o desprezo e a passividade.

O homem pegou seu queixo com delicadeza e virou a cabeça dela em sua direção para fitá-la nos olhos. Anna se sentiu estranhamente cativada e não soube se conseguiria ter se mexido quando ele afinal a segurou pelos ombros, deitou-a com delicadeza na palha e debruçou-se sobre ela. Anna sentiu a boca do homem em seu pescoço, os lábios macios, depois uma dor aguda e flamejante a envolveu, queimando seu corpo como se ela tivesse mergulhado em óleo fervente. Não via nem ouvia nada, só sentia aquele fogo agonizante. Tentou gritar, mas não encontrou a voz. Quando pensou que enlouqueceria de dor, sua aflição começou a passar, e quando ela voltou a enxergar viu que o homem ainda a fitava. Então, constatou que conseguia ouvir os guinchos de um rato recém-nascido em seu ninho no interior das paredes, que podia sentir o aroma da carne assada nos aposentos dos guardas do outro lado do pátio.

O cortesão sentou-se ao lado dela, tomou suas mãos nas dele e lhe contou o que era. O que ela era agora. Perplexa e descrente, Anna achou que o homem fosse louco. Ele disse para ela não ter medo do amanhecer. Afagou seu cabelo e, após se debruçar sobre ela, beijou-a. O toque daquela boca despertou em Anna um clamor de paixão, um prazer tão grande e desconhecido que quase se transformou em dor outra vez. Ainda não tinha falado nada quando ele se levantou e foi embora, fechando a porta da cela ao sair.

Ela ficou imóvel, fitando a porta, até irem buscá-la ao amanhecer. Ataram-lhe as mãos atrás das costas, taparam-lhe os olhos com uma venda e a enforcaram – não um golpe rápido e misericordioso no pescoço, mas um lento e terrível estrangulamento. Anna lutou, chutou, se contorceu, mas aos poucos a escuridão a envolveu e tudo chegou ao fim. Seu último pensamento foi: “Finalmente acabou.”

Então ela despertou em lençóis de seda num quarto iluminado pela luz do dia, cujos raios atravessavam cortinas de renda. O cortesão estava a seu lado, sentado numa cadeira de veludo. Sorriu e pegou a mão dela.

Anna estremeceu ao voltar a se concentrar no mundo atual. “Chega de lembranças, chega de perder tempo!”, pensou. Cada telefonema de Jorge trazia notícias ainda piores. Não conseguia ver outra saída: teria de se envolver diretamente, para não desperdiçar aquela oportunidade de ouro. Se a Igreja, ou o conclave, recuperasse a Concordata, poderia demorar séculos para surgir outra oportunidade. Mas Jorge não tinha mais nenhuma utilidade. Era um risco, chamando atenção para si mesmo, e por isso um perigo potencial para ela e seu movimento.

Jorge, aquele estúpido, tinha matado um monge.



– Esposito? Venha aqui um minuto.

A ordem do superintendente veio sem urgência, como se fosse um pedido. Mas também o homem nunca levantava a voz. Por causa de seu comportamento, alguns dos companheiros gendarmes de Luigi Esposito tinham a impressão de que seu chefe era um sujeito desleixado em relação ao trabalho, que só estava passando o tempo para se aposentar. Mas Luigi tinha aprendido a ler os movimentos e as expressões dele. Era por isso que, apesar de ser apenas um garoto qualquer de Nápoles, tinha se tornado um vice-assistente, enquanto seus colegas continuavam sendo – e sempre seriam – gendarmes uniformizados.

Luigi saiu da frente do computador, no qual havia três janelas abertas em sites de agências da lei especializadas em furtos de arte e antiguidades. Aprender as facetas dessa especialidade investigativa pareceu-lhe um passo óbvio, ainda mais porque não tinha suspeitos para investigar nem interrogatórios para conduzir nem qualquer evidência física para examinar.

Bem, não exatamente sem *qualquer* evidência. Ele tinha feito uma busca na passagem da Biblioteca pela qual a mulher de cabelo preto e um pesquisador chamado Thomas Kelly, que alegava ser um padre, tinham fugido, seguidos pelo atendente, e acabara encontrando o uniforme do homem. Sem dúvida ele o descartara para não ser reconhecido, mas o fato de os três terem usado a mesma rota de fuga tornava ainda mais óbvio que se tratava de uma rede de ladrões profissionais. Também estava claro, considerando a disputa entre os três na sala de leitura da biblioteca, que algo dera errado com aquela tentativa específica de furto. Talvez o homem que se dizia padre fosse mesmo um padre, tivesse tentado evitar o roubo e perseguido a mulher para recuperar o manuscrito roubado. Mas, se fosse isso, onde ele estava? Por que não tinha se apresentado? Não, para Luigi parecia mais provável que o religioso, falso ou verdadeiro, fosse um membro da quadrilha, envolvido no crime até o pescoço.

Luigi acompanhou o chefe até seu escritório, onde o homem desabou seu corpo redondo, coberto de trajes amarrotados, na cadeira e falou:

– Feche a porta. Venha dar uma olhada nisso.

Luigi obedeceu e pegou a folha de papel que o superintendente lhe estendeu. Era um relatório de ocorrência, daqueles que passavam pelo computador do chefe o tempo todo. A polícia de Roma, os *carabinieri* da Itália e a gendarmaria do Vaticano costumavam trocar informações sobre os vaivéns em suas jurisdições ao longo do dia. (E durante as

intermináveis noites também. Nos plantões de Luigi no Vaticano, ler aqueles relatórios às vezes era a única coisa que o mantinha acordado.) Era uma cortesia profissional, embora Luigi não conseguisse imaginar um policial ou *carabinieri* examinando as notícias de crimes na Santa Sé com algum interesse mais sério.

De qualquer forma, acompanhar os relatórios de outras agências era parte dos deveres do superintendente, e ele desempenhava suas tarefas fielmente. Luigi sabia, observando os argutos olhos azuis e a postura cansada dos ombros de seu chefe, que ele já estivera do lado da ação, da verdadeira aplicação da lei, antes de se entregar à calma do Vaticano. Isso fazia Luigi imaginar como conseguiria sobreviver quando fosse promovido a um cargo de supervisão e tivesse de passar o dia todo cuidando da burocracia do Vaticano, afastado da atividade policial de fato.

Quando leu o que estava escrito, seu coração acelerou.

– Essa descrição do suspeito... – disse o superintendente. Como sempre, seus gestos eram casuais, mas os olhos estavam atentos. – Você não acha que lembra o homem que você deteve aqui antes?

Luigi engoliu em seco.

– Lembra muito, senhor.

O superintendente o encarou em silêncio por tanto tempo que Luigi precisou se esforçar para não desviar o olhar. Finalmente, o homem falou:

– Você não é agente sênior e, a não ser que eu esteja enganado, nunca trabalhou com os *carabinieri*. – Ele não estava enganado e sabia disso, por isso Luigi não disse nada. – Mas, se for o mesmo sujeito, você pode ser útil. Falei com o detetive encarregado, um homem chamado Giulio Aventino. Ele está a caminho da Santa Maria della Scala. – Ele apontou para o papel. – O sargento dele já está lá. Estava por perto fazendo uma espécie de vigilância, não sei direito do que se trata, quando o incidente ocorreu. Os dois vão se encontrar no local.

Tentando aparentar frieza e profissionalismo, embora já tivesse quase amassado o papel de tanto nervosismo, Luigi disse:

– Sim, senhor!

Em seguida, foi em direção à porta.

– Esposito?

Luigi parou e se virou para ele.

– O caso é deles – falou o homem. – Pediram que mandássemos alguém por ser um homicídio de um religioso dentro de uma igreja, e você é a escolha óbvia por causa do suspeito. – “O qual, seguindo instruções do cardeal do Vaticano, eu mandei você liberar e agora estou jogando no seu colo como compensação.” Luigi não sabia ao certo se via aquilo nos olhos do chefe, mas esperava que sim. – Só que Santa Maria della Scala não é no Vaticano. É na Itália. Você vai estar lá para ajudar. Ajudar os *policiais*, Esposito.

Luigi assentiu com a cabeça. Qualquer coisa por um colega policial. Mas, enquanto saía pela porta da delegacia, pensou que, se conseguisse ajudar de alguma forma um detetive de

homicídios dos *carabinieri*, era bem possível que acabasse ajudando a si mesmo também no processo.



Thomas ficou contente ao perceber que seu estranhamento ao ler as enigmáticas palavras de Mario Damiani foi menor do que o que sentira na Biblioteca do Vaticano. Achou que estava começando a entrar na cabeça do poeta. Aquelas linhas, tinha certeza, logo cederiam a uma reflexão séria e metódica e revelariam seu significado.

Considerando que ele fosse conseguir ser sério e metódico.

A verdade era que, debruçado ali no velho balcão de madeira ao lado de Livia Pietro, sob o olhar de uma pintura de anjo acima de uma cortina estampada, Thomas tinha dificuldades para se concentrar, em parte por conta dos aromas que fluíam pelo recinto, distraíndo-o. Quantas semanas, talvez meses, tinham se passado desde que alguém abrisse aquela porta pela última vez antes de ele e Livia a terem arrombado? Durante todo aquele tempo, a luz do verão, que agora chegava ao fim para dar lugar ao outono, continuara a bater nas janelas antigas, fazendo especiarias, ervas medicinais, flores e óleos liberarem seus inebriantes aromas no ar.

Thomas Kelly era famoso por seu enfoque acadêmico, outra forma de dizer que era um professor distraído. Apesar de apreciar flores e a luz do sol, em geral prestava pouca atenção a essas coisas quando estava trabalhando. Diante de uma tarefa extremamente importante como a que o envolvia agora, enquanto coisas como a vida de Lorenzo e a existência após a morte estavam em jogo, parecia inexplicável que estivesse pensando em aromas.

Ele mudou de posição, inclinando-se mais para perto do papel desdobrado. Livia ergueu as sobrancelhas quando ele se aproximou dela, mas não disse nada. Os dois leram juntos:

*Sarve Reggina, madre de la sorgente
de nasscita e de morte, fragrante ojjo ner core
de le lanterne, tutto d'oro, potente
drento. Ave all'anima, ar piede, a la tera
ch'aregge sordati e ssuore, peregrini ner gnente.*

Ave Maria, mãe da fonte
de nascimento e morte, e óleo fragrante e fluente
que abastece as lanternas em dourado e a força
interior. Ave a alma, o pé, o solo
sob freiras e soldados, peregrinos e seus caminhos.

Logo abaixo da última linha do poema, as letras T I V A C escritas com força a lápis, todas em caixa-alta.

Num primeiro momento, nenhum dos dois falou. A atmosfera suave da farmácia os envolvia. Por fim, Livia balbuciou, hesitante:

– Maria. Pé, de novo. Solo. Peregrinação. Bem, são poemas de peregrinação. E isso? – perguntou, apontando para o papel. – O que acha que significa?

– T-I-V-A-C? – Com a mesma insegurança, Thomas disse: – Nada que eu consiga entender. Talvez sejam iniciais. Será que Spencer pode entender?

– Suponho que sim. Mas não podemos perguntar neste momento.

– Nem podemos ter certeza de que foi Damiani quem escreveu – observou Thomas. – Letras em maiúsculas, lápis, não tinta... outra pessoa pode ter escrito isso.

– No caderno de Damiani? Spencer deu a impressão de que ele nunca mostrava seus escritos a ninguém antes de estarem finalizados. Mas tudo bem, vamos deixar isso de lado por enquanto e nos concentrar no poema.

“Se ao menos eu conseguisse me concentrar...”, pensou Thomas. Mas redobrou seus esforços e examinou as palavras. Aos poucos, foi imergindo nos versos, sendo absorvido por eles do jeito habitual e familiar, até quase sentir as relações se formando em seu cérebro entre o que via agora e o que já sabia.

– Tem outra coisa – falou devagar. – Solo, pé... Acho que você tem razão. Peregrinação, sim, mas tem outra coisa... Maria, sim, alguma outra igreja devotada a Maria. Mas fonte, óleo, soldados... os soldados são importantes... Lanternas... lanternas em dourado... Não! Não são as lanternas que são douradas! O óleo que é dourado. O óleo. Onde o óleo borbulha.

Thomas viu a luz se acender nos olhos de Livia e imaginou se seria um reflexo da luz dos seus.



Livia voltou a dobrar o poema de Damiani, enfiou-o dentro do manuscrito e guardou tudo na bolsa. O conclave estava certo: ter o padre ao seu lado estava valendo a pena. Ficou um pouco surpresa consigo mesma por, bem, se sentir surpresa. O conclave representava uma sabedoria coletiva acumulada em milhares de anos. Havia séculos de debates e estudos por trás daquelas mentes. Eles tinham a responsabilidade de estarem corretos. E desde sua transformação – com a única e evidente exceção de ter confrontado a lei ao tornar Jonah noantri –, Livia sempre confiara que o conclave estivesse certo em tudo. Ela só queria ter uma vida tranquila e incorporada à sociedade, sem que os inalterados soubessem o que ela era e sem ter segredos para os de sua espécie; nunca desejara nada mais do que isso, a não ser Jonah, e ter se entregado a seu desejo por ele fora seu grande erro, a razão de seu maior arrependimento.

Livia conduziu Thomas para fora da farmácia em silêncio, apesar de o ter surpreendido lançando um olhar frustrado às garrafas e prateleiras, aos jarros e às gavetas que não pôde explorar, e os dois atravessaram o vestíbulo em direção a um corredor à direita. Ela abriu rapidamente a fechadura da primeira porta, sem ter notado qualquer reação por parte do padre. A sala continha objetos antigos para esmagar e destilar ervas; eram fascinantes e o padre pareceu ainda mais triste por ter de passar correndo por tudo aquilo, mas não fez nenhum comentário. Os dois foram até uma janela enferrujada, abriram-na e olharam para fora. Três metros abaixo estava o pátio que continha não mais as ervas que os monges cultivavam, mas apenas flores ornamentais e arbustos. Livia começou a subir no parapeito.

– Espere – disse Thomas, com a voz tensa. Ela já esperava aquilo, mas ainda assim deu um suspiro. As censuras e objeções constantes eram muito cansativas. – Você não pode estar pensando em sair por aí.

– Não é muito alto. Tem uma figueira ali – retrucou Livia, então abriu um sorriso. – Até um padre conseguiria chegar lá embaixo.

– Não é essa a questão! Não podemos descer. Esse é o jardim do mosteiro! Eles vão nos ver.

– Os monges? Estão todos na igreja. O sino tocou para convocá-los. Olhe ao redor: não tem ninguém em lugar algum.

A expressão dele mudou.

– Eu deveria ir à igreja também... Ver se...

– Não. – Livia virou-se e olhou direto para ele. – Padre, seja o que for, não há nada que você possa fazer. Nós dois temos uma tarefa, tão importante para você quanto para mim. Vamos nos concentrar nisso.

Então ela se sentou no parapeito, passou as pernas para o lado de fora e pulou. Não precisou se apoiar na figueira, mas olhou para trás esperando ver Thomas descendo desajeitado pelos galhos, se é que tinha decidido ir com ela. Ficou surpresa ao vê-lo, depois de certa hesitação, ignorar a árvore e se pendurar no parapeito, esticar os braços, soltar as mãos e aterrissar com leveza a seu lado.

Enquanto ele se ajeitava, Livia falou:

– Muito bem!

– Nós, humanos, não somos completamente desprovidos de habilidades físicas.

Ela deu um suspiro.

– Será que não podemos dar um tempo nessa disputa? – Como ele não respondeu, Livia se virou para o outro lado e esquadrinhou o jardim murado. – Bem, agora precisamos encontrar uma saída para a rua.

Thomas lançou um olhar penalizado para ela e deu uma rápida meia-volta, saindo pela esquerda. Livia foi atrás.

– Aonde você está indo?

– Para a saída.

– Como sabe que é por aqui?

– Isto é um mosteiro. Eu sou um padre.

Isso ela não podia negar. Continuou seguindo-o e ele realmente estava certo. Os dois passaram por uma portinha que dava num corredor frio e mal iluminado, com paredes adornadas por crucifixos e uma representação sombria de Santa Teresa, não muito boa, mas certamente tocante. Atravessaram o piso de pedra lisa e desgastada e, depois de um pequeno momento de indecisão no cruzamento com um corredor mais largo, Thomas virou à direita. Poucos passos à frente os dois chegaram a outra porta e, após passarem por ela, a um pequeno vestíbulo que levava a uma salinha. O coração de Livia começou a bater mais forte quando ela viu um biombo de metal vazado e a escrivaninha por trás dele, mas tanto o vestíbulo quanto a saleta estavam vazios. Thomas foi até a porta exterior, abriu-a, olhou com cuidado para fora e fez um gesto impaciente para Livia, como se ela estivesse demorando muito. Os dois, então, emergiram na Via del Mattonato, atrás da igreja. Não havia ninguém quando eles saíram andando depressa.

– Estou impressionada – comentou Livia.

– Entrada de serviço – retrucou Thomas, de forma lacônica. Mas depois de um instante ele acrescentou: – Os carmelitas descalços são uma ordem semiclausurada. O contato com o mundo externo é cuidadosamente controlado.

– Eles têm um portão enorme na parede dos fundos do mosteiro.

– Deve ter sido acrescentado há pouco tempo, como uma entrada para caminhos. Originalmente, os comerciantes tinham de levar as mercadorias nas costas ou em carrinhos de mão até o vestíbulo por onde acabamos de passar. Então recebiam seu pagamento de um monge atrás do biombo de metal e iam embora. Depois outros monges eram chamados para pegar a entrega. O que, pode ter certeza, continua igual, mesmo com os caminhos. Os monges só têm contato com o mundo exterior quando estão em atividades pastorais.

Thomas tinha mais uma vez assumido o tom pedante de uma conferência universitária, mas Livia teve o cuidado de não externar sinais de que tinha achado engraçado. Para sua surpresa, contudo, os cantos dos lábios do padre se ergueram num pequeno sorriso.

– Qual é a graça? – perguntou ela.

– Talvez você seja a única mulher a ter passado por aquele corredor.

– Não conte aos monges, eles ficariam escandalizados.

Ainda sorrindo, Thomas assentiu. Em seguida, ruborizou e disse:

– Ficariam mais do que escandalizados se soubessem quem você realmente é, e que eu a trouxe para estes recintos consagrados.

Livia suspirou mais uma vez.

– Ora, por favor, padre.

Passou à frente dele e, sem olhar para trás, virou numa viela tão estreita que a luz do sol não conseguia penetrar. Então os dois percorreram a curta distância até a Basílica de Santa Maria de Trastevere.



Giulio Aventino teve de admitir que Raffaele Orsini tinha feito um excelente trabalho no local do crime em Santa Maria della Scala. Isso se não levasse em conta que ele estava num café do outro lado da *piazza* quando o crime fora cometido, é claro. Raffaele tinha chamado o legista e a equipe forense, depois mandara alguns policiais para proteger a igreja e outros se espalharem em busca do possível culpado, além de ter reunido todas as testemunhas, o que não deve ter sido fácil no caso do mal-humorado historiador que aguardava de braços cruzados, impaciente, sentado num banco no fundo. De acordo com Raffaele, precisaram insistir que o sujeito esperasse, dizendo que as forças da lei e da ordem representadas pelos *carabinieri* ficariam muito gratas pela sua cooperação, assim como o enorme aparelho burocrático do Estado, que infelizmente os *carabinieri* não podiam controlar. Raffaele era muito bom nesse tipo de coisa. O próprio Giulio teria simplesmente prendido o homem se ele tentasse ir embora e resolvido o resto depois.

Não pela primeira vez, Giulio considerou a possibilidade de o *maresciallo* ter colocado os dois como parceiros não só pelo que o detetive júnior poderia aprender com o sênior, mas também o contrário.

Já as outras duas testemunhas ficaram muito satisfeitas em continuar por ali. As velhinhas vestidas de preto, cujo tipo Giulio conhecia tão bem após 23 anos de serviço, não apenas estavam na igreja quando o crime ocorrera como quase tinham visto tudo acontecer. Tinham se virado ao ouvir o grito e o baque e viram o jovem magro sair correndo pelo corredor. Era um dever solene, as duas garantiram, ajudar os *carabinieri* a resolver aquele crime hediondo, aquele sacrilégio, aquela tragédia que era só mais uma prova de que os jovens de hoje estavam longe de Deus e completamente fora de controle. Não, elas não precisaram ser persuadidas a ficar. Na verdade, Giulio desconfiava que só conseguiria fazê-las sair da igreja usando um pé de cabra.

Pela história que ambas lhe contaram duas vezes nos mínimos detalhes (“... estava acendendo velas para meu finado marido, um homem tão bom, que Deus o tenha, ele era irmão de Francesca, a gente vem aqui todos os dias...”), o que tinha ocorrido fora um maldoso ataque a um homem de Deus por um sujeito degenerado de olhar selvagem e um sorriso sádico e mórbido estampado no rosto (“Eu nunca vou esquecer, que a Nossa Senhora me ajude!”). No entanto, o que Giulio filtrou entre as falas históricas e as narrativas exageradas foi que simplesmente um jovem ajoelhado no fundo da igreja se levantou e quis acessar uma área restrita; quando o velho monge tentou impedi-lo, o homem o empurrou

para passar e derrubou-o no chão; o monge bateu a cabeça no piso de mármore e morreu, ou pelo impacto, ou por um ataque cardíaco causado pelo medo ou pela agitação – a causa específica seria determinada pelo legista.

Giulio, baseado em sua longa experiência, suspeitava que a morte tinha sido um acidente absurdo, um azar tremendo. Para início de conversa, um discípulo de Satã, um espécime da juventude transviada com olhos inflamados, dificilmente seria visto de joelhos no fundo de uma igreja. Se o rapaz não tivesse fugido e fosse verificado que ele não tinha antecedentes criminais, o mais provável era que nada de mais lhe acontecesse: na pior das hipóteses, ele cumpriria uma sentença de seis meses em regime aberto por agressão. Mas, como tinha fugido do local, agora era suspeito de homicídio. Quanto maiores fossem o tempo, as dificuldades e os recursos despendidos para que as autoridades o localizassem, mais feroz ficaria o juiz diante do réu quando ele fosse finalmente levado a julgamento.

Na verdade, era o fato de ele ter fugido que despertava o interesse de Giulio. Além, é claro, de ter sido visto ajoelhado rezando.

Os homens da perícia estavam prontos para recolher o corpo, por isso Giulio dispensou as duas senhoras, instruindo um dos policiais uniformizados a acompanhá-las até a rua. Como esperava, elas hesitaram em ir embora, mas seu santo respeito pela autoridade superou seu desejo de estar no centro de uma tragédia e elas finalmente concordaram em se retirar.

Como de costume, Giulio voltou até o cadáver e levantou o pano que cobria o rosto do velho monge para um último olhar. Raffaele, em pé atrás dele, fez o sinal da cruz. Era a quarta vez, desde a chegada de Giulio. Claro que ele tinha contado: um dos pequenos deleites de trabalhar com Raffaele eram as apostas que Giulio fazia consigo mesmo todos os dias sobre o comportamento religioso do sargento. Como aquele caso envolvia a morte de um monge numa igreja, Giulio estava ansioso pelas manifestações de fé.

Fez um sinal para a equipe da perícia, que começou o processo de empacotar o cadáver para transporte. Do ponto de vista de Giulio, não havia nada de diferente no corpo a não ser sua expressão de paz, até de alegria. Giulio podia ver que o homem tinha sido deformado pela artrite, o que provavelmente lhe causava dores constantes, e com aquela idade ele sem dúvida tinha outros problemas de saúde também. “Como você terá em breve, Giulio”, disse a si mesmo. “Pelo menos esse morreu feliz, esperando encontrar o Criador.”

Como fazia com frequência, Giulio considerou a triste ironia da própria vida e da de seus amigos realistas (uma palavra que ele preferia no lugar de “descrentes”, que implicava o fato de eles se recusarem a acreditar em algo que realmente existia). Homens como aquele monge e Raffaele Orsini podiam ser iludidos quanto aos próprios propósitos, sobre a existência de Deus e de Seu plano e, acima de tudo, sobre a vida após a morte, mas normalmente morriam felizes.

Com um suspiro entrecortado, Giulio foi até o banco onde estava o historiador. O homem o fitou com uma expressão de desagrado.

– Ora, ora, a majestade da lei enfim está pronta para me catequizar, é isso?

Giulio gostou da ironia em relação à linguagem teológica, em parte por ter ouvido Raffaele bufar uma reprovação no banco de trás.

– Sinto muito por tê-lo feito esperar, senhor – falou. – Professor Spencer George, certo? – perguntou em inglês com uma pronúncia ruim. Em seguida, com um alívio óbvio, voltou ao italiano: – Sou o investigador Giulio Aventino. É uma honra, senhor. Posso me sentar? – Sem esperar uma resposta, Giulio se acomodou ao lado dele no banco. – Demorei por causa daquelas duas senhoras, testemunhas do incidente... O senhor também viu o que aconteceu, não é, *professore*?

Ficou esperando, apesar de os dois terem consciência de que ele já sabia a resposta. Então o historiador falou, exasperado:

– Vi, sim.

– Como eu pensei. De qualquer forma, precisei ouvir os relatos das duas senhoras também... Como investigador responsável pelo caso, não posso confiar em testemunhos de segunda mão, nem mesmo de alguém tão confiável como o meu sargento. – Fez um gesto com a cabeça na direção de Raffaele e Spencer virou o pescoço para olhar. – Mas, honestamente, só consegui pensar direito depois que elas foram embora. Muito devotas, é claro, e sem dúvida mulheres de grande virtude, mas falam tanto que deixam a gente tonto, o senhor não achou?

Spencer não se deu o trabalho de responder e, de qualquer forma Giulio não fora sincero. Ele não tinha nenhuma simpatia pelas senhorinhas que viviam na igreja e faziam questão de ocupar os bancos mais próximos do confessionário para bisbilhotar melhor as transgressões dos outros, mas elas não o deixavam sem conseguir pensar direito. Pouca coisa deixava.

Olhou para Spencer George e percebeu que ele tinha notado sua farsa. Ótimo. O historiador chegaria à conclusão de que Giulio, depois de tê-lo deixado esperando sem uma boa razão, agora fazia uma tentativa inepta de agradá-lo para que ele baixasse a guarda. Quando viam que estavam sendo manipuladas, as pessoas tendiam a se irritar e agora, tendo descoberto tão facilmente a estratégia de Giulio, o *professore* deixaria a própria condescendência correr solta.

Irritação, impaciência e condescendência. Se havia um grupo de emoções mais propícias a fazer um suspeito cometer equívocos, Giulio nunca tinha encontrado.

Não que o historiador fosse um suspeito. Não da morte do monge, pelo menos. Não diretamente, pelo menos. Mas Giulio estava ansioso pela chegada do gendarme que, segundo soubera, tinha uma história muito interessante para contar sobre o suspeito do homicídio, que, depois de causar o que Giulio tinha certeza que fora um acidente, desaparecera com tanta rapidez.



Raffaele Orsini estava vendo seu parceiro trabalhar.

Já tinha sido repreendido por Giulio Aventino, com a voz suave que era marca registrada de seu superior, e seu jeito de falar olhando por cima dos óculos, imprimindo a cada frase uma entonação de pergunta. Mas Raffaele foi o primeiro a admitir que tinha merecido. Não tanto pelo que acontecera dentro da Santa Maria della Scala enquanto ele estava no café do outro lado da *piazza*, mas porque, apesar de Giulio não ter mencionado, o suspeito, um jovem magricela, deve ter disparado por uma das portas principais da igreja no momento em que Raffaele entrava por outra.

Ele fora perdoado, porém, ou ao menos considerado devidamente castigado, e voltara ao trabalho. De fato, já tinha até provado sua utilidade, e não apenas com sua investigação rápida, eficiente e meticulosa do local do crime. Enquanto o historiador se remoía no banco por ter que ficar esperando e Giulio Aventino ouvia com toda a paciência as lamentações das duas senhoras testemunhas do crime, Raffaele lidava com o enviado do bispo. Ele preferiria ter ficado com Giulio e aprendido a se comportar com testemunhas históricas, mas seu superior lhe dera aquela missão.

O mal-humorado *monsignore* chegara agitado e carrancudo, tendo sido enviado para garantir, ao mesmo tempo, que a busca pelo assassino do frade se tornasse prioridade para os *carabinieri* e que a desagradável ocorrência no mosteiro da Santa Maria della Scala, se viesse à luz, não constasse dos relatórios oficiais. Raffaele havia conseguido, como tinha orgulho em poder afirmar, aplacar o padre e ao mesmo tempo manter a honra e a independência dos *carabinieri*.

Agora o emissário, na companhia do prior do mosteiro, tentava descobrir se algum item de valor havia desaparecido (uma sugestão que fizera os olhos do homem faiscarem, como se Raffaele, apenas falando sobre aquela possibilidade, pudesse de fato provocar o acontecido). Depois que os dois se retiraram, Raffaele acomodou o restante dos monges – eram catorze – em dois bancos não muito longe de onde estava o cadáver. Como detetive, teria ficado mais tranquilo se todos saíssem do recinto juntos, para não pôr as evidências em risco – seu parceiro inclusive ficaria muito feliz se eles simplesmente evaporassem –, mas acreditava com fervor que os monges tinham o direito de orar e meditar perto dos restos mortais de seu irmão, tentando facilitar a alegre viagem dele até a presença de Deus.

Depois que a equipe levou o corpo embora, os religiosos voltaram aos seus claustros. O prior e o *monsignore* inspecionavam as capelas laterais uma a uma e policiais uniformizados,

munidos das descrições das duas senhoras, patrulhavam as ruas à caça do jovem suspeito. Tendo cumprido sua tarefa com competência, Raffaele agora estava com Giulio, aprendendo técnicas de interrogatório.

Ele sempre gostara daquele processo. De alguma forma, observar o parceiro com uma testemunha era como assistir a um jogo de futebol em que um time era muito superior a outro. O resultado era previsível, mas ainda assim a partida não deixava de ser interessante.

– Agora, *professore*, por favor me conte tudo o que puder sobre o incidente – pediu Giulio ao historiador. Parecia ao mesmo tempo distraído e grato pela atenção dele. – Onde o senhor estava quando aconteceu?

Ele já sabia a resposta, é claro, assim como também sabia que Spencer criaria uma objeção:

– O que eu disse ao seu sargento...

– Sinto muito, senhor, mas preciso ouvir os depoimentos de todas as testemunhas pessoalmente. Como fiz com aquelas duas senhoras – confidenciou com uma cumplicidade irônica.

– Sim, é claro – retrucou Spencer, revirando os olhos e deixando claro que estava sendo obrigado àquilo.

Então, contou essencialmente a mesma história que tinha contado a Raffaele: ele e dois amigos haviam entrado na Capela do Relicário no final do corredor lateral “para admirar as relíquias de Santa Teresa”. Depois, os dois amigos foram embora, deixando-o lá. De repente, Spencer ouviu um grito, voltou para a igreja e viu o monge estendido no chão com uma figura de preto pairando sobre ele. Giulio ergueu as sobrancelhas àquela sugestão de que algo sobrenatural havia acontecido, até que Spencer acrescentou:

– Acho que foi a cunhada dele, que saiu da igreja correndo e gritando.

– Ah – retrucou Giulio. – E os amigos que estavam com o senhor, seus colegas historiadores? Livia Pietro e Thomas Kelly? Onde estão agora?

Pela pausa e o arregalar de olhos do historiador, Raffaele percebeu que a pergunta tinha acertado o alvo. O *professore* não tinha sido indagado, nem dito voluntariamente, os nomes e a profissão de seus companheiros.

E essa tinha sido a intenção de Giulio o tempo todo, a razão de ter mantido Spencer esperando, de ter se comportado como um humilde servidor público, de fazê-lo se sentir superior e, como consequência, descuidado.

Na breve conversa que tivera com Giulio quando o parceiro chegara à igreja, Raffaele explicara que fora enviado pelo cardeal para ficar de olho em Livia Pietro. Por sua vez, Giulio contara a Raffaele sobre o furto na Biblioteca do Vaticano e sobre o padre americano ruivo, logo identificado como Thomas Kelly, visto com Livia na ocasião. A terceira pessoa envolvida na confusão, aparentemente, era um jovem magro, estranhamente descrito como o suspeito que eles procuravam agora. O detetive da gendarmaria responsável pelo caso estava a caminho, mas antes da chegada dele Raffaele e Giulio podiam ver que faltava uma peça

naquele quebra-cabeça. E que aquele historiador, agora mais desestabilizado, poderia muito bem ser a pessoa que a forneceria.



Thomas Kelly percebeu que tinha perdido o controle da situação mais uma vez. Depois de descobrir o esconderijo do novo poema, tinha coordenado com muita ousadia a fuga do mosteiro. Agora, porém, naquela ruela escura a caminho da Basílica de Santa Maria de Trastevere, era Livia quem o conduzia, já que ele não sabia como chegar lá e precisava segui-la. De qualquer forma, ainda que estivesse certo de que ela não tinha ideia do que os dois fariam quando alcançassem seu destino, não pensava em recuar.

Livia era uma criatura não humana, mas tinha a mente ágil, uma grande capacidade de aprendizado e uma presença física notável. Pelo modo como falava, sentia uma alegria genuína na companhia de seus semelhantes. Thomas, por sua vez, tinha concedido a mente, o corpo e a alma meramente humanos a uma Igreja que sempre vira, mesmo em seus momentos mais sombrios de dúvidas, como um refúgio dos males do mundo. Agora, porém, na melhor das hipóteses, estava incerto sobre essa visão. Qual dos dois era mais feliz, então?

Refletia sobre isso enquanto seguia Livia por ruas estreitas até que chegaram a uma via mais movimentada, onde ela de repente parou e esticou o braço para detê-lo também. Deu uma olhada ao redor e em seguida, ajeitando o chapéu e os óculos escuros, dirigiu-se confiante à grande *piazza*. Thomas foi atrás – o que mais poderia fazer? – enquanto ela marchava indiferente para a fonte e depois virava para examinar a fachada da basílica.

Amplo e imponente, o edifício combinava com o título de primeira igreja de Roma, na verdade a primeira do mundo, dedicada à mãe de Cristo. No frontão triangular, a Virgem com o Menino Jesus era ladeada por – se não lhe falhava a memória – um mosaico de dez santas cujos nomes ninguém jamais conseguira descobrir. Enquanto as admirava, ele notou que Livia também olhou para elas com um ar de familiaridade e contentamento, como se estivesse revendo velhas amigas. Ora, talvez não fossem santas. Talvez fossem todas mulheres noantri. E talvez aqueles dois não fossem o Menino Jesus e a Virgem Maria, mas o bebê Damian e a Rainha da Noite.

Pensou em repreender a si mesmo por sua atitude cínica, mas decidiu que tinha direito de pensar aquilo.

Quando entraram na igreja, Thomas precisou mais uma vez ajustar os olhos à escuridão, enquanto Livia seguiu sem parar pelo corredor central. Ao contrário da Santa Maria della Scala, os dois não estavam praticamente sozinhos ali. Havia fiéis ajoelhados nos genuflexórios ou sentados em silêncio nos bancos, e um ou dois acendiam velas nas capelas laterais, enquanto dezenas de turistas vagavam pelos corredores esplêndidos.

Depois que já estava enxergando melhor, Thomas acelerou o passo atrás de Livia, passando entre as fileiras de colunas ímpares oriundas de edificações romanas e até egípcias. Recordou que, na época em que lecionava história da arte, tinha pensado que essa reutilização de elementos estruturais era uma manifestação física de suplantação dos pensamentos e temores pagãos pelo ato de abrigar a verdade oferecida pela fé cristã. Resoluto, afastou o olhar das colunas e do incrível teto com suas arcas douradas e pinturas sacras que tinham a função de lembrar aos fiéis o que os esperava no Céu se sua fé permanecesse firme enquanto estivessem na Terra.

Recusando-se também a pensar sobre as implicações daquilo e a se permitir outra manifestação interior de cinismo, Thomas se postou ao lado de Livia. Ela estava perto de um corrimão de mármore sustentado por uma grade de pedra; o corrimão servia de apoio a uma placa de pedra com a inscrição *Fons Olei* em letras de bronze e que demarcava o local onde, dois mil anos antes, o milagre responsável pela existência da basílica tinha ocorrido: borbulhas de óleo haviam brotado do chão ali. De acordo com a lenda, os moradores judeus de Trastevere se lembraram de uma antiga profecia e aclamaram o surgimento espontâneo desse óleo como um sinal, um anúncio da aparição do Messias. Algumas décadas depois houve rumores de que uma virgem dera à luz um bebê em Belém; seguiram-se relatos de milagres e sinais, e do sacrifício do Filho pelo amor do rebanho do Pai. A Igreja nascente declarou que a profecia do óleo tinha sido realizada e o local do ocorrido – na época um clube social para soldados romanos aposentados – foi reconhecido como solo santificado, sendo então demolido e em seguida reconstruído para a glória do Senhor.

O fato de se saber agora que o óleo era petróleo – uma substância comum naquela área, porém desconhecida dos moradores locais – e que não havia vestígios da origem da antiga profecia judaica antes de o óleo borbulhar não havia incomodado Thomas até aquele momento.

Livia se virou para Thomas.

– *Fons Olei*. Chegamos. E agora?

– É incrível como vocês sempre acham que eu sei o que fazer a seguir.

Ela contraiu os lábios.

– É verdade. Desculpe. Era mais uma esperança que uma certeza, na verdade.

Sem dizer nada, Thomas se agachou e passou os dedos pelas letras de bronze, sentindo suas beiradas: talvez houvesse algo inserido atrás de uma delas. Mas Livia já tinha pensado nisso e descartado a hipótese.

– Essas letras são muito novas – falou ela. – Foram postas aí depois de Damiani. Dá para perceber pela tipologia.

Thomas não tinha como saber, mas ela era a especialista. Ainda de cócoras, ele examinou o beiral de mármore. Passou os olhos pelos intrincados mosaicos no piso em busca de um padrão, alguma instrução oculta. Nada parecia ser um esconderijo, a não ser a grade aberta de pedra que sustentava o beiral. Atrás dela, os degraus subiam até o altar. Um pedaço de

papel que houvesse sido enfiado na grade teria caído no chão e poderia continuar na caverna escura até a basílica inteira virar pó. Ou até o papel apodrecer e se transformar em mofo e umidade. Ou ser devorado por besouros. Pelo que sabia de Mario Damiani até então, enfiar um dos poemas pelos vãos da grade para escondê-lo naquele buraco escuro era uma escolha imprudente demais.

Mesmo assim, Thomas pressionou o rosto em uma das aberturas, para examinar mais de perto. Sentiu Livia ajoelhar-se ao seu lado, ouviu-a revirar a bolsa e de repente a área sob seus pés foi inundada por uma luz brilhante. Ela espiou por uma abertura ao seu lado enquanto ele vistoriava a pequena caverna com um cuidado metódico.

Estava vazia.

Mesmo assim, Thomas enfiou a mão pela grade e tateou ao redor: talvez houvesse um jeito de atar alguma coisa, prender o papel no verso da grade. Se fosse o caso, seria preciso procurar atrás de cada abertura, na melhor das hipóteses um processo tedioso. Mas os pedreiros tinham sido conscienciosos: a parte de trás da pedra, embora nunca fosse vista, era tão lisa e polida quanto a da frente.

Thomas levantou-se devagar e Livia se empertigou.

– Achei que você fosse capaz de ver no escuro – comentou ele, lamentando a própria agressividade.

– Melhor do que você. Mas a luz sempre ajuda.

Thomas viu quando ela guardou o celular na bolsa.

– Isso não é uma lanterna – observou, mal-humorado.

– É um aplicativo que transforma o celular em uma lanterna. Por que você está parecendo tão irritado? Por uma noantri utilizar uma tecnologia tão moderna?

Com uma pontada de culpa, Thomas percebeu o que estava fazendo. Arrependido, e grato por ela não ter mordido a isca, ele falou, quase como um pedido de desculpa:

– Tem gente que acha que tudo isso é coisa do demônio. Bem, não tem nada aqui. O que fazemos agora?

Livia olhou ao redor, como se esperasse uma inspiração das colunas, do teto, do piso. Ao fazer isso, ela o fez se lembrar de alguém. Depois de um momento, Thomas percebeu de quem: ele mesmo.

– Será possível que Damiani não estivesse se referindo a esta igreja? – perguntou ela.

– Não – respondeu ele, balançando a cabeça. – Fragrância, óleo fluente. É aqui.

– Mas o óleo... Se ele estava nos indicando o óleo...

Thomas voltou a olhar para as letras de bronze, depois virou a cabeça para fitar Livia.

– Aqui não tem óleo. Tinha. Em outra época. Se ele estava nos indicando o óleo, não estava falando deste lugar.

– Mas você acabou de dizer que ele só podia estar falando desta igreja...

– Desta *basílica*. Mas não aqui.

Ele se virou e saiu em disparada pelo corredor, parando em cada capela lateral para examiná-la por dentro. Livia não perguntou o que Thomas estava procurando, simplesmente o seguiu. Ele chegou ao pórtico e examinou a parede frontal, depois virou para entrar no corredor da esquerda. Parou antes de dar o primeiro passo. Lá estava. Do outro lado do pórtico, na parede lateral, uns três metros acima do chão, uma portinha dourada numa moldura escavada na pedra. Livia seguiu o olhar dele.

– O que foi? – perguntou ela.

– Uma charola. Muitas igrejas antigas têm esses nichos, mas não são mais usados. Esse pode estar fechado há anos...

– O que costumavam guardar aí dentro?

– Cálices e outros itens para administrar os sacramentos, cuidar dos doentes etc. – Virou-se para ela. – Itens como óleo sagrado.



Livia olhou espantada para Thomas. Uma charola. Ela nunca tinha ouvido falar disso.

Ele desviou o olhar para conseguir se concentrar na portinhola dourada acima de suas cabeças. Franziu a testa ao perceber que a localização era um problema.

Livia não concordava.

– Padre, vou levar dois minutos para abrir se estiver trancada, e só um se não estiver. Você pode me ganhar esse tempo?

– O que você...? – Ele fez uma careta ao perceber o que ela iria fazer. Olhou para a caixa de oferendas à altura de seu ombro, abaixo da portinhola dourada. – Você não pode estar pensando em usar isso como apoio.

– Estou, se aguentar o meu peso.

– Não. Não é isso... – Pensou melhor e parou de falar. – Por que estou preocupado? É só um pequeno sacrilégio.

O tom dele deixou claro que não queria ofendê-la. Depois de uma pequena pausa, ele se virou e passou pelo vestíbulo da nave e voltou para o corredor do lado direito.

Então ele levou um tombo. Tropeçou e caiu junto a um grupo de turistas, quase derrubou um homem, em seguida se levantou desajeitadamente e tropeçou mais uma vez em sua tentativa de ajudar o homem e seus amigos perplexos. Ficou se desculpando sem parar enquanto ajeitava o paletó do sujeito e três pessoas do grupo se ajoelhavam para tentar recuperar o conteúdo de uma bolsa derrubada na confusão.

Ela olhou para os lados. A ação tinha chamado a atenção da maioria das pessoas na igreja, o que era muito bom, mas duraria pouco. O salto teria que ser mais alto do que o da outra igreja e a zona de aterrissagem era uma caixa de pouco mais de 20 centímetros. Uma proeza, mesmo para uma noantri, mas que escolha Livia tinha? Pulou com graça e leveza, preparada para a caixa ceder, mas ela aguentou. Equilibrando-se, ergueu os braços para testar a portinhola dourada. Já tinha preparado suas ferramentas, mas não estava trancada. Bem, a 3 metros do piso de uma basílica, por que estaria?

Ao abri-la, viu que havia lá dentro um nicho de mármore perolado, uma pequena prateleira dourada e um gracioso frasco de vidro Murano contendo um óleo amarelo-claro.

E nada mais.

Como isso era possível? Será que estavam enganados? “Não”, ela ouviu a voz de Spencer na mente. “Isso é típico demais do Mario para estar errado.”

Então o quê?

O frasco de vidro, a prateleira dourada, o nicho de mármore. O vidro era transparente, o óleo era puro, a prateleira estava firme no mármore cinza-perolado.

Só que atrás do frasco o mármore não era cinza, mas preto. E parecia outro material.

Estendeu o braço e retirou o frasco com a mão esquerda, tomando cuidado para não derramar o óleo sagrado. Com a outra mão, tateou a parede dos fundos do nicho. De fato, não era feita de pedra, mas de couro, e tinha quase as mesmas dimensões do próprio nicho. Um padre distraído jamais a teria notado ao reabastecer o vidrinho com óleo sagrado. Livia passou o dedo pelas bordas, encontrou um canto levantado, puxou com cuidado. Saiu com facilidade.

Era a capa de um livro, combinando exatamente com a capa do caderno de poemas de Damiani.

Atrás dela havia uma folha de um papel agora já familiar.



Thomas ouviu um grito e virou-se a tempo de ver Livia, com um papel e alguma outra coisa na mão, saltar da caixa de oferendas, enfiar uma cédula de dez na ranhura e sair correndo pela porta da basílica. A charola tinha ficado aberta e o óleo sagrado lá dentro estava intocado. Três homens, nitidamente contrariados, saíram correndo atrás dela, enquanto vozes confusas e ressentidas ecoavam na igreja. A pequena comoção provocada por Thomas ficara no passado.

Agora, se alguém rouba alguma coisa de uma basílica, um padre não deveria ir atrás? Assim como deveria fazer se alguém roubasse algo da, digamos, Biblioteca do Vaticano? Lançando um último sorriso envergonhado para as pessoas nas quais tinha trombado, Thomas saiu correndo pela porta.

Os três homens que perseguiam Livia não estavam à vista. Tampouco ela. Não havia como a alcançarem, disso Thomas tinha certeza. Talvez ela soubesse voar, algo assim. Não, claro que não. Podia correr bem depressa, só isso.

“Como assim, Thomas? Você está começando a acreditar que ‘não tem nada de sobrenatural nisso’? Cuidado.”

Bem, fosse Livia sobrenatural ou não, *ele* não era. Sabia que os homens não a alcançariam, mas será que *ele* conseguiria alcançá-la? Foi tomado por um temor repentino: e se eles estivessem enganados sobre o número de poemas que faltavam para chegar até a Concordata? E se o papel que ela acabara de encontrar fosse o último? E se ela percebesse que a folha a levaria ao documento e que não precisava mais de Thomas? Nesse caso, ela encontraria a Concordata sozinha e a entregaria ao conclave. Ao povo *dela*. O que aconteceria com Lorenzo, então?

O cardeal estaria condenado.

Thomas parou na *piazza*, olhando ao redor sem saber o que fazer. Turistas resolutos entravam na basílica enquanto nativos indolentes passeavam calmamente em direção aos cafés. Pombos desciam voando do céu para pousar na fonte. Um cachorrinho branco latia para um cachorrão preto, que olhava para baixo com um desdém divertido. Nada oferecia alguma pista do destino de Livia.

Thomas sentiu um aperto no peito.

Nesse momento, no bolso à altura de seu peito, o celular começou a vibrar.

Thomas quase derrubou o aparelho ao tirá-lo lá de dentro. Um número local que não reconheceu. Seriam os sequestradores de Lorenzo? Atendeu praticamente gritando:

- Quem está falando?
- Sou eu, padre. Você não vem?

Por um instante, Thomas não conseguiu falar nada.

- Eu... *Professoressa*?
- Tente me chamar de “Livia”. Estou na Via dei Fienaroli, pouco depois do cruzamento com a Via della Cisterna. Será que consegue chegar aqui sozinho?
- Eu... estou indo. Fique aí! Não saia daí!
- Se eu fosse sair – retrucou ela com um suspiro –, por que estaria ligando?



Ao ouvir o som da tranca, o cardeal Lorenzo Cossa se virou. Jonah Richter estava na soleira da porta, os cabelos louros desgrenhados, as mãos nos bolsos da calça, com aquele sorriso confiante que Lorenzo detestava. Na verdade, não havia nada no homem que ele não desprezasse. Começando pelo fato de não ser um homem.

Jonah deu alguns passos pela sala, mas não se aproximou do cardeal.

– Não acha que fica frio com todas as janelas abertas?

– Este recinto fede à sua laia.

– Que estranho... antes de saber que eu era noantri, você não reclamava do meu cheiro. Meu fedor parece ter surgido junto com a sua descoberta. Como explica isso?

– O que você quer?

– Vim informar que a caçada vai bem.

Lorenzo não respondeu.

– Parece que Mario Damiani era um sujeito complicado – prosseguiu Jonah. – A pista está sendo mais trabalhosa do que parecia. Minha historiadora e o seu padre já estiveram em duas igrejas e estão a caminho de uma terceira.

– Para fazer o quê? – perguntou Lorenzo, sem conseguir se conter.

– Não sei ao certo. Meu pessoal não pode chegar muito perto sem ser detectado por Livia.

Lorenzo virou as costas para Jonah e voltou a olhar pela janela. O aposento era no último andar de um edifício no Monte Janículo, e a vista era grandiosa.

– Pois é. Como eu falei, vocês fedem.

Richter deu uma boa risada.

– De fato, nós podemos detectar um ao outro pelo cheiro, mas não o sentimos da mesma forma que você parece sentir. De qualquer forma...

Parou de falar quando seu celular tocou. Lorenzo ficou observando enquanto Jonah atendia. O bom humor do noantri se transformou numa expressão pensativa.

– Obrigado – falou, em seguida desligou. – Preciso ir – informou a Lorenzo.

– Por quê? Seu brilhante esquema está dando errado?

– Provavelmente não. Mas um noantri que não é do meu grupo foi visto duas vezes perto de Livia e Thomas Kelly. Quero saber o que está acontecendo.

– Vocês não conseguem nem confiar uns nos outros, não é?

Jonah riu outra vez.

– E vocês, príncipes e padres da Igreja... conseguem?

Trancou o recinto quando saiu. Lorenzo ficou olhando para a porta por um momento, depois se virou mais uma vez para a janela e acendeu um charuto.



Levou mais tempo do que provavelmente deveria para Thomas chegar à Via dei Fienaroli. Culpa do primeiro homem a quem pediu informações, que lhe fornecera instruções detalhadas, porém incorretas. A Via dei Fienaroli, afinal, era depois da esquina da Basílica de Santa Maria de Trastevere, uma travessa da Via della Cisterna cerca de 50 metros à frente. Era uma rua tão estreita que não tinha calçada. As portas das casas antigas se abriam direto para a rua.

Quando Thomas chegou, não havia ninguém à vista.

É claro. Ela o havia mandado para o lugar errado. Precisava ter certeza de que não iria segui-la. Não bastava ser um demônio desnaturado enquanto ele era apenas um homem, estar em sua cidade natal enquanto ele não sabia andar direito pelas ruas, ter toda uma comunidade por perto apoiando-a enquanto ele estava sozinho com um segredo que preferia desesperadamente não conhecer, que...

– Padre Thomas?

Uma porta verde desgastada se abriu a cerca de 50 centímetros dele. Na soleira havia uma jovem magra, com uma expressão séria e cabelos cacheados e pretos. Usava uma calça branca larga e camiseta, ambas salpicadas de tinta, além de uma fita azul num dos braços nus. Tinha uma mancha engraçada no nariz.

– Padre, entre, por favor – falou, abrindo um sorriso. – Livia está lá em cima. Eu me chamo Ellen Bird. Eu apertaria sua mão, mas me disseram que você poderia não gostar.

Ela falava inglês com um sotaque de Nova York. Por um momento Thomas se sentiu tão aliviado, tão em casa, que começou a abrir um grande sorriso em resposta. Depois percebeu o que ela estava sugerindo ao não estender a mão para ele.

Deu um passo para trás.

– Você também é...?

“Sério, Thomas? O que exatamente você vai perguntar a ela, e como vai explicar a pergunta se a resposta for não?”

Mas a resposta não foi não.

– Uma noantri? Sou, sim. Entre, por favor.

Thomas olhou para Ellen. Os cachos, a pele clara, o temperamento descontraído... Poderia ser uma de suas alunas. Aquela mulher era noantri? Uma... uma vampira? Não havia nada de ameaçador nela. Parecia apenas uma jovem americana, provavelmente pintora, a julgar pelas manchas de tinta, tentando a sorte em Roma. Bem diferente de

Spencer George, com quem Thomas tinha antipatizado logo de cara. Claro, ponderou, que isso poderia ter acontecido pelo fato de o homem ser arrogante, hostil e sarcástico. Conhecia padres como ele de quem também não gostava. Livia Pietro, por outro lado, podia ser manipuladora, evasiva e autoritária, mas não parecia nem um pouco ameaçadora, mesmo depois que soubera quem ela era. E aquela tal de Ellen Bird parecia muito sincera.

Mas o mal era sutil.

– Padre? Não podemos ficar aqui parados o dia inteiro.

Não, não podiam. Livia Pietro, com o novo poema – e o destino de Lorenzo –, estava esperando no andar de cima. Thomas empertigou os ombros e, pela segunda vez naquele dia, entrou numa casa cujos moradores não eram humanos.



Da poltrona ao lado da janela do estúdio de Ellen, Livia ouviu a conversa na rua, depois a porta se fechar, e então Ellen subir dois lanços de escada com Thomas, em silêncio. Era um homem corajoso, ela pensou, porque sem dúvida estava apavorado e cheio de repulsa, mas seguia em frente porque queria salvar o amigo. Como ela sempre dizia, a bravura não era a ausência de medo, mas a capacidade de encará-lo.

Ellen entrou na sala com Thomas.

– Vou deixá-los a sós por um momento – falou, em seguida saiu do recinto.

Thomas olhou ao redor, observando os raios de sol do meio do dia passarem pela claraboia, a miscelânea de desenhos e esboços nas paredes, os dois cavaletes, cada um com uma pintura parcialmente concluída. Depois, fitou Livia.

– Por que estamos aqui?

– É um prazer revê-lo também, padre.

Thomas franziu a testa. Livia sentiu uma pontada de culpa; não deveria provocá-lo.

– Por favor, sente-se. Ellen é uma amiga.

Thomas não se afastou da porta.

– Eu não gostei do que aconteceu na última vez que fomos visitar um dos seus amigos.

– Não o culpo, mas não se preocupe. Ellen é bem diferente de Spencer.

– Você tem amigos em todos os lugares? Bem, imagino que tenha, sim, um monte. É o que deve acontecer quando se tem séculos de existência para conhecer pessoas.

– Sinto muito. Sei que isso é difícil pra você. Por favor, sente-se – pediu ela mais uma vez.

Thomas permaneceu de pé, mas o tom foi um pouco menos agressivo quando falou:

– Eu vi você pôr dinheiro na caixa de coleta.

– Pode chamar aquilo de penitência. Você armou um belo teatro para distrair as pessoas na igreja, a propósito.

– Obrigado – respondeu ele de forma automática, mas continuou de pé, nitidamente em conflito consigo mesmo. Depois de um momento, falou: – Me diga uma coisa: quantos de vocês existem?

– De...?

– Noantri – retrucou ele com uma expressão de desagrado.

– Nós emprestamos a palavra “noantri” dos nascidos em Trastevere, séculos atrás – explicou ela, calmamente. – Quando a usamos, estamos nos referindo à nossa espécie, mas não é um palavrão.

- Responda à minha pergunta. Quantos *noantri* existem?
 - No mundo, ao todo? Acho que uns dez mil. Um terço de nós está na Itália, metade disso em Roma, metade em Trastevere.
 - Um terço? Três mil... três mil...
 - Três mil vampiros, sim, padre. Na Itália. Nós já estivemos mais espalhados, e podemos ser encontrados em qualquer lugar, mas nos concentramos, por motivos óbvios, em países e cidades com populações católicas. – Quando ele ficou com um ar de incompreensão Livia acrescentou: – Por causa dos hospitais. Por causa do sangue. – Antes que ele assumisse uma expressão de choque, Livia prosseguiu: – E também porque, quando começamos a nos reunir, percebemos que gostávamos muito de viver em comunidade. A tranquilidade que sentimos em conjunto é algo que nunca conhecemos antes da Concordata. Durante todos aqueles anos anteriores, nenhum *noantri* estava seguro se não estivesse escondido ou disfarçado.
 - Tranquilidade?
 - De certa forma, nós somos uma família. Para nós, é uma sensação mais física do que para os inalterados, mas todos se sentem animados na presença da família.
- Aquilo era demais. O lado religioso de Thomas se sobrepôs ao lado acadêmico:
- Família? Parentes sanguíneos, você quer dizer? É uma visão bastante pervertida desse conceito. – Ele finalmente atravessou o recinto e se sentou. – Vamos ao trabalho. Você achou outro poema.



Livia tinha acabado de abrir o zíper da bolsa para pegar o novo poema quando a porta se abriu. Thomas deu um pulo, mas voltou a se recostar. Era Ellen, trazendo uma bandeja. Ficou surpreso consigo mesmo: “Tudo bem, não há razão para se preocupar, é só uma jovem vampira com alguns sanduíches.” Percebeu que sua teoria de que tinha ficado maluco já evaporara havia algum tempo e ele nem notara.

– Sei que está com fome, padre Kelly – disse Ellen, sorrindo.

Equilibrou a bandeja numa pilha de livros de arte e saiu.

Thomas virou-se para Livia e perguntou:

– Como ela sabe que estou com fome? Sentiu a taxa de açúcar do meu sangue mais baixa? Sentiu o cheiro dos ácidos estomacais se acumulando?

– Talvez você esteja com cara de fome. Mas pense assim: se Ellen percebeu, através dos sentidos noantri, alguma coisa que um inalterado não teria percebido, isso é motivo para rejeitar a comida?

Uma parte de Thomas achou que era isso mesmo que ele deveria fazer. Mas a parte que prevaleceu pegou um guardanapo, um sanduíche e uma garrafa de cerveja.

– Pode usar aquela pilha de livros como apoio. Ellen não liga muito para móveis – disse Livia, recolocando o poema na bolsa para protegê-lo. – Pode comer sossegado. Vai se sentir melhor com a taxa de açúcar no sangue mais alta.

– Você também consegue notar?

Ela apenas sorriu. Thomas examinou o sanduíche com desconfiança.

– O que tem aqui?

– Não vou me dignar a responder.

Ela estava ofendida. “O que é isso, Thomas? Agora você se sente no direito de ofender as pessoas de propósito só porque não gosta delas?” Ficou assustado com o pensamento e tentou se lembrar: “Eles não são pessoas!”, o que suscitou uma resposta ainda mais surpreendente: “E daí?” Agora ele se sentia realmente muito confuso, e Livia não tinha culpa nenhuma disso. Talvez sua taxa de açúcar estivesse mesmo baixa. Olhou de novo para o sanduíche. Parecia tipicamente italiano: salame, queijo e tomate. Mas aquela era uma casa noantri. Thomas ainda estava em conflito consigo mesmo quando abriu a boca e deu uma mordida. Carne, um queijo suave e tomate, uma combinação perfeita no pão macio. Um belo sanduíche, ou era a fome que falava mais alto, ou as duas coisas. Abriu a boca para dar a segunda mordida, mas parou quando Livia também pegou um sanduíche.

– Eu achei que vocês não comessem. Comida, quero dizer.

– Nós não precisamos, mas somos capazes de metabolizar os alimentos, e como nosso paladar, assim como os outros sentidos, se torna mais aguçado quando nos tornamos noantri, os sabores e texturas da comida ficam mais fortes e cheios de nuances. Por isso, muitos de nós gostam de comer. Sempre tive o hábito de comer com meus amigos inalterados.

– Para fazer companhia? Ou para se disfarçar melhor?

Livia devolveu o sanduíche à bandeja.

– Se o incomoda, eu não preciso comer.

– Não – retrucou ele. – Fique à vontade. Os sanduíches estão deliciosos. Você não vai querer perder. – Procurou algum traço de sarcasmo na própria voz, mas não encontrou. – Só deixe uns três ou quatro para mim.

Livia sorriu.

– Pode ficar tranquilo, padre.

– Thomas. – Aquilo foi ainda mais surpreendente para ele. – Prefiro que me chame de Thomas.

– Só se você me chamar de Livia.

– Não sei...

– Então nada feito.

Thomas desviou o olhar, sentindo-se desconfortável. Realmente precisava se alimentar. Terminou o sanduíche em mais duas ou três mordidas, sem falar nada, tomou um pouco de cerveja e pegou outro sanduíche. Livia estava deixando o ritmo da conversa por conta dele, então Thomas falou, mais para quebrar o silêncio do que por qualquer outra razão:

– Essas pinturas, e as outras na entrada e nos corredores... Não entendo muito de arte, mas me parecem bem boas. E são de tantos estilos diferentes... Para alguém tão jovem...

Parou de falar, percebendo o que estava dizendo.

– Demora um pouco para a gente se acostumar – comentou Livia. – Para nós também é difícil. Quando nos conhecemos, é a primeira informação que trocamos: há quanto tempo somos noantri. Isso nos situa uns para os outros. Ellen é de Nova York.

– Percebi pelo sotaque dela.

Livia balançou a cabeça.

– O sotaque original dela era mais britânico. Ela nasceu em 1745. É cerca de 150 anos mais velha que eu.

– Eu... – Thomas fez uma pausa, terminou a cerveja. – Nem sei o que pensar sobre tudo isso.

– Tente não pensar – sugeriu Livia com delicadeza. – Como eu disse, leva algum tempo para a gente se acostumar. Agora que a taxa de açúcar no seu sangue está voltando ao normal, vamos ver este poema.



Livia colocou o terceiro poema de Mario Damiani aberto na mesinha entre ela e Thomas. Antes de começar a ler as palavras em romanesco, o celular dela tocou. Começou a revirar a bolsa.

Era Spencer.

– Ah, que bom que você ligou! Onde você está? Tudo bem? O que aconteceu na igreja?

– Estou em casa. Tudo bem, sim, a não ser por uma pequena violência psicológica nas mãos de um policial dos *carabinieri*.

– Eles também estiveram lá?

– Infelizmente, sim. O incidente foi grave e infeliz. O velho monge foi morto.

Livia deu um suspiro de lamento. Thomas lançou-lhe um olhar interrogativo.

– É o Spencer – disse ela. – Spencer, o padre Kelly está aqui comigo. Conte o que aconteceu.

– Estou no viva-voz?

– Não.

– Ótimo. Com certeza vai ser melhor você contar isso do seu jeito, em vez de ele ouvir de mim.

– É muita consideração da sua parte.

– Não precisa ficar tão surpresa. Não sou um idiota total, Livia. De qualquer forma, pelo jeito você tinha razão sobre o atendente da Biblioteca do Vaticano. Ele estava lá e tentou nos seguir até a capela do pé decepado da santa.

Agora parecia mais o Spencer que Livia conhecia falando.

– Ele deve ter ido atrás do manuscrito – observou ela. – *Quem é ele?*

– O nome dele é Jorge Ocampo. Significa alguma coisa para você?

– Não. Foi a polícia que disse isso a você?

– Não, eu os ouvi dizerem uns para os outros. Não estavam perto de mim, mas claro que não tinham como saber até onde chega minha acuidade auditiva. Ocampo é um cidadão argentino. O velho monge tentou impedir que ele nos seguisse para preservar, presumo, nossa paz meditativa. Os dois começaram a discutir e o monge caiu ou foi jogado no chão. Bateu a cabeça e em seguida ganhou o direito de entrar no Paraíso. – Sim, definitivamente era o velho Spencer falando. – Agora preste atenção, porque esta parte é muito importante para você e o seu padre. Como um homem da Igreja morreu dentro de uma igreja, os gendarmes mandaram um representante. Um belo jovem de Nápoles, que por acaso é o

homem que prendeu o próprio Ocampo na estação de metrô do Coliseu hoje de manhã por furto de propriedade do Vaticano. Mas só o que conseguiram encontrar nele foi o chip de rastreamento.

– Hum.

– E tem mais. O gendarme napolitano tem uma teoria que compartilhou com os *carabinieri* e que envolve uma grande e bem-organizada rede de ladrões especializados em antiguidades, talvez de alcance internacional e eficiente o bastante para roubar o Vaticano. E para tentar, no mesmo dia e com as mesmas pessoas, um furto na Santa Maria della Scala.

– As mesmas pessoas?

– O atendente que trabalhava na Biblioteca do Vaticano, que claramente era um infiltrado, e também um padre. Um americano chamado Thomas Kelly.

– Spencer. Eles estavam falando sério?

– O gendarme estava, e parece ter convencido os *carabinieri*. Estão todos concentrados em apanhar os delinquentes. Tive de usar todos os meus poderes de persuasão para convencê-los de que mal conhecia vocês, que fiquei um pouco surpreso quando você apareceu na minha porta, que nunca tinha visto o padre e que, embora não tivesse ideia das suas intenções ao visitar a Santa Maria della Scala, eu podia garantir que sua reputação e seu caráter eram absolutamente imaculados. Imagino que você teria gostado de ouvir o fervor com que defendi a sua honra.

– Obrigada.

– Foi um prazer. Disse a eles que a teoria era um completo absurdo, que tinha certeza que você iria esclarecer qualquer mal-entendido assim que tivesse a oportunidade de falar com eles. Para ajudar a restaurar sua reputação, prometi que, embora não fizesse a mínima ideia de para onde você tinha ido enquanto eu rezava diante do pé da santificada Teresa, eles podiam estar certos de que, se tivesse notícias suas, eles seriam os primeiros a saber.

– Eles acreditaram em você?

– Duvido, mas que diferença faz? Está claro que eles desconfiam de mim também, por isso estavam querendo confidenciar seus pensamentos mais íntimos: para que eu soubesse as informações que eles têm, começasse a tremer e desse com a língua nos dentes. Mas eles não têm base para me manter sob custódia, ainda que, na minha opinião, ter me segurado dentro de uma igreja por mais de uma hora já configure uma detenção punitiva. Não tenho dúvida de que eles estão vigiando a minha casa, então é melhor vocês não aparecerem por aqui. Mas, se eu puder ajudar em alguma coisa para despistar a polícia, é só dizer. Aliás, falando da tarefa de vocês, algum progresso?

– Nós encontramos outro poema, na Santa Maria de Trastevere. Numa charola.

– Numa o quê?

– É um... Procure no dicionário. Estamos trabalhando no poema neste momento.

– Certo, vou deixar você em paz, mas se esse poema, ou qualquer outro que encontrar, não ceder aos poderes combinados de vocês dois, terei prazer em ajudar. Mas tenha cuidado.

O nome e as fotos de vocês estão espalhados por todos os departamentos de polícia possíveis.

- Obrigada, Spencer. Seu aviso veio bem a calhar.
- Estou aqui para servir – resmungou ele.



Mais uma vez, Thomas estava com dificuldade de se concentrar. Debruçado ali com Livia sobre o poema de Damiani, não conseguia controlar os pensamentos e as sensações. Sabia que isso se devia, em parte, às desagradáveis notícias que Spencer lhes dera: que Thomas e Livia estavam sendo procurados pelos *carabinieri* e que o velho monge havia morrido. Ele fez uma breve oração pela alma do religioso, embora desconfiasse que o frade não precisava da ajuda de um padre como ele para entrar no céu.

Sua falta de concentração também se devia à culpa: mesmo que Livia tivesse tentado convencê-lo de que a morte do monge não fora por causa dele, era claro que fora. Ele sabia disso. “Como deve ser”, pegou-se pensando, “viver para sempre? Passar uma eternidade acumulando perdas e culpa, sem forma de expiação, sem poder fazer reparações, sem ter como ser perdoado? Sem um fim à vista?” Olhou para Livia, o cabelo preto caindo-lhe no rosto, os braços cruzados numa postura de concentração que já estava se tornando familiar para ele.

Sem erguer os olhos, ela falou:

– O poema, Thomas. Eu sei que muita coisa aconteceu e que não é fácil lidar com isso. Mas o importante agora é o poema.

Thomas ficou contente por ela não ter desviado os olhos da folha de papel, pois sentiu-se ruborizar. Endireitou os ombros e também se concentrou nos versos.

*Dojje de morte? Er piagnisteo de l'esse nati?
Frammezzo a le crature alate, l'api, l'uscelli,
le sonajjere d'angioli, eccosce volati
a spiarje l'estasi ne l'occhi bbelli,
da dove, simme vâ, posso scappà coll'ale 'mmacolate.*

Garras da morte? O choramingo puro de nascer?

Entre as criaturas aladas, abelhas e pássaros,

e hierarquias de anjos, aqui enxameamos,

contemplamos sua face em êxtase, olhos belos

por isso, se escolher, poderia voar, as asas desfraladadas.

Mais uma vez, havia letras escritas em caixa-alta a lápis no rodapé da folha: IFIDE.

Nada. As palavras não diziam absolutamente nada. Morte ou nascimento? Hierarquias de anjos? Olhando em êxtase ou olhando uma face em êxtase? Quem estava olhando? A face de quem? De quem eram as asas desfraldadas? Entre todas as imagens ali presentes,

aquela era a única que tinha alguma ressonância na mente de Thomas, mas era uma ressonância tão fraca que, por mais que tentasse, ele não conseguia evocar nada.

As letras em maiúsculas eram outra questão. Ficou olhando para elas com um entusiasmo cada vez maior. O primeiro conjunto não fizera sentido nenhum. Aquele também não fazia, mas se fosse acrescentado ao primeiro conjunto, e depois as letras fossem lidas de trás para a frente, quase formavam uma palavra.

– *Ædificavit* – disse ele, hesitante, numa tentativa. – Construído.

– Construído? – Livia ergueu os olhos. – Construído o quê?

– Não sei. Mas, se você juntar este conjunto de letras ao primeiro e depois ler de trás para a frente, é quase uma palavra inteira: *ædificavit*. “Construído.”

– Quase inteira?

– Falta a letra *a* inicial, mas é uma letra composta, *æ*, então talvez ele tenha pensado que podia dispensar uma delas. Ou talvez esteja no poema seguinte.

Livia ficou um momento em silêncio.

– Você está dizendo que isso é um acróstico em latim?

– Considerando tudo o que sabemos, esse tipo de coisa seria bem o estilo de Damiani.

Livia assentiu.

– Sim, é verdade. Você pode estar certo. Isso resolveria nossa dúvida sobre se as letras a lápis foram escritas por ele.

– Mas o próprio poema eu não entendi. Não faço ideia de para onde devemos ir agora – falou Thomas.

– Tudo bem – respondeu Livia. – Eu sei.



Desta vez, Jorge Ocampo não iria fugir. Não faria nada para chamar atenção. Fez o trajeto escondido, furtivo, como um agente cujo objetivo era permanecer disfarçado enquanto cumpria sua missão.

E qual era a missão?

Ele não sabia ao certo.

Anna não passara novas instruções sobre a recuperação do manuscrito ou sobre a vigilância da *professora*. Não dissera o que fazer sobre os fatos irreversíveis do que acontecera na Santa Maria della Scala. Dera um suspiro fundo quando ele lhe contara sobre o acidente, mas não gritara, não o insultara, não dera aquele suspiro impaciente que sempre deixava escapar nas poucas ocasiões em que ele não conseguia realizar uma tarefa.

Anna era muito injusta com ele. Em geral, ele se saía bastante bem nas missões que recebia e se orgulhava disso – com razão, considerou. Como qualquer outro, tinha seus momentos de má sorte. A irritação dela nessas ocasiões, sua rapidez em culpá-lo e repreendê-lo realmente o magoavam. Não era razoável, não mesmo.

Mas talvez ela estivesse mudando. Talvez tivesse começado a reconhecer quão duro ele dava, a entender que o infortúnio pode acontecer com qualquer um. Tinha esperado um ataque de fúria da parte dela e se preparara para isso, mas Anna tinha ficado por um momento em silêncio e depois dissera: “Tudo bem, Jorge. Você está escondido?” Ele garantira que sim e, depois que Anna perguntara onde e ele lhe contara, ela só falara: “Fique aí. Estou a caminho.”

Então ele se acomodara na sua cadeira de veludo no cinema cheio de mofo, esperando-a chegar e dizer o que fazer. Sentado na escuridão, começou a devanear, imaginando a pele acetinada e o cabelo sedoso de Anna, ouvindo a sua voz musical enquanto ela sussurrava para ele em seu espanhol nativo. Mas uma buzina soou lá fora e o assustou, interrompendo o sonho. Durante a espera, Jorge foi se sentindo cada vez mais desconfortável. Il Pasquino era o seu lugar particular. Não sabia se deveria ter revelado onde estava. Não tinha lhe ocorrido negar a informação e, de qualquer forma, Anna não iria aceitar. Ele começou a se sentir inquieto quanto à ideia de encontrá-la. Alguma coisa na voz dela... Ela estava brava e disfarçara isso, e na hora ele tinha achado gentil da parte dela – claro que Anna sabia a tensão em que ele se encontrava e não queria aborrecê-lo ainda mais. Mas estava zangada.

E desapontada, ele percebeu.

A noção de que sua Anna estava decepcionada com ele provocou em Jorge outro tipo de dor. Ela o havia nomeado seu cavaleiro de armadura brilhante, mas ele tinha falhado. Tomou uma decisão: não iria esperá-la. Não naquele momento. Não ali, naquele cinema. Iria embora do Il Pasquino e se esgueirar até a Vicolo del Piede, sempre se mantendo escondido.

Não tinha nenhuma instrução, mas era capaz de fazer os próprios planos. Localizaria a *professora*. Recuperaria o manuscrito. Cumpriria sua missão original antes de reencontrar Anna. Depois disso, seu equívoco na igreja não seria tão grave. Jorge nunca quisera prejudicar o velho monge. Só tinha tentado tirá-lo do caminho. Como poderia saber que ele perderia o equilíbrio e cairia? Afinal de contas, Anna sempre dizia que ele não deveria usar seus dotes de noantri para que os mortais não percebessem, então não era de surpreender que não conhecesse a própria força! E as pessoas estavam sempre caindo e não necessariamente morriam por causa disso. Logo, Jorge não tinha tido culpa nenhuma no episódio com o monge.

Anna parecera preocupada com a segurança dele ao recomendar que ficasse escondido. Não tinha reagido como se o acontecido fosse algo tão grave.

De qualquer forma, ainda que não pudesse ser culpado pela morte do religioso, ele sabia que fazia diferença. E iria compensar a situação.

Espiou pela janela encardida, esperando um momento em que a rua estivesse vazia. De repente, começou a divagar sobre o acidente. O que tinha acontecido com o velho monge fora algo estranho. O homem tinha morrido, e a Transformação de Jorge não fazia tanto tempo assim para ele ter esquecido o terror de um mortal diante da morte. Mas, surpreendentemente, entre as emoções que passaram pelo rosto do religioso, Jorge não vira medo. O que vira – o que havia causado – fora alívio. Depois, gratidão. Por fim, para seu espanto ainda maior, alegria.

Jorge, então, sentira uma minúscula e transitória pontada de inveja.

Voltou a se concentrar no movimento da rua. Uma das melhores armas de um revolucionário era a capacidade de focar na missão apesar das distrações. Ah, ali estava a oportunidade que ele esperava. Com a rua vazia, Jorge saiu pela janela e se esgueirou pela calçada, de óculos escuros e um chapéu de aba curta. Seu plano era ir até a casa da *professora*. Uma hora ela teria de voltar, então ele ficaria de vigia. E enfim pegaria o manuscrito que Anna queria e tudo voltaria ao normal.

Esse era o plano. Mas, quando chegou ao cruzamento com a Via della Fonte D'Olio, algo estranho aconteceu. A *professora* tinha passado por ali. Jorge sentiu seu perfume.

Já o havia sentido antes, na Biblioteca do Vaticano. Tinha notas tropicais e complexas. Agora, Jorge foi tomado por um sentimento nostálgico: as mulheres em seu país gostavam de se perfumar, mas entre as noantri não era comum. Anna nunca usava perfume e, quando certa vez ele lhe perguntara o porquê, ela o questionara com petulância se a fragrância da sua pele não era suficiente. Ele nunca mais havia tocado no assunto.

Mas a *professora*, Jorge tinha certeza de que aquele era o perfume dela – seria gardênia? –, que ele também tinha distinguido, bem fraco, na Santa Maria della Scala. Ela havia passado por ali onde ele se encontrava pouco tempo antes.

O coração de Jorge começou a bater mais forte. Ordenou a si mesmo que se acalmasse. Rápido, mas não mais veloz que um mortal com pressa, ele seguiu em direção à *piazza*. Ela não estava à vista, mas seu cheiro pairava no ar – devia ter entrado na igreja! Jorge subiu rapidamente os degraus e no momento em que pisou lá dentro descobriu duas coisas: ela estivera ali e já fora embora.

Alguma coisa tinha acontecido. Jorge conseguia sentir a agitação no ar: o cheiro provocado por um súbito entusiasmo, o aroma acentuado de uma descarga de adrenalina e suor. À sua esquerda, um padre estava numa escada trancando um pequeno armário dourado. A Catedral Metropolitana de Buenos Aires – uma igreja a que tinha ido apenas uma ou duas vezes, mas de cuja beleza se lembrava claramente – tinha uma porta parecida com aquela. Achava que era um santuário simbólico, uma lembrança de que a igreja abrigaria qualquer um que entrasse. Por curiosidade, gostaria de ter chegado ali alguns minutos antes, para ver o que havia lá dentro.

Quando o padre começou a descer da escada, Jorge se obrigou a parar de devanear. Precisava se concentrar. As asneiras religiosas representavam o opressor, o inimigo. Só tinha pensado na Catedral Metropolitana porque sentia saudade de casa. Quanto mais cedo cumprisse sua missão, mais cedo Anna e os outros conseguiriam estabelecer as leis noantri e finalmente ele e sua amada poderiam voltar à Argentina. Jorge não tinha interesse em nenhum cargo de poder na nova ordem. Mais uma vez, pensou que tudo o que desejava era ficar com Anna, pela eternidade.

Com a determinação renovada, Jorge virou-se e foi embora da igreja. Examinou as ruas que saíam da *piazza*, farejou o ar e seguiu pelo outro lado da fonte.



Roma podia ser esplêndida no outono – clara e luminosa. O ar, mesmo quando frio, não era cortante como na Berlim nativa de Jonah, e naquele dia o clima estava perfeito. Era uma linda cidade. Livia o levava para morar ali e ela ainda vivia no mesmo lugar.

Sombras e a luz do sol se alternavam enquanto o táxi tentava avançar no trânsito intenso ao longo do rio Tibre. Por conta do hábito de não se arriscar a expor sua natureza noantri – embora não soubesse mais se isso importava agora que estava tão perto de seu objetivo –, ele tomou um táxi para ir até o Janículo, em Trastevere.

Pelo que os homens que vigiavam Livia e o padre lhe informaram, os dois estavam na igreja San Francesco a Ripa. Por mais que adorasse a visão de Livia, Jonah evitou segui-la pessoalmente, para que ela não captasse seu cheiro, nem o ritmo de seus passos, tampouco o som de sua respiração. Depois de todo aquele tempo e da intensidade do que os dois haviam vivido juntos, ela saberia em segundos se ele se aproximasse.

Agora, no entanto, precisaria se arriscar.

Tinha sido informado mais cedo que um noantri, alguém que seu agente não conhecia, fora visto correndo pela Vicolo del Piede. Poderia ser apenas um recém-transformado, incapaz de se manter disfarçado de acordo com os preceitos do conclave, e era possível que o incidente não tivesse nenhuma relação com Jonah ou seu plano, a não ser lembrá-lo da satisfação que sentiria quando ele fosse concluído. Assim que a Concordata fosse divulgada e a existência dos noantri revelada, nenhum membro de seu povo seria obrigado a uma falsa modéstia ou a uma dolorosa mediocridade.

Alguns momentos antes, no entanto, enquanto ele estava com o cardeal Cossa, outro de seus agentes tinha ligado dizendo que um homem – que Jonah logo pensou ser o mesmo que passara pela Via di San Francesco a Ripa na direção da igreja – fora identificado como o atendente no caso do furto na Biblioteca do Vaticano. Como Jonah havia sido informado de que um terceiro noantri, além de Livia e o arrogante Spencer George, também estivera em Santa Maria della Scala, ficou preocupado; não estava certo de que tivesse sido o mesmo homem, mas resolveu verificar pessoalmente.

Ele sabia que não apenas a Igreja, mas também o conclave, faria todo o possível para frustrar seus planos, porém achava que àquela altura já estava com as duas ameaças sob controle.

O tal noantri desconhecido, porém, poderia estar trabalhando para o conclave. Jonah considerava típico do pontífice dar uma tarefa a Livia e depois colocar um espião atrás dela.

O líder noantri era um homem sombrio e cheio de segredos que sempre deixara Jonah nervoso. Parecia ser capaz de ver através dele, e Jonah desconfiou que ele previra seu plano antes mesmo de o próprio Jonah tê-lo formulado em detalhes. Parecia que o previra e não tomara nenhuma atitude para impedi-lo com antecedência, como se desse a Jonah todas as oportunidades de voltar atrás e fazer a coisa certa. Aquele homem, que havia emergido da obscuridade para liderar os noantri assim que a Concordata fora assinada, era um enigma até mesmo para o próprio povo. Era um firme defensor da não revelação do documento. Jonah sabia muito bem que agora o pontífice havia ordenado sua morte, e também tinha consciência de que a única razão pela qual a ordem ainda não fora executada era o desejo do conclave de localizar e voltar a esconder a Concordata perdida. Se o noantri desconhecido estivesse mesmo seguindo Livia e o padre a mando do conclave, Jonah teria de lidar com a situação.

Existia ainda outra possibilidade preocupante: que ele estivesse seguindo Livia e o padre para alguém mais. Dentro da comunidade noantri, os sentimentos contra e a favor da revelação da Concordata eram intensos na mesma medida. Naquele momento delicado, era imperativo que ninguém, de nenhum dos campos, interferisse no plano de Jonah.

E agora havia o cardeal Cossa, pensou, quando o táxi fez a curva para a Viale di Trastevere. O homem era o exemplo perfeito de tudo o que estava errado no status quo. Como os noantri tinham sido obrigados a continuar escondidos, Lorenzo Cossa não os conhecia como povo, como indivíduos. Só tinha ouvido mentiras, histórias e lendas forjadas ao longo de séculos para julgá-los, então os temia e odiava. Não conseguia diferenciar a realidade do absurdo, afirmando, por exemplo, se sentir enojado pelo cheiro de um noantri, o que Jonah sabia que nenhum mortal era capaz de detectar. Ao contrário dos onipresentes charutos do cardeal, que realmente empestevam o ambiente.

E que homem triste ele era. Triste e amargo. Até onde Jonah sabia, o objetivo de vida dele era ser o bibliotecário e arquivista do Vaticano. Agora ele conseguira. No pouco tempo que lhe restava de vida – isso se não se tornasse um noantri –, seria de imaginar que se deliciaria com a vasta e variada coleção de livros sob seu controle. O conhecimento que havia naquelas obras, as relações a serem estabelecidas e compreendidas, as possibilidades! Mas não. Ele preferira se concentrar na Concordata, montando uma equipe para localizá-la, convocando Thomas Kelly depois que a equipe fracassara. Cossa era um homem raivoso, amedrontado e desiludido, e, pelo que Jonah podia perceber, não amava coisa alguma.

Não, não coisa alguma. Parecia amar Thomas Kelly. Embora, é claro, jamais fosse dizer algo do tipo a Jonah. Ainda assim, ele podia sentir na voz de Cossa, em sua linguagem corporal quando Thomas era mencionado, no temor em seus olhos pela situação em que ele se encontrava. Thomas era o filho que Lorenzo Cossa nunca tivera. O pupilo favorito, o acólito. Tinha se saído bem na vida, e Cossa se sentia orgulhoso por ele.

Em breve, pensou Jonah, o padre se sairia ainda melhor. Depois disso, Jonah se livraria do cardeal de uma vez por todas.

Dele e de seus repugnantes charutos.



Jorge Ocampo subia devagar e casualmente os degraus baixos que levavam à igreja de San Francesco a Ripa. A trilha do perfume de Livia Pietro o levava direto para lá. Mesmo sabendo que segui-la seria uma brincadeira de criança para qualquer noantri, Jorge sentia-se satisfeito consigo mesmo. Não só por encontrar a *professora*, mas por estar cada vez mais perto de conseguir recuperar o manuscrito *antes* de sua presença ser percebida. Tinha parado numa farmácia e comprado uma colônia, não uma das fragrâncias fortes e masculinas que usava em seu país – embora tivesse se sentido tentado –, mas uma água-de-colônia barata, forte e desagradável que só o olfato precário de um mortal poderia apreciar. Teria de se lavar antes de reencontrar Anna, é claro, mas o perfume enjoativo seria um excelente disfarce quando chegasse perto de Livia. Jorge não sabia o que ela poderia estar fazendo ali, mas pouco lhe importava. Tinha uma missão a cumprir.

Por um breve momento, considerou continuar do lado de fora, esperando que sua presa saísse. Sua última visita a uma igreja não tinha ido muito bem. Não, decidiu. Variáveis demais, muitas oportunidades para ela escapar. Ou até para fazer o que desejasse ali dentro enquanto ele esperava. Jorge não quis esperar.

Turistas, peregrinos e fiéis entravam pelas portas da igreja. Os temerosos, como Anna os chamava. As lembranças de Jorge do incenso adocicado e das sombras reverberantes da Iglesia de Caacupé, na Buenos Aires da sua infância, sempre o apaziguavam. Imaginou que Anna estivesse certa quando dissera que o conforto que ele sentia não se originava da existência de algo inefável e além da compreensão, mas do medo e do pensamento irracional, que permitiam que os homens da Igreja, manipuladores e sedentos de poder, o enganassem, assim como a milhões de outros fiéis, levando-os a acreditar naquela existência. Ela devia estar certa, mas ele sentia saudade daquela paz.

Depois que entrou, esgueirou-se pela esquerda, tirou os óculos escuros e olhou ao redor. Num primeiro momento, pareceu que os visitantes da igreja eram envoltos por uma atmosfera clara e tranquila, crivada de culpa porém serena. Grandes fachos da luz do sol atravessavam as doze janelas redondas do alto, entrecruzavam-se na nave e refletiam no piso de mármore estampado. Algumas pessoas estavam ajoelhadas ou sentadas em bancos com a cabeça baixa e turistas com guias de viagem perambulavam pelos corredores.

Jorge já estivera naquela igreja antes, porém, e sabia que a natureza serena da nave e das colunas só servia para enfatizar o verdadeiro orgulho de San Francesco a Ripa e a verdadeira razão para ir até lá. A igreja era o local do descanso eterno de muitos párocos ricos e devotos.

Seus memoriais ocupavam as capelas laterais, onde sofisticadas estátuas celebravam suas vidas e asseguravam seu lugar no mundo por vir.

Cheio de inspiração, Jorge esgueirou-se pelo corredor à direita, mantendo os olhos nas capelas laterais do lado oposto. Livia era uma historiadora da arte e a joia da coroa da arte funerária da San Francesco a Ripa era a capela dedicada a Ludovica Albertoni. Retratava a falecida, rodeada por cabeças de anjos, no momento em que partia da vida. Para Jorge, era um trabalho que sempre parecera mais exótico do que religioso, mais terrestre do que etéreo. Não era o único a pensar assim, mas não importava: a obra era de Bernini e, numa igreja cheia de coisas lindas, destacava-se muito das demais.

De repente – claramente tentando despistá-lo, pois tinha se trocado e usava agora uma calça larga e branca, uma camiseta branca, um chapéu de lona de aba mole e uma bolsa diferente a tiracolo –, Livia Pietro estava parada à frente dele, olhando para o teto.



Cinco anjos olhavam para a igreja do alto da capela, suas expressões alegres convidando a congregação a compartilhar a glória da ascensão aos céus de Ludovica Albertoni. Já o sexto anjo não olhava para a mesma direção que eles, mas observava Ludovica enquanto o êxtase do que estava acontecendo a preenchia e a empolgava.

– Aqui? – perguntou Thomas. – Tem certeza?

– Garras da morte? A beleza pura de nascer? – falou Livia. – Isso se refere a Ludovica Albertoni no momento de sua morte. Sempre existiu uma teoria de que a obra também pode ser interpretada como Santa Ana recebendo a Imaculada Conceição.

– Simultaneamente?

– Bernini fazia esse tipo de coisa. E está vendo ali? “Entre as criaturas aladas... veja só o rosto dela...” Aquele ali é o único anjo olhando para ela. – Enquanto Thomas seguia o dedo dela que apontava, Livia acrescentou: – Não são lindos?

Eram mesmo, a luz que passava pela janela oculta de Bernini brilhando sobre as cabeças dos anjos e a tumba da mulher devota que eles recebiam no paraíso. Thomas não fez uma avaliação crítica, porém, preferindo perguntar:

– Se for isso mesmo, onde poderia estar o poema?

Livia pensou por um momento, depois respondeu:

– O único lugar em que consigo pensar é dentro daquela cabeça.

Thomas olhou para a escultura, incrédulo.

– Mas isso foi esculpido séculos antes de...

– As cabeças são posicionadas sobre cabos de aço. Foram esculpidas em separado e instaladas quando a escultura já estava no lugar.

– E podem ser removidas?

– Foi o que eu li. Nunca tentei fazer isso.

Ela continuou parada, apenas observando o mármore estriado.

– E então? – perguntou Thomas. – Nós não deveríamos ir ver se está mesmo ali dentro?

Por “nós” ele queria dizer ela e tinha certeza que Livia sabia disso. Sem dúvida, era a melhor dos dois para escalar coisas.

Ela olhou ao redor.

– Desculpe. É que... eu sempre fico tão envolvida com essa escultura... Você tem razão, claro. Vou precisar de alguma coisa pra subir. Será que eles têm uma escada na sacristia...?

– Como assim? Você pode se apoiar ali para subir.

– Ali onde? – indagou ela, e ele apontou. Livia arregalou os olhos. – Você não pode estar falando sério. Subir em cima de um Bernini?

Thomas olhou para ela.

– Você subiu no altar de Santa Teresa! Subiu numa caixa de oferendas!

Livia piscou repetidamente.

– Mas isso é um Bernini.

Os dois se fitaram com uma expressão mútua de incompreensão. Com um suspiro abafado, Thomas se virou, aproximou-se da escultura e falou:

– Então desta vez você fica responsável pela distração.

Deu uma olhada rápida ao redor. Não havia ninguém por perto; era o momento certo. Sem esperar para ver o que Livia iria improvisar, ele tirou os sapatos, virou de costas para a beatífica Ludovica e sua escolta angelical, agarrou uma dobra de suas vestes de mármore e subiu.



Livia ficou olhando, estupefata, enquanto Thomas galgava a estátua de mármore na horizontal de Ludovica Albertoni para alcançar a cabeça do anjo. No caminho dali, os dois tinham improvisado um disfarce. Livia pegara emprestadas com Ellen uma calça, uma bolsa e uma camiseta com a inscrição “Eu amo Nova York” em italiano, depois comprara óculos escuros tipo Yoko Ono e prendera os cabelos debaixo de um chapéu branco de lona. Thomas tinha comprado uma camiseta turística de Roma – preta, afinal ele continuava sendo um padre – e um boné de beisebol. Os dois se livraram dos celulares e adquiriram outros, pré-pagos. Thomas não queria jogar fora seu aparelho, no caso de o cardeal telefonar, mas por fim Livia o convencera de que os chips com GPS eram como placas de neon (“Mesmo se o telefone estiver desligado?” “Sim, padre. Thomas. Sim, Thomas.”) e a primeira coisa que ele fizera com o novo celular foi ligar para Lorenzo Cossa. Ninguém atendeu.

Thomas, então, não estava mais usando seus trajes clericais. Ao escalar a escultura, ele nem ao menos tinha aquele ar de autoridade que o diferenciava de um vândalo comum. Claro que galgar um Bernini o tornava um vândalo comum, portanto talvez essa diferenciação não existisse, de qualquer maneira. Livia queria gritar para ele parar, descer, tomar cuidado, mas só ficou boquiaberta, sem emitir nenhum som; no final das contas, o mais importante era não chamar atenção de ninguém na igreja sobre o que estava acontecendo. O que ela precisava era distrair quem estava ali. Virou-se para sair da capela Albertoni.

De repente, a distração aconteceu sozinha.

O atendente da biblioteca, Jorge Ocampo – o homem que, segundo Spencer, tinha matado o velho monge –, estava bem à sua frente, com um sorriso esquisito.

Livia mal tinha registrado a sua presença quando ele se lançou na direção da bolsa dela. Arrancou-a de seu ombro antes que ela percebesse o que estava acontecendo. Ela tentou agarrá-la de volta, mas em vão. Jorge, então, saiu correndo, e ela saltou em cima dele. Os dois caíram no chão e se engalfinharam, agarrando as roupas um do outro. O cotovelo de Jorge atingiu violentamente a face de Livia e ela sentiu o cheiro de uma colônia nojenta. O noantri brilhava de suor e, embora magro, era forte e determinado. Livia deu-lhe uma joelhada na virilha e tentou recuperar a bolsa, mas ele não a largou. Em vez disso, a empurrou, fazendo com que sua cabeça batesse no corrimão da capela. Livia ficou atordoada por menos de um segundo, mas foi o suficiente: Jorge levantou-se e partiu com a bolsa.

No corredor, ele trombou com um homem de ombros largos e cabelos loiros.

Jonah.

Perplexa, Livia só conseguiu ficar olhando. Seria uma alucinação provocada pela pancada? Será que alucinações eram tão detalhadas que continham aromas, brilhos dourados, as pequenas rugas ao lado dos olhos sorridentes? Jonah, ou seu espectro, por sua vez, não tinha tempo para reconhecer a presença de Livia ou responder a qualquer uma das milhares de perguntas que passavam pela cabeça dela. Livia viu Jorge tentar empurrar Jonah para o lado e testemunhou quando Jonah reagiu, encaixando o punho direito no queixo do atendente e em seguida socando-lhe o estômago com o esquerdo. Quando Jorge se curvou, acusando o golpe, Jonah agarrou a bolsa, mas o sujeito continuou segurando a alça e desferiu um murro no nariz de seu oponente.

Com um grito, Thomas saltou da escultura e correu para o lado de Livia. Lançou-se para a frente e agarrou o braço do atendente enquanto ele era jogado para trás por outro soco. Jorge girou com um grunhido e derrubou Thomas no chão com violência. Levantou a perna para pisar no rosto dele, mas Thomas rolou para o lado. Naquela brecha de um segundo, Jonah deu um golpe no pescoço de Jorge, que cambaleou e afrouxou o aperto na bolsa. Jonah conseguiu pegá-la.

De repente, Livia percebeu que em meio àquele caos ela começou a ouvir não só gritos horríveis, mas também sirenes. Em seguida, dois policiais entraram na igreja. Levantou-se, desajeitada, e Jonah, com um sorriso, jogou a bolsa em sua direção. Então ele se abaixou, ajudou Thomas a se levantar e ergueu Jorge também. Deu mais um soco nele e depois, em vez de aplicar o golpe final, se postou de lado, com os braços abaixados, dando passagem ao homem. O atendente não conseguiu resistir e desferiu outro soco. Livia ficou parada, boquiaberta, até Thomas, com os sapatos em uma das mãos, agarrá-la pelo cotovelo com a mão livre e começar a arrastá-la pelo corredor, dizendo:

– Isso é o que eu chamo de distração. Vamos sair daqui.



O pão tinha acabado, e o salame e o queijo também já eram. Giulio Aventino terminou o café e fez sinal pedindo mais dois, um para ele e outro para o seu sargento. Raffaele Orsini tomava um *macchiato*; já Giulio preferia a simplicidade amarga do *espresso*.

Os dois estavam num café na *piazza* do outro lado da Santa Maria della Scala, ambos ao celular. Raffaele era a favor de sair pelas ruas de imediato, mas Giulio sugerira calmamente que seria melhor se soubessem para onde ir. Os *carabinieri* e a *polizia* de Roma estavam em todos os lados da cidade em busca dos suspeitos: o atendente do Vaticano e seus comparsas. Já que Giulio e Raffaele tinham fontes nas ruas que serviam exatamente para esse tipo de situação, por que não aproveitar qualquer tipo de ajuda que o submundo do crime pudesse propiciar?

Antes que comesçassem a percorrer suas listas de contato, Giulio tinha ligado para o *maresciallo* para fazer um relatório.

– O Vaticano não está feliz, Aventino – disse o chefe em tom sombrio.

Giulio deteve-se antes de perguntar por que um santo monge que tinha ganhado seu ingresso para o Paraíso desagradava tanto o Vaticano, mas preferiu responder:

– Estamos fazendo o possível.

– Então sejam mais rápidos. O gendarme está ajudando? Ou ainda está a caminho? Eu posso mandá-lo não ir.

– Não, não faça isso. Acho que vai ser bom tê-lo por perto. O que você poderia fazer é pedir à Central pra me alertar sobre quaisquer movimentações nas igrejas da cidade.

Se outra pessoa falasse daquela maneira com ele, o *maresciallo* provavelmente teria enfatizado quem era o chefe. Giulio podia ouvir os dentes rilhando quando ele retrucou:

– Por quê? Tem alguma outra coisa prestes a acontecer?

– Não faço ideia. Só um palpite.

O *maresciallo* se permitiu um grunhido, mas Giulio não se importava e os dois sabiam disso.

– Tudo bem, mas seja criterioso em relação aos chamados que atender. Não quero você perdendo tempo em buscas que não darão em nada.

– Tudo bem – disse Giulio.

Em seguida, desligou.

O gendarme, Luigi Esposito, tinha ido embora por conta própria. Como não estava sob as ordens de Giulio, ele não podia fazer nada. Esposito explicou que preferia conversar a sós

com as suas fontes. Talvez fosse verdade, mas Giulio desconfiava de que o jovem estava apenas entusiasmado ante a perspectiva de passar o dia trabalhando nas movimentadas ruas de Roma em vez de nos corredores tediosos e nos salões atulhados de turistas da Santa Sé.

Giulio também enlouqueceria num lugar daqueles.

Apesar de ter repreendido Raffaele quando ele ironizara a notícia de que o gendarme iria se juntar a eles para ajudar, não havia dúvida de que na hierarquia dos órgãos de manutenção da lei em Roma a gendarmaria estava no nível mais baixo. A *polizia* de Roma ocupava a posição mediana, como todos os agentes da lei na Itália: na melhor das hipóteses, eram repartições burocráticas lentas e desajeitadas ou corruptas e perigosas em alguns lugares. O pináculo da força policial, claro, era ocupado pelos *carabinieri*. Uma extensão do Exército italiano, todos os seus membros eram bem-treinados e bem-armados, encarregados de combater o crime por todo o país e às vezes no exterior: era sempre possível encontrar um deles em missões internacionais; foram eles os convocados para o serviço no Oriente Médio e também foram eles que morreram lá. O próprio Giulio havia servido na África, muitos anos atrás, e tinha uma certeza sobre seu parceiro: por mais dedicado que Raffaele fosse ao seu emprego e à sua família, se fosse convocado, ele se apresentaria orgulhosamente. E se sairia bem, Giulio não tinha dúvidas. Apesar de toda a devoção religiosa de Raffaele, Giulio desconfiava de que a devoção ao dever – à família, ao trabalho, ao país e, sim, à sua Igreja – era a verdadeira fé de Raffaele.

A fé de Giulio era simples: o amor pela esposa e pelos filhos, sua habilidade no trabalho e o fato de que sua profissão era algo que valia a pena ser realizado. Qualquer outra coisa – inclusive a vida após a morte – não lhe interessava.

Já a devoção de Luigi Esposito, Giulio não sabia onde residia. Mas o jovem gendarme o tinha impressionado com sua energia, com seu nível de detalhamento, e o havia de certa forma convencido de sua teoria. De certa forma porque as provas brutas eram a única forma de convencer Giulio Aventino de alguma coisa. Mas a ideia de uma rede de ladrões de obras de arte o intrigava e de algum modo respondia a algumas de suas perguntas: o que tinha acontecido naquela manhã na Biblioteca do Vaticano? De que maneira estaria relacionado com o que ocorrera na Santa Maria della Scala? E por que o tio cardeal de Raffaele pedira que Livia Pietro fosse vigiada?

A última questão seria mais facilmente respondida se Lorenzo Cossa atendesse ao celular, mas nem mesmo o padre Ateba, seu secretário, tinha a mais vaga ideia de onde o religioso poderia estar.

Giulio assentiu em agradecimento quando os cafés chegaram e teclou o número seguinte de sua lista de contatos, que pertencia ao proprietário de uma loja de molduras que Giulio tinha certeza, mas nunca tentara a fundo provar, ter um negócio paralelo de obras falsificadas dos Velhos Mestres. Havia muito tempo ele chegara à conclusão de que o homem era valioso demais como informante potencial para ser coibido em suas operações, que afinal de contas só enganavam clientes dispostos a negociatas que qualquer pessoa

honestamente reconheceria como boas demais para serem verdade. Ele, por sua vez, era bastante grato a Giulio por sua falta de diligência. Dessa vez, o dono da loja não tinha nenhuma informação quente, mas prometeu entrar em contato com Giulio assim que surgisse alguma novidade no mercado negro das obras de arte.

Giulio desligou o telefone e resmungou:

- Sete ligações e todos dizem não ter ouvido nada a respeito. Conseguiu descobrir algo?
- Nada de nada. Estou começando a pensar se Esposito não está enganado. Ou será que essa gente é tão boa assim?
- Nunca soube de delinquentes romanos tão eficientes em esconder as próprias pistas.
- Bem, só um desses três é italiano.
- O que sustenta a teoria de quadrilha internacional de Esposito. Mas seria de esperar que a Interpol soubesse algo sobre eles.

Luigi Esposito tinha lhe informado que a agência internacional não sabia de nada. O jovem gendarme havia pesquisado bancos de dados relevantes sem encontrar nenhuma pista. Giulio, por sua vez, tinha feito algumas pesquisas tradicionais: ligara para um amigo, Paolo Lucca, que tinha sido promovido do Departamento de Furtos à força de elite do Nucleo Tutela Patrimonio Artistico, a única seção dos *carabinieri* dedicada a obras de arte roubadas. Paolo lhe dissera que nenhum dos suspeitos era conhecido do Nucleo. Mostrou-se interessado, mas o único furto real tinha ocorrido no Vaticano, fora da jurisdição dos *carabinieri*. Prometeu fazer algumas pesquisas e também, a pedido de Giulio, estudar alguns casos não resolvidos envolvendo roubos de obras de arte sacra por todo o país.

- Por todo o mundo, aliás – acrescentara Giulio. – Esse pessoal pode ser novo na Itália, e você é íntimo dos figurões da Interpol, imagino.
 - Eu achei que você tivesse dito que já falou com eles.
 - Eu consultei o banco de dados. Eu não, o gendarme. Mas...
 - Mas ele não conhece ninguém lá e você tem medo de ligar e eles não dizerem nem que horas são.
 - E não tenho razão?
 - Tem, sim. Eles são piores do que nós. Embora eu tenha de admitir que o último gendarme com quem trabalhei era um perfeito idiota.
 - Esse garoto é esperto, Paolo. O talento dele está sendo desperdiçado lá.
- Giulio recostou-se na cadeira e deu um gole no café.
- Fico me perguntando do que se trata tudo isso – disse a Raffaele.
- Raffaele ergueu o olhar.
- Do que se trata o quê?
 - Esses furtos em especial. Nitidamente eles têm um objetivo específico. E estão com pressa.
 - Talvez porque tenham pisado na bola hoje e agora estejam se sentindo expostos.

– Então por que não ficaram um tempo fora de circulação em vez de virem para cá? Gostaria muito de saber o que estão procurando. Um manuscrito da Biblioteca do Vaticano, alguma coisa na Capela do Relicário...

– O monsenhor Conti disse que não estava faltando nada.

– Isso significa apenas que eles falharam. Possivelmente por não quererem que aquele historiador irritante soubesse do que estavam atrás e não terem conseguido que ele saísse de lá.

Raffaele sorriu.

– Se foi isso, eles têm a minha solidariedade.

– O que eles estão fazendo, Raffaele? – Giulio se recostou mais, olhando o céu. – Qual é a conexão? Vamos lá, você é um beato. O que você vê?

– Nada – admitiu Raffaele. – Mas fico imaginando se eles veem.

– Veem o quê?

– Essa conexão. Talvez eles só tenham uma lista de tarefas a cumprir.

Giulio ficou em silêncio por um momento.

– Eles estão trabalhando para alguém.

Raffaele assentiu com a cabeça.

– Não só furto, mas furto sob encomenda. Para um cliente que não quer esperar.

– Certo, concordo. Mas isso só leva à pergunta: “O que o cliente deseja?”

– Será que o cliente é tão impaciente ou tão importante que eles estão dispostos a se arriscar e ir em frente? – respondeu Raffaele. – Tenha sido por acidente ou não, eles já mataram uma pessoa.

O celular de Giulio tocou.

– *Ispettore*, aqui é a Central – disse uma mulher. – Acabamos de mandar dois policiais para cuidar de uma briga na igreja San Francesco a Ripa. Um dos nossos boletins pedia que você fosse avisado se...

– Sim. Um momento. – Giulio olhou para Raffaele. – San Francesco a Ripa. Perto, certo? – Raffaele assentiu. – Obrigado – falou para a mulher.

Já estava desligando quando ela falou:

– *Ispettore*? Estou com outro relatório aqui, de uma hora atrás, antes de chegar o seu boletim. Não fui eu que atendi o chamado, mas quando vi o que vocês queriam dei uma olhada na relação. Houve uma confusão na Santa Maria de Trastevere. Parece que nada foi roubado, mas o comunicado diz que uma mulher subiu numa caixa de coleta e abriu uma charola. O senhor já soube disso?

– Não. Abriu o quê?

– Uma charola. É o que está escrito aqui. Também não sei do que se trata.

– Mas não levaram nada?

– De acordo com os padres, não.

– Obrigado. Bom trabalho. Me mantenha informado.

Antes de desligar, já tinha se levantado e deixado uma cédula de dez na mesa. Gritou para Raffaele por cima do ombro:

– Meu carro está mais perto! Ligue para Esposito!

Os dois atravessaram a *piazza*, chegaram ao Fiat e abriram as portas ao mesmo tempo. Raffaele digitava no celular enquanto entravam no carro. Giulio deu a partida e saiu a toda a velocidade. Enquanto Raffaele segurava o aparelho entre o ouvido e o ombro e lutava para afivelar o cinto de segurança, Giulio perguntou:

– O que é uma charola?



Livia tropeçou. Thomas, o coração disparado, teve de apoiá-la para evitar que caísse enquanto percorriam em disparada o corredor central da San Francesco a Ripa. Ela insistia em olhar para trás, parecia que nunca tinha visto uma briga. Ele observou o vestíbulo da entrada à frente ao se aproximarem. Só havia turistas horrorizados. Os dois policiais corriam pelo corredor da esquerda em direção à capela Albertoni, onde o atendente e o outro homem continuavam lutando. Ele e Livia conseguiriam passar pela porta. Agarrando o braço dela, Thomas tentou puxá-la, mas ela se firmou nos calcanhares e exclamou:

– Não!

– Não o quê?

– Não podemos sair daqui.

– Você me obrigou a sair da Santa Maria della Scala, e tinha razão! Agora é a mesma situação. Não há nada que possamos...

– Não é disso que estou falando. Tem mais policiais vindo para cá. Eu estou ouvindo. Vão chegar à *piazza* a qualquer momento.

Como para provar que Livia tinha razão, Thomas ouviu o uivo de uma sirene e o guincho de uma freada. Com uma expressão ansiosa, Livia voltou a olhar para os homens que brigavam, cujo número agora tinha aumentado: o atendente e o homem loiro estavam atracados com os policiais. Thomas apertou mais o braço dela. Olhou ao redor, sem saber o que fazer, depois disse:

– Vamos por ali!

Ao longo dos séculos, a Igreja Católica desenvolveu muitas práticas diferentes na administração de seus sacramentos, com inúmeras razões e explicações para cada escolha. O sacramento da confissão, por exemplo: alguns teólogos achavam melhor que o lado do penitente no confessionário ficasse aberto, sem porta ou cortinas. Assim, toda a congregação podia ver um companheiro de fé partilhar os seus pecados em busca de absolvição. Poderiam servir de apoio, ser um exemplo. Havia os que argumentavam contra essa prática, claro. Mas, no momento, Thomas sentiu-se extremamente aliviado pelo fato de os projetistas da mobília da San Francesco a Ripa não concordarem com essa abordagem.

Ele arrastou Livia pelo corredor central em direção à entrada e depois para o outro lado da nave, o mais longe possível do tumulto. Um confessionário se aninhava entre as duas capelas no corredor lateral. A cabine era em estilo barroco, com padre e penitentes ocultos

atrás de portas de madeira maciça entalhada. Thomas abriu o lado do penitente e ordenou a Livia:

– Entre!

Depois, como ela ficou imóvel, continuando a olhar para os homens em luta, ele a empurrou e fechou a porta. “Ah, Thomas, agora você está obrigando pecadores relutantes a entrar no confessionário?” Abriu a outra porta com um puxão, entrou e se fechou lá dentro. Sentou-se no banco estreito, em seguida abriu o painel, expondo a tela entre os dois.

– O que está acontecendo? – perguntou enquanto calçava os sapatos. Quando ela não respondeu, ele exigiu: – O atendente... aquele é Ocampo, certo?

– Certo – respondeu Livia num sussurro rouco. – E o outro é Jonah.

– O homem loiro? Jonah? Achei que fosse apenas um bom samaritano ajudando você.

– Não. É o Jonah.

– O homem... o... noantri... que começou isso tudo? Aquele que você está procurando?

Thomas começou a se levantar, mas ela falou:

– Não saia. Escute, os dois já foram embora.

Agora a voz dela parecia triste. Thomas fez uma pausa, aguçou os ouvidos e percebeu que Livia tinha razão. Ouviu gritos e vozes altas, pessoas tentando contar suas versões do que haviam visto, o que tinham escutado. Outras vozes tentavam acalmar as coisas, extrair algum sentido daquilo. Nada soava como uma briga.

– Como você sabe que eles já saíram? E que não foram presos?

– Pelos passos deles quando fugiram.

– Você ouviu?

– É claro – disse ela com ar cansado.

– É claro. – Thomas se recostou. Sua pele estava estranhamente avermelhada e o coração ainda batia forte quando ele perguntou: – O que *aconteceu*?

– Não sei. Quando me virei, ele estava lá. Jorge Ocampo. Devia estar atrás do manuscrito, porque agarrou a minha bolsa.

– Como ele nos encontrou?

– Não sei ao certo. Pode ter sentido o meu cheiro.

– Sentido o seu... – Thomas percebeu que também sentia o cheiro dela pela tela do confessionário. Ou talvez não o cheiro da pele dela; afinal, ele era humano, mas o perfume que Livia usava era uma fragrância penetrante e delicada, como a de um jardim tropical. – Certo, tudo bem. – Balançou a cabeça para clarear as ideias. – E esse Jonah? Como *ele* nos encontrou?

– Também não sei. Nem por quê. Ele deve saber o que me mandaram fazer. E que o Conclave está preparado para... fazer isso se eu fracassar. Por que ele não ficou fora da vista?

– Eles estão trabalhando juntos?

– Jonah e Jorge? Porque ambos são noantri? Se estiverem, conseguiram montar um espetáculo e tanto pra nós.

Ela parecia estar se recuperando, a voz do outro lado da tela ganhando uma entonação mais aguda.

Muitas questões se debatiam na cabeça de Thomas: sobre Jonah, sobre Livia, sobre os noantri. Ele sentiu que não queria perguntar ali, pela tela do confessionário. Queria ver a expressão dela com nitidez, olhá-la nos olhos. Mas outra pergunta tinha de ser respondida antes:

- Onde está a polícia?
- O quê?
- Use a sua audição supersônica! Eles ainda estão aqui?

Por um momento, Livia ficou em silêncio do outro lado da tela. Então, enfim, respondeu:

– Estão. Mais policiais. Os dois que nós vimos e também o homem que chamou a ambulância na Santa Maria della Scala, que está com um outro. E acho que aquele gendarme da estação do Coliseu também está aqui. – Respirou fundo. – Dois deles estão vindo para cá.

– Tudo bem – retrucou Thomas. Tentou ignorar as estranhas emoções que sentia e procurou se concentrar no problema imediato. – Você se lembra de como isto funciona?

– Isto o quê?

– Uma confissão. “Perdoe-me, padre, porque pequei...” Você disse que foi criada no catolicismo. Ou será que nem a lembrança disso você tem mais?

– Você absolveria um noantri que o procurasse? – disparou Livia. – Na verdade, pensando bem, já deve ter feito isso mais de uma vez. – Sem lhe dar chance de resposta, ela entoou: – *Mi benedica, padre, perché ho peccato.*

Em seguida, ficou em silêncio. Thomas, então, em voz baixa e num italiano arrastado, que esperava ser capaz de convencer qualquer policial de passagem, retrucou com a frase pronta:

– Há quanto tempo você não se confessa, minha filha?

Depois de uma pausa, Livia disse:

– Noventa e seis anos.

Thomas tentou conter o engasgo. Não sabia bem o que falar, mas desta vez Livia não ficou em silêncio.

– Não me arrependo da vida que vivi ou estou vivendo – murmurou. – Sei que você pensa que eu deveria estar arrependida. Os inalterados sempre acharam isso, mas tal crença é baseada no medo e na ignorância.

Thomas começou a protestar, mas será que ela estava errada? O que ele sabia sobre a vida dela – e dos noantri em geral? Será que ele não estava, de fato, com medo? Não disse nada, só continuou ouvindo. Como, aliás, deve fazer um padre num confessionário.

– Mas eu cometi um pecado grave e isso prejudicou outras pessoas – continuou ela, com um suspiro profundo. – Amei um homem que não deveria amar e o trouxe à minha

comunidade sem permissão. Nós dois poderíamos ter sido expulsos, mas a comunidade preferiu aceitá-lo. E agora ele está ameaçando destruir essa mesma comunidade.

Ao ouvir um som diferente, Thomas espiou pela rede de metal da porta do confessionário. Através dos furinhos, viu dois homens andando lentamente pelo corredor na direção deles.

– Esse homem que você amava. – Alguma coisa dentro dele fez com que não gostasse de ter dito essas palavras. O que estava acontecendo? Eles precisavam continuar falando, por isso prosseguiu: – As atitudes dele não são culpa sua.

– Segundo nossas leis, ele é responsabilidade minha, porque eu o trouxe até nós. E o pior é que recebi ordens de impedi-lo de fazer o que ele pretende, mas acho que não vou conseguir.

– O fracasso nunca é um pecado.

– E o fracasso em sequer tentar? Em fazer o que é certo? Quando essa hora chegar, tenho medo de deixá-lo impune. Na verdade, acabei de fazer isso agora mesmo. Em vez de...

Ela não continuou.

Thomas fez uma pausa, como se começasse a entender.

– Em vez de matá-lo? Foi o que a mandaram fazer?

– Pode ser necessário.

– Tirar a vida dele? Como pode ser considerado pecado deixar de tirar a vida de alguém?

– Franziu a testa quando outra pergunta lhe veio à mente. – Espere. Ele é... Como isso poderia ser feito? Jogando o homem numa fogueira? Queimá-lo numa estaca?

Será que ela realmente faria isso? Assim que começou a ponderar...

– Não – murmurou Livia. – Existe outra maneira.

– De destruir vocês? O seu povo, quero dizer.

Com uma pequena insinuação de humor na voz, ela respondeu:

– Fico contente por você nos reconhecer como povo. Sim. Eu...

Parou por um instante. Thomas olhou pelo painel da porta. Os homens que vinham pelo corredor estavam mais perto.

– Não fale nada – disse ele a Livia. – Deixe comigo. Vai dar tudo certo.



– ...em San Francesco a Ripa – dizia Giulio Aventino para o *maresciallo*.

Raffaele fez um sinal para que falassem mais baixo – havia uma pessoa se confessando –, mas Giulio se limitou a se afastar alguns passos no corredor. Os dois tinham ido até ali para ter um pouco de paz e tranquilidade. Apesar de os *carabinieri* já terem terminado os interrogatórios, turistas e fiéis ainda vagavam pela capela Albertoni, todos oferecendo seus relatos e disputando a atenção da polícia.

– Já tinha acabado quando chegamos aqui – continuou Giulio ao telefone. – Parece ter sido uma tentativa de furto de bolsa. Uma turista. Não, um bom samaritano impediu. A briga foi por isso. Mas a questão é que a descrição do ladrão feita pela testemunha confere com a do nosso suspeito. Existe a possibilidade de ele ser apenas uma espécie de maníaco anticlerical. Sim, o senhor tem toda a razão, seria mais fácil saber o que ele está aprontando se conseguíssemos colocar as mãos nele. Podemos perguntar aos policiais por que o deixaram fugir assim que saírem do hospital. – Ele revirou os olhos para Raffaele. – O bom samaritano saiu atrás dele. Sim, é claro que precisamos continuar as buscas, mas ainda acho que enquanto isso... Não, não estou sugerindo que mantenhamos todas as igrejas de Roma sob proteção, senhor. Só mandar um aviso. Sim, tudo bem. Bem, talvez alarmes falsos funcionem melhor do que outra morte, não acha? A não ser que o Vaticano não se importe de nós... – Ele afastou o celular do ouvido. Raffaele podia ouvir o *maresciallo* trovejando, algo sobre Giulio ter ido longe demais. Giulio reaproximou o aparelho da orelha e suspirou. – Sim. Como? Sim, o nome dele é Luigi Esposito, e sim, ele também está aqui. Não, por quê? Enquanto ele puder ficar, tem a chance de ser útil. Sim, vamos fazer isso. Não, ainda não, mas estamos tentando. Obrigado. Senhor.

Enquanto Giulio suspirava e guardava o telefone no bolso, Raffaele perguntou:

– Ele não está satisfeito?

– Alguma vez você viu o *maresciallo* satisfeito? Ele quer ver esse caso encerrado e a coisa só piora. Vamos lá fora, preciso fumar um cigarro.

Enquanto o padre continuava a ministrar sua penitência no confessionário – a julgar pelo tamanho da lista, tratava-se de alguém que não se confessava havia muito tempo e tinha uma impressionante coleção de pecados –, Raffaele e Giulio seguiram pelo corredor até sair da igreja e emergir na luminosa tarde de verão.

– Raffaele, você acha que estamos errados? – disse Giulio, acendendo um Marlboro com a mão em concha. – Que Esposito está errado? Que isso não tem nada a ver com roubo de

obras de arte, mas com algum lunático com bronca da Igreja?

– Lunático? Já vi você usar palavras mais lisonjeiras para se referir a pessoas que têm algum problema com a Igreja.

– Que tal falar sério?

– Está pensando se pode ser só um maluco tentando criar confusão, sem problemas em matar alguém no processo?

Giulio assentiu com a cabeça e soprou uma nuvem de fumaça.

– Il Nucleo, Interpol, todas essas agências especializadas que nunca ouviram falar dessa quadrilha. A explicação pode ser a mais simples possível: não existe quadrilha.

– Acho que é possível. Mas não explica o que o cardeal Cossa queria com Livia Pietro.

– O chefe perguntou se nós conseguimos falar com ele. Tente de novo. – Enquanto Raffaele pegava o telefone, Giulio continuou: – Talvez esse cara esteja perseguindo essa mulher porque ela é parte da fantasia dele. Talvez ele tenha alguma coisa específica em relação a ela e o cardeal saiba, por isso queria que você ficasse de olho nela, para protegê-la. Ou como um caminho para colocar as mãos no sujeito. A turista cuja bolsa ele tentou roubar corresponde à descrição dela, pelo que disseram as testemunhas.

– Mas por que o cardeal não me falou nada disso? Queria que essa turista tivesse ficado por aqui. Talvez ela pudesse nos dizer alguma coisa.

– Você ficaria, se soubesse que iria perder uma hora com a gente? Se não estivesse ferida e não tivesse perdido nada?

– Seria a coisa certa a fazer – insistiu Raffaele. Giulio lançou um olhar por cima dos óculos e Raffaele admitiu: – Mas, se não fizesse isso, provavelmente iria até o café mais próximo para acalmar os nervos.

– Humm. Ou a um bar.

Enquanto Raffaele ligava para o tio, Giulio teclou o número da Central e pediu para começarem a buscar as supostas vítimas nos cafés e bares perto da San Francesco a Ripa. Raffaele esperou até Giulio guardar o telefone para dizer:

– Correio de voz. Então você está achando que essa Livia Pietro e o padre que está com ela não estão envolvidos em nada? Que não há nada de mais acontecendo além de um pirado qualquer?

Giulio estreitou os olhos, fitando Raffaele através da fumaça do cigarro.

– Não – respondeu depois de uma pausa. – Não. É simples e faz sentido, mas não, ainda acho que tem algo maior acontecendo.

– Ótimo – disse Raffaele, sorrindo. – Eu também. Veja, lá vem o Esposito.



– Pode parar – disse Livia, enquanto Thomas não parava de tagarelar sobre ave-marias e pais-nossos. – Eles já foram embora.

Thomas parou e o silêncio invadiu o confessionário. Na verdade, ela estava grata. Vinha ficando cada vez mais desconfortável nos últimos tempos. A necessidade de penitência era algo que sentia com muita intensidade e também sentia falta dos dias tão distantes em que acreditava que algumas preces e boas ações podiam limpar a nossa barra.

– Precisamos esperar para voltar – falou. – Os *carabinieri* ainda estão lá fora, na escada.

– Voltar para onde?

– Para procurar o poema, é claro. Só que desta vez eu vou arranjar uma escada. Não vou deixar você subir no Bernini de novo.

– Não se preocupe com isso.

– Não, estou falando sério. Com sapato ou sem sapato, não é...

– O que quero dizer é que ninguém vai subir em cima de nada. Eu já peguei.

– Você pegou... Você encontrou? O poema?

– Aquela cabeça era muito pesada, sabia? – Livia poderia jurar que ouvira uma nota de humor em sua voz. – Quando eu a ergui, a folha de papel estava enrolada na barra de ferro. Está um pouco suja de ferrugem, mas acho que continua legível.

– O que está escrito? Leia pra mim.

– Que tal um “Bom trabalho, Thomas”?

– Bom trabalho, Thomas. Agora leia o poema pra mim!



Através da tela confessional, Thomas leu para Livia o poema que encontrou dentro da cabeça do anjo.

Ar penitente, quann'è arivato, ce vo' er zonno.

J'ammolla la dorce machina lì su la roccia

lisscia com'un guanciaie, ppoi casca fonno

frammezzo a 'n zzoggno: du' lupi rampanti, 'na bboccia

granne ch' aribolle... E la mostra compaggia ce stà 'ntorno.

O penitente, no final da jornada, precisa dormir.

Deita a doce máquina sobre a pedra

macia como travesseiro, depois pega no sono

sonhando: dois lobos cinzentos bravios,

um caldeirão... E sonhos levam à companhia que mantemos.

– E tem mais letras a lápis. A M A E E. Estranhamente separadas, mas estão aqui. E tem o *a*. – Thomas teve de se esforçar para manter a voz baixa. – O *a* que faltava do *aedificavit*. Está aqui.

– Se você estiver certo, talvez as três letras seguintes... quer dizer, as três anteriores, lendo da direita para a esquerda... talvez elas sejam *eam*. “Lo.” “Construí-lo.”

– Certo, mas quem construiu o quê?

– O outro *e* deve fazer parte de outra palavra. Quando encontrarmos o próximo poema, entenderemos.

Trabalhar junto com Livia para solucionar aquele enigma era estranhamente empolgante, pensou Thomas. A colaboração entre os dois, um raciocinando a partir do que o outro tinha dito, corrigindo, sugerindo, acrescentando. Até o momento, Thomas tinha realizado todo o seu trabalho acadêmico sozinho. Sim, ele dava aulas, então não era tão solitário; mas com alunos era diferente. O prazer do trabalho em equipe, de iguais se inspirando mutuamente... Ele não sentia um entusiasmo como aquele havia anos.

O que deveria explicar seu coração acelerado, o formigamento na pele.

– Tudo bem – falou. – Acho que o caminho está livre. Vamos sair.

– E ir pra onde?

– Vamos subir, é claro.

– Subir para onde?

Thomas ficou surpreso.

– S3rio? Voc3 n3o sabe? Essa 3 t3o f3cil...



Luigi Esposito estava em êxtase. E achava que tinha razão para isso, já que o caso estava longe de ser solucionado, os *carabinieri* o estavam tratando de igual para igual – como um policial! – e ele tinha razão quanto ao repugnante atendente argentino. Fora um engano, algum defeito no sistema de alarme, uma bobagem. Trabalhar ali, no mundo real, onde investigar um crime era mais importante que manter o decoro, era como respirar o ar puro da montanha.

E Luigi tinha uma ideia.

Tinha chegado à igreja San Francesco a Ripa quase no mesmo instante em que o *ispettore* Aventino e seu sargento, Orsini, o que significava que nenhum dos dois tinha visto o furto da bolsa, a luta, nem o suspeito fugindo da igreja com o bom samaritano atrás. Tinham encontrado dois policiais feridos gemendo no piso de mármore lá dentro. Tanto o suspeito como seu perseguidor aparentemente saíram voando pela *piazza* e desapareceram na Via di San Francisco a Ripa. O suspeito, segundo relatos de testemunhas, estava muito à frente, o que provavelmente significava que o bom samaritano acabara desistindo, dando-se por satisfeito por sua boa ação e indo cuidar da própria vida. Os *carabinieri* e a *polizia* estavam vasculhando a área em busca do suspeito, mas já tinham feito isso antes, quando ele escapara da Santa Maria della Scala, e não haviam encontrado nada. Aventino mandara emitir um boletim para as igrejas de Roma, alertando de forma ostensiva que o suspeito era perigoso. Luigi tinha entendido sua intenção e estava impressionado: o *ispettore*, com aquela atitude, tinha conseguido a ajuda de milhares de olhos.

No entanto, Luigi estava interessado num conjunto de olhos específico.

Ficou com Aventino e Orsini nos degraus da igreja perto de um vaso de plantas, observando a *piazza*. O sargento era um homem plenamente à vontade naquele trabalho, pensou Luigi. Como ele próprio seria, se o emprego fosse seu. Tinha encerrado os interrogatórios de todas as pessoas que se dispuseram a ficar e de todas aquelas que tentaram sair escondidas e foram interceptadas por ele e pelo policial que fora mandado para ajudá-lo (um guarda uniformizado capaz de pensar! Um milagre!), enquanto os *carabinieri* trabalhavam lá dentro. Depois eles compararam as anotações. Os *carabinieri* informaram Luigi sobre a confusão com a charola na Santa Maria de Trastevere e, ainda que não estivesse claro se eram os mesmos personagens envolvidos, todos concordavam: incidentes na Biblioteca do Vaticano e em três igrejas no mesmo dia significavam que algo grave estava acontecendo.

– O historiador – disse Luigi. – Eu quero voltar lá e falar com ele.

Aventino piscou através da fumaça do cigarro.

– O inglês? Spencer George? Nós já o imprensamos bastante contra a parede. Você só pegou o final.

– Então você acredita que ele não tem nada a ver com isso?

– Eu nunca acredito em nada. Ele está sendo vigiado pelo meu pessoal. Só não tenho nada de novo para perguntar a ele.

– Eu gostaria de tentar.

Orsini fez uma careta.

– Você tem algum palpite?

Luigi sentiu o rosto queimar de vergonha.

– Não exatamente, eu...

O *ispettore* deu de ombros.

– Bons policiais seguem os próprios instintos. Vamos ver o que você consegue descobrir.

– Sim, senhor!

Luigi então pegou seu carro, entusiasmado por ser um dos investigadores do caso, e foi atrás de um palpite, encarregado do interrogatório de um suspeito sob vigilância. Cinco minutos depois, estava de volta à Piazza della Scala, estacionando na frente da casa de Spencer George. Bateu na porta com a aldrava de bronze em formato de leão e viu a cortina se mexer na janela do andar de cima. Por um momento se perguntou o que faria se o historiador não o deixasse entrar. Ele não tinha autoridade fora da Santa Sé. E mesmo se tivesse, um cidadão não era obrigado a falar com um representante da lei a não ser que estivesse preso. E, pensando melhor, nem assim; era para isso que serviam os advogados.

Mas a porta se abriu e Spencer George estava lá, com a mesma expressão indiferente e entediada. “Será que a cara dele muda alguma vez”, refletiu Luigi, “ou essa careta é permanente?” Já ia se apresentar quando o historiador falou:

– Ora, ora, o cavalheiro da gendarmaria. Imagino que esteja aqui para me fazer mais perguntas enfadonhas. Espero que sua posição lhe inspire mais sentimentos de humildade e cortesia do que nos seus parceiros de lugar mais elevado na hierarquia policial, mas duvido. Pelo menos vamos ficar confortáveis. Entre, por favor.



O sangue de Anna começou a ferver.

Jorge não estava no cinema. Sentiu isso assim que abriu a janela e farejou o ar. O cheiro dele estava fraco, dissipando-se no salão mofado. Olhou ao redor, captando, no escuro, todos os detalhes que os olhos dos mortais não conseguiriam enxergar. O que significava aquele lugar, Il Pasquino? Por que Jorge o tinha escolhido para se esconder? Pó, mofo e teias de aranha; cortinas rasgadas e reboco.

Mais um lugar que já tivera valor e que fora descartado, abandonado por mortais cegos demais para valorizar o que não podiam usar no mesmo instante. Já fora um local lindo, ela podia ver, antes de ser dilapidado, depois fechado e deixado apodrecer. Tinha contornos elegantes de *art déco*, cadeiras confortáveis, com braços de madeira, e até um teto retrátil. Um ambiente propício para relaxar e sonhar, onde era possível se sentir seguro por uma ou duas horas.

Talvez, depois que ela e seus seguidores implantarem um governo noantri e estabelecerem um mundo pacífico – pacificado –, ela reabrisse aquele cinema. Batizaria-o em homenagem a Jorge, pensou, sorrindo. L'Ocampo. Ele iria gostar.

Pena que ele não estaria por perto para ver.



– Inácio de Loyola era devoto de São Francisco. Era filho de uma família aristocrata cujo brasão era formado por dois lobos bravos e um caldeirão. E, é claro, o lobo também era associado a Francisco.

Thomas falava rapidamente, como se estivesse dando uma aula, Livia percebeu, enquanto abria caminho pela escadaria de pedra à esquerda do altar. Para chegar a ela, os dois tiveram de passar pela sacristia. Quando os dois saíram do confessionário, Livia lamentou a ausência dos trajes eclesiásticos de Thomas. Achava que os padres e monges de San Francesco a Ripa não gostariam muito de ver um sujeito de camiseta saindo da cabine, mas, ainda atrás da tela, Thomas descartou sua preocupação.

– Isso não é problema. Não existe uma lei sobre o que eu devo vestir e em que ocasiões. De qualquer maneira, a foto do meu passaporte mostra quem eu sou. Se alguém perguntar eu digo que estou de férias, que estávamos em um passeio turístico guiado e que você teve uma necessidade urgente de se confessar assim que entramos aqui. Eles vão ficar emocionados, pode acreditar. – Fez uma pausa. – Eu estarei mentindo, mas eles ficarão tocados.

– Mentindo? E todas as coisas que acabei de lhe contar?

– Nós precisávamos continuar falando. Você precisava dizer alguma coisa.

– Eu poderia dizer muitas outras coisas.

Thomas ficou em silêncio por um instante.

– Desculpe. Eu não... Eu... mesmo que você estivesse...

– Ah, deixe pra lá, padre. Nós temos um trabalho a fazer. Vamos.

Ninguém falou com eles quando saíram do confessionário, nem da sacristia, nem a caminho da escadaria de pedra. Alguns padres e monges podiam ser vistos nos corredores da igreja, tentando restaurar a tranquilidade depois da agitação recente. Ninguém notou Thomas e Livia se encaminharem tranquilamente até o altar. Os dois se esforçaram para isso, ficando o mais ocultos que conseguiram.

– Antes de fundar a ordem jesuíta, Inácio fez uma série de peregrinações a locais associados a Francisco. Inclusive aqui.

Livia estava achando Thomas estranho. Havia em sua voz um tom peculiar que tinha surgido ainda no confessionário. Inácio de Loyola e Francisco de Assis? Será que ele estava compartilhando seu conhecimento com ela como uma espécie de desculpa por tê-la acusado

de proferir palavras sem sentido como um disfarce para enganar os *carabinieri*? Na realidade, para ser honesta, a verdade crua do que dissera também a surpreendera.

– Isto era um mosteiro beneditino quando Francisco esteve aqui, em sua visita a Roma, para entregar uma petição ao papa Inocêncio III, a fim de que ele autorizasse a criação de sua nova ordem – continuou Thomas. – Francisco ficou hospedado numa cela minúscula neste andar. Quase três séculos depois, Inácio de Loyola fez uma peregrinação até aqui. Pediu permissão para dormir no mesmo aposento e a obteve.

Thomas parou quando chegaram a um pequeno patamar no alto. Diante deles havia um portão de ferro batido, suas bordas e seus arabescos permitindo-lhes uma visão clara do que havia do outro lado. Thomas afastou-se e apontou para a fechadura. Cruzou as mãos e ficou esperando.

Realmente ele havia se acostumado ao processo, pensou Livia, pegando seus instrumentos. Mas não comentou nada a respeito.

– Como você sabe que é aqui que temos de entrar? Se Inácio fez todas essas peregrinações a tantos locais?

– Eu mesmo fiz esta peregrinação, na minha primeira visita a Roma.

Não era muito esclarecedor, mas Livia não disse nada, concentrando-se na fechadura, que tinha pelo menos um século de idade. Depois de trinta segundos de trabalho meticuloso, ela ouviu um clique. Abriu o portão e entrou no recinto. Quase roçou o corpo no de Thomas no estreito patamar, mas ele se afastou, colando-se à parede de pedra.

– Achei que já tínhamos superado isso.

– Superado o quê?

– O seu medo de encostar em mim.

– Eu... Eu não...

O tom estranho da voz dele fez com que Livia se virasse para encará-lo. Viu que as bochechas dele estavam coradas, as pupilas dilatadas, e finalmente entendeu.

– Está tudo bem – falou em voz baixa. – É natural, de um jeito que você desconhece.

– Do que você está falando? O que é natural? – perguntou Thomas com uma voz aguda.

Livia deu um passo para trás, aumentando um pouco o espaço entre eles.

– O seu desejo.

– O meu *o quê*?

– Padre, você é um sacerdote, mas continua sendo um homem. Eu sou uma noantri e sou mulher. O que está sentindo neste momento... – Parou de falar, procurando as palavras certas. – Nossos corpos... os corpos dos noantri... exercem muita atração nos inalterados. Quando vi Jonah agora há pouco, tudo o que senti por ele... Você não pôde deixar de perceber, e isso fez com que...

O desalento no rosto dele era tão claro que Livia compreendeu três coisas: que estava certa; que, por mais que fosse engraçado, ela não deveria rir; e que era melhor voltar ao trabalho antes que ele fugisse de novo.



Com uma descrença atônita, Thomas viu Livia entrar na cela de São Francisco, no recinto em que o mais devoto e desprendido dos santos tinha rezado e dormido. O horror que sentia não era pelo fato de uma criatura que não via como humana estar violando aquelas pedras santificadas. Era exatamente o contrário: era em parte por perceber que a tinha levado até ali sem hesitar, sem nenhuma inquietação. Pior: com uma sensação de orgulho e prazer. Demonstrando sua inteligência, sua erudição. A uma noantri? Desde quando tinha se tornado tão indiferente a quem ela era ou ao que ela era?

E a outra causa de seu horror era a noção de que Livia tinha razão.

O coração acelerado, o formigamento. A incapacidade de parar de falar, de estar muito perto dela, de olhar para ela. Thomas se perguntou de quantas formas era possível se iludir.

Já tinha sentido desejo antes, claro. Se a ordenação representasse o fim da fraqueza humana, não haveria necessidade dos votos. Ele sentia, mas não tomava atitudes, se confessava, era absolvido. Será que o que estava acontecendo agora era diferente?

Era.

Era mais forte, mais denso, mais profundo. Mais imediato, mais impulsivo. Embora estivesse a dois passos de Livia, ainda sentia a maciez da pele dela nas pontas dos dedos, imaginava a sensação dos cabelos dela nas palmas de suas mãos quando soltasse aquelas tranças. O perfume de Livia, aquela floresta noturna, permeava os sentidos dele; todos os movimentos que ela fazia, cada gingado dos quadris ou arqueio do braço, atraíam o seu olhar. Thomas a desejava. Vinha escondendo essa verdade de si mesmo, mas, agora que a própria Livia tinha dito, ele não podia mais negar. E para quem poderia se confessar? O que iria dizer? Que ele, que tinha jurado não ceder a esse desejo mundano, agora ansiava pelo toque de uma criatura que nem era deste mundo, um ser sem alma e sem lugar no pós-vida?

E como poderia se confessar se não tinha realmente a sensação de que era algo errado?

Inácio de Loyola, que estivera naquele quarto, fundara uma ordem baseada no rigor intelectual e nas leis naturais, e Thomas tinha se juntado a ela com satisfação. Até aquele momento, ele dedicara a vida, de forma destemida, à busca da verdade, certo de que a luz da razão afastaria as sombras da superstição e da ignorância. Sua Igreja concordava, sustentando que a crença no sobrenatural era e sempre fora um erro. A natureza mística de Deus e Seus milagres não eram uma coisa para ser entendida racionalmente. Por outro lado, demônios, súcubos e criaturas similares eram simples metáforas, imagens úteis para revelar o mal que habita em todos nós.

Mas lá estava ele, o padre Thomas Kelly, na cela de São Francisco, com uma dessas criaturas, ansioso pelo seu toque.

Ela alegava, claro, que seu povo não era sobrenatural, apenas humanos com um vírus no sangue. Talvez fossem, mas isso não mudava outro ponto fundamental. A Igreja sempre soubera sobre a existência dos noantri. Durante séculos os tinha perseguido. Esse caminho, por brutal que fosse, fazia sentido em épocas de crenças irracionais. Então – ainda naqueles dias –, Martinho V de repente assinou um documento que deu início a seiscentos anos de tráfico simultâneo com os noantri e de negação de sua existência. Seiscentos anos durante os quais a Igreja manteve uma posição que sabia ser falsa.

Então, o que mais era falso?

A eficácia da confissão?

A santidade da hóstia?

A necessidade do celibato dos padres?

Uma velha voz conhecida, uma voz que achou que nunca mais fosse ouvir, sussurrava às suas costas: “Sério, Thomas?”



De costas para Thomas, Livia observava a madeira envernizada e os santos pintados no grande altar na cela espartana de São Francisco. Mordeu os lábios para não falar, firmou os pés para não se virar e exigir que Thomas dissesse por que eles estavam ali. Como encontrariam o próximo poema? O padre estava se equilibrando em cima de uma linha muito fina. Assim como ela.

Livia tinha ignorado essa sensação por conta do objetivo imediato: sair do confessionário, seguir sem ser notada até a sacristia, abrir a fechadura. Tudo isso ouvindo o discurso de Thomas sobre santos e ordens sagradas. Preocupada com a estranheza que sentia nele. Agora, no silêncio da cela de pedra, não podia mais negar.

Ver Jonah, com seu sorriso e seus ombros largos, sentir o cheiro do seu suor, ouvir sua risada a tinham deixado muito confusa.

Fazia muito que achava que tudo aquilo tinha ficado para trás. Jonah partira havia muito tempo. Numa tarde cinzenta de outono, ele a olhara nos olhos através de um abismo de decepção e dissera com tristeza que podia ver que ela não iria mudar. Que sempre estaria satisfeita seguindo as regras, vivendo no passado, escondendo suas dádivas e imitando a mediocridade dos inalterados ao redor. A necessidade disso, explicou, tinha terminado muito tempo atrás, e ele tentaria de todas as formas mostrar que estava certo. Naquele momento, porém, percebia que ela nunca entenderia. Que tinha medo, ou se sentia confortável, ou não estava interessada numa visão mais abrangente e mais a longo prazo do mundo. Fossem quais fossem as correntes que a prendiam, Jonah não podia se deixar prender por elas também. O futuro o chamava, falou, então lhe deu um beijo e partiu.

Na ocasião, ela achou que entendia quem e o que ele era. Lamentou o amor perdido, sofreu o peso da perda e da culpa, mas voltou à Itália, a Roma, e começou uma vida nova. Durante todos aqueles anos, ela não o tinha visto mais. Não tivera nenhuma notícia sobre ele. Vivia cada dia acreditando que estava certa e que ele estava errado. Acreditando que, ao longo dos anos, quando Jonah entendesse melhor a vida que tinha agora, a vida do seu povo, ele perceberia isso.

Já seria tarde demais para os dois – já era tarde demais no momento em que ele a abandonara –, mas ela gostaria de ver Jonah estabelecido, levando uma vida noatri rica e frutífera, trabalhando, estudando, explorando, sempre imerso na beleza. Tinha sido o amor à arte que os unira, dando origem ao sentimento que os unia. Esperava que ele pensasse nela de vez em quando e que fosse como uma terna lembrança.

Mas agora, de repente, assustadoramente, ela voltara a refletir.

Tinha sido o confessional que abria as comportas de suas perguntas, não o que dissera a Thomas lá. Sim, a Concordata e a assimilação tinham possibilitado uma vida normal, em comunidade, a todos os noantri, mas eles continuavam tendo que esconder sua identidade, tendo que se mudar de tempos em tempos.

Talvez Jonah estivesse certo. Talvez a ciência estivesse pronta para abrir o caminho da aceitação de seu povo pelos inalterados, quando entendessem que não se tratava de uma ameaça. E talvez o medo que ela e todos os noantri sentiam agora, não da descoberta de sua identidade pelos inalterados, como nos dias passados, mas da ira do conclave, pudesse ser banido para sempre.

Em frente ao altar, Livia não conseguia se livrar da nova ideia que se formara em sua mente: que ela deveria encontrar Jonah e dizer que agora entendia e estava pronta para se aliar a ele. Que poderia desobedecer ao conclave. Jonah – ela sabia pela expressão que vira nos olhos dele – a aceitaria. Divulgaria o conteúdo da Concordata. Os noantri seriam revelados e um novo tempo teria início.

Os contornos da nova era, assim que começaram a surgir em sua cabeça, foram interrompidos por um estalido alto.

Na frente de Livia, os santos pintados nos painéis altos começaram a se mover. Ela se afastou instintivamente, alarmada, quando os painéis começaram a girar devagar, emitindo rangidos agudos, desaparecendo dentro do altar. A luz difusa vinda do teto refletiu uma floresta ondulante de dourados, prateados e vítreos que se imobilizaram à sua frente: relicários, dezenas deles, escondidos atrás das portas cuja existência ela nem havia percebido.



– O quê... – gaguejou Livia. – Como você...?

– Eu falei que já tinha feito esta peregrinação – respondeu Thomas. Recuou até o meio do quarto, deixando aberta a portinha no altar onde o botão ficava escondido. – “Deita a doce máquina sobre a pedra.” Ali. – Thomas apontou para uma reentrância na parede, onde uma pedra imponente estava trancada atrás de uma grade, para ser vista e venerada como o precioso objeto que era. – O travesseiro de Francisco. Inácio também o usou. A doce máquina, *la dolce machina*, que seria o seu corpo. Mas existe outra máquina aqui. Esta. Por isso é chamada de Il Machina. Tomás de Spoleto a construiu em 1704 para abrigar as relíquias que Lorenzo de Médici doou à Igreja.

– Mas será que ainda funciona?

– É movida por uma mola. Desde que os frades troquem as molas de décadas em décadas, vai continuar funcionando. Mas acho que as dobradiças precisam de uma lubrificação. Não deveriam ranger tanto.

– E Lorenzo de Médici? Era admirador de São Francisco? É meio difícil de acreditar.

– O desespero para entrar no Paraíso cria estranhas amizades.

– Qualquer desespero faz isso, imagino. Como entre mim e você.

Thomas olhou para ela. Se iam continuar aquele trabalho, precisava ser capaz de olhar para ela. E eles tinham de continuar. Lorenzo podia ter mentido para Thomas, a Igreja podia ter mentido para todo mundo, mas Lorenzo ainda era um homem e, ainda que fosse remotamente possível que os noantri constituíssem um povo, só que de uma outra espécie, ainda assim, tornar-se um noantri era o tipo de escolha que um homem deveria fazer sozinho. Não que fizessem por ele, por alguém que o considerava um inimigo.

– Sim. – Thomas retribuiu o olhar dela com firmeza. – Como entre mim e você.

Sentiu-se aliviado por conseguir encará-la (embora já lamentasse a escolha da palavra “amizade”). Mas talvez não fosse muito aconselhável ficar tão perto assim. Deu um passo à frente, na direção das prateleiras recém-reveladas de baús, cofrinhos, caixas, pedestais e minúsculas arcas de tesouros nas quais repousavam partículas de ossos e cabelos que tinham pertencido aos santos.

– Puxa, estou impressionada – disse ela. Avançou um passo, parando também na frente do altar, mas para alívio de Thomas mantendo um espaço entre os dois. – Mas deve ter mais de cem relicários aqui. – Subiu na pequena borda de pedra em que se apoiava o altar, estendeu o braço e tateou, hesitante, cerca de meia dúzia de caixinhas douradas e prateadas.

– Estão presos. Alguns parecem ser parte da estrutura. Levaríamos horas para tirar todos e revistá-los, procurar atrás ou debaixo deles... Como... – Parou de falar. – Desculpe. Eu ia perguntar o que acha que devemos fazer agora.

Thomas assentiu, sem tirar os olhos dos relicários. Estava tentando entrar na cabeça de Mario Damiani. Aquele era um bom momento para a famosa concentração de Thomas Kelly, aquele foco fulgurante que não permitia distrações, dar o ar da graça.

– Se eu fosse deixar um poema para você – disse ele, sentindo um rubor queimando-lhe as bochechas –, tentaria pensar no que estaria procurando. Algo que significasse muito para nós dois... para eles dois, quero dizer. O que significaria muito para eles... para Mario e Spencer? O que acha? Você conhecia os dois.

– Só conheci Spencer.

Thomas sabia que ela estava tentando não ser irônica.

– Sim, eu sei. Mas ele... eles... – Engoliu em seco. – Ou talvez não algo que partilhassem, mas algo que Damiani imaginasse que Spencer reconheceria como...

– Um lugar – interrompeu ela. – Um santo, um nome... Estamos falando de Damiani, então um trocadilho, uma piada, uma elipse. Talvez...

“Abelhas”, pensou Thomas, tentando desesperadamente desviar a atenção do som da voz de Livia. “Enxame.” Isso significava alguma coisa. Tinham sido essas as palavras que os levaram a Ludovica Albertoni. Não àquela cela, mas ainda assim... “Asas desfraldadas.” Nada na tumba de Ludovica evocava especificamente uma imagem apiária. Era estranho, quase forçado, de um jeito diferente de tudo o que Damiani tinha sido antes. “Abelhas...”

– Virgílio! – exclamou ele.

– O quê? Onde?

– Virgílio. Ele achava que as abelhas eram imortais. Que uma colmeia podia voltar à vida depois de ser aniquilada por uma praga. Isso teria chamado atenção de Damiani, certo? De alguém do seu povo? – As palavras saíam tão rápido que quase atropelavam umas às outras. – Virgílio escreveu sobre isso. Todo um manual sobre criação de abelhas, parte de um trabalho maior chamado “Fazendeiros”. Escreveu em latim e deu o título em grego. – Abriu um sorriso. – “Fazendeiros”. *Georgics*.

Livia olhou para ele.

– Você é incrível. Eu passei meio século no meio de acadêmicos, mas você é incrível. Será que todos os jesuítas são assim?

Thomas virou para o lado para esconder o brilho do orgulho em seu rosto corado. “Por favor, Thomas. Uma vampira está impressionada com a sua inteligência e isso faz você corar?” Mais uma coisa para acrescentar à lista cada vez maior de itens a levar para o confessionário na próxima oportunidade.

Ele examinou os relicários. Todos ostentavam uma pequena placa prateada inscrita com letras miúdas. A iluminação precária dificultava a leitura. Ele sabia que a visão de Livia era melhor e não se passaram trinta segundos até ela apontar, dizendo:

– Ali.

Thomas se inclinou para a frente a fim de examinar um dos relicários, maior e mais elaborado, um castelo dourado com uma bandeirinha de ouro desfraldada. A inscrição prateada dizia um nome que deveria ter sido óbvio para eles desde o começo. Com sua erudição, seu amor pelo jogo de palavras – e seu amor por Spencer –, Damiani escolhera imagens para o poema usando a escultura erótica de Ludovica que faria o seu amado sorrir. Thomas pensou que teria de acrescentar à sua lista para o confessionário o fato de esperar, quando tudo aquilo acabasse, que Spencer tivesse uma oportunidade de ler o poema, e que aquilo o fizesse sorrir.

– É um artelho – disse Livia, empurrando delicadamente o castelo para ver se se mexia. – Uma articulação do pé esquerdo de São Jorge.



Por cima da xícara de café, Spencer observava o seu visitante. O jovem gendarme de Nápoles não tinha consciência de sua beleza, com seu nariz afilado, seus olhos escuros e seus movimentos rápidos e felinos. Luigi Esposito fazia um nítido esforço para parecer tranquilo e profissional, mas não conseguia disfarçar o entusiasmo de estar ali. Spencer não entendeu o porquê, mas achou revigorante o fato de a mesmice e o tédio de anos de isolamento nos salões cheios de mofo do Vaticano não terem eliminado do jovem qualquer sinal de entusiasmo por qualquer coisa que fosse. O rapaz não parecia um católico fervoroso. Era improvável que tivesse escolhido a gendarmaria por uma vocação em servir à Santa Sé, e portanto à Igreja. Porém, se sua vocação era a investigação policial, será que poderia se sentir realizado passando os dias perseguindo batedores de carteira e vigaristas na Praça São Pedro?

Provavelmente não, o que poderia explicar o rubor nas faces de Esposito ao confrontar Spencer. A razão pela qual estava ali era um verdadeiro assunto de polícia, uma investigação profunda, um problema que permitia que o jovem usasse sua aparente inteligência – e sua considerável ambição. Spencer não sabia se a resolução do mistério realizaria as esperanças de Esposito, afinal ele continuaria sendo um gendarme. De qualquer forma, a oportunidade que aquele caso propiciava não devia acontecer muitas vezes, e o rapaz estava fazendo o possível para se dar bem.

Mesmo que estivesse indo na direção errada.

Spencer sentiu o canto da boca se repuxar em um sorriso ao considerar a outra possível causa da animação nos olhos do jovem. Spencer tinha se relacionado com inúmeros homens desde a perda de Mario, tanto noantri como inalterados. Aliás, também já tivera muitos antes dele. Mario tinha sido uma anomalia, o milagre, o grande amor que Spencer achou que nunca encontraria, apesar de sua imortalidade. Quando Mario se fora, Spencer passara muitos anos – décadas – sozinho, recluso com seus livros e papéis, um monge eremita noantri que se realizava com o próprio trabalho. Mas de que serve uma vida eterna se não se pode vivê-la? Finalmente, a voz de Mario em sua mente, repreendendo-o, exigindo que ele voltasse ao mundo e à comunidade, tornou-se insuportável e Spencer voltou a viver. Claro que a voz de seu grande amor estava certa. Spencer renovou antigas amizades, fez novas – Livia, por exemplo – e arranjou outros namorados. Nenhuma das relações foi séria e ele nunca precisou fingir que eram, nem para si mesmo nem para os parceiros. Mesmo assim, ele soube aproveitá-las.

Estava achando bastante divertido o flerte com aquele jovem detetive napolitano. E se os batimentos cardíacos, a temperatura do corpo e o nível de adrenalina – tudo o que Spencer conseguia captar – fossem uma indicação, o rapaz provavelmente também estava gostando, embora Spencer desconfiasse que ele próprio pudesse não saber.

No entanto, nada aconteceria. Para disfarçar um suspiro, Spencer deu um gole em seu café. Havia muito em jogo – sobretudo a vida que Livia tinha conseguido construir após seu infeliz caso amoroso, uma vida que Spencer sabia que ela valorizava. Qualquer envolvimento entre ele e aquele detetive do Vaticano criaria muitas complicações numa situação que já não era nem um pouco simples. O impacto de um noantri num inalterado – principalmente em um inalterado com seus próprios anseios – não era algo que Spencer podia controlar, mas com certeza poderia refrear insinuações e flertes, bem como se recusar a reagir a qualquer sinal que o gendarme pudesse – de forma intencional ou, o mais provável, involuntária – propiciar.

Spencer repôs a xícara no pires com um pequeno tinido, cruzou as pernas de novo e lançou-lhe um olhar afrontado.

– Deixe-me ver se entendi – falou friamente. – A teoria inacreditável que você e seus colegas *carabinieri* sugeriram hoje de manhã, segundo a qual uma rede de ladrões de obras de arte e antiguidades foi responsável pelos desagradáveis fatos recentes e que a eminente, respeitável e reconhecida *professoressa* Livia Pietro seja um membro da rede, acabou sendo consolidada e agora é a base para a continuação da investigação. É isso?

Luigi Esposito também repôs sua xícara no pires, recostou-se na cadeira e cruzou as pernas.

– Por favor, *professore*, refresque a minha memória. O que o senhor leciona?

– Eu estou aposentado – respondeu Spencer sem hesitar.

– Sim, é claro, me desculpe. – O gendarme correu os olhos ao redor da sala. – O senhor tem muitos objetos exóticos e interessantes aqui. – Voltou a fitar Spencer. – Antiguidades.

Spencer ergueu uma sobrancelha.

– Você é um *connoisseur*?

– Não, não. – O jovem sorriu. – Sou apenas um policial. Mas andei pesquisando por conta própria. Estou sempre tentando me aperfeiçoar. Ser um conhecedor de antiguidades com o salário de gendarme é simplesmente impossível. Acho impressionante o senhor ter conseguido comprar tantas dessas coisas com o salário de professor. Isto, por exemplo. – Tamborilou o tampo de vidro da mesinha onde estava o café. Abaixo dela havia uma dobradiça de bronze aberta, bem polida para mostrar as delicadas filigranas se entrelaçando na superfície. – É muito bonita. É uma peça importante?

“Boa jogada. Um pouco de humildade, um toque de lisonja, uma discreta insinuação de suspeita, depois redirecionar a minha atenção antes que eu me irrite.”

– Você tem razão. É da porta da Catedral de Constance. Estava em seu devido lugar quando o Conselho de Constance foi convocado. – A expressão do gendarme era de

incompreensão e expectativa. Spencer continuou: – Onde o Grande Cisma da Igreja finalmente terminou e a sucessão de linha papal que é seguida até os dias de hoje foi esclarecida e estabelecida.

Esposito ergueu as sobrancelhas.

– Minha primeira impressão, *professore*, é que o senhor não respeita muito a Igreja.

– Você é bastante observador. No entanto, um historiador não pode ignorar a Igreja.

Pelo menos não um historiador noantri. Em especial, o momento na história da Igreja que se originou do papado de Martinho V e iniciou uma nova era para todos os noantri.

– Bem, como eu estava dizendo, mesmo um policial pode ver que a peça é bonita. Como o senhor o conseguiu?

– Consegui? – Spencer inclinou-se até o bule de café prateado. Encheu a xícara de Esposito mais uma vez, principalmente para poder observar a graça com que o jovem mexia o creme e o açúcar. – Vice-assistente Esposito, estou tendo a desconfortável impressão de que está questionando a origem da minha coleção.

– Ah, não, senhor, de jeito nenhum. Sem dúvida o senhor é um colecionador dedicado e eficiente.

– E sem dúvida você é um policial com assuntos mais urgentes aos quais dedicar o seu tempo do que os objetos de um professor aposentado. – Não conseguiu deixar de acrescentar: – Por mais impressionantes que sejam.

Quando o gendarme abriu um sorriso sentido, Spencer achou que a temperatura do corpo dele subiu um pouquinho.

– É, acho que sim. Mas o que me ocorreu, *professore*, é que o senhor poderia me ajudar a encontrar o que estou procurando.

“Sem dúvida poderia”, pensou Spencer, mas falou:

– Não estou conseguindo acompanhar seu raciocínio.

“Bem, às vezes eu acompanho, às vezes eu lidero.”

Esposito aproximou-se um pouco e falou em tom confidencial:

– Não tenho nenhuma dúvida de que um acadêmico da sua reputação só faria negócios com os marchands mais respeitáveis.

– É claro.

– Também não tenho dúvida de que deve ser bem conhecido em certos círculos.

“Totalmente verdade, embora possam ser círculos diferentes daqueles aos quais você se refere.”

– Tenho certeza, senhor – prosseguiu o gendarme –, que, devido aos seus gostos e interesses, deve ter sido abordado mais de uma vez por pessoas bastante inescrupulosas.

“Sim, e algumas delas podem ser bastante divertidas, desde que se tenha algum cuidado.”

– Sei... – retrucou Spencer, assentindo como se tivesse acabado de entender. – Você está pensando se eu poderia lhe fornecer os nomes de algumas dessas... pessoas inescrupulosas.

Devo admitir que me sinto aliviado. Estava começando a achar que você pensa que estou envolvido nessa rede de ladrões internacionais que acredita existir. Na qual, a propósito, continuo achando difícil acreditar.

– Na rede? Ou no envolvimento da *professora* Pietro? Ou talvez do padre americano?

– O envolvimento de um padre americano em qualquer atividade criminosa não me deixaria chocada, posso assegurar. O de Livia Pietro, sim. Mas suponho que seja possível você ter razão, por mais que considere a ideia duvidosa. – “Existem outras ideias que eu aceitaria com mais facilidade, mas vamos deixar para lá.” – Muito bem. Acredito que, finalmente, eu possa prestar alguma ajuda à gendarmaria. Espere aqui que vou fazer uma lista.



Enquanto subia a escada do decrepito edifício no bairro de Pigneto, Giulio ouviu seu celular tocar. Tirou o aparelho do bolso, olhou o identificador de chamadas e disse para Raffaele:

– É o Esposito. – Em seguida, atendeu e falou: – Como foi a conversa? Descobriu alguma coisa?

– Ele me passou uma lista de vendedores desonestos que talvez negociem obras de arte roubadas. Acho que deveriam ser seguidos, mas não espero nada muito expressivo.

– Certo, eu posso destacar alguém para isso. A não ser que você tenha alguém em mente para fazer o serviço.

Afinal, a pista era de Esposito.

– Seria eu mesmo – respondeu o gendarme, de imediato.

– Ótimo. Vou dar o seu número ao meu chefe. Algo mais?

– Na verdade, sim. Eu garanti ao historiador que ele estava acima de qualquer suspeita, que os diligentes policiais só queriam a ajuda de um cidadão de destaque como ele, que era uma sorte poder contar com alguém com tantos recursos.

– E ele acreditou?

– Claro que não. Na verdade, tentou me distrair dando em cima de mim.

– Ora, que cachorrão.

– Exatamente. Eu fingi estar fingindo que não percebia.

– Esposito, você está me deixando confuso – disse Giulio, que não estava nada confuso.

– Eu sei – retrucou Esposito alegremente. – Enfim, estou esperando que agora ele faça sua jogada.

– Se é que ele tem uma jogada.

– Com certeza ele tem. – O gendarme parecia bem confiante. – Não sei até que ponto ele está envolvido, mas sem dúvida está escondendo alguma coisa. Sei que você destacou um agente para cá, mas eu gostaria de ficar por aqui. Tenho a impressão de que as coisas podem ficar interessantes.

Giulio não deixou de perceber que a ideia foi formulada como um pedido, como se Esposito estivesse sob a autoridade de Giulio. Os dois sabiam que não era o caso, que Esposito poderia ficar quanto quisesse, ou ir embora se desejasse.

– Você tem alguma experiência em vigilância?

– Não aqui. Na polícia de Nápoles, sim.

“E apostou que é bom nisso”, pensou Giulio.

– Tudo bem, vá em frente. Vou realocar meu agente. – Liberar um *carabinieri* iria deixar o *maresciallo* felicíssimo. – Me informe assim que acontecer alguma coisa. E, Esposito – emendou Giulio como se tivesse acabado de lembrar. – Será que ele não falou nada que eu possa usar para conseguir um mandado para um grampo?

– Eu tentei arrancar alguma coisa dele, mas não tive sorte.

– Tudo bem, me ligue assim que tiver alguma novidade.

Estava prestes a acrescentar: “Ou quando quiser ser substituído”, mas tinha a impressão de que isso ainda iria demorar.

– Pode deixar. Se não se importar com a pergunta, o que você está fazendo?

Giulio não estava acostumado a ser questionado por ninguém a não ser seu parceiro e seu chefe. Mas a pergunta fora feita de forma respeitosa e o garoto merecia uma resposta.

– Consegui mandados de busca para a casa de Livia Pietro e o apartamento de Jorge Ocampo. E, por meio do seu chefe, para os aposentos do padre Thomas Kelly, no Vaticano. Livia Pietro e Thomas Kelly não deram em nada, mas recebemos uma ligação da equipe que revistou o apartamento de Ocampo. Eu e Orsini acabamos de chegar aqui.

– Alguma coisa boa?

– Estamos na porta, prontos pra entrar. Não se preocupe, Esposito, vamos manter você informado.

No alto da escada, ele entregou o celular a um policial e lhe pediu que passasse o número da última ligação ao *maresciallo*, explicando por quê. O guarda ficou claramente satisfeito por ter uma razão para ser notado pelo chefe, e Giulio ficou igualmente satisfeito por não precisar falar com ele.

Raffaele estava esperando Giulio no corredor.

– Esposito descobriu alguma coisa?

– Ainda não, mas encurralou o sujeito. Ele é muito bom, Raffaele. Está sendo desperdiçado lá.

Os dois chegaram ao último andar, onde os tetos e os aluguéis eram mais baixos que os dos outros pardieiros do prédio. A porta no final do corredor estava aberta. Um guarda postado na entrada gesticulou para Giulio e Raffaele entrarem.

O local era sujo e malcheiroso, e o assoalho descascado grudava na sola dos sapatos. O apartamento de um cômodo só estava mais bagunçado do que qualquer busca efetuada pelos *carabinieri* teria deixado. Giulio sorriu consigo mesmo quando o elegante Raffaele torceu o nariz.

– O que vocês encontraram? – perguntou ao policial encarregado.

– Ali, senhor.

Ao se virar, Giulio viu uma parede de fotos, um vaso de flores frescas numa prateleira, um lenço de seda sob o vaso. O lenço, as flores e a garota loura nas fotos eram classudos demais para um homem morando num lugar daqueles.

– Quem é ela?

– O nome dela é Anna. É só o que sabemos até agora.

O policial apontou para uma das fotos, cuja margem tinha sido cuidadosamente etiquetada. *Anna en la playa*.

– É melhor a gente localizá-la. Ela pode estar em perigo. Esse sujeito passou de ladrão a maluco de carteirinha.

– Ou não – falou Raffaele. – Veja só isso. Ocampo está em metade dessas fotos com ela.

Giulio voltou a olhar. Era verdade. Sorrindo, às vezes abraçados, Ocampo e a tal Anna apareciam num café, na sala de alguém, numa rua arborizada. A garota aparentava estar realmente feliz, até convencida, enquanto Ocampo parecia um cachorrinho agradecido. O raciocínio de Giulio mudou de direção.

– Sabe de uma coisa? Vamos localizá-la de qualquer jeito.



A folha do manuscrito encontrada no relicário com o osso do pé se esgarçou numa das dobras quando Livia a desdobrou em cima do altar. Sua parte de historiadora da arte hesitou e quis dobrá-la outra vez e levá-la a um especialista o mais rápido possível. Afastou o pensamento e leu o texto para Thomas:

Er pollarolo co' la frebre se scopre e prega. Lei fa miracoli.

S'appiccia 'na cannula, se fanno cappelle e cori

de marmo barocco. Li giardinieri, i vinajjoli,

li mercanti, ricopreno 'sto paradiso d'ori.

Ma cqui, non tutti l'alati spiccano voli.

O febril fazendeiro se descobre, reza. Ela faz milagres.

Um candeeiro é aceso e cuidado, capelas construídas,

de mármore barroco. Taberneiros, jardineiros,

e mercadores douram esse paraíso até o cabo.

Mas aqui, nem todas as criaturas aladas voam.

Abaixo, as cinco letras de fôrma: T N A M A

– “Amante” – disse Thomas. – Se acrescentar esse outro *e*.

– Mas, em italiano, o resto não faz sentido. – Livia concentrou-se na página. – Em latim é “amando”, ou, dependendo do que vier a seguir, “sendo amado”. O *eam* implicaria a existência de um objeto feminino em algum lugar da sentença.

Ficou pensativa por um momento, depois pegou o celular e ligou para Spencer.

– Livia – disse ele ao atender. – Que prazer ouvir sua voz. Como está se saindo?

– Os poemas de Damiani estão nos levando de uma igreja para outra. – retrucou ela. – Estamos na San Francesco a Ripa agora.

Não acrescentou que Jonah também estivera lá, que não tinha feito nada para impedir que ele fugisse.

– Ah, Mario...

– E não é só isso. Todos os poemas que encontramos têm cinco letras escritas. Parecem formar uma espécie de enigma, talvez um acróstico, lendo de trás para a frente e de baixo para cima. Em latim.

Spencer riu.

– Não posso deixar de reconhecer que, às vezes, era difícil conviver com ele.

– Imagino. As palavras que temos até agora são *amante eam aedificavit*. Tem ideia do que significa?

– Amando, construído... Forma feminina... Nada me vem à mente, não.

– Ou, por extensão de sentido, “sendo amada, construída”. Alguma vez vocês construíram alguma coisa juntos? Ou você construiu alguma coisa pra ele?

– Livia, eu raramente preparava sequer um sanduíche para ele. E mesmo que eu seja o primeiro a admitir que não sou um neandertal, também estou longe de ser uma mulher. Imagino que ele possa estar se referindo a um amor anterior, mas não sei quem possa ter sido. Se alguma vez ele teve preferência pelo seu sexo frágil, eu não estou a par.

– Tudo bem, era só um tiro no escuro. Nós temos pelo menos mais uma igreja para ir. Talvez lá a gente descubra.

– Me ligue se precisar de mim. Qual é a próxima igreja?

– Ainda não sabemos. Esses poemas não são fáceis de decifrar.

– Imagino que não. Livia, tome cuidado. Acabei de receber a visita de um adorável gendarme, o mesmo cavalheiro que você conheceu hoje. Parece que a teoria de uma rede internacional de roubo de obras de arte está ganhando força na polícia, e você e o seu padre foram promovidos a líderes desse circuito criminoso. Existe uma possibilidade de essa fascinante teoria ser revertida a nosso favor, mas por ora eu recomendaria que você ficasse atenta.

Livia agradeceu pelo aviso e desligou.

– Ele não conseguiu ajudar? – perguntou Thomas.

– Não. Mas enquanto estava falando com ele eu pensei numa coisa. – Apontou para o poema. – “Taberneiros, jardineiros e mercadores”. Se fôssemos daqui em direção ao rio, um dos caminhos passaria pela Santa Maria dell’Orto. Era uma igreja corporativa... uma *Arciconfraternita* que incorporava associações de pequenos agricultores, criadores de animais e vendedores de vinho. Será que...?

– Sim! – exclamou Thomas. Depois baixou a voz, com um olhar culpado. – “Ela faz milagres”! Essa igreja foi fundada no local de um milagre. A Virgem Maria apareceu e curou um agricultor moribundo.

– Muito bem. – Livia dobrou o poema e guardou-o na bolsa. – Vamos sair logo daqui antes que alguém queira saber o que estamos fazendo na cela de São Francisco.

Fingindo que não tinha percebido que Thomas corou, Livia começou a descer os degraus de pedra. Ele a seguiu.

– As criaturas aladas – murmurou ele enquanto se encaminhavam para a porta da igreja.

– As que não voam. Mais abelhas?

Da escuridão da igreja, Livia espiou a *piazza*. Nenhum *carabinieri*. Fez um sinal para Thomas e saiu, descendo os degraus depressa e virando à direita na rua da igreja.

– Não mais abelhas – falou quando Thomas a alcançou. – Um peru.



Thomas estava ao lado de Livia num portal recuado na Via Anicia. Do outro lado da rua, a tarde avançada já lançava sombras na fachada barroca da Santa Maria dell’Orto. Chegaram até lá quase correndo e Thomas passou algum tempo recuperando o fôlego. Mas agora, olhando a fachada atentamente, ele enfim conseguiu falar:

– O peru é uma ave do Novo Mundo. Não existe nenhum na Itália.

– Existe, sim. Ali. É enorme. Do tamanho de um condor. As associações que formavam a *Arciconfraternita* costumavam competir para fazer as doações mais expressivas. A associação avícola acabou com as chances de todas as outras quando presenteou a sacristia com uma caixa de oferendas com um peru gigantesco dentro, para comemorar a chegada à Itália dos primeiros casais para fins de procriação. Eles não conseguiram reproduzir.

– Sabe de uma coisa? – disse Thomas, olhando para o outro lado da rua. – Você está falando igual a mim.

Ela sorriu.

– E isso não é uma coisa boa, imagino.

– Não. Você já viu esse peru?

– Minha primeira área de especialização foram as representações do Novo Mundo na arte europeia.

“Então”, pensou Thomas, “enquanto eu estava em Boston estudando o seu mundo, você estava aqui estudando o meu.” Mas não, não “enquanto”: os estudos de Livia tinham sido feitos décadas antes. E ele podia estar estudando a Itália, mas com certeza não estava estudando o mundo dela.

Thomas percebeu que ela esperava que ele falasse alguma coisa.

– O peru na caixa de oferendas? – conseguiu dizer.

– “O fazendeiro febril se descobre.” Deve ser isso.

– Certo, estou convencido. Então, como vamos entrar lá? Acho que você não vai conseguir abrir uma fechadura daquele tamanho, né?

– Na verdade, não. Eu precisaria de instrumentos mais pesados. Estou impressionada por você saber isso.

– Sei por causa de uma prima. – falou Thomas.

– Gostaria de saber mais sobre ela. Mas quanto a entrar, não deve ser um problema. A igreja fica aberta até as seis.

– Aberta? A Santa Maria dell’Orto? Ela está fechada ao público há anos. Eu nunca entrei, em nenhuma das vezes em que estive em Roma.

– Agora ela não só está aberta como também está ativa. Foi restaurada há alguns anos. Salva pelos japoneses.

– Como?

– Expatriados católicos japoneses. Eles a transformaram na igreja deles. Eles...

Parou de falar quando as portas da igreja se abriram. Um padre corpulento, de cabelos brancos ondulados, parou à porta, todo paramentado para a missa que tinha acabado de ministrar, pronto para conversar com os fiéis que saíam. Saíram uns dez, todos asiáticos.

– Ora, ora, obrigado, Japão – disse Thomas, depois ficou paralisado ao inesperado eco da voz de Lorenzo.

“O futuro da Igreja está na África. Na América Latina. Na Ásia! Sabe por quê? Porque eles acreditam.”

– Thomas? Está tudo bem?

– Eu... O quê? Sim, tudo bem. – Ele afastou a imagem da cabeça, a expressão severa e determinada do cardeal, o escritório ornamentado, a mão gesticulando com o onipresente charuto. – Estou bem. Mas olhe ali... Talvez nós tenhamos um problema.

Apontou para o outro lado da rua, onde o padre conversava na calçada com os últimos fiéis que iam embora.

– Que problema?

– A missa acabou de terminar. Assim que todos forem embora, o padre vai voltar para a sacristia e tirar as vestes. Se houver algum sacristão por lá, talvez os dois fiquem conversando. Se ele não estiver com pressa de sair, pode demorar um pouco até a sacristia ficar vazia.

Livia não disse nada, mas ele sentiu o olhar dela e virou o rosto para fitá-la.

– O que foi?

– Nada. Estava esperando você continuar. Você parece ter um plano.

Lentamente, ele assentiu com a cabeça.

– Você sabe onde fica a sacristia? – perguntou.

– À esquerda do altar – disse ela.

– Isso – falou Thomas. Ficaram observando o padre dar a mão a uma mulher mais velha, a última das fiéis a sair da igreja. – Eu vou distraí-lo. Você fica passeando por ali como se estivesse admirando a igreja enquanto me espera, depois vá até lá. Vou ganhar o máximo de tempo que conseguir.

– O que você... – começou Livia, mas a mulher desceu para a rua e o padre virou-se para voltar para o interior da igreja.

– Vamos – disse Thomas, partindo em direção a ele. – Padre? – chamou em voz baixa e em italiano, ao se aproximar.

O homem se virou, sorrindo.

– *Buonasera*, padre. Meu nome é Thomas... O’Brien. Padre Thomas O’Brien, de Boston.

Os dois trocaram um aperto de mão enquanto o padre de cabelos brancos dizia:

– Muito prazer, padre O’Brien. Marcello Franconi. Estive em Boston há... hã... dez anos. Para uma conferência. Uma linda cidade.

– Sim, mas nada que se compare a Roma.

O padre Franconi sorriu quase envergonhado, como um pai gentil que não consegue negar que o filho é a criança mais extraordinária da turma, mas não quer constranger os pais das crianças menos brilhantes.

– E essa é uma amiga – continuou Thomas. – Ellen Bird. Ela é pintora.

– *Signora* Bird – cumprimentou o padre.

– Muito prazer – disse Livia, estendendo a mão. – Eu sou de Nova York, mas já moro em Roma há muitos anos.

– Estou na cidade em visita a ela – explicou Thomas. – Padre, eu... que bom encontrá-lo aqui. Eu gostaria de me confessar.

O rosto do padre Franconi registrou uma pequena surpresa. Ele olhou de Thomas para Livia e uma nova luz brilhou no seu olhar.

– É claro, meu filho.

– Obrigado. O trabalho de um padre nunca termina, não é?

– Até todos chegarem ao Reino dos Céus, suponho que nunca acabará. Por favor, me acompanhem.

Ao entrarem na igreja, Thomas e o padre Franconi se benzeram com água benta da fonte e em seguida Franconi fechou as portas.

– *Signora* Bird, pode se sentar enquanto espera, e fique à vontade para apreciar a igreja. Talvez encontre coisas que a interessem como pintora. Temos belos afrescos de Zuccari. Padre O’Brien, por favor, venha comigo.

Um senhor asiático esperava perto do altar. O padre Franconi trocou algumas palavras com ele de longe, em japonês, em seguida o velhinho fez uma pequena medida, sorrindo, e se encaminhou para a saída.

– Nós não temos orçamento para um sacristão, mas Kaoru é aposentado e gosta de ajudar – explicou o padre Franconi a Thomas. – Na verdade, ele é inestimável. Eu falei que ele pode ir pra casa, afinal eu consigo tirar este traje sozinho. Se não conseguisse, nem deveria tê-lo colocado, pra início de conversa.

Conduziu Thomas a um confessionário à direita das portas da igreja. Ótimo: era o mais longe possível da sacristia. Os dois entraram e Thomas se ajoelhou no lado do penitente.

– Perdoe-me, padre, porque pequei.

– Há quanto tempo foi sua última confissão?

Thomas pensou. Tinha sido no dia anterior, mas parecia que havia sido em outra vida. Ele era outro homem. O Thomas Kelly em que ele havia se transformado – aquele que roubava livros e se associava a vampiros, arrombava relicários e escalava Berninis, que sabia

que o amigo estava escondendo havia décadas uma verdade capaz de abalar o mundo e que a Igreja fazia um jogo duplo havia seiscentos anos – jamais confessara.

– Padre O’Brien? – disse o padre Franconi através da tela.

Certo. O padre Kelly não iria se confessar naquela tarde. Quem faria isso seria o padre O’Brien e ele poderia dizer o que quisesse. Poderia inventar qualquer coisa.

– Três dias.

O padre Franconi não disse nada, esperando que Thomas explicasse o que o tinha trazido de Boston até o confessionário da Santa Maria dell’Orto.

Thomas precisava falar alguma coisa. Abriu a boca, sem saber muito bem o que dizer, mas tinha que ir em frente para dar um tempo a Livia.

– Luxúria, padre – começou finalmente. – Tenho experimentado... sentimentos lascivos.

“Espere um instante. Isto deveria ser apenas uma distração. O padre O’Brien deveria estar inventando coisas.”

– Por sua amiga – disse o padre Franconi. – A *signora* Bird.

Não foi uma pergunta, tampouco uma acusação.

– Sim.

– Você concretizou algum desses sentimentos?

– Não. Não toquei nela. Ela diz que é natural, que não é culpa minha...

“Mas ela é uma vampira. O que sabe dessas coisas?”

– Então ela sabe dos seus sentimentos por ela?

– Eu não falei nada, mas ela sabe.

– Bem, ela é uma mulher inteligente. Claro que é natural. O Senhor põe tentações no nosso caminho para termos o privilégio de superá-las. Se você não fez nada a respeito, está no caminho certo.

– Mas eu... – começou Thomas, depois parou, indeciso sobre o que ia dizer.

– Mas você continua se sentindo mal. Principalmente por ter vindo a Roma.

“*Mal* por ter vindo a Roma não exprime nem a metade.”

– Sim, padre.

– Você deve estar pensando: “Eu deveria ter percebido, deveria ter ficado em casa. O que eu esperava?” É isso?

“Eu sei o que estava esperando. Ser útil ao meu amigo e à minha Igreja.”

– Mais ou menos.

– Mas alguma coisa o atraiu para cá.

“Uma amizade baseada numa mentira enorme e chocante.”

– Sim.

– Já pensou que o que está vivendo neste momento é parte do propósito de Deus para você?

– Não vejo como, padre.

– Você está duvidando de si mesmo. De sua vocação. De sua necessidade do celibato sacerdotal. Está pensando que num mundo diferente, talvez num mundo melhor, você poderia servir à sua Igreja e também ceder a essa tentação.

“Na verdade, estou pensando que poderia muito bem ceder, já que não vejo nenhuma maneira – nem razão – possível de continuar servindo à minha Igreja.”

Thomas não disse nada. O padre Franconi esperou um pouco, então continuou:

– O Senhor sabe pelo que você está passando, padre O’Brien. Acha que Ele não vê a sua luta? Sim, os votos que você fez foram escritos por homens. Pobreza, castidade, obediência. Poderiam ser autoaperfeiçoamento, fecundidade e tolice.

Thomas riu, surpreso com a afirmação.

– Muito bem, padre O’Brien. Você não perdeu a perspectiva. Meu ponto é o seguinte: quando fez os seus votos, não foi aos homens que os escreveram que você se dedicou. Foi a Deus. Você prometeu a Deus que viveria de acordo com certos princípios. Ele gostou de receber os seus votos e está pronto para ajudá-lo a fazer juz a eles. Não se trata de algo que deveria ou poderia ser. Trata-se do que é.

Mais uma vez, Thomas não respondeu, agora por uma razão diferente: simplesmente não conseguiu. Estava pensando que Deus sabia. Sobre os noantri, sobre a perfídia da Igreja. Claro que Ele sabia. Alguns diriam: “E Ele permitiu?”, mas Thomas não se perturbava com esse ponto. Como o padre Franconi tinha dito, nós fazemos nossas escolhas; Deus nos dá esse privilégio. A questão era que, fosse qual fosse o inescrutável plano de Deus para o Universo, os noantri faziam parte dele. O que a Igreja dizia e fazia a respeito da existência daquele povo podia estar em conflito com a realidade, ou até em conflito com as intenções de Deus, mas se havia algo para o qual os jesuítas estavam preparados era viver com essa contradição, investigá-la e até celebrá-la.

Outra coisa que o padre Franconi dissera: os votos de Thomas tinham sido para Deus, não para a Igreja. Simples assim. Enquanto fosse padre, ele manteria os seus votos. Sua relação com a Igreja, portanto com o sacerdócio, era outra questão. Não era necessário pensar nisso agora. Essa noção propiciou-lhe um alívio tão profundo que foi como o fim de uma dor.

– É claro – falou. – O importante é a luta, não é, padre?

– Bem, não acho que Deus se sinta exatamente contente por você estar lutando. Mas enquanto você tiver algo contra o que lutar, tenho certeza de que Ele se orgulhará de sua luta. Está pronto para o Ato de Contrição?

– Qual é a minha penitência, padre?

– Nenhuma, creio. – Thomas percebeu, pela voz do padre, que ele estava sorrindo. – Você já pagou essa conta com antecedência.

– Obrigado, padre – disse Thomas, e começou a oração: – Meu Deus, estou pesaroso de coração...



Raffaele não conseguia acreditar. Finalmente tinha acertado uma.

Quando não havia mais nada a ser descoberto no apartamento nojento de Jorge Ocampo – o que não demorou muito –, Raffaele e Giulio Aventino voltaram às ruas. Tinham feito cópias das fotos de Ocampo com sua namorada, uma estudante de literatura comparada da universidade La Sapienza chamada Anna Jagiellon. Mas não conseguiram encontrá-la em lugar nenhum, nem mesmo no seminário sobre literatura russa onde ela deveria apresentar seu ensaio sobre Akhamatova naquele dia. Os dois detetives saíram para mostrar as fotos às pessoas nas ruas e ver o que descobriam.

Os *carabinieri* tinham diversos guardas uniformizados fazendo o mesmo, é claro, e de forma geral os detetives eram valiosos demais para perder tempo nesse tipo de triagem. No entanto, como Giulio tinha salientado, a questão se resumia a escolher entre verificar as fotos ou voltar à delegacia e contar ao *maresciallo* a situação atual: que Ocampo já tinha escapado por entre seus dedos duas vezes; que Livia Pietro e Thomas Kelly os haviam despistado completamente; e que eles estavam baseando a investigação na hipótese de estar lidando ou com um maluco anticlerical que poderia ou não estar atrás da esquiva Livia Pietro (que não tinha nada a ver com clérigos), ou com uma rede internacional de ladrões de obras de arte da qual Livia Pietro poderia ou não fazer parte, de acordo com a teoria conspiratória elaborada por – horror dos horrores – um gendarme.

Raffaele considerou os resultados possíveis de tal conversa e concordou que era preferível ficar na rua. Os dois se separaram, cada um numa direção a partir de San Francesco a Ripa, a última igreja onde Ocampo tinha sido avistado.

As ligações de igrejas, mosteiros e conventos chegavam depressa. Raffaele não sabia dizer se os padres e seminaristas que estavam mandando dicas se preocupavam com a própria segurança e a de seus tesouros ou se estavam apenas tentando ser úteis para as autoridades. Fosse o que fosse, os *carabinieri* passaram a tarde toda de um lado para outro de Roma atendendo a chamados sobre caixas de coleta arrombadas e carteiras de turistas desaparecidas, o tipo de coisa que geralmente era submetido à *polizia* de Roma; e também ouvindo histórias sobre homens esquisitos rondando portas de igrejas e discussões em voz alta nas escadarias de basílicas, que num dia normal na cidade não seriam comunicadas.

No entanto, os clérigos não ajudaram em nada. A única coisa que os chamados mostraram foi uma sensação – inquietante para Raffaele – de que perturbações envolvendo a Igreja eram acontecimentos mais comuns do que ele pensava.

O que lhe rendeu frutos mais promissores foi o que, na sua experiência, em geral rendia: duas garotas bonitas tomando vinho do lado de fora de um restaurante, na Via della Luce. As duas assentiram enfaticamente quando ele mostrou a foto de Ocampo.

– Ele passou por aqui há pouco tempo – disse a morena a Raffaele. – Meia hora, talvez? – perguntou à amiga ruiva. – Ele estava com pressa.

– Correndo? – perguntou Raffaele.

– Não, andando depressa, e sempre olhando para trás, como se alguém o seguisse.

“O bom samaritano”, pensou Raffaele, lamentando não ter uma foto dele também.

– E tinha alguém o seguindo?

– Acho que não.

– Mas vocês têm certeza que era ele?

– Era um cara nojento – fungou a ruiva. – Todo suado. E usando uma colônia horrível.

– Nojento – concordou a amiga.

– E o jeito como ele olhou a gente quando passou... Como se fosse se sentar e nos convidar para um drinque se não estivesse com pressa.

– Então acho melhor eu não tentar fazer isso, não é? – brincou Raffaele, sorrindo.

– Nada de gracinhas, você está em serviço – disse a garota, mas sorrindo também.

– Vocês viram pra onde ele foi?

– Sério? Eu nem olhei para ele – respondeu a ruiva, jogando os cabelos para o lado.

A morena apontou para o norte.

– Seguiu para aquela direção. Acho que virou à esquerda alguns quarteirões à frente.

– Você ficou olhando até ele já estar tão longe?

Ela assentiu com a cabeça, depois deu de ombros quando a ruiva a encarou.

– Sei lá, tinha alguma coisa nele... Ele era *interessante*, tá?

A ruiva revirou os olhos.

– E quanto a esta mulher? – interrompeu Raffaele, mostrando a foto de Anna Jagiellon. – Será que estava com ele?

As duas se inclinaram para ver. Trocaram um olhar de surpresa.

– Não com ele – disse a morena. – Mas passou por aqui há alguns minutos, indo na mesma direção. Os dois se conhecem?

– Então era ela que estava seguindo o sujeito? – indagou a ruiva. – Era dela que ele estava com medo?

Em vez de responder, Raffaele fez outra pergunta:

– Na mesma direção?

A morena assentiu. A ruiva, para provar ao *carabinieri* que podia ser tão útil quanto a amiga – ou talvez para chamar atenção de Raffaele –, falou:

– Ela também virou mais à frente à esquerda. Não sei se na mesma rua...

– Foi na mesma rua – confirmou a morena.

A ruiva fez uma careta.

– Vocês têm certeza que era esta garota? – perguntou Raffaele.

– Absoluta. Ela era, tipo, muito bonita. Quero dizer, não que nós... Mas ela...

A morena corou levemente. Raffaele tentou não sorrir.

– Uma garota como aquela... – interrompeu a ruiva. – Até as outras garotas notam.

Raffaele agradeceu às duas, distanciou-se alguns passos e ligou para Giulio.

– Parece que estamos certos. Seja quem for, ela está envolvida. Não só ele não a estava perseguindo como parece que agora é ela quem está atrás dele.

– Tem certeza que eram as mesmas pessoas?

– As garotas com quem falei disseram que ele era nojento e citaram a colônia. Em relação a Anna, estavam verificando a concorrência. As mulheres prestam bastante atenção quando fazem esse tipo de coisa.

– Bom trabalho. Continue na pista. Vou tentar chegar aí o mais rápido possível.

Raffaele guardou o telefone e continuou pela Via della Luce até a esquina indicada pela garota. Parou algumas vezes para mostrar as fotos enquanto se aproximava, mais uma vez, de Jorge Ocampo.



Livia examinava o teto da capela lateral da Santa Maria dell'Orto quando os padres saíram do confessionário. Ela foi até a parte de trás da igreja, onde os dois conversavam.

– Obrigado por ter esperado – disse Thomas.

Ela sorriu.

– Eu nunca interfiro numa confissão. Só espero que sua penitência não envolva desistir do café. Estou desesperada por um. Padre Franconi, os seus Zuccari são realmente uma beleza. E muito bem restaurados.

– Obrigado. Fico contente que tenha gostado. Por favor, voltem para assistir a uma missa. A celebração é todos os dias às quatro horas. – Depois de um instante, acrescentou: – Tem um café excelente na esquina.

O padre seguiu-os com o olhar até a saída da igreja. Os dois tomaram a direção que ele havia indicado e, assim que ouviu as portas rangerem ao serem fechadas, Livia disse a Thomas:

– Sua pressão sanguínea está prestes a estourar seu cérebro. Relaxe. Eu consegui.

– O poema? Conseguiu?

– Você me deu tempo suficiente. Pelo visto arranjou bastante assunto para falar.

– Sim, sem problemas, foi tudo bem. O peru ainda está lá?

– Em cima do guarda-roupa, quase tocando o teto. Lindamente esculpido, mas imenso e muito pesado. Tive um trabalhão para incliná-lo.

– É muito pesado, mas você... Certo. Deixe pra lá.

Ela sorriu.

– O poema estava embaixo da base, o mais longe possível das bordas.

– Você já leu? O que mais diz?

– Não. Eu mal tinha saído da sacristia quando ouvi as portas do confessionário se abrindo. Está na minha bolsa. Vamos tomar um café.

Ela percebeu que Thomas entendeu seu raciocínio: eles precisavam sair da rua, e duas pessoas debruçadas em cima de uma folha de papel num café não levantariam suspeitas. Além disso, Thomas parecia estar precisando de uma bebida restauradora.

Já no café, os dois fizeram o pedido e, assim que o garçom levou as xícaras e voltou para trás do balcão, Livia desdobrou a folha de papel sobre o tampo de mármore da mesa. Thomas inclinou-se para ler.

Nun se po' vvedé la bbellezza de 'sto vorto bbello

*come nun se vede pe' gnente l'effimerità
de la musica: e uno, e tre, li diti senz'anello
indicano la grazzia de l'incorrotta santità.
La su' anima lucente rischiara 'sto spazzio poverello.*

Não podemos ver a beleza do rosto
que se volta, a música é coisa efêmera,
e um, e três, os dedos gesticulam graciosos
e apontam na direção da santidade incorrupta.
Sua alma luzente ilumina este pequeno espaço.

Abaixo, as já esperadas letras escritas à mão: R B O R T

Com a testa franzida em concentração, Thomas alternou o olhar entre o poema e as letras de trás para a frente. Livia estava prestes a falar alguma coisa quando ele exclamou:

– Bramante! Se acrescentarmos o *b* e o *r*. De trás para a frente. *Bramante eam aedificavit*. “Bramante a construiu.” Não *amante*. Nada a ver com namorados. Bramante. Alguma coisa feita por Bramante.

– Bom, isso não simplifica muito as coisas – observou Livia.

Donato Bramante, o arquiteto que levou o estilo da Alta Renascença a Roma, foi nomeado, entre outros cargos, como arquiteto papal de Júlio II. Mesmo assim, já era alguma coisa, e ainda havia mais três palavras por vir.

– E o *t r o*?

– Não sei. Deve fazer parte da próxima palavra. Quer dizer, da palavra anterior. Seja qual for a obra de Bramante que Damiani usou.

– Ótimo. Agora termine logo para irmos andando.

– Mas o poema...

– Isso. Vamos logo.

– Espere. Você sabe para onde este poema está nos mandando?

– É claro. Você não?

– Não faço ideia.

– Sério? – Ela recostou na cadeira, sorrindo. – E eu não fazia ideia da cela de São Francisco. Acredite, este é tão fácil quanto você disse que o outro era.



Desta vez, Jorge estava agindo diferente. Devagar, metodicamente. De forma científica.

Uma das razões era a necessidade. Depois de ter escapado da confusão na San Francesco a Ripa, ficou ziguezagueando pelas redondezas, em parte para despistar aquele noantri louro metido. Fez uma parada e comprou mais um vidro de colônia para ajudar no seu objetivo, e isso somado às suas manobras evasivas parecia ter funcionado, pois não viu mais o homem do sorrisinho afetado.

A outra razão para o caminho sinuoso e sistemático de Jorge era localizar o rastro de Livia Pietro. Só havia algumas ruas que partiam da San Francesco a Ripa. A não ser que ela ainda estivesse lá dentro, teria de sair por uma delas; e se ainda estivesse lá dentro, cedo ou tarde iria sair. E passar por uma delas.

Ele estava na Via Anicia, voltando na direção da San Francesco a Ripa para começar de novo, quando sentiu uma forte baforada do perfume de gardênia de Livia misturado ao odor de sua transpiração. Ela estivera ali, bem recentemente. Olhou para trás a fim de verificar se o louro não estava por perto e apertou o passo. Para um agente talentoso como ele, era uma trilha fácil de seguir. Ocultando-se nas sombras do entardecer, Jorge chegou a outra igreja, o que não o surpreendeu. Era a Santa Maria dell'Orto, e estava fechada. Por que todas aquelas igrejas? Será que Livia Pietro era como ele, uma noantri que sentia saudade do consolo oferecido pelos vitrais coloridos e bancos de madeira, pelas sábias homilias e relances do Paraíso? Anna dizia que o Paraíso era um conceito ridículo e obsoleto, uma muleta para os medrosos mortais. Claro que Anna tinha razão, mas Jorge, ao pensar em seu interminável futuro, às vezes desejava poder se apoiar nessa muleta só um pouquinho, mesmo agora.

Mas precisava se concentrar na missão! Arriscando-se a sair das sombras, ele caminhou até o cruzamento na frente da igreja. Constatou que Livia Pietro tinha estado lá, mas já fora embora. Chegara até ali pela Via Anicia, porém saíra pela Via della Madonna dell'Orto. Esta rua, com muros dos dois lados e passando a leste do rio, àquela hora do dia não propiciava muitas possibilidades de se esconder. Mas Jorge precisava ir em frente. Andou com passos firmes até o meio da rua e corajosamente seguiu seu destino.



Thomas seguiu Livia pelos portões abertos até o jardim sombreado em frente à Santa Cecilia. As ruas por onde tinham passado estavam tranquilas, mas quando fecharam o portão do jardim murado foram envolvidos por um silêncio de outro tipo. Thomas parou por um momento, surpreso ao perceber o coração batendo devagar, a respiração relaxada. De repente se sentiu distanciado, serenamente desprendido da confusão em que sua vida havia se transformado naquele dia.

Quase sentiu um eco de sua antiga paz.

As portas abertas da basílica acolhiam visitantes, mas quando os dois entraram perceberam que estavam praticamente sozinhos. A atmosfera era leve e recendia a incenso, fazendo Thomas pensar na Ásia, nas caravanas no deserto e em cidades distantes. Três velas votivas bruxuleavam numa capela lateral, onde uma mulher estava ajoelhada diante do gradil.

Livia não hesitou, entrando depressa pelo corredor central. Thomas seguiu-a até o balcão de pedra erguido diante da obra que, na opinião dele, era uma das mais bonitas de Roma. Thomas não era um historiador da arte, por isso talvez estivesse equivocado, mas já fora até ali em suas viagens anteriores a Roma só para passar um tempo olhando para ela: a estupenda e emocionante estátua de Santa Cecília esculpida por Stefano Maderno. A santa tinha a cabeça estranhamente virada para o outro lado, não para seus admiradores.

Livia ajoelhou-se em frente à estátua e Thomas, apesar de saber que ela só estava inspecionando o mármore em busca de possíveis lugares para o poema, agachou-se ao seu lado.

– Tem certeza de que é essa mesmo? – perguntou ele.

– Sem dúvida nenhuma. “... a beleza do rosto/ que se volta... e um, e três, os dedos gesticulam graça.” – Ela apontou para as mãos da santa, os dedos delicados erguidos com o símbolo da Santíssima Trindade. – E ela era uma de nós – acrescentou.

– *O quê?* – Não era possível que ele tivesse ouvido direito. – Santa Cecília... Você está me dizendo...

Livia assentiu.

– Eles tentaram cortar a cabeça dela três vezes. Não conseguiram muita coisa, mas o ferimento e a perda de sangue teriam causado a morte de qualquer inalterado. Não apenas Cecília não morreu como continuou consciente. Só depois que permitiram que comungasse foi que ela entrou em coma. No dia seguinte, declararam-na morta e enterraram-na. Stefano

Maderno a desenterrou duzentos anos depois, para usar seus restos mortais como modelo para sua obra. Os restos estavam intactos, preservados. Como você está vendo.

Primeiro Thomas olhou para Livia, depois para o mármore branco e imaculado da escultura da santa. Seria possível que fosse verdade?

– Isso é... Você disse que poderia levar um longo tempo...

– Sim. Em alguns casos, centenas de anos. A renovação de Cecília estava quase completa quando ela foi desenterrada.

– Maderno... Como ele... Por quê... Não. Já sei.

– Sim. Maderno também era um de nós. Os dois tinham se conhecido dois milênios antes. Na Grécia, acredito. Ele fora até o túmulo dela e percebeu que já estava quase pronta. Foi por isso que se ofereceu para o trabalho.

Thomas assentiu, atônito não por causa da notícia, mas por sua incapacidade de se sentir atônito por aquilo.

– Olhe. – Livia o puxou de volta para o momento presente gesticulando em direção à mulher na capela lateral, que se levantava para ir embora. – Ela está saindo. Pode ser a melhor oportunidade que vamos conseguir.



Assim que a mulher saiu pela porta da igreja, Livia subiu no gradil. Já tinha feito aquilo inúmeras vezes nos últimos anos, esperando uma oportunidade de estar sozinha para estudar a escultura de Maderno. As autoridades da basílica tornavam quase impossível chegar tão perto da obra. Mesmo para os inalterados, a ternura evidente, a habilidade e a alegria com que Maderno elaborara aquela estátua eram tão cativantes que o mármore parecia pedir para ser tocado, para ser captado por mais sentidos além da visão. Até a maneira como o som ecoava das dobras do manto de Cecília... Livia voltou a se concentrar. Não era hora de se distrair com a beleza da obra.

Thomas, como sempre, estava parado atrás dela. Provavelmente jamais perderia seu horror instintivo a invadir, a desobedecer às regras. Mas parecia ter perdido boa parte do horror que sentia pelo povo dela. Tinha aceitado a revelação de que Cecília era ao mesmo tempo uma santa e uma noantri com um mínimo de aversão e sem nenhuma descrença detectável.

Ao subir no gradil, Livia ajoelhou-se e passou a ponta dos dedos na linha do corte da garganta de Cecília. Seria o local óbvio para um noantri esconder alguma coisa para outro noantri. Mas a linha continuava como ela se lembrava: uma ranhura entalhada na pedra sólida, preenchida com uma pequena camada de ouro. Continuou em frente, explorando os trajes de mármore, a cavidade no torso formada pelos braços unidos, o espaço abaixo de seu pé esquerdo erguido. Livia sentia cada uma das alterações da textura ao passar a mão pelos lugares das marteladas de Maderno, de seus retoques e polimentos. O deleite dela com a experiência de sua pele tocando a pedra, as curvas frias feitas pelo artista, era tão grandioso que ameaçava distraí-la da urgência de sua busca.

Ou talvez já tivesse feito isso. Enquanto ela explorava meticulosamente a cavidade dos pés da estátua, Thomas falou:

– Hã... Livia?

Ela se virou e o viu espetando um canivete numa pequena fenda na base da estátua. Enquanto observava, um pedaço de papel saiu do local.

– Ah – disse ela.

Com todo o cuidado, Thomas desdobrou a página já familiar.

– É o último – disse, olhando para Livia.

Virou a folha para que ela a visse. Não havia poema nenhum. O papel estava em branco, a não ser por cinco letras de fôrma escritas em grafite: E P O R P

O último! Nenhum outro poema, nenhuma nova igreja aonde ir. Agora eles tinham todas as peças – estavam com o enigma completo. Aquela peça final os levaria até a Concordata. Com o coração batendo forte, Livia se aproximou de Thomas.

– *Pro* – falou, lendo de trás para a frente, como já tinham aprendido. – Se essa for a primeira palavra e juntarmos o *pe* às que já temos, a palavra anterior será *Petro*.

Livia percebeu o assombro que tomou conta do rosto de Thomas.

– Para Pedro? – disse ele. – Para Pedro Bramante a construiu?

Livia sentou nos calcanhares.

– São Pedro? Ele escondeu a Concordata na Basílica de São Pedro?

Por alguns instantes, os dois ficaram em silêncio. São Pedro, a catedral do Vaticano, era a maior obra de Donato Bramante. Uma enorme basílica onde os próprios papas rezavam, com capelas laterais, salões e tumbas subterrâneas, centenas de estátuas, placas, pinturas, ouro, prata e madeiras preciosas, muitos andares até seu gigantesco domo. Como alguém poderia fazer uma busca em São Pedro? Por onde começar?

– Isso seria bem típico de Damiani, não é? – perguntou Livia retoricamente. – Quando saiu da Biblioteca do Vaticano, ele não a levou a parte alguma. Só virou a esquina para chegar à catedral de São Pedro. Mas onde?

Thomas não respondeu, só balançou a cabeça em uma negativa.

– Talvez alguma coisa chame nossa atenção quando chegarmos lá – sugeriu ela.

Thomas pareceu tão pouco convencido quanto ela, mas o que mais poderiam fazer? Ela se levantou. Ele continuou na mesma posição. Ainda agachado ao lado da escultura, falou:

– Ele escreveu de trás para a frente. – Olhando para o chão com a testa franzida, ele perguntou: – Por que ele escreveu de trás para a frente?

– Uma segurança extra? Quem não tivesse o conjunto todo...

– É preciso o conjunto todo, independentemente do sentido da leitura.

Livia não disse nada, para não atrapalhar o raciocínio dele. Thomas pegou um lápis do bolso de trás, procurando em vão um pedaço de papel. Sem falar nada, Livia tirou o manuscrito de Damiani da bolsa e estendeu para ele.

Thomas não quis pegar.

– Escrever nisso? Não consigo.

– Damiani ia querer que fizéssemos isso.

– Mas isso pertence à Biblioteca do Vaticano.

– O Bernini – retrucou ela. – A caixa de relíquias de Santa Teresa. A de São Jorge.

Ele olhou-a direto nos olhos, suspirou, pegou o caderno e abriu numa página em branco. Ficou tamborilando com o lápis por algum tempo, depois escreveu: PROPETROBRAMANTEEAMAEDIFICAVIT

Ficou observando a linha de letras, depois dividiu-a nas palavras que formavam: PRO PETRO BRAMANTE EAM AEDIFICAVIT

– Será que ele estava dizendo para reorganizarmos as letras? Não. Isso não significa nada em latim.

Livia percebeu que ele estava falando mais consigo do que com ela.

– Mas ele escreveu de trás para a frente – continuou Thomas. – Deve haver uma razão.

Livia abriu o zíper de um compartimento da bolsa, tirou os poemas lá de dentro e espalhou-os no chão em frente à estátua. Bem, se havia alguém que podia ajudar a entendê-los, era Santa Cecília. Livia leu todos os versos de novo, incluindo as adições de letras. Depois parou e ficou olhando. Devagar, ela disse:

– Se observarmos apenas como um padrão, cada conjunto de letras maiúsculas vem logo abaixo do poema, e tem a mesma largura.

Thomas se virou para ela, olhou para os poemas, depois de novo para ela.

– Como um padrão?

– Um padrão gráfico. Sem o significado.

– Tudo bem – concordou ele. – Continue.

– Não sei... Mas algumas estão separadas, outras estão juntas. Para mim isso quer dizer que cada linha deve ser mantida como um bloco. – Juntou os poemas e sobrepôs uns aos outros, depois cobriu as palavras do primeiro poema com a mão, deixando apenas as letras visíveis.

TIVAC

IFIDE

AMAE

TNAMA

RBORT

EPORP

– Talvez seja outro tipo de acróstico – sugeriu ela. – A primeira letra de cada linha, ou a segunda, ou de um canto ao outro...

Parou de falar, sem ter percebido nada.

Thomas também observava as letras, tamborilando o lápis distraidamente no piso de mármore. Para além do som rítmico, os sentidos noatri de Livia captaram uma lufada de vento nas árvores do pátio, perceberam a pequena mudança nas sombras quando as luzes das velas votivas oscilaram. As especiarias contidas no incenso provocavam nela um estranho conforto, uma conexão com terras distantes, com outras épocas. Livia percebeu que, durante todo o tempo que passara ali com a escultura de Santa Cecília, não tinha prestado atenção às outras obras da igreja. Talvez, depois que tudo fosse concluído, quando eles encontrassem a Concordata e o mundo dela, tão abalado recentemente, se mostrasse estável outra vez... Abalado. Estável.

– Thomas!

O tamborilar do lápis parou de repente.

– Não é de trás para a frente. É de baixo para cima!

Thomas olhou novamente.

– Para Pedro Bramante foi construída!

Thomas levantou-se de um salto e a abraçou.



Jorge estava certo, mas não perdeu tempo se vangloriando. Como um disciplinado guerrilheiro, ignorou sua satisfação, não deixando que interferisse em sua estratégia. Tinha seguido o aroma de Livia pela Via di San Michele até a Santa Cecília e chegado no momento perfeito. Estava imaginando como fazer sua incursão – ele não tinha medo de igrejas, é claro, nem se incomodava com os diversos e perigosos obstáculos que a oposição já tinha colocado em seu caminho ao longo do dia – quando a *professora* e o padre saíram correndo. O padre tentando acompanhar o passo dela era digno de pena, mas ver uma noantri tão talentosa se contendo pela conveniência de um mortal era patético. Não que nada daquilo importasse. O caminho de Jorge estava livre. Agora que os dois estavam na rua, ele só precisava segui-los até um lugar menos movimentado, atacar e pegar o manuscrito que estava com ela. Afastou-se deles, mantendo uma distância segura, pronto para recuar se ela desse sinais de ter percebido sua presença.

Os dois viraram à esquerda na Via dei Genovesi e outra vez na Viale di Trastevere. O caminho que escolheram, longe de grandes *piazze*, fez Jorge pensar que se estavam querendo manter a discrição era porque não tinham boas intenções. Isso, mais a expressão envergonhada, o ar constrangido dos dois – dele mais do que dela, mas ainda assim de ambos – quando saíram da igreja, a maneira como mal olhavam um para o outro, tomando muito cuidado para não se tocarem...

Jorge não conhecia a natureza do delito que estavam cometendo nem queria conhecer. Anna sabia e lhe explicaria do que se tratava tudo aquilo assim que, belo e triunfante, ele lhe entregasse o manuscrito.

Imaginou onde ela devia estar, e se estaria brava por ele não tê-la esperado no cinema, mas decidiu que provavelmente não, porque não tinha telefonado. Devia saber que ele tinha sido proativo, aproveitado uma oportunidade para continuar sua missão. Anna tinha fé nele; estava só esperando.

Livia Pietro e o padre passaram correndo pela *piazza* em frente à Santa Maria de Trastevere, ela com o chapéu abaixado, ele fingindo proteger os olhos, mas apenas escondendo o rosto com a mão. Jorge continuou atrás quando eles se encaminharam para a Vicolo della Frusta e começaram a subir a escada do Janículo. Esperou alguns instantes para guardar uma distância segura dos dois e depois subiu também. Eles deviam ter tomado aquele caminho para evitar a avenida, onde o risco de serem vistos seria maior.

Provavelmente, já que suas atividades tinham algo a ver com igrejas, estavam seguindo para a São Pedro de Montorio, mas um bom agente não devia jamais pressupor as coisas, e sim se certificar delas. Jorge poderia alcançá-los com facilidade, mas por enquanto era melhor ficar para trás. Deixou algumas pessoas ultrapassarem-no, todas elas mortais, arfando enquanto subiam os degraus: um casal falando francês, três adolescentes com uniformes de futebol (quanto tempo fazia que Jorge não chutava uma bola?, pensou de repente) e um homem magro mais velho e com o rosto fino que conseguiria respirar melhor, Jorge percebeu, se jogasse o charuto fora.

Concentrando-se em sua tarefa, Jorge notou que devia estar assustado, pois apesar de já terem se distanciado bastante de San Francesco a Ripa, ele não conseguia afastar a impressão de que aquele noantri louro continuava por perto. Ora, perseverar apesar do perigo era a marca do heroísmo. Não que Jorge estivesse com medo. Longe disso. Ter ficado um pouco para trás era uma medida estratégica. Podia se dar ao luxo de fazer isso porque não havia nenhuma chance de sua presa escapar. Quando enfim chegassem ao alto do Janículo, Jorge conseguiria o que desejava.



Depois de ter levado o jovem gendarme até a porta e apertado a mão dele, talvez com um entusiasmo um pouco exagerado considerando o pouco tempo que se conheciam, Spencer se acomodou em sua poltrona e estava mergulhado em pensamentos profundos quando Livia ligou.

Após falar com ela, passou mais um tempo no mesmo lugar, com o olhar perdido. Em seguida, se levantou e ficou vagando pela casa, fitando objetos aleatórios, contemplando uma gravura aqui, uma peça de prata ali. Por fim, voltou ao escritório. Pediu um café e, depois que a bebida chegou, ele pegou o celular e fez uma ligação.

- *Salve* – disse a voz do outro lado da linha.
 - *Salve. Sum Spencer George. Quid aegis?*
 - *Hic nobis omnibus bene est. Quomodo auxilium vobis dare possumus?*
- “Aqui está tudo bem”, foi a resposta. “Em que podemos ajudar?”



Depois de subir os últimos degraus íngremes até o pátio, Livia diminuiu a velocidade. Não que estivesse correndo, ao menos não para seus padrões; estava se contendo para que Thomas conseguisse acompanhá-la. Para um inalterado – em especial para um padre –, até que era rápido; ainda assim, parte dela queria disparar à frente e deixar que ele a alcançasse quando pudesse. Afinal, Thomas sabia para onde estavam indo. Mas não seria justo. Poderia até dar a impressão de que estava planejando fugir com a Concordata e deixá-lo de mãos vazias. Não queria que ficasse preocupado, já que agora aquela descoberta era tanto dele como dela.

Na verdade, Livia não sabia exatamente o que planejava fazer com a Concordata quando a encontrassem. Thomas estava desesperado para entregá-la ao noantri que havia sequestrado seu amigo cardeal. Ela precisava seguir as ordens que recebera e levá-la ao conclave – e salvar Jonah. Eram objetivos inconciliáveis e, embora sua força noantri fosse garantir uma vitória fácil no caso de um eventual embate físico, ela não queria considerar a perspectiva de que isso pudesse acontecer.

Bem, eles ainda não estavam com a Concordata. Pensaria naquilo mais tarde. Imaginou se Thomas também considerava o que aconteceria naquele momento.

Parou para esperá-lo. Ele a alcançou quase correndo, dobrou o corpo por um instante, apoiando-se nos joelhos para recuperar o fôlego. Endireitou o corpo, mas não falou nada. Juntos, em silêncio, os dois continuaram em direção a seu objetivo.

A Catedral de São Pedro, que ficava do outro lado da longa ponte onde se encontravam, a pouco mais de 1,5 quilômetro, era incontestavelmente a obra mais magnífica e monumental de Donato Bramante. Mas a construção à frente deles, a minúscula capela de Tempietto, era sem dúvida a mais bonita.

Para Pedro Bramante foi construída, dizia o acróstico de Damiani.

Simão Pedro, o primeiro papa, a rocha sobre a qual Jesus construíra sua igreja, tinha sido martirizado em Roma. Os estudiosos modernos localizaram o ponto onde ele morreria como o local exato em que se situava agora a Catedral de São Pedro. Mas na época de Bramante, e até os tempos de Damiani, acreditava-se que Pedro havia morrido no monte Janículo. Fernando e Isabel de Espanha, então, contrataram Bramante para construir uma capela nesse suposto lugar onde ele, condenado a ser crucificado e considerando não merecer o mesmo destino de seu Senhor, fez um pedido final: ser crucificado de ponta-cabeça.

Livia passou pelo portão aberto e entrou no claustro entre São Pedro de Montorio e o que tinha sido seu mosteiro, agora a Academia Espanhola. Após atravessar o pátio, chegou à capela de Tempietto e começou a subir os degraus, com Thomas a seu lado. Os dois pararam por um instante na impecável colunada, depois entraram no único recinto circular. Despojada, com estátuas em nichos nas paredes, iluminada suavemente pelos raios que entravam pelas janelas altas e se refletiam no piso de mármore, a capela parecia perfeita para inspirar orações e contemplação. Era uma prova de que embora as falhas fizessem parte da natureza do homem, as obras mundanas às vezes surgiam dessas falhas; e sugeria, portanto, que embora não fossem perfeitas, as pessoas tinham a possibilidade de melhorar a cada instante.

Já a perfeição, pensou Livia, olhando ao redor, não permitia mudanças. Nem por adição nem por subtração. Não indicava por si mesma, por exemplo, um ponto de esconderijo.

– Lá embaixo – disse Thomas, como se respondendo ao seu pensamento. A voz dele estava totalmente calma e segura. – No próprio local.

Assim que ele falou, ela soube que Thomas tinha razão. Os dois saíram e contornaram a frente da capela, onde duas escadarias simétricas levavam ao subsolo. No andar de baixo, onde as duas escadas se uniam, a luz passava por um portão de ferro trancado, exatamente no centro. O vidro cobria um poço feito de tijolos localizado no mesmo lugar em que a cruz de Pedro fora fincada na terra.

Dessa vez, quando Livia abriu a fechadura, Thomas a observou com atenção. Ela abriu o portão com um rangido e deu um passo à frente para entrar, mas ele segurou o braço dela com delicadeza e disse:

– Posso ir na frente?

Ela parou de imediato.

– Claro que pode.



Subindo rapidamente os degraus, Jorge chegou ao contorno da Via Garibaldi e começou a fazer o retorno. Quando se virou, seu coração, já acelerado, começou a bater mais forte ainda e ele murmurou:

– Anna.

Ela estava lá.

Parada acima de onde ele estava, firme e esbelta, a cabeça inclinada, os braços cruzados. A luz do sol se refletia em seus longos cabelos louros, em seu quadril estreito, e contornava seu chapéu com uma aura dourada que lembrava as pinturas de santos. Anna! Ela aparecera para estar com ele naquele momento de triunfo, para participar da vitória que sua sagacidade havia evocado. O desejo pulsou nele com urgência, ainda mais intenso pela visão inesperada. Sua pele ansiava pela dela. Seu corpo latejava com o desejo de abraçá-la, de se aproximar para que o recebesse com seu calor, sua ferocidade. Mais do que qualquer coisa que já desejara, naquele momento Jorge só queria tocá-la.

Mas não fez isso. Obrigou-se a ficar imóvel, forçou os pés a não se mexerem. Disciplina era crucial para um combatente da revolução. O objetivo estava próximo. Os aromas no ar lhe diziam que a *professora* e o padre tinham acabado de passar por ali. Eles seguiriam os dois, conseguiriam o que desejavam. Antecipou a cena, sabia como iria acontecer. Saltaria sobre eles, lutaria com ambos e os venceria. O padre não era um obstáculo; a mulher noantri representava um desafio, mas Jorge não tinha dúvida de que seria bem-sucedido. Depois entregaria o manuscrito a Anna. Tinha planejado correr até ela pelas ruas com o símbolo de sua vitória. Mas ela estava ali, nos degraus de pedra, parada sob a luz do sol. Estava ali para apreciar com orgulho enquanto o seu Jorge matava dragões para ela.

– *Buonasera*, Jorge – disse ela com um sorriso.

“Italiano”, ele pensou, confuso. Ela havia falado com ele em italiano. Em geral eles se comunicavam em espanhol, a linguagem particular dos dois. O italiano era o idioma que usava com os outros, às vezes o inglês, mas quando estavam sozinhos ela e Jorge preferiam os tons melódiosos e cadenciados de seu idioma natal. Não sabia por que Anna tinha feito aquilo – talvez pelo entusiasmo que também devia estar sentindo –, mas respondeu em espanhol, como sempre fazia.

– Anna. Você está tão linda... Anna, está quase terminado.

– Sim – disse ela. – Eu sei.

Um lampejo de movimento ao longe, na escada, chamou atenção dele. A *professora* e o padre, chegando ao topo. Ele olhou de novo para Anna, para informá-la.

Ela estava bem perto agora, tinha se aproximado. Continuava sorrindo.

– *Buenas tardes*, Jorge – sussurrou. – *Adiós*.

– Anna? Eles... Anna, o que...

Calou-se quando ela o abraçou. Como poderia falar? No calor de seus braços, ele tremia num êxtase que a tudo consumia. Sua força de vontade foi sugada. Com prazer, abriu mão de sua capacidade de falar, de se mexer, até de querer se mexer. Como sempre acontecia quando Anna o enlaçava com os braços, ele se sentiu enlevado, numa felicidade tão intensa que era quase dolorosa.

Depois veio a dor. Primeiro uma pontada minúscula e penetrante no pescoço onde alguns segundos antes os lábios aveludados de Anna o tocaram em um beijo. Lentamente, a partir dali, uma queimação começou a se espalhar; ele sentiu quando chegou ao seu estômago, passou pelos quadris, uma agonia flamejante substituindo a alegria indescritível que tinha acabado de experimentar.

– Anna.

Nem sabia ao certo se tinha dito aquilo, se ela o ouviria.

– *Adiós* – sussurrou ela outra vez no ouvido dele. – Eu mesma vou encontrar os dois, Jorge. Posso continuar a busca. Sozinha. Não preciso de você.

“Encontrar? Eles estão muito perto. Não precisa mais procurar. Eles estão logo ali...” Tentou contar a ela, mas o fogo interior era insuportável e ele não conseguia falar.

Anna se afastou. Seu sorriso estava manchado de sangue, do sangue dele.

Em meio à angústia excruciante que o envolvia agora, Jorge entendeu. Sentiu quando Anna o levantou do chão, viu o momento em que ela jogou seu corpo agonizante por cima do parapeito para a Via Garibaldi lá embaixo. A dor não parou; em vez disso, aumentou até se tornar insuportável, mas Jorge logo começou a sentir outra coisa, algo que desviou sua atenção da agonia. Caiu cheio de júbilo, experimentando uma felicidade que se equiparava, e até superava, tanto a dor como o êxtase dos momentos anteriores. Na verdade, era maior que a alegria de todas as vezes que estivera com Anna, desde a primeira e transcendental noite. Sua Anna lhe dera um presente. Tinha agraciado Jorge com uma felicidade final, que excedia todas as dádivas noantri que já vivenciara. Em sua mente, reviu a expressão do velho monge, do homem que matara na igreja, sua alegria e seu alívio, e compreendeu que aquele era o presente que esperava, pelo qual ansiava, mas nunca se atrevera a admitir nem para si mesmo. Mas sua Anna sabia e, por amá-lo, havia sacrificado seu desejo por ele, renunciado ao sonho de uma vida conjunta nas largas avenidas de Buenos Aires. Deixou os próprios desejos de lado para atender ao anseio não mencionado, quase inconsciente, de Jorge.

Anna o infectara de novo e agora, em breve, ele iria morrer.



- Se isto for um engano – bufou Giulio – e eu estiver subindo o Janículo sem razão...
- Eu estou subindo junto com você – replicou Raffaele. – E fumo mais que você.
- Você é quinze anos mais novo. E está três passos atrás.

Apesar da ardência nos pulmões e da dor nas pernas, Giulio não pôde deixar de sorrir quando Raffaele o ultrapassou. Ninguém poderia dizer que seu parceiro não era competitivo. Eles seguiram Jorge Ocampo e Anna Jagiellon por Trastevere, confirmando pelas pessoas a quem mostravam as fotos dos dois que, embora não estivessem juntos, eles estavam indo na direção do monte Janículo. Giulio já tinha mandado um carro para o topo, mas como havia muitos desvios no caminho ele decidiu que deveria permanecer na rua com Raffaele.

Os dois pararam de falar e se concentraram na caminhada. Giulio abaixou a cabeça, estabeleceu um ritmo e continuou em frente, com medo de que se parasse não fosse mais capaz de seguir. Impulso, passo, impulso, passo...

– Espere!

O grito soou como se fosse o último suspiro de Raffaele. Giulio usou uma reserva de energia que nem sabia ter para alcançar o sargento. Seu parceiro tinha parado num lugar onde a curva da rua abaixo era visível. Ofegando, apontou por sobre o parapeito. Jorge Ocampo, caído de costas com os olhos abertos, jazia numa poça de sangue.

– Acho que podemos parar de correr – bufou Raffaele. – Ou pelo menos um de nós. – Sorriu, depois disse: – Vou lá ver. Talvez ele ainda esteja vivo. Talvez possa nos contar alguma coisa.

Observando o corpo caído, Giulio pegou Raffaele pelo braço quando o sargento se virava para começar a descer os degraus.

– Raffaele, não chegue perto dele. Vá para a rua de cima e interrompa o trânsito. Ninguém passa por essa rua.

– Como...?

– Vá! – Giulio se virou e começou a descer os degraus correndo, parando ao cruzar a avenida abaixo do lugar onde jazia o corpo de Jorge Ocampo. Pegou o celular e ligou para a Central. – Preciso do Hazmat – falou. – Na Via Garibaldi, cruzamento com a Via Mameli, perto da escadaria que leva ao Janículo. Feche as ruas acima e abaixo, e a escada também. Se alguém estiver lá em cima, faça com que continue no mesmo lugar. Ninguém sobe ou desce sem permissão.

– Entendido, *ispettore* – respondeu a voz calmamente. – Detalhes sobre o que aconteceu? Devo chamar o Esquadrão de Bombas?

– Não. Febre hemorrágica.

– Como?

– O Hazmat vai saber o que é.

Ao desligar, foi se posicionar de forma a desviar o trânsito. Trinta segundos depois, seu telefone tocou e ele olhou para o identificador de chamadas antes de atender. Era Raffaele.

– Raffaele – falou. – Onde você está?

– Onde você acha? Na rua de cima, parando o trânsito. Que diabo está acontecendo?

– Você chegou perto do corpo?

– Você não falou pra eu não chegar?

– Você sempre faz o que eu falo? Ele pode ter alguma coisa muito contagiosa, Raffaele.

– Contagiosa? Como o quê?

– Febre hemorrágica. Você consegue vê-lo daí?

– Consigo.

– Então preste atenção. Ele está sangrando. Por todos os orifícios. Olhos, ouvidos, boca. Cu. Esses ferimentos não são da queda. Observe a pele dele.

Uma pausa.

– Parece que ele levou uma surra – disse Raffaele.

– Não. Sangramento subcutâneo. Todas as células do corpo dele foram rompidas. Nós vimos isso no Zaire. Provavelmente deve ter se jogado lá de cima. Devia estar enlouquecido de dor.

Outra pausa, mais longa.

– E é contagioso?

– Existem uns dez tipos de febre hemorrágica, talvez mais. Todos são contagiosos. Alguns são virulentos. Já ouviu falar do ebola?

– Caralho! Tá falando sério? Esse cara tá com ebola?

– Existem outros tipos – retrucou Giulio, tentando parecer convincente. – Não tão graves. Mas até sabermos qual é o tipo dele...

Parou de falar quando ouviu sirenes se aproximando.

– Giulio, será que ele... Você disse que ele devia estar enlouquecido de dor. Será que tudo isso, o que ele andou fazendo o dia todo...

– Não sei se a doença afeta o cérebro dessa maneira... Não sei como essas coisas evoluem.

– E as pessoas com quem ele teve contato?

Giulio apenas balançou a cabeça. O potencial de crise pública era enorme, mas ele não viu razão para dizer isso.

– O Hazmat está a caminho – falou. – Eles vão embrulhar o cadáver e tirá-lo daqui. Você e eu vamos com eles para... sermos examinados.

Enquanto ouvia as sirenes se aproximando, Giulio pensou em outra coisa que também não precisava dizer agora: que embora a maioria das febres hemorrágicas não fosse fatal, aquela com certeza era e que mesmo que algumas delas passassem sozinhas depois de certo tempo não havia cura para nenhum tipo.



Thomas passou pelo limiar do piso de mármore no andar de baixo da capela e entrou num dos locais mais sagrados da cristandade. Do outro lado do recinto, num pequeno altar, uma chama eterna queimava, alimentada por um reservatório de óleo. As únicas outras luzes entravam pela porta aberta atrás dele, onde Livia estava parada agora, e pela grade no teto.

Àquela hora do dia, só Thomas e Livia haviam estado no andar superior, e eram os únicos ali também. Ele deu uma parada, respirando o ar estagnado. São Pedro não tinha morrido ali, talvez jamais tivesse posto os pés no local; mas relíquias e igrejas, pinturas, esculturas e lugares sagrados eram ferramentas, tudo servindo ao mesmo propósito: levar uma alma ansiosa em direção à consciência do divino. Apesar dessa consciência, apesar das novas verdades recém-descobertas e das velhas mentiras recém-reveladas, Thomas não conseguia deixar de sentir uma comunhão clara e profunda naquele local, uma alegria calma e tranquila.

Ele entendia: a fé tinha criado aquela sensação. Não somente a fé dele, mas também a dos peregrinos que durante séculos acorriam àquele lugar, o haviam santificado. A fé tinha transformado a santidade em algo real.

Raras vezes Thomas sentira uma vontade tão forte de se ajoelhar e fazer uma oração de agradecimento. Mas pensou também no seguinte: um tipo diferente de fé pode levar a resultados tão poderosos quanto desastrosos. Lorenzo e inúmeros religiosos antes dele acreditavam que os noantri eram o mal, e os viam como criaturas de Satã. Tinham agido sob essa convicção, perseguindo-os e aniquilando-os – e, no processo, haviam se transformado em inimigos de homens e mulheres de todos os tipos que a Igreja, perdida na multiplicação dos medos cuja raiz era seu temor em relação aos noantri, também tinha considerado o *outro*. Havia praticado muitos males em nome da erradicação do mal.

O próprio Thomas acreditava naquilo até poucas horas antes. Mas Livia, Ellen Bird e até Spencer George – sem contar Mario Damiani e Santa Cecília! – tinham-no feito entender que era preciso apenas encarar as coisas com os olhos bem abertos e cristalinos para ver a verdade.

E os noantri que tinham sequestrado Lorenzo, cujas exigências haviam levado Thomas àquele solo sagrado? Sim, eles eram malignos. O que só provava que existem formas malévolas operando no mundo, inclusive no coração dos noantri, tanto quanto no coração dos homens da Igreja. No coração de todos havia o mal – no dele, no de Livia, no das pessoas em geral.

Esses pensamentos mereciam uma reflexão séria, uma contemplação profunda. Mas não ali naquele lugar, não naquele momento.

Thomas se ajoelhou, mas não para rezar. Debruçou-se sobre o disco de vidro espesso, tateando em busca de uma fenda nas bordas para soltá-lo. Quando achou, ficou surpreso por ela ceder tão facilmente, apesar de os 5 centímetros de espessura por um metro de largura do vidro tornarem difícil a tarefa de erguê-lo. Livia poderia levantá-lo com mais facilidade, mas se havia algo que Thomas precisava fazer naquele dia, era aquilo. Rolou o vidro de lado e deitou-o no chão com cuidado. A altura do poço abaixo parecia menor que a de Thomas. O diâmetro era o mesmo da tampa de vidro, talvez um metro, e o fundo escuro parecia bruto à luz difusa. Olhando para Livia, atrás dele, Thomas pulou para dentro.



Esforçando-se para manter a calma, Jonah Richter espiava de trás de uma coluna da clausura enquanto Livia e o padre Kelly entravam na capela do Tempietto. As coisas estavam indo muito bem. Quando Livia e Kelly saíram da Santa Cecília, Jonah soube de imediato que a caçada havia entrado numa nova fase. Embora os tivesse observado o dia inteiro, em nenhum momento tinha se aproximado o bastante para saber no que se baseavam aquelas buscas; mesmo assim, estava claro que o padrão geográfico que os dois seguiam mudara radicalmente. Cada vez se aproximavam mais do rio e depois de repente estavam voltando por Trastevere e subindo o Janículo.

Fosse quem fosse que tivesse roubado a Concordata a escondera muito bem. Roma inteira teria de ser demolida e reconstruída antes que uma pedra de Tempietto fosse alterada. Em silêncio, Jonah agradeceu ao bravo noantri que fizera aquilo, que tornara possível a chegada da Revelação. Não fazia ideia de quem seria. Só ficou sabendo que o documento estava desaparecido quando um noantri que pensava como ele e trabalhava perto do Vaticano começou a lhe sussurrar sobre estranhas investigações e um rastro escondido que começara a ser seguido pelo novo bibliotecário, o cardeal Lorenzo Cossa. Jonah foi o primeiro a entender o significado da pesquisa do cardeal, e o único a elaborar um plano para virar a situação a seu favor.

Tudo isso levava tempo, mas tempo era algo que Jonah tinha de sobra. Reconhecia a ironia existente no fato de que alguém como ele fosse impaciente, logo ele, para quem o tempo se desenrolava de forma interminável, um mundo sem fim, amém. Era, na verdade, uma característica que adquirira em sua época de inalterado. Foi o que o fez mudar seus estudos de engenharia para história da arte, o levou a ceder à atração por aquela orientadora de cabelos pretos, apesar de ela ser no mínimo dez anos mais velha que ele. Fez com que, quando ele descobriu a verdade sobre ela, pedisse, implorasse, argumentasse com ela para torná-lo um noantri: o mundo era tão grande, tinha tantas coisas para ver, experimentar, viver... muito mais do que uma reles vida humana poderia abarcar. Ela se mostrou relutante, mas quando afinal concordou e o fez passar pela transformação teve quase o mesmo prazer que ele. No sexo, nos estudos, nas interações em geral entre os dois, ela era sempre a mais comedida, enquanto ele era mais ansioso e apressado. Ela sabia escolher muito melhor os caminhos e os atalhos, reais e metafóricos, mas assim que começavam o trajeto ele sempre conseguia deixá-la para trás.

E agora ele estava impaciente: pela Revelação, por viver livre no mundo como o homem que era, por deixar de fingir, por parar de mentir. Impaciente para sentir-se abraçado mais uma vez por Livia, pois com certeza ela reconheceria, assim que seu plano desse certo – como sempre reconhecera em outros caminhos não ortodoxos conduzidos por ele –, que a única coisa que a detinha era um antigo e opressivo temor.

A impaciência, porém, poderia arruiná-lo agora. Mal conseguia se manter quieto, ridiculamente à espreita atrás daquela coluna, mas era necessário. Sabia que assim que lançasse sua ameaça o conclave colocaria Livia em seu rastro, dele e da Concordata, e que ela começaria sua busca pela Concordata, não por ele. Ele a conhecia muito bem. Não tinha acreditado que o padre Kelly fosse ter grande utilidade, embora admitisse ter se esforçado para mantê-lo por perto. O que ele imaginava, e pelo visto com razão, era que se alguém podia encontrar a Concordata – depois de o cardeal bibliotecário ter falhado –, esse alguém era Livia.



Livia observou Thomas permanecer sentado na beira do poço por um momento e depois descer. O buraco parecia ter 1,5 metro de profundidade; o piso da capela ficou no nível dos ombros dele. Então Thomas se agachou, desaparecendo. Livia esperou até ser vencida pela impaciência. Deu um passo à frente e, olhando para baixo, falou:

– Está vendo alguma coisa?

– Nada. Você está na frente da luz.

Livia fuçou a bolsa e se abaixou para dar a ele seu celular novo. Não tinha um aplicativo para lanterna, mas o brilho da tela já ajudava. Thomas pegou o dele também e apontou os dois para o piso do poço. Não havia nada ali que se destacasse, mas já fazia 150 anos que Damiani escondera a Concordata. Livia já estava pensando em vários esquemas para escavar a terra batida quando Thomas apontou os dois aparelhos para a parede de tijolos. O círculo tinha 1 metro de diâmetro por 1,5 metro de altura. Livia tentou se lembrar de seus estudos de geometria de um século antes. Se estivesse certa, mais de duzentos tijolos teriam de ser minuciosamente examinados para ver se havia algum solto.

Mas de repente Thomas interrompeu seus movimentos de vaivém com a luz, ficou pensativo por um momento e em seguida apontou os celulares para uma linha de tijolos específica.

– O que está fazendo? – perguntou Livia.

– Sudeste. Em direção a Jerusalém. Veja!

Era bem típico de Damiani. A dimensão sagrada da jornada de Pedro podia tê-lo enganado, mas a geográfica não. Ali, num tijolo posicionado na direção de Jerusalém, havia uma cruz arranhada, de ponta-cabeça.



Thomas devolveu os dois telefones a Livia. Sem uma palavra, ela se sentou e apontou a luz direto para o fatídico tijolo. Thomas se agachou, tateou ao redor da junta de reboco e encontrou um pequeno ângulo saliente. O tijolo não ofereceu nenhuma resistência quando ele o balançou de um lado a outro. Depois deslizou-o para fora e enfiou a mão no vão em que ele fora encaixado.

Uma muralha circular como aquela, Thomas sabia, teria três ou quatro tijolos de profundidade. Isso significava que ele teria uma cavidade de cerca de 10 centímetros para tatear antes de trombar com o próximo tijolo. Mas os dois tijolos atrás daquele que Thomas tirara tinham sido removidos, formando uma caverna em miniatura. Ele tateou ao redor e logo sentiu: um tubo de metal. Retirou-o do buraco e começou a examiná-lo. Parecia feito de chumbo, com 10 centímetros de comprimento e 5 de diâmetro, vedado com cera vermelha ao redor da tampa.

Olhou para Livia sem dizer nada. Ela assentiu.

Thomas tentou tirar o lacre de cera com o polegar. Uma pequena torção e a tampa se soltou. Dentro do tubo havia um pergaminho enrolado. Thomas o retirou.

– Pode estar quebradiço – alertou Livia.

Temendo que ela estivesse certa, Thomas soltou as abas apertadas, mas não tentou estendê-lo. Preferiu abrir as bordas só o suficiente para ver duas assinaturas floridas escritas a tinta.

– *Martinus V, Pontifex Maximus* – falou. – E aqui... *Pontifex Aliorum*? O papa dos outros? Quem...?

– O Papa dos Outros – repetiu Livia, calmamente. – O nosso pontífice. O líder dos noantri desde sempre. Nós... – Sem qualquer aviso, ela levantou-se e girou nos calcanhares. – Fique aí! – gritou.

Claro que Thomas não ficou. Levantou a tempo de ver um homem descendo as escadas para o subsolo, onde eles estavam. Ele o conhecia: o noantri louro de San Francesco a Ripa. Jonah Richter, o homem que tinha iniciado tudo aquilo.

Richter entrou no pequeno recinto. A chama eterna bruxuleou em suas feições. Ele olhou para Livia com um sorriso intenso, mas também surpreendentemente meigo.

– Olá, Livia.

– Jonah.

Naquela única palavra, Thomas reconheceu toda a angústia: amor, medo, saudade, perda.

– Está tudo bem agora – disse Richter, com segurança e delicadeza. – É só me entregar.

Aquela voz. Thomas percebeu que já a tinha ouvido. Antes que conseguisse se conter, ele vociferou:

– Você é o homem ao telefone! Você sequestrou Lorenzo!

Richter olhou para Thomas, em pé no poço, e riu.

– Padre Kelly, finalmente nos conhecemos. Uma situação estranha, mas é um prazer.

– Não é prazer nenhum! Onde está o cardeal? Se você... Se ele...

Não sabia como dizer. Antes que encontrasse as palavras, Livia se intrometeu:

– Jonah, como sabia que estávamos aqui? E naquela igreja, antes?

– Tenho seguido vocês dois – retrucou ele.

– A Concordata. – A voz dela expressava admiração, não uma acusação. – Você nunca a teve. Nunca soube onde estava.

– Não. – O sorriso de Richter suavizou. – Mas sabia que você conseguiria encontrá-la.

Livia exclamou furiosamente:

– Eu estava tentando salvar *você*!

– O que prova que eu estava certo. Você nunca deixou de me amar. Nem eu a você. Me dê a Concordata, Livia, e vamos ficar juntos de novo. Juntos e livres. Para viver como quisermos. É tudo o que sempre desejamos.

– Então... foi tudo por isso? A ameaça da revelação e todo o resto? De repente você pensou: “Ah, já sei, vou assustar a Livia e ela vai sair por aí fazendo de tudo para encontrar a Concordata perdida, aí eu roubo o documento dela e promovo a Revelação para todos nós”?

Jonah balançou a cabeça numa negativa.

– Eu bem que gostaria de receber os créditos por essa inspiração, mas não. Eu ouvi que o novo bibliotecário estava atrás da Concordata antes mesmo de saber que estava desaparecida. Mas você pode perceber que era uma oportunidade de ouro.

– Não posso – disse ela, os ombros caídos de desânimo. Quando voltou a falar, sua voz soou fraca e triste: – Tudo o que *eu* queria era a vida que tinha. Minha casa, meu trabalho. – Fez uma pausa. – Mas você... você acabou com tudo isso.

– Só por um período. Agora podemos ter tudo isso para sempre. Me dê a Concordata e poderemos começar uma vida nova. Juntos. À luz do sol. Livia, por favor.

Com toda a calma, Thomas voltou a enrolar a Concordata e a recolocou no tubo, certificando-se de que a tampa estava bem fechada. Com o recipiente na mão, saiu do poço, postou-se ao lado de Livia e, encarando Richter, falou:

– Não.



– Padre – disse Jonah. Livia viu que ele sorria para Thomas, depois viu o sorriso mudar. – Eu entendo. Você quer negociar. A Concordata pelo seu amigo cardeal. Ótimo. Me entregue o documento e eu digo onde ele está. Garanto que continua como da última vez que o viu. Então, por favor.

Enquanto falava com Livia, Jonah parecia amável, irônico, o homem que ela jamais tinha deixado de amar. Mas, quando se dirigiu a Thomas, Livia escutou outro tom de voz. Sua autoconfiança transbordava numa superioridade esnobe, sua determinação era uma ameaça. Será que ele não conseguia se ouvir?

Por um momento, Livia estava outra vez em frente ao conclave. O medo de Rosa Cartelli em relação ao terror e ao fogo se os noantri fossem revelados foi contrabalançado pelas palavras calmas do pontífice: “O momento há de chegar, mas ainda não chegou.” Era isso que o pontífice, cujo entendimento da vida noantri era claro e insondável, queria dizer. Esse era o verdadeiro perigo da Revelação. O risco maior não vinha dos inalterados e não tinha relação com a existência eterna dos noantri. Vinha de dentro: o que estava em perigo eram as suas almas. Seu povo teria muito a oferecer num mundo depois da Revelação, mas a mudança que via agora em Jonah era a prova de que eles não estavam prontos. O sigilo relacionado à Concordata, de repente ela teve certeza, era o que mantinha o equilíbrio da trajetória dos noantri.

– Não – disse ela. – O que você quer está errado.

– As razões dele estão erradas – disse outra voz. – Por mais distorcidas que possam ser. Mas a exigência será cumprida.



Thomas se virou para olhar para a porta. Ao avistar a silhueta esguia ali parada, sentiu um sobressalto no coração.

– *Lorenzo!* Graças a Deus! Você está livre!

O cardeal, usando trajes civis e sem o colarinho clerical – mas com um charuto aceso, como sempre –, sorriu ao entrar no recinto.

– Thomas, você fez um bom trabalho. – Virou-se para o boquiaberto Jonah Richter. – Você achou mesmo que eu ia ficar trancado naquele sótão fedorento esperando você voltar?

Jonah recuperou-se, riu e fez uma reverência irônica.

– Eminência. Mas o senhor precisa admitir que eu estava com a razão. Deu certo.

– Nada disso teria sido necessário se você tivesse um mínimo de autocontrole. Mas isso é bem típico da sua laia: a arrogância do próprio Satã. Thomas, muito bem. Sinto-me honrado pela sua devoção e orgulhoso de sua erudição. Agora, por favor, me dê a Concordata.

– Lorenzo. – Thomas se sentiu como algumas vezes ao traduzir um fragmento de texto: compreendendo as palavras, mas sem entender o sentido. – Como você se libertou?

– Obviamente, ele saiu andando pela porta. – O tom de voz de Jonah era jocoso. – Do mesmo jeito que entrou.

– Sinto muito, Thomas – disse Lorenzo. – Nós tivemos que improvisar. Você ia desistir da busca e ir embora de Roma. Jonah tinha muita fé na *professora* Livia Pietro e ficaria muito contente em se livrar de você, mas eu sabia do seu potencial. Sabia que você era a chave. – Lorenzo olhou para Livia com desagrado, como se ela tivesse atrasado o avanço de Thomas. Em seguida, dirigiu-se a ele de novo: – Thomas, me dê o documento. Por favor – falou, estendendo a mão.

– Espere um pouco. Não estou entendendo. O telefonema... O seu sequestro...

– Acorde, padre! – interveio Jonah, o polegar oscilando entre si mesmo e Lorenzo.

– O desespero força estranhas parcerias – falou Lorenzo casualmente. – Jonah me procurou e, depois que consegui controlar minha repugnância à sua presença, me convenceu de que seria mais fácil localizar a Concordata se também houvesse um noantri na busca. Essa aí, para ser exato. – Apontou para Livia com o charuto. – Fiquei enojado, mas funcionou. Thomas, vamos sair daqui. É insuportável ficar perto deles por muito tempo.

Jonah deu de ombros.

– Livia, ele acha que temos um cheiro estranho. Logo ele, um homem que não consegue ir a lugar nenhum sem um charuto fedorento. Deve ser para ter uma chama sempre por

perto, não é, Eminência? Meu Deus, vocês, mortais, são tão previsíveis... Tudo bem, pode pegar a Concordata e ir embora. No fim vai dar no mesmo.

Thomas olhou de um homem para o outro.

– Vai mesmo? Como isso é possível? *Você quer que a Concordata venha a público.* Já Lorenzo...

Parou de falar ao encontrar o olhar do cardeal.

Numa voz infinitamente paciente, Lorenzo começou:

– Eu já disse a você uma vez: há muitos séculos, um grande equívoco foi cometido. Não pode ser desfeito, mas pode ser corrigido.

– Mas a Igreja... Se o mundo souber desse acordo entre a Igreja e os noantri...

– Sim. – Lorenzo estava relaxado, como um homem que tivesse se livrado de um fardo. – A Igreja que nós conhecemos, condescendente e corrupta, finalmente cairá.

– E o nosso povo será livre – acrescentou Jonah, sorrindo para Livia.

– *Não por muito tempo!* – Lorenzo voltou-se para Jonah com uma raiva súbita e selvagem. – A nova Igreja será destemida e poderosa! A Igreja que o Salvador queria que existisse! Vai pôr um fim à sua laia nojenta! – Virou-se para Thomas e sua voz se tornou uma súplica. – Você compreende, não é? Todos os males vêm deles. Feitos à imagem de Deus, mas não humanos. Vivendo entre nós, mas sem serem como nós, nos degradando, nos destruindo. Zombando da promessa da ressurreição. *Eles precisam ser detidos!*

Thomas ficou trêmulo, como se engolfado por uma onda que poderia varrê-lo para longe. Aquele era o Lorenzo que ele conhecia, o amigo que amava, bradando contra o desastre vindouro como tantas vezes antes. Mas agora ele estava errado.

Qualquer que fosse a verdadeira identidade do povo de Livia, o que quer que existisse em seus corações e fossem quais fossem seus desejos interiores – por mais malignos que alguns deles pudessem ser, assim como algumas pessoas do povo de Thomas também eram –, a natureza dos noantri não era o que Lorenzo acreditava ser.

– Não – falou. – Lorenzo...

– *Me dê a Concordata!* – exclamou o cardeal.

Ele tentou pegar o tubo das mãos de Thomas, que esticou o braço para fora do alcance dele, mas sem necessidade, porque Jonah agarrou Lorenzo e o jogou sobre o altar. As sombras da chama eterna oscilaram, embora a lamparina continuasse firme. Jonah avançou na direção de Thomas, agarrando-o com força pelo pulso. Tentou abrir o tubo, e teria conseguido se Livia não tivesse chegado por trás com um abraço de urso. Thomas desvencilhou a mão do aperto de Jonah enquanto o noantri, com o rugido de um terremoto, conseguiu se soltar e jogou Livia no chão.

Jonah saltou sobre Thomas e os dois cambalearam. O padre sentiu um baque perturbador quando sua cabeça bateu numa parede. Zonzo, imobilizado pelo peso de Jonah, ele esticou o braço, erguendo o tubo o mais alto que conseguiu; ele era mais alto que Jonah, que não conseguia alcançar o tubo. Richter riu e desistiu de pegar o recipiente, preferindo

agarrar o pescoço de Thomas com as duas mãos, apertando-o e sacudindo-o de um lado para outro. Thomas sentiu pontadas flamejantes penetrarem seu crânio cada vez que sua cabeça era batida contra a parede. Pequenos pontos de luz vermelha explodiam em seus olhos e ele sabia que estava perdido. Não conseguia respirar; não conseguia pensar. O tubo começou a escorregar de seus dedos. Os pulmões imploravam por ar. “Pai nosso que estais no céu...”

– *NÃO!* – Um uivo ecoou pelas paredes de pedra. – *Deixe-o em paz!*

Thomas mal conseguiu distinguir Lorenzo cambaleando em sua direção. O rosto do cardeal estava avermelhado pelo esforço com que tentava puxar Jonah para longe, em vão. Então, assombrado, Thomas viu Lorenzo – magro como um varapau, 73 anos e nenhuma experiência em brigas de rua – socar a cabeça e o rosto de Jonah com fúria.

Os golpes eram ineficazes, mas o cardeal insistia.

– *Largue-o!* – gritou.

Então, finalmente Jonah virou-se na direção dele, com um esgar. Thomas escorregou pela parede quando o noantri soltou seu pescoço para encarar o cardeal. Depois de um segundo, ele desferiu um simples cruzado no queixo de Lorenzo, o suficiente para levantá-lo no ar e jogá-lo do outro lado do recinto.



Atordoada por ter sido jogada no chão por Jonah, Livia levantou, arquejante. Tentou se recuperar e olhou bem na hora em que o cardeal, voando com o soco de Jonah, bateu de cara numa parede. Jonah parou e deu um sorriso de satisfação. Em seguida, virou-se para Thomas, ofegando no chão. Abaixou-se por um instante para pegar o tubo que ele deixara cair enquanto tentava recuperar o fôlego. Mas um instante era tudo de que Livia precisava.

Com um salto, ela atingiu Jonah da mesma forma que fizera com o atendente na estação de metrô. O tubo voou da mão dele e rolou pelo chão. Os dois começaram a rolar também, lutando, mas ele era mais forte e conseguiu imobilizá-la subindo em cima dela. Olhando em seus olhos, ele sorriu.

– Não era assim que eu me imaginava voltando a essa posição. – Inclinou-se à frente e beijou-a rapidamente.

Ela perdeu o fôlego de novo. Em seguida, ele se levantou, à procura do tubo. Livia recuperou-se de um tipo muito diferente de tontura e seguiu o olhar dele. Viu seu rosto se avermelhar de raiva: Thomas tinha se recuperado o suficiente para engatinhar pelo chão e pegar o tubo, e agora o abraçava numa atitude protetora.

– Padre, não seja bobo – disse Jonah. – Você só vai se machucar ainda mais.

Thomas não conseguiu fazer mais do que balançar a cabeça numa negativa enquanto permanecia deitado no chão, agarrado ao tubo. Quando Jonah se abaixou para pegá-lo, Thomas segurou-o com tenacidade, usando toda a força que lhe restava num cabo de guerra cujo vencedor já estava decidido, percebeu Livia.

Ela se levantou de um salto.

– Jonah! – Ele se virou para encará-la. – Deixe isso para lá! Ainda não chegou o momento!

Jonah sorriu outra vez. Uma gota de suor escorreu-lhe pela têmpora.

– Não. Se eu não conseguir fazê-la entender, minha querida, vou seguir em frente sem você. Depois da Revelação, você vai entender. Vai me agradecer e voltar para mim. Nós temos tempo. Eu posso esperar. – Abaixou-se mais uma vez e, com um grunhido, puxou o tubo do aperto frágil de Thomas. – Agora me deixe passar – ordenou, mas ela continuou no umbral da porta de saída. – Livia, por favor, se nós lutarmos, eu vou vencer.

– Que seja. Não posso deixar você levar isso.

– Venha comigo. – A voz dele era delicada. – Eu me tornei um noantri para ficar com você. Você diz que aceitou esta missão para me salvar. Então venha comigo agora.

- E para salvar o nosso povo.
- Isso vai libertar o nosso povo.
- Isso vai destruir o nosso povo.

Jonah deu um passo na direção dela.

- Só existe uma maneira de você me impedir.

Ela não disse nada.

- Mas você não vai concordar.
- Vou, sim – disse ela, mas sabia que Jonah estava certo.

Ele deu mais um passo e pôs a mão no braço dela, como para afastá-la com delicadeza. Ela desvencilhou-se do toque dele e continuou firme.

- Eu não quero machucá-la – avisou Jonah.

Antes que ela conseguisse responder, Thomas se levantou de um pulo e agarrou o tubo da mão de Jonah. Um segundo depois, o noantri afastou a mão, mas já tinha aberto os dedos, então o tubo voou pelos ares mais uma vez, aterrissando desta vez no altar. Jonah saltou na direção dele com os braços estendidos, mas Thomas o agarrou pela perna e ele caiu. Tentando recuperar o equilíbrio e ao mesmo tempo afastar Thomas e alcançar o tubo, Jonah derrubou a lamparina. O óleo se espalhou por seu braço e Livia observou, horrorizada, o tecido de sua roupa pegar fogo. Deu um salto à frente e o abraçou, tentando abafar as labaredas, mas ele se desvencilhou com a Concordata na mão. As costas de seu casaco estavam em chamas quando ele saiu correndo para a porta.

– Não! – gritou ela. – Se você sair, o vento vai alimentar as chamas! Largue isso! Role no chão!

Ela correu atrás dele enquanto Jonah atravessava o pátio e vencia os degraus, trêmula de horror ao ver as chamas o envolverem. Se ao menos conseguisse alcançá-lo, poderia interrompê-lo, envolvê-lo com os braços e abafar as chamas... Mas ele sempre conseguira correr mais rápido que ela.



Quando Livia começou a correr atrás de Jonah, Thomas deveria tê-la seguido – talvez ela precisasse de ajuda para arrancar a Concordata das mãos do homem. No entanto, Thomas mal conseguia ficar de pé e sem dúvida não conseguiria correr.

Além disso, ainda havia outra coisa.

Com passos vacilantes, Thomas atravessou a capela até onde estava Lorenzo, a cabeça em um ângulo estranho, mas o corpo estendido como o de alguém relaxando ao sol.

– Lorenzo! Padre!

Lorenzo abriu os olhos.

– Graças a Deus! – exclamou Thomas com um suspiro, procurando o celular. – Vou chamar uma ambulância.

– Thomas. – A voz de Lorenzo não passava de um sussurro. – Encontre Madalena.

– O quê? Não, não fale. A ambulância já vai chegar...

– Não consigo me mexer – murmurou Lorenzo. – Não estou sentindo meus braços, nem minhas pernas. Thomas, por favor, me deixe partir. Mas encontre Madalena.

– O que você está dizendo?

– Isso não é tudo. A Igreja que você ama... a Concordata não teria... teria renascido. Mais forte, mais pura. Mas não vai acontecer... você precisa encontrar... encontrar...

Lentamente, os olhos dele se fecharam. Os lábios continuaram se movendo, mas nenhum som chegava até Thomas.

– Não. Não, padre, por favor! Lorenzo!

Mas não houve mais resposta.

Thomas ficou ajoelhado, sem se mover, no mármore frio, tentando fazer com que Lorenzo abrisse os olhos, falasse. Finalmente, levantou-se e olhou ao redor. O óleo da agora extinta chama gotejava do altar para o chão. Cambaleando, ele molhou os dedos no óleo, murmurou a prece que consagrava os propósitos sagrados de Deus. Voltando até onde estava Lorenzo, traçou o sinal da cruz na testa dele e começou:

– Por meio desta unção sagrada e pela mais meiga piedade, que Deus possa perdoar-te...



Livia entrou em silêncio na capela e encontrou Thomas rezando sobre o corpo de Lorenzo. Em suas mãos estava o tubo de chumbo; em seu coração, a indelével imagem de Jonah nos degraus, de joelhos, enquanto era consumido pelo fogo. Os braços estavam erguidos, uma das mãos crispada num punho triunfante, a outra, segurando o tubo, de repente saiu das chamas no que deve ter sido o último suspiro dele.

Quando ela finalmente conseguiu chegar até ele, não havia mais nada a fazer. Jonah tinha sido carbonizado, devorado, destruído, transformado em cinzas. Livia ficou parada, entorpecida, observando o fogo se apagar. Disse o nome dele uma vez; depois, com cuidado, como se fosse uma terceira pessoa fazendo aquilo, procurou o tubo até encontrá-lo. Segurou-o rente ao corpo e começou a andar até onde Thomas estava.

Ao chegar lá, ajoelhou-se ao lado dele. Depois de algum tempo, ele olhou para ela.

– Sinto muito – disse Livia.

Os olhos dele tinham uma pergunta que ela respondeu balançando a cabeça numa negativa.

– Também sinto muito – falou Thomas.

Em silêncio, ela abriu os braços para ele e Thomas a abraçou. Na capela escura, os dois dividiram suas tristezas.



Anna ficou apenas observando enquanto Jorge se contorcia e agitava os braços durante a queda. O tombo não foi longo e ele não atingiu o chão com tanta força. Mas isso não fazia diferença. A queda era só uma camuflagem. O impacto não teria matado um noantri; mas o que ela fizera, sim, tivesse ele caído ou não. Anna tinha assistido ao início do processo. Enquanto seu corpo jazia no asfalto, pequenas gotas de sangue começaram a vazar pelos olhos. Depois o sangue começaria a sair também pela boca, pelo nariz e pelas orelhas. A pele ficaria roxa, como se um hematoma o tivesse tomado por inteiro. Os órgãos internos também sangrariam. Anna dera a Jorge um grande presente algumas décadas atrás. Ele não se mostrou merecedor daquilo, e agora ela o havia pegado de volta.

Ela gostaria de ficar e assistir, pois embora aquele fosse um processo muito discutido entre os noantri, poucos o haviam presenciado. Apesar do fascínio que a tomara, sabia que era melhor seguir em frente. Logo descobririam o corpo de Jorge, e seria melhor ela não estar por perto.

Para onde iria? Ainda não tinha decidido, mas não seria para longe. O que dissera sobre localizar Livia Pietro e o padre era um plano ousado, que sabia que com o tempo conseguiria levar a cabo, mas no momento não estava em posição de se dedicar a isso. Parecia que até o momento o conclave ainda não sabia que ela estava tentando frustrar os seus planos; tentando, na verdade, usurpar seu poder. Àquela altura, achou que provavelmente eles venceriam. O idiota do Jorge atrasara demais a sua facção. Agora Anna não tinha ideia de onde retomar o projeto. Para continuar no jogo era preciso se reagrupar, e havia a sensação de que seu tempo estava acabando.

Tudo bem, ela conseguiria viver com isso. Consequiria viver com isso por muito mais tempo ainda, pensou com um sorriso. Seus seguidores estavam convencidos de que os noantri precisavam se revelar, e os números aumentavam a cada ano que passava. Quando Anna achasse que estava forte o suficiente, daria um passo à frente e enfrentaria o conclave diretamente. Não precisaria da Concordata perdida para isso.

Lançou um último olhar para o moribundo Jorge, cujo sangue àquela altura escorria pela avenida em pequenos filete ladeira abaixo. Anna também desceu a ladeira, despedindo-se de La Sapienza, da literatura comparada e, com um suspiro, do professor sérvio com quem estava flertando. E de Anna Jagiellon, pensou, durante um tempo. Tudo bem. O mundo era grande.

Descendo os degraus, se pegou pensando sobre duas coisas: por que a colônia fedorenta, que o tinha tornado tão fácil de localizar? E por que, quando os olhos de Jorge encontraram os dela, ela tinha visto neles não dor nem raiva, mas gratidão e alegria?



Thomas caminhava ao lado de Livia em silêncio sob a copa das árvores. O sinuoso caminho pelo Orto Botanico os levava colina abaixo para longe das sirenes e das luzes piscantes. Ao saírem da capela, os dois tinham descoberto que alguma coisa grave acontecera, algo tão grande, dizia um turista de olhos arregalados a outro, que a avenida que descia do Janículo tinha sido fechada e todos haviam sido obrigados a ficar no topo. Os seis turistas que observavam conversavam entre si, concordando que o problema tinha sido algo relacionado ao terrorismo e debatendo sobre que tipo: doméstico, estrangeiro, bombas, agentes biológicos. Livia contara tudo isso a Thomas enquanto escutava, sem ser notada.

– Nós não podemos ficar aqui – dissera Thomas. – Como vamos descer?

– Não se preocupe. Venha comigo.

Thomas foi atrás dela quando Livia virou e seguiu na outra direção, contornando a arcada e percorrendo a avenida até o alto da colina.

Tonto e cheio de hematomas, Thomas andava devagar. O próprio ato de caminhar era um esforço, mas pela primeira vez no dia ele não precisou se esforçar para acompanhar Livia. Ela também estava tão prejudicada quanto ele – assim como Thomas, parecia exausta e desanimada. Ele tinha aprendido que o corpo dos noantri podia se recuperar rapidamente de qualquer ferimento, mas pelo jeito o coração não.

Livia conduziu Thomas pelos portões do Orto Botanico, o Jardim Botânico de Roma. Os dois estavam preparados para pular a cerca caso o Orto estivesse isolado, mas, no típico estilo romano, ou ninguém tinha dito nada sobre não poder subir o Janículo, ou, mais provável, a informação havia sido recebida e ignorada. Os dois compraram seus ingressos, torcendo para que o jovem no guichê não estivesse atento a fugitivos da lei. Não estava; na verdade, mal tomava conhecimento dos visitantes que entravam. Livia e Thomas seguiram por um caminho sinuoso onde folhas caídas farfalhavam sob seus pés. A tarde de outono caía através dos galhos secos, como se a copa das árvores tivesse desistido de tentar esconder o céu. Os poucos brotos que ainda resistiam tinham se tornado amarelos; até o viçoso bosque de bambus estava mudando do verde para o amarelo.

O que quer que tivesse acontecido na avenida, eles só saberiam mais tarde. Não podiam se arriscar a ser vistos pela *polizia* ou pelos *carabinieri*. Também não podiam correr o risco de esperar. Jonah Richter não seria reconhecido – tinha se reduzido a um monte de cinzas no patamar de uma escada. Mas o corpo de Lorenzo não demoraria muito a ser descoberto por algum turista ou zelador.

O corpo de Lorenzo. O cardeal tinha mentido para Thomas, o havia manipulado, traído sua confiança, e além disso pretendia trair a Igreja. No entanto, Thomas não sentia nem raiva, nem indignação, nem ressentimento, muito menos alívio pelo fato de os planos de Lorenzo não terem dado certo. Em vez disso, preferiu procurar em si mesmo as falhas que cometera naqueles quinze anos de amizade. O que Thomas tinha feito para que Lorenzo não confiasse seus segredos a ele, não partilhasse seu conhecimento e seus temores? Eles poderiam ter discutido, conversado, estudado as alternativas. Poderiam ter encontrado outro caminho. Por que precisava ter acabado assim?



Sentado na cafeteria da Piazza della Scala, Luigi Esposito teve de admitir que poderia estar enganado. Enganado sobre o envolvimento de Spencer George no que estava acontecendo? Não. O homem estava tão claramente escondendo alguma coisa que Luigi suspeitava que até o idiota uniformizado com quem estava naquela manhã poderia ter notado. Mas era possível que estivesse equivocado sobre a importância de vigiar alguém. Já fazia uma hora desde que falara com o historiador e o homem ainda não tinha saído. Se nada acontecesse na próxima hora, se ninguém saísse ou entrasse, talvez a coisa mais útil que Luigi poderia fazer seria voltar ao escritório e investigar a vida de seu alvo. Pessoas oferecendo obras de arte roubadas não desaparecem no ar. Ele encontraria algum caminho.

Estava pensando nisso quando o celular tocou. Nem precisou verificar o identificador de chamadas; já tinha atribuído ao *soprintendente* um toque pessoal.

- Esposito, onde você está?
- Na Piazza della Scala, senhor. Ainda na vigilância.
- Pode sair. Seu carro está perto?
- Sim, senhor, mas...
- Pegue o carro, não um táxi. Vá até o Ambulatorio di Medicina Tropicale. Na Via Portuense. Vá à emergência e se apresente.
- Emergência? Quem está lá?
- Você. Eles estão esperando.
- Eu... Senhor, do que está falando? Eu estou bem.
- Talvez não esteja. Aquele argentino, o seu suspeito, está morto. Morreu de febre hemorrágica.
- De quê?
- É uma febre fatal e contagiosa. Os guardas com quem você esteve hoje de manhã já estão lá. Os *carabinieri* também, e pelo que você disse eles não tiveram nenhum contato físico com ele.
- Não, não tiveram. Mas, senhor, ele...

– Esposito, isto é uma ordem. Você vai ficar lá até eles terminarem a autópsia e isolarem o vírus. Não é só por você. É para não infectar mais ninguém. Não tenho dúvidas de que você está bem – falou, num tom que deixava claro que não tinha tanta certeza. – Mas vá.

“Isto não está acontecendo”, pensou Luigi. Ele estava em um caso! Tinha um crime de verdade para resolver. Uma teoria que estava certa, ele sabia que estava. Dois detetives

carabinieri que o respeitavam. Era sua grande oportunidade... seu uniforme azul...

– Esposito! Será que vou ter que mandar uma ambulância pegar você?

– Não. – Luigi lançou um longo olhar para a porta de Spencer George. – Não será necessário, senhor. Estou indo.



Nem Livia nem Thomas falaram nada desde que entraram no Orto Botanico. O silêncio continuou até saírem pela base do monte e tomarem o caminho de Trastevere. Livia guiou Thomas por ruas menos movimentadas e mais sombreadas, embora tivesse visto alguns *carabinieri* e a *polizia*. O que quer que tivesse acontecido no Janículo tinha atraído todas as forças policiais de Roma. A mente de Livia continuava retornando àquela noite violeta muito tempo atrás, ao momento em que cedera aos próprios desejos, e aos dele, e transformara Jonah em um noantri.

A culpa era dela. Jonah não era suficientemente forte, e se ela tivesse levado o pedido ao conclave, como a lei requeria, eles teriam confirmado. Livia ignorara a lei porque já sabia disso.

Depois que se revelara a Jonah, tinha feito o que ele lhe pedira pois tinha medo de perdê-lo. Agora ele estava perdido: para ela, para o mundo. Para si mesmo.

Thomas não perguntou para onde estavam indo, mas, quando chegaram ao meio da ponte Sisto, Livia parou o olhou para ele.

– O local onde o conclave se reúne é logo depois da ponte.

Thomas se recostou na balaustrada de pedra e observou o fluxo do Tibre.

– Você pretende entregar a Concordata a eles?

– Eles vão mantê-la escondida. Eu não tinha certeza se isso ainda era necessário até hoje de manhã. Mas agora...

Livia postou-se ao lado dele, tentando conduzir seu argumento. Aquela cópia pertencia à Igreja de Thomas; por direito, deveria ser devolvida. Ainda olhando para a água, ele ergueu a mão para interrompê-la.

– Eu concordo. Não sei quantas pessoas na Igreja sabem que ela existe, mas Lorenzo não devia ser o único que sentia... que se sentia daquela maneira. A respeito do seu povo. Acho que não podemos devolver a Concordata à Igreja.

– Jonah também não era o único – disse ela em voz baixa. – O conclave vai proteger as duas cópias. Até chegar o momento.



O padre Thierry Ateba destrancou o escritório do bibliotecário, entrou e fechou a ornamentada porta atrás de si. Benzeu-se como se estivesse na presença da morte, embora o falecimento do cardeal Cossa, sobre o qual ele acabara de saber, tivesse ocorrido uma hora antes no Janículo, não ali. O aposento, é claro, não sabia que seu ocupante tinha partido para sempre e os livros abertos do cardeal, seus papéis e o umidificador estavam onde ele os havia deixado, esperando sua volta.

Caberia ao padre Ateba, como secretário particular de Lorenzo Cossa, avaliar e organizar aqueles itens, separar os pertences do cardeal dos da Igreja e assegurar que cada um deles fosse disposto como deveria. Levaria tempo, mas a meticulosidade e a paciência eram duas das virtudes do padre Ateba. Deu uma olhada na sala, planejando inconscientemente por onde começar a cumprir sua última responsabilidade ali. Quando seu trabalho estivesse concluído, ele mesmo não seria mais necessário naquele lugar. O novo bibliotecário e arquivista levaria o próprio assistente.

O padre foi até a janela e abriu-a para arejar o cheiro perene de fumaça de charuto. Nunca chegara a incomodá-lo, mas era um odor de que nunca gostara. Virando-se de novo para a sala, observou os livros e papéis sobre a mesa do finado cardeal. Ateba estava inteirado do trabalho que seu superior estava fazendo e pensou se o novo bibliotecário desejaria dar prosseguimento a ele.

Foi até a escrivaninha, o lugar óbvio para começar. Primeiro, pensou, agora que estava ali sozinho e não podia ser perturbado, outra tarefa exigia sua atenção. Como fora instruído a fazer quando recebera a triste notícia, pegou seu celular no bolso do paletó e apertou um número. Foi atendido por uma voz que conhecia havia muitos, muitos anos.

– *Salve.*

– *Salve. Sum Thierry Ateba. Quid aegis?*

– *Hic nobis omnibus bene est. Quomodo auxilium vobis dare possumus?*



– Você fez um bom trabalho, Livia – disse uma voz grave e arrastada. – E você também, padre Kelly. Os noantri lhe agradecem.

Thomas assentiu, incapaz de falar. Quando percorreu com Livia a distância entre a ponte Sisto e a Santa Maria dell’Orazione e Morte sob o crepúsculo, ela lhe contara aonde iam e o que deveriam esperar. Tentou prepará-lo, mas como ele poderia estar preparado para aquilo? Ainda naquela manhã ele teria rido da ideia de que vampiros existiam. Doze horas depois, estava ao lado de uma, em frente a treze outros, à luz de dois grandes candelabros no porão de uma igreja cheia de ossos.

Reunidos à sua frente em togas pretas, estavam as figuras mais poderosas do mundo noantri. O seu Colégio Cardinalício, por assim dizer. De repente, ele percebeu: seu corpo regente! Corpo... *Isso*, sim, era engraçado. Uma gargalhada ameaçou explodir. Percebendo que estava à beira de um abismo de exaustão, de choque e de uma profunda tristeza, Thomas cerrou a mandíbula e se esforçou para ficar em silêncio.

– Nós vamos manter essa cópia da Concordata em segurança – continuou a voz. – Assim como mantivemos a outra por todos esses anos.

Quem falava era o líder dos noantri, o pontífice Aliorum. Ele próprio tinha assinado a Concordata. Falava em inglês como uma cortesia a Thomas, segundo Livia lhe explicou. Ele foi o primeiro no recinto a se manifestar depois que Livia apresentou o tubo de chumbo, junto com o manuscrito de Mario Damiani e as páginas que faltavam. O pontífice passou o caderno para a mulher à sua direita e abriu o tubo em silêncio e com grande cuidado. Assim que desdobrou o documento, Thomas podia ter jurado que viu o rosto do homem perder um pouco de sua tensão sombria, embora não fosse possível dizer que tinha relaxado. Provavelmente – assim como Lorenzo –, aquele homem nunca relaxava. Passou também a Concordata para a mulher à sua direita. Todos os conselheiros tiveram a oportunidade de dar uma olhada enquanto Livia e Thomas esperavam à frente deles.

– Chegará o tempo em que tanto o seu povo, padre, quanto o nosso se libertarão das exigências deste acordo. Quando essa época chegar, os nomes de vocês serão proferidos com louvor. Até lá, o que aconteceu deverá ser o nosso segredo. Padre Kelly, hoje você perdeu um amigo. Por favor, aceite os nossos pêsames mais sinceros e entenda que nenhum de nós desejava esse desfecho.

Mais uma vez, Thomas só conseguiu assentir. O pontífice voltou sua atenção para Livia.

– Você também sofreu uma perda. O fato de ser inevitável não a torna menos trágica. Também oferecemos os nossos pêsames.

– Obrigada, senhor – retrucou ela, a voz baixa, porém firme.

Seguiu-se um longo momento de silêncio. Todos os olhares se voltaram para Livia quando o pontífice disse:

– *Mandatum exsecuta es et opus perfectum est.* Você seguiu suas orientações e sua tarefa está concluída.

Era um reconhecimento formal, sem dúvida parte de um ritual de muitos séculos. Que outros rituais, pensou Thomas, seriam obedecidos ali?

– *Officio perfungi mihi gratum est* – respondeu Livia de maneira formal. “Sinto-me gratificada por ter feito o trabalho.” Respirou fundo e, voltando para o inglês, falou: – Senhor, posso fazer um pedido?

O pontífice trocou olhares com a mulher ao seu lado e depois assentiu.

– Pode falar.

– Obrigada, senhor. As circunstâncias deste dia deixaram muitas perguntas no mundo dos inalterados. Os *carabinieri* estão à procura do padre Kelly e de mim. Jonah... – Thomas viu Livia engolir em seco enquanto lágrimas de tristeza rolavam de seus olhos. Ela se recompôs e continuou: – A morte dele deve passar despercebida pelos inalterados, mas dois homens da Igreja também morreram.

– E um noantri que com certeza não passou despercebido – interveio a mulher ao lado do pontífice, dirigindo-se a Livia. – O atendente da biblioteca. No monte Janículo. Você não soube?

Ela teve um sobressalto.

– Despercebido? Ele...?

Parou de falar quando a mulher assentiu.

– Sim. Sua criadora o destruiu.

Thomas não sabia bem o significado daquilo, mas Livia nitidamente sabia. Empalideceu.

– E quem é ela?

– Uma mulher chamada Anna Jagiellon. Ela o transformou sem o nosso consentimento e o destruiu também sem o nosso consentimento. Terá de responder sobre isso.

– No Janículo. – Thomas surpreendeu-se ao ouvir a própria voz. Os conselheiros olharam para ele. – Foi por isso que havia tantas ambulâncias por lá?

Um homem rechonchudo que até o momento nada dissera respondeu:

– Isso. A morte de um noantri, quando provocada dessa forma, lembra uma das mais assustadoras doenças humanas. – Ao contrário dos outros dois, esse homem falava um inglês americano perfeito. Aliás, percebeu Thomas, tinha um sotaque igual ao seu. Um noantri de Boston, do sul. Ele deixou para pensar nisso mais tarde. – O corpo foi removido e passará por uma autópsia – continuou o homem. – Nada será encontrado, naturalmente.

– E a bactéria? – perguntou Thomas.

O sujeito sorriu.

– Sempre pensando no lado acadêmico, certo, padre Kelly? A reação autoimune gerada pela reexposição, a causa da morte, destrói a bactéria. Nada será encontrado – repetiu.

Thomas percebeu as perguntas se formando em sua mente, mas eram tantas que ele não conseguia articular nenhuma.

– Padre Kelly – disse o pontífice –, sua curiosidade a respeito da nossa natureza é evidente. Assim como o seu cansaço. Será que prefere retomar nossa conversa num momento futuro? Por conta de seus serviços aos noantri no dia de hoje, coloco-me à disposição para outras conversas, quando o senhor preferir, e falo não só por mim, mas por todos os membros deste conclave. Nós promovemos esses diálogos de tempos em tempos, ao longo dos anos, com amigos do nosso povo. Você é um deles agora.

Por mais exausto e pesaroso que se sentisse, Thomas conseguia entender o valor do presente que estava recebendo.

– Eu gostaria muito, sim – disse. – Obrigado.

O pontífice virou-se para Livia.

– Você também está cansada. Tem algum pedido a nos fazer?

– Sim, senhor. Eu vou sair de Roma, é claro, mas estou preocupada com Ellen Bird e Spencer George. Acima de tudo, com o padre Kelly. As autoridades vão continuar investigando, e não quero que a vida deles seja prejudicada. O padre Kelly, por exemplo, não pode simplesmente mudar de identidade e desaparecer, como nós. Nem gostaria de fazer isso, imagino. – Olhou para Thomas de relance, antes de voltar a encarar os conselheiros. – Se houver alguma forma de o conclave... interferir no processo de investigação das autoridades... Não sei bem o que estou pedindo que façam, mas...

Ela parou de falar.

– Não há razão para você sair de Roma – retrucou o pontífice. – Nem de se disfarçar.

– Os *carabinieri* estão nos procurando desde que o padre Battista morreu, na Santa Maria della Scala. Spencer me avisou. E sem dúvida alguém deve ter visto um de nós perto da capela do Tempietto. Nós somos suspeitos e, neste momento, fugitivos.

– No momento, sim. Mas Spencer George é um bom amigo seu. Ele entrou em contato conosco há algumas horas, com uma proposta bastante engenhosa. Os arranjos já foram feitos.

– Arranjos, senhor?

O pontífice olhou para a mulher à sua direita.

– De fato os *carabinieri* e a gendarmaria estão à sua procura – disse ela –, embora suas teorias sobre a base do envolvimento de vocês estejam sempre mudando. – Thomas percebeu, na voz seca da mulher, seu desprezo pelas forças mundanas da lei. – Eles parecem ter certeza de que existe uma rede internacional de ladrões de obras de arte. Spencer George já tomou a decisão de ser o cabeça desse complô. Quando a casa dele for revistada, o que acontecerá em breve, muitos itens valiosos pertencentes ao Vaticano serão encontrados.

Estão sendo selecionados neste momento, no escritório do cardeal, e serão espalhados por aí. Entre eles, estará este manuscrito de Damiani. Outros tesouros, pertencentes a outras coleções, também serão localizados. Nesses itens as marcas de origem são recentes e falsas, providenciadas pelo próprio Spencer. Evidências plantadas em certos locais deixarão claro que você, Livia, estava ajudando o padre Kelly numa busca idealizada pelo cardeal Cossa para localizar o líder dessa organização criminoso, e da maneira mais discreta possível, de modo a não constranger o Vaticano pela facilidade com que suas coleções têm sido dilapidadas. A Santa Sé, ao perceber que vocês dois estavam a serviço do cardeal, vai interferir com os *carabinieri* a seu favor.

– Eu...

Livia parecia tão incapaz de assimilar aquelas palavras quanto Thomas. A mulher continuou:

– Ellen Bird, se chegar a surgir na investigação, será considerada uma aliada sua, e portanto do Vaticano. A infeliz morte do padre Battista será atribuída, corretamente, suponho, a Jorge Ocampo, agora também morto, um dos membros dessa rede de ladrões, embora seu comportamento assassino talvez acabe sendo relacionado mais a uma instabilidade mental provocada pela febre infecciosa que o matou do que a uma exigência de suas ações criminosas. O cardeal Cossa será visto como uma vítima do confronto com esses ladrões, cujo líder, quando tudo for esclarecido pelos detetives dos *carabinieri* e da gendarmaria responsáveis pelo caso, se descobrirá ter fugido do país.

– Líder? – disse Livia. – Spencer? Fugir do país?

– Será possível seguir o rastro dele por algum tempo, para que as autoridades tenham algo a fazer. Seu plano final, depois que desaparecer, é passar alguns anos na América.

– Spencer? – repetiu Livia. – Na América?

– Ele expressou sua vontade de conhecer o Novo Mundo.

– O Novo... – Uma pausa. – Sim, entendi. E a coleção dele?

– As peças mais valiosas para os noantri serão de origem não comprovada. Essas peças, bem como a casa dele, acabarão não sendo posses estritas de Spencer George, e sim de um primo distante no País de Gales. Esse primo vai continuar a pagar os impostos e os custos de manutenção da casa e fará visitas ocasionais. Daqui a alguns anos, acredito que ele vá se aposentar na Itália.

Quando terminou sua explicação, a mulher recostou-se na cadeira com um suspiro de satisfação.

– Você tem um grande amigo em Spencer George, como já disse – falou o pontífice. Com um pequeno sorriso, acrescentou: – Assim como o detetive gendarme. Aparentemente, toda a teoria de uma rede de ladrões de obras de arte foi dele. O Dr. George acha que ele está sendo desperdiçado na gendarmaria e pediu, em troca de sua participação nesse esquema, que nos certifiquemos de que o jovem seja transferido para os *carabinieri*. Se, é claro, ele quiser.

– Sei – retrucou Livia. – Então eu posso... simplesmente ir para casa?

– Pode, mas devo sugerir que não faça isso, ao menos por enquanto. Você e o padre Kelly estarão liberados de qualquer suspeita em breve, mas até amanhã é provável que isso ainda não tenha acontecido. Até lá, sua casa estará sendo vigiada por policiais com instruções de levá-la para ser interrogada. Suponho que prefira evitar isso.

– Sem dúvida, senhor.

– Pois bem. Como deve saber, nós mantemos inúmeras residências em Roma para visitantes. Posso oferecer aos dois um abrigo nesta noite?



Durante aquela inquieta noite de sono, Livia foi atormentada por sonhos sombrios e opressivos. Em um deles, ela estava acordada na cama e via Jonah envolvido pelo fogo.

Levantou-se assim que o sol nasceu, tomou banho, escolheu uma calça cinza e um casaco azul-claro entre os itens disponíveis para seu uso no espaçoso apartamento na Via Giulia. “O estado de vocês parece ainda pior por causa de seus trajes”, dissera Rosa Cartelli.

Livia foi até a cozinha. Ela e Thomas tinham sido recebidos na noite anterior por um noantri jovem e simpático que, a julgar por seu modo de falar, era mais antigo que ela. Ele lhes mostrou os quartos e lhes serviu uma leve massa ao molho de limão antes de se retirar discretamente para seus aposentos, do outro lado do hall. Agora, ainda nas primeiras horas do dia, ela imaginava que estaria sozinha, mas encontrou Thomas já sentado na cozinha tomando um cappuccino, e a louça na pia indicava que não era o primeiro.

– Bom dia – disse ela, com um sorriso. – Como está se sentindo?

Percebeu que ele também tinha tomado um banho – o cabelo ainda estava molhado. Os hematomas em seu pescoço, provocados por Jonah, eram visíveis acima da gola de uma camiseta nova, preta e sem estampas. Thomas pareceu considerar a pergunta dela complexa e enigmática.

– Não sou o mesmo homem que era ontem, com certeza – respondeu afinal.

– Espero que eu goste desse novo homem tanto quanto gostava do outro – observou Livia. – Quer mais café?

Quando ele assentiu, ela abriu um pote de cerâmica e pôs algumas colheradas de pó de café na cafeteira italiana. Levou o bule ao fogo, desembrolhou alguns croissants e colocou-os em uma tigela no centro da mesa. Num pequeno jarro, ferveu um pouco de leite e serviu-o em duas xícaras. Trouxe o café à mesa e sentou-se diante de Thomas.

– Conseguiu dormir?

– Não muito.

– Não me surpreende. Acho que nós dois vamos demorar muito tempo para conseguir dormir.

Thomas assentiu e pegou um croissant. Livia recostou-se na cadeira e deu um gole no café, olhando pela janela atrás de Thomas e vendo o glorioso céu azul. Naquele momento de paz, naquele lugar arejado e bem iluminado que seu povo mantinha para abrigar os seus, ela começou a sentir, se não o fim de seu choque e tristeza pelo que tinha acontecido no dia anterior, ao menos a possibilidade de vir a superar. A sensação de tempo, e portanto de

potencial, dos noantri era diferente da dos inalterados. Para o povo de Livia, mesmo para os mais antigos, o futuro era sempre mais longo que o passado. A relação de Thomas com a própria história era bastante diferente, mas ela esperava que ele conseguisse sentir algum eco de otimismo também.

– Tem outra coisa – disse ele.

Livia desviou o olhar da janela.

– Outra coisa...?

– Que não me deixou dormir. Não só o que aconteceu. O que Lorenzo falou.

Livia pensou e não entendeu a que ele se referia.

– O que ele falou?

– Quando ele estava... A última coisa que me disse foi que a Igreja poderia ser reconstruída depois da Revelação da Concordata. Mas parecia estar tentando me contar que havia outro segredo, algo mais perigoso. Só que ele morreu antes de concluir. Mas falou: “Encontre a Madalena.”

– A Madalena? Você tem ideia do que ele estava falando?

Thomas balançou a cabeça numa negativa.

Com a expressão pensativa, Livia disse:

– Existem obras de arte por toda a Roma, pinturas e esculturas retratando Maria Madalena. Centenas, imagino. Mas só existe uma igreja dedicada a ela. Santa Maria Madalena, perto do Panteão. Será que ele queria que fôssemos até lá? Quero dizer, que você fosse até lá? Ele não teria desejado nada de mim...

Thomas olhou-a nos olhos.

– Sinto muito – falou. – Um ódio como esse... sempre pensei que ele fosse um homem tão bom... Severo, e quase sempre zangado, mas de coração bom.

– O mais trágico é que ele também pensava isso. Ele queria ser bom. Achava que era. Pouquíssima gente é ruim de propósito. Thomas, você gostava dele. E ele gostava de você. Lembre-se disso.

– Ele me usou – disse ele num tom amargo. – Meus conhecimentos... meus estudos sobre o período do Ressurgimento... essa era a ideia. Nossa amizade, me manter por perto até que eu estivesse pronto para encontrar a Concordata... A intenção era essa.

– Porque ele achava que era importante. Achava que a Igreja que vocês dois amavam precisava dele, precisava de você, para fazer isso. – Ela pôs uma das mãos sobre a dele. – E duvido que a amizade entre vocês fosse menos verdadeira, ou menos profunda, por causa de tudo isso.

– Verdadeira? Ele não confiou em mim para me contar sobre a Concordata. Sobre o seu povo.

Livia ficou em silêncio por um momento.

– Eu confiei em Jonah e contei a ele. E foi um erro.

Thomas enlaçou os dedos nos dela. Ficaram sem dizer nada por um bom tempo.

– Eu quero ir até lá – falou Thomas, de repente. – À Santa Maria Madalena.

Livia fitou os olhos dele.

– Eu já fiz o que me mandaram fazer. Seja qual for o significado das palavras do cardeal, ele revelou a você. Se você quiser ir sem mim, eu vou entender.

– Não – retrucou Thomas, sem hesitar. – Eu gostaria que você fosse comigo.



Na manhã fresca de Roma, os dois passaram por ruas que despertavam para o novo dia. Seus passos ritmados eram decididos, mas não mais apressados, não mais furtivos. Thomas tentava aliviar o peso em seu coração e a confusão em sua mente não pensando em nada, nem sobre aonde estavam indo nem sobre o que tinha acontecido no dia anterior. Via os lojistas dispondo seus cartazes e mesas na calçada, donos de cafés limpando as mesas e apressando-se com os pedidos dos primeiros clientes, mas a extraordinária coreografia da atividade cotidiana, em geral uma fonte de deleite para Thomas, hoje não estava conseguindo distraí-lo. Ele tentou outra estratégia, algo que sempre funcionava: a busca pelo conhecimento.

– Posso perguntar uma coisa? – disse a Livia. – Algumas coisas?

– É claro.

– Sobre o seu povo?

– Só espero saber as respostas. Talvez você devesse falar com Spencer.

– Não, não é sobre a sua história. É sobre a sua... natureza, digamos. – Enquanto andavam, Thomas organizava os pensamentos, feliz com a calma advinda de sua concentração. – Pode me dizer se eu estiver sendo indiscreto. Vocês podem... ter filhos?

– Não. – Alguns passos adiante, ela acrescentou: – Alguns noantri que não sabiam disso quando se transformaram, ou pensaram que não faria diferença, perceberam ser motivo de grandes tristezas depois. – Fez outra pausa. – Existem crianças entre nós. Ou melhor, noantri que se transformaram ainda crianças. Depois da Concordata isso se tornou uma infração imperdoável perante nossa lei, e mesmo antes era algo controverso. Mas essas pessoas, cerca de dez, foram transformadas há muito tempo e ocupam um lugar especial na nossa comunidade. Uma ou duas delas estão entre os mais antigos.

Thomas refletiu sobre isso. Ainda refletiria muito sobre tudo o que tinha aprendido no último dia.

– Alguém se arrepende?

– De se tornar um noantri?

– Sim, por ser irreversível. E... eterno.

Thomas achou que sabia o que ela responderia: que absolutamente não, que com os sentidos aguçados e todo o tempo do mundo para estudar, se aperfeiçoar, aprender, amar, o que havia para lamentar?

– Sim – disse Livia em voz baixa. – Esta vida acaba se tornando um fardo para alguns de nós. Muita gente percebe que na verdade nunca desejou viver para sempre. Que só queriam não morrer.

Os dois viraram uma esquina e foram separados por um grande grupo de crianças que entrou no meio deles. Quando os pequenos passaram, conduzidos por seus cansados responsáveis, Thomas e Livia voltaram a se juntar.

– Ontem, a esta hora – disse Thomas –, eu não sabia que vocês existiam. Me diga uma coisa: existem... outros?

– Outros noantri? – Livia pareceu confusa. – Além dos que nós encontramos? É claro.

– Não, não. Outros... eu diria “seres sobrenaturais”, mas...

Ela riu.

– Entendi. Você quer saber se conheço lobisomens e zumbis? Se saio para dançar com esqueletos, se faço caminhadas com o Pé-Grande?

– Eu... – Thomas sentiu que corava. – Quando você fala desse jeito, parece uma coisa idiota.

– Não é idiota. – A voz dela se suavizou. – Eu simplesmente não sei. As lendas sempre existiram... nós as ouvimos tanto quanto vocês. Mas sempre houve lendas também em relação a nós: que nos transformamos em morcegos, que não temos reflexo. Nas capas de livros somos mostrados com olhos vermelhos como brasas, e nos filmes nossa pele parece neve suja. Algumas dessas ideias nós ajudamos a difundir quando elas começaram a surgir. Bram Stoker, que era um de nós, nos prestou um grande serviço. Começaram a circular histórias sobre nós, e o interesse foi renovado. Foi uma atitude ousada escrever *Drácula*. Alguns noantri ficaram horrorizados, mas acabou sendo algo brilhante. Ele nos retratou como seres completamente estranhos, mas identificáveis. Todos nós podíamos sair à luz do dia, porque quem não tivesse dentes pontudos e não cheirasse como terra mofada não poderia ser um vampiro. Esses mitos nos permitiram viver com mais tranquilidade entre os inalterados. Fico imaginando se outros... – aqui ela fez uma pausa – se outras variedades de pessoas, gente de naturezas diferentes, existem e, se existem, se também são diferentes do que as histórias sobre elas dizem.

Refletindo sobre isso, sobre o significado e as possibilidades, na imensidão do mundo e na pequenez do conhecimento humano, Thomas de repente se viu entrando com Livia na Piazza della Rotonda, sem saber exatamente como tinha chegado ali. À direita, o próprio Panteão, uma das verdadeiras joias da criação arquitetônica. À esquerda, um café, pessoas relaxando com a refeição matinal ou tomando uma dose rápida de cafeína para turbinar o dia: usos diferentes, o mesmo prazer. Livia abriu caminho entre os turistas e entrou numa ruazinha chamada Via della Rosetta. Depois de alguns quarteirões pequenos e sombreados, deram de cara com a elaborada fachada barroca da Santa Maria Madalena, suas pedras douradas refulgindo ao sol.

Passaram pelas portas abertas da igreja e chegaram à pequena entrada à direita do santuário. Thomas molhou os dedos na pia de água benta e se benzeu enquanto Livia esperava. Depois os dois continuaram o caminho e, ao alcançarem a última fileira de bancos, pararam. Mármore arrojado, madeira envernizada, ouro e prata e uma cruz vermelho-sangue no vidro manchado da janela de cima. No entanto, nada indicava uma direção, uma dica do que Lorenzo pretendia dizer.

– O caderno de Damiani – falou Thomas. – Será que havia um poema...?

Livia balançou a cabeça numa negativa.

– Todos os lugares sobre os quais ele escreveu eram em Trastevere.

Era o que Thomas já esperava.

– Bem – falou, examinando o teto decorado, o padrão do piso, as capelas laterais com suas tumbas de mármore. Nada daquilo evocou qualquer faísca de inspiração. – Acho que é hora de perguntar a alguém.

– Perguntar o quê? – indagou Livia, mas Thomas já estava caminhando pelo corredor central.



Livia seguiu Thomas até a frente da igreja, onde um monge vestido de preto com uma grande cruz vermelha estampada no peito estendia um pano sobre o altar de uma das capelas laterais.

– *Buongiorno*, padre – cumprimentou Thomas, e depois continuou em italiano: – Meu nome é Thomas Kelly, sou um jesuíta, e essa é a *professoressa* Livia Pietro. O senhor tem um minuto? Gostaríamos de fazer algumas perguntas sobre a igreja.

O monge virou para eles o rosto comprido e sério, sem qualquer vestígio de um sorriso.

– Emilio Creci. Terei prazer em ajudar.

Ao observar os olhos dele, não era isso que Livia enxergava.

– Obrigado – disse Thomas, ignorando a frieza do religioso. – Nós dois somos historiadores. Fomos aconselhados a vir aqui por... outro historiador, que agora já é falecido. Viemos aqui para honrar a recomendação dele, mas não sabemos exatamente o que desejava que víssemos. Sei que esta igreja deve ter muitos tesouros, mas o senhor poderia destacar alguma coisa, algo que dois acadêmicos gostariam de conhecer?

Thomas falou com modéstia e falta de autoconfiança, uma atitude calculada para fazer o outro homem se sentir ao mesmo tempo superior e impaciente. Não era exatamente um embuste, pensou Livia, mas poderia, sem parecer contraditório, ser chamado de enganação. O que Thomas tinha dito no café da manhã era verdade: ele não era mais o mesmo homem de ontem.

E, Livia adorou descobrir, ela gostava mais do atual.

O padre Creci deu de ombros.

– Nós somos uma ordem pobre, dedicada aos doentes. Sim, esta igreja é grandiosa, mas em Roma nem se nota... – falou, abrindo um sorriso fraco. – Assim como muitas ordens menores, nós... nos sentimos honrados pela responsabilidade de manter uma propriedade cujas demandas ameaçam dilapidar os nossos recursos. Não é um problema que os jesuítas enfrentem muito, não é?

“Ora, vejam só”, pensou Livia. “Rivalidade fraterna. Então esse é o problema dele, afinal.”

Thomas sorriu com benevolência.

– Se esse é o caso, o senhor merece ainda mais elogios, padre.

Abriu os braços para abarcar o mármore luminoso e os vitrais resplandecentes, as capelas laterais sofisticadas e os bancos de madeira envernizados. O interior rococó da igreja era

cheio de dourados e afrescos em cores vívidas. Na opinião de Livia, um pouco exagerado, mas ainda assim admirável.

– A beleza da Santa Maria Madalena e dos tesouros que ela guarda é um testemunho ao senhor e aos seus irmãos – observou Thomas. – Vocês devem passar muito tempo trabalhando aqui, e todos vocês devem conhecer intimamente a igreja.

Thomas estava claramente tentando desviar a conversa para o edifício da igreja e seu conteúdo, mas o padre Creci ainda tinha considerações a fazer:

– Tanto quanto é necessário. Mas, como eu disse, nossa missão é cuidar de indigentes doentes. Os recursos que mencionei incluem o nosso tempo. Nós só resistimos até o ponto em que somos exigidos pelas necessidades do mundo material.

– E ainda assim servem muito bem ao mundo material imediato... às suas obrigações com a igreja.

– Obrigado – disse o monge. Foi forçado a reconhecer o elogio, mas levantou-se em defesa de seus companheiros e de como usavam seu tempo. – O patrocínio ajuda bastante, é claro.

Thomas e Livia se entreolharam.

– Patrocínio? – perguntou Thomas.

– Restrito à manutenção da igreja e de seus bens. Não para o nosso ministério, que está sempre carente.

– É mesmo? – murmurou Thomas. – E quem é o benfeitor?

– Nós nunca soubemos – respondeu o monge com uma mistura de ressentimento e orgulho. – O fundo data de 1601. Permitiu que mantivéssemos nossa primeira igreja e depois construíssemos esta. Somos encarregados da responsabilidade específica da estátua de Madalena, mas, em troca de nossos constantes cuidados a esse respeito, o fundo nos capacita prover para este mundo material imediato, como o senhor diz, enquanto permite que eu e meus irmãos nos concentremos em nossa verdadeira vocação.

Livia sentiu o pulso acelerar, mas não falou nada, deixando Thomas continuar. Disfarçando seu entusiasmo, ele perguntou:

– A estátua de Madalena? Um patrocínio... deve ser uma obra importante.

– Para nós, é, pela liberdade que os cuidados com ela nos garante. A obra data do final do século XV. Pessoalmente, ainda que sem dúvida eu não tenha a erudição de um jesuíta, não vejo nenhuma beleza especial nela. Mas com certeza tinha algum valor específico para alguém em 1601.

Sorrindo, Thomas pediu:

– Podemos vê-la?



O mal-humorado padre Creci os levou da parte dianteira da igreja até uma capela à direita. Erguida num canto sobre um suporte de mármore havia uma grande estátua de madeira de Maria Madalena. Em tamanho real, pensou Livia, pensando que as pessoas na época eram mais baixas que as de hoje. A obra não fora esculpida na época de Maria, e sim no século XV, mas as pessoas também eram menores na Renascença. Aliás, essa era uma fonte sem fim de provocações entre os noantri mais antigos e os mais novos.

Examinando a estátua com olhos clínicos, Livia teve de concordar com o hostil e pouco instruído padre. Como obra de arte, não era muito boa. As medidas eram desproporcionais e o entalhamento era malfeito em alguns pontos. A iconografia estava lá: os cabelos longos e soltos, a mão esquerda segurando o jarro de unguento, aquela maravilhosa contradição que assinalava a natureza dúbia de Maria Madalena: sua vida anterior, como prostituta, e sua devoção posterior, pois tinha sido com aquele mesmo unguento sofisticado que lavara os pés de Cristo. Aquela Madalena não usava joias nem correntes de ouro, tampouco seu corpo ou suas vestes podiam ser considerados voluptuosos. Esses fatos, mais os olhos semicerrados e o rosto pensativo, davam a entender que o escultor tinha retratado Madalena depois de seu arrependimento e conversão.

– Livia – chamou Thomas, num tom casual que escondia a elevação de seus batimentos cardíacos e do nível de adrenalina, que Livia podia sentir e que refletia o mesmo que estava acontecendo com ela. – Acho que pode ser isso, não? O que viemos aqui para ver?

– Pode ser – retrucou ela em um tom de dúvida, embora não tivesse nenhuma. Virou-se e sorriu para o monge. – Padre Creci, o senhor é bastante dedicado à sua missão e nós já tomamos muito o seu tempo. Será que podemos passar alguns momentos apreciando esta escultura? Imagino que tenha muito o que fazer. Acho que também falo pelo padre Kelly quando digo que sua dedicação a seu ministério é inspiradora. Será que me permite fazer uma doação? – Tirou três notas de cem euros da carteira. – Ou devo colocar isso na caixa de oferendas na saída?

O monge quase arrancou as cédulas da mão dela.

– Não, não precisa se incomodar, eu mesmo cuido disso. Obrigado. Sim, por favor, fiquem quanto quiserem. Se tiverem alguma dúvida, não hesitem em perguntar.

Os dois observaram o monge se afastando depressa, um pouco mais saltitante do que antes.

– Você acha que ele imaginou que eu não fosse colocar as notas na caixa? – perguntou Livia a Thomas.

– Com certeza – retrucou Thomas, sorrindo, depois voltou a atenção à estátua com uma expressão mais séria. – Se for isso, o que Lorenzo quis dizer? Do que estava falando?

– Não sei – respondeu Livia devagar, observando a obra. – Ou essa iconografia esconde alguma coisa...

– Ou esconde alguma coisa.

– Mais um poema de Damiani?

– É possível – falou Thomas. – Pessoalmente, espero que não. Gostaria de pensar que já concluimos aquilo.

Livia andou devagar ao redor da escultura, inclinando-se para examiná-la melhor. Estendeu a mão, hesitante, tateou, pressionou com delicadeza. Firme na base, sólida e pesadíssima, a estátua não se movia nem um milímetro. Voltando à parte frontal, Livia observou atentamente a peça, como qualquer historiadora da arte faria com qualquer novo trabalho.

O rosto da estátua não era bonito: longo e achatado, com a testa larga, o nariz adunco, uma reentrância no queixo. As dobras da roupa, em geral um elemento arrebatador da arte renascentista, eram desinteressantes, e o jarro de unguento sustentava-se num ângulo estranho. Já a expressão tinha um poder inegável: as emoções ganhavam profundidade e complexidade quanto mais Livia observava. A força exercida, porém, exigia uma demorada atenção. Numa igreja – e numa cidade – tão cheia de glórias, aquela obra sem dúvida tinha passado despercebida durante séculos. Mesmo Livia, cuja vocação a tornava familiar com muito mais obras de arte que a maioria das pessoas, não se lembrava de tê-la visto antes. Era uma peça estranha para merecer um patrocínio particular.

A não ser que justamente a estranheza fosse a razão.

– O rosto é bonito – comentou Thomas. – Não, não bonito. O que quero dizer é que não consigo parar de olhar para ele.

– Acho que o escultor sentiu o mesmo em relação à modelo. Thomas, olhe aquilo ali. O jarro está inclinado... Se alguém carregasse óleo dessa maneira, ele derramaria. E a mão direita... parece apontar direto para ele.

– Será que isso significa alguma coisa?

– Talvez não. Ou pode querer dizer que o conteúdo do jarro é importante. E não é líquido.

Ela olhou ao redor. Alguns turistas que eles viram andando pelo corredor central poderiam chegar àquela capela, mas no momento não havia nenhum por perto. Livia entregou sua bolsa a Thomas e subiu com destreza no pedestal. Equilibrando-se com facilidade, passou as mãos pelo jarro de unguento. Deu batidinhas nele com as juntas dos dedos, atenta a qualquer mudança de tom.

– Thomas? – disse em voz baixa. – É oco.



Thomas ficou olhando Livia explorar o jarro de unguento na estátua de Maria Madalena. Sentia-se estranhamente calmo, o coração não mais batendo forte, com a urgência e os temores do dia anterior. O que quer que encontrassem – se é que havia algo a ser encontrado – poderia revelar o significado das últimas palavras de Lorenzo. Do contrário, o que ele dissera poderia continuar um mistério para sempre. Mas o mais importante para Thomas no momento era seu próprio mistério: será que conseguiria perdoar Lorenzo por sua traição? Por seu ódio?

Livia parou de tatear a parede de repente. Depois de um momento, ela mudou de posição, pegou o jarro com a mão esquerda e apoiou a direita sobre a tampa lavrada. Thomas via a força lenta e constante que ela imprimia pela postura de seus ombros. A tampa não se movia. Livia deixou os braços caírem ao lado do corpo e ficou encarando a santa.

– Thomas? – chamou. – Tem um frasco na minha bolsa. Você pode me dar?

Thomas, não habituado a revirar uma bolsa de mulher, demorou alguns momentos para encontrar.

– Este?

– Isso. É o perfume que eu uso. Não exatamente um perfume. Um óleo essencial.

Pegou o frasco da mão dele, desatarraxou a tampa e despejou o óleo com cuidado na ranhura entre o jarro e a tampa. O forte aroma de gardênia envolveu Thomas quando a substância penetrou a superfície da madeira e começou a escorrer devagar. Livia tapou o vidrinho e o devolveu a Thomas. Devagar, recomeçou a forçar a tampa. Nada. Na terceira tentativa, finalmente, Thomas viu que começava a ceder. Com calma e persistência, Livia continuou pressionando, apertando, girando, até que, afinal, milímetro por milímetro, conseguiu desatarraxar a tampa. Retirou-a do jarro bem devagar, enfiou a mão lá dentro e sacou um rolo pardacento vedado com cera.



Em pé no fundo da igreja, ele só conseguiu ver Livia Pietro e Thomas Kelly sendo conduzidos por um monge até a capela de Madalena. Mas não precisava estar perto para ver – e saber – o que estavam fazendo. Quando recebeu a ligação informando que os dois tinham saído do apartamento, ele também saiu. Não tentou segui-los. Aonde quer que tivessem a intenção de ir não era da sua conta, e eles tinham sua aprovação. Qualquer lugar menos ali. Ele foi direto para Santa Maria Madalena, torcendo para os dois não aparecerem, mas sabendo que viriam.

Nunca soubera ao certo até que ponto Lorenzo conhecia a verdade. Era possível, pensou, que mesmo que o cardeal tivesse ciência do conteúdo do documento que Livia e Thomas tinham localizado, talvez não soubesse onde estava escondido. E, ainda que soubesse, talvez não tivesse tido uma oportunidade de passar a informação adiante. Quando Livia e Thomas entraram na igreja, porém, aquela possibilidade deixou de existir. Teve um momento de esperança quando viu que os dois não tinham ideia do que fazer a seguir, mas as habilidades que haviam demonstrado no dia anterior tinham funcionado ali também. Não sabia muito bem como tinham conseguido, mas não importava: quando encontrassem a estátua, sem dúvida achariam também o tesouro contido nela.

Aquele dia tardara a chegar, mas sempre estivera destinado a acontecer. Ele não recebera instruções sobre como proceder, mas sim a imensurável honra e a enorme responsabilidade de decidir o que fazer quando o momento chegasse. Refletira longamente sobre a questão, sem nunca ter chegado a uma conclusão. Agora não tinha mais jeito: era preciso decidir.

Saindo das sombras, o pontífice deu um passo à frente.



Thomas foi escorregando lentamente pelo pedestal de mármore. Livia ficou em pé ao seu lado, com o pergaminho que retirara do jarro de unguento desenrolado na mão. A figura de Santa Maria Madalena desapareceu para Thomas, e ele não conseguia ver mais nada. Nada vivia, se movia ou respirava. As palavras que tinham acabado de ler... Thomas não queria jamais tê-las visto. Se fosse possível, gostaria de esquecê-las instantaneamente. Mas elas dançavam em frente aos seus olhos e, embora nunca as tivesse ouvido em voz alta, ressoavam em sua cabeça.

Roma profecturi hoc testamentum relinquimus. Nobis praesentibus non erat opus talibus litteris; nos ipsi vitaeque nostra pro testibus veritatis erant. Quamquam ex hac urbe discedimus, testimonium illud manet. Sumus etiamnunc inter vos. Estote certi: si necessarium fiet, nos revelabimus naturamque nostram duplicem manifestabimus, id quod non prius necessarium erit quam aut Ecclesia aut Noantri pacto inter duas nostras gentes valenti deficiant. Ad quod tempus – utinam ne veniat – fidem servabimus atque occultum tenebimus et pactum et nostram ipsorum naturam.

Preparando-nos para partir de Roma, deixamos para trás o Testamento. Enquanto permanecemos, tal documento não foi requerido. A prova de sua verdade éramos nós mesmos e nossas existências vividas. Embora estejamos saindo da cidade, essa prova permanece. Ainda estamos entre vocês. Se necessário, não deixem de se revelar, de tornar conhecidas nossas naturezas dualistas. Essa necessidade não surgirá até o dia em que a Igreja ou os noantri deixarem de cumprir a Concordata entre os nossos povos. Até esse dia – que nunca chegue! –, nós honraremos os nossos votos, sem revelar nem o segredo da Concordata nem o segredo de nossas naturezas.

Abaixo desse texto breve, capaz de mudar o mundo, uma data:

DIE DOMINICA XXII APRILIS ANNO DOMINI MDCI

Domingo, 22 de abril, o Ano de Nosso Senhor 1601.

E as assinaturas.

À esquerda, *Maria Magdalena*

À direita, *Jesus Nazarenus*

Maria Madalena.

Jesus de Nazaré.

Então era isto: o segredo ao qual Lorenzo achava que a Igreja não sobreviveria. Thomas não sabia se ele próprio sobreviveria. *Naturezas dualistas*. Será que aquele documento era

verdadeiro? Poderia ser autêntico? Mas no momento exato em que sua parte acadêmica fazia a pergunta, sua parte religiosa sabia que não fazia diferença. A Concordata existia; os noantri também. Ainda que aquele documento não pudesse ser considerado autêntico por qualquer ciência conhecida pelo homem, sua revelação, com a data e as assinaturas, forçaria tanto a Concordata quanto os noantri a virem à luz. A tempestade que se seguiria derrubaria a Igreja, e quem sabe o que cairia junto? Se os... se os signatários... Thomas não conseguia se forçar a dizer os nomes, nem em pensamento. “Vamos, padre Kelly, você é um jesuíta”, disse a si mesmo. “Não tem medo do conhecimento.” Se não estivesse catatônico, ele teria rido. Não tinha ele até um pouco de orgulho de como aceitara os noantri e até vindo a respeitá-los e gostar deles, em tão pouco tempo? “Então aceite isto, padre Kelly: o seu Salvador também é... também é...”

– Então era isso – falou alguém, uma voz cálida penetrando o bloco de gelo em que Thomas estava preso. Lentamente, ele ergueu os olhos. Livia, parecendo tão abalada quanto ele, fitava o pergaminho em sua mão. – Essa é a razão – ofegou. – O motivo por que Martinho V assinou a Concordata. O que o obrigou a isso. Eles. Foi isso.

“Sim”, pensou Thomas. Ótimo. Essa questão agora estava respondida. E daí? Por que uma coisa dessas tinha importância agora, quando...

– Sim.

Era outra voz, mais grave e mais baixa. Thomas se virou e viu o homem – o noantri – que ocupava o centro do conclave no dia anterior. O pontífice Aliorum. O Papa dos Outros. O governante dos noantri.

– Sim – repetiu ele. Em seguida se aproximou, apontando para o documento que Livia segurava. – Agora vocês sabem o grande segredo.

Os três fizeram um longo silêncio. Depois, Thomas, para a própria surpresa, ouviu um sussurro de sua própria voz:

– Quem mais...?

– Só o conclave – respondeu o pontífice. – Nenhum outro noantri e ninguém da Igreja tem esse conhecimento. Por séculos, a Igreja foi assolada por rumores sombrios, boatos sobre outro documento até mais perigoso que a Concordata. Mas o fato de a Concordata, e os noantri, existir já é perigo suficiente para a Igreja.

– Mas Lorenzo sabia. Como?

O pontífice fitou Thomas com seus olhos escuros. Esperou um pouco, depois falou:

– Encerrar a perseguição aos noantri e aceitar a ajuda que podíamos fornecer foram as duas coisas que levaram Martinho V ao poder, superando a linhagem rival de papas da época, em Avignon. Se tivesse perdido a disputa, o antipapa João teria reinado. O nome de nascimento dele era Baldassare Cossa.

– Cossa – repetiu Thomas.

Sentiu, ao mesmo tempo, que um vasto conhecimento lhe estava sendo revelado e que ele era insuportavelmente estúpido.

– O cardeal Lorenzo Cossa era descendente do irmão Baldassare. A família Cossa, acreditando na ilegitimidade da Igreja a partir do momento que a Concordata foi assinada, se dedicou a tentar recuperar o papado desde então.

– Recuperar? Lorenzo? Ele teria... se nomeado papa?

– Um espião na comitiva de Martinho V passou a informação sobre a existência disso – apontou para o documento – a Baldassare Cossa. Assim que os papas de Avignon perderam a luta pelo poder, o clã percebeu o que precisava para recuperar a linhagem: a Concordata e esse testamento. É uma estranha ironia o fato de que, apesar de o tempo não ser um inimigo para os noantri, a família Cossa estivesse disposta a esperar tanto quanto fosse necessário, passando essa informação de pai para filho.

– E Lorenzo também a passou?

– Nós achamos que não... a não ser para você.

Thomas sentiu o significado das palavras do pontífice como um golpe físico.

– Demorou mais de 150 anos desde a assinatura da Concordata para a Igreja inteira se alinhar. O último homem executado na fogueira morreu em 1600. Os protestos resultantes encerraram a prática e convenceram Jesus e Maria de que eles poderiam desaparecer outra vez: poderiam devolver a Igreja, assim como a escolha de acreditar e seguir, aos homens.

“Foram eles que escreveram esse testamento. Os noantri foram informados de sua existência, e que tinha sido colocado aos cuidados da Ordem de São Camilo, escolhida em razão de sua humilde devoção aos enfermos. Não nos disseram qual era a forma do testamento nem onde tinha sido guardado. Os frades foram levados a acreditar que seu trabalho seria patrocinado enquanto cuidassem dessa estátua, mas nunca lhes disseram o porquê.”

– Mas sem dúvida você deduziu a localização – disse Thomas. – Por que não cuidou dele pessoalmente? Por que deixar o documento aqui para... que alguém o encontrasse?

O que para ele queria dizer: “Para que eu encontrasse, lesse e ficasse sabendo. Por que me forçar a viver com esse conhecimento indesejado?”

O pontífice assentiu com a cabeça.

– Nós sabíamos. Mas não cabia a nós fazer alguma coisa. Foi feito dessa maneira para garantir que sua guarda estaria nas mãos das duas partes. Os noantri desde então passaram a cuidar desta igreja, e os frades, a cuidar da estátua. Tudo estava indo bem até a ascensão de Lorenzo Cossa. Ele sentiu que estava em uma posição única para sair em busca da Concordata.

– Lorenzo se colocou nessa posição. E me colocou também.

– Thomas? – disse Livia. – O que eu disse antes, ainda acho que é verdade. O cardeal acreditava estar fazendo o bem.

Thomas não respondeu.

Seguiu-se um momento de silêncio, após o qual Livia se virou para o pontífice.

– Senhor. Essa informação... Acho que entende o tremendo choque que é. Para nós dois.

– É claro. Vai levar tempo para entender completamente.

– Posso perguntar...

– Quando o Salvador... – interrompeu Thomas, precisando com urgência saber a resposta à pergunta que Livia estava tendo dificuldades em formular. Ou talvez a pergunta dela fosse outra, mas ele não se importava, porque era isto que ele precisava saber: – Quando o Salvador prometeu a vida eterna, era disso que estava falando? Uma vida humana interminável? Não uma vida celeste transcendente, eterna, ao lado do Pai?

Será que Ele também tinha mentido?

– Não – retrucou o pontífice, calmamente. – Pelo contrário. Ele estava pronto para morrer pelo seu rebanho, padre Kelly, para provar a fé d’Ele e sustentar a sua. E quase morreu. Quando foi retirado da cruz, achou-se que tinha morrido. Mas Maria Madalena era noantri. Sabia que Ele ainda estava vivo. Quase morto, mas vivo. – Olhou para a estátua de madeira. – As obras de arte e as lendas sempre retrataram Maria como uma mulher infeliz e degradada até conhecer Jesus de Nazaré. Ela era assim, de fato, mas não por ser uma prostituta... ela não era. Naquela época, nós, os noantri, sem entender o que éramos, sem conhecimento de outros como nós, tínhamos vidas constrangidas, degradadas, furtivas. As pregações de Jesus, a promessa de que o mais vil de nós podia ser redimido, foi uma revelação para Maria. Quando Ele estava às portas da morte, ela usou sua recém-encontrada fé para lutar e percebeu que podia, do seu jeito, propiciar o que Ele lhe dera: a promessa da vida eterna.

– E se Ele preferisse não aceitar essa dádiva...

O pontífice assentiu mais uma vez.

– Madalena poderia devolver-lhe sua mortalidade.

– Mas Ele escolheu continuar – sussurrou Thomas.

– Como sempre, Ele concordou com o que sentiu ser a vontade de seu Pai.

A grande igreja, dedicada à classe mais baixa de todos os seguidores de Jesus, caiu em um silêncio profundo. Não se ouviu nem um passo ou murmúrio, até que Thomas disse:

– Então Ele continua aqui.

– Continua.

– Onde?

Thomas nunca tinha desejado tanto fazer uma pergunta quanto agora.

O pontífice sorriu e respondeu em voz baixa:

– Eu não sei.

Chocado, Thomas não conseguiu dizer nada.

– Entenda que Ele poderia ter se revelado a qualquer momento antes que esse testamento fosse escrito – continuou o pontífice. – Ou a qualquer momento depois, também. Mas, desde o início dos tempos, raramente o bem vem das religiões. Quando acontece, vem da fé. A Concordata foi uma tentativa de devolver a Igreja fundada no nome dele, fundada em nome da fé, a um caminho correto. No fim das contas, porém, todos nós, noantri e

inalterados, devemos escolher nosso próprio caminho. Se algum bem se originar da religião, a fé deve guiar essa escolha, e a fé não apenas permite, como *exige*, a falta de evidências.

Em sua cabeça, Thomas ouvia os próprios pensamentos anteriores: “Se a existência de Deus pudesse ser ‘provada’, o que o homem estava oferecendo a Deus? A fé era o que Deus pedia ao homem. A única coisa que o homem tem e a única coisa que Deus deseja.”

A fé era o nosso único presente para Ele.



O que Livia estava sentindo agora só havia sentido uma vez em sua vida, no momento de sua transformação: que o mundo tinha se revelado a ela como um fluxo vibrante, cheio de cor, sons e aromas, com promessas que nunca pensara em pedir e respostas a perguntas que nunca havia considerado formular. Essa sinfonia caleidoscópica estava à sua frente agora, mais uma vez, naquela igreja silenciosa. Que dádiva! Que maravilha viver num mundo assim!

Mas uma pergunta crescia dentro dela, junto com um temor. Uma questão que precisava ser respondida.

– Senhor, o que pretende fazer? – disse ela ao pontífice.

– Eu?

– Agora que o padre Kelly e eu adquirimos esse conhecimento.

O pontífice observou os dois por um bom tempo sem dizer nada, depois falou em voz baixa:

– Desde o momento que me pediram para liderar nosso povo, estava claro que este dia chegaria em algum momento. Pensei muito sobre essa pergunta e nunca encontrei uma resposta. Mesmo agora, quando abordei vocês dois, não sabia bem o que meus deveres exigiam. Agora eu sei. – Fez uma pausa. – Padre Kelly. Livia. A escolha é de vocês.

Livia precisou engolir em seco antes de conseguir proferir alguma coisa.

– Nossa, senhor?

– A mesma fé que foi depositada em mim eu ponho em vocês, que vão fazer a melhor escolha. Se optarem por um caminho com o qual eu não concorde, minha fé vai continuar a me guiar nessa estrada. Revelem o que sabem ou escondam novamente esse segredo. Aguardo a decisão de vocês.

Livia ficou sem palavras, incapaz de pensar. Continuou imóvel, olhando para o pontífice por um longo tempo, para aqueles olhos escuros que pareciam ver a sua alma. Depois, Thomas enfim falou:

– Nós vamos devolver o documento ao seu local.

Bem devagar, levantou-se e olhou para os dois.

– Não posso afirmar que entendo o significado do que fiquei sabendo hoje. Isso vai demorar muito tempo, talvez toda uma vida de orações e contemplação. – Inesperadamente, ele sorriu. – Uma vida do tamanho da minha. Não a de vocês.

– Acho que vou levar a vida inteira também. Do tamanho da minha – acrescentou Livia.

Thomas olhou-a direto nos olhos e continuou:

– O fato de este documento ter sido escrito me diz que chegará um momento em que tudo será revelado. O fato de ter sido escondido me diz que essa escolha será feita por alguém muito maior do que eu. Senhor, sua fé em nós é uma honra que nunca esquecerei. Mas a escolha não é realmente nossa. Jesus de Nazaré optou por manter isso em segredo. Até que Ele mude de ideia, continuará sendo um segredo.

O pontífice assentiu com ar grave, mas alertou:

– Outras pessoas, inalterados ou noantri, podem um dia descobrir que vocês sabem.

– E aí eles terão de fazer as próprias escolhas. Eu já fiz a minha.

Sem ter o que dizer, Livia entregou o pergaminho ao pontífice, que o pegou com um olhar de relance, uma insinuação de sorriso brincando nos lábios. Depois o enrolou novamente e, com a mesma leveza de Livia, subiu no pedestal de mármore, retirou a tampa do jarro e guardou o rolo lá dentro. Ninguém pronunciou uma só palavra até ele voltar para onde estava.

– Obrigado a vocês dois – disse ele.

Nada mais precisava ser dito e ele então se virou para ir embora. Antes que desse o primeiro passo, porém, Thomas o chamou:

– Senhor?

Ele se virou.

– Posso perguntar uma coisa?

– Pode.

– Obrigado. O senhor fala como alguém que... alguém que conheceu os dois. Que O conheceu.

– Sim, eu conheci. E amava os dois. Minha transformação aconteceu pouco antes da dele. Padre Kelly, você conhece a minha história, embora ela não seja como você sempre pensou.

Thomas olhou para ele com um ar confuso e o pontífice continuou:

– Eu também já estive nos braços da morte, e fui trazido de volta a este mundo. Mas não foi Jesus de Nazaré que operou tal “milagre”. Foi atribuído a Ele, no entanto foi realizado pela mesma noantri que depois também O trouxe de volta à vida. Maria Madalena. Ela, que também era, apesar do que dizem os estudiosos da Bíblia, Maria de Betânia. Minha irmã – acrescentou, sorrindo.

O pontífice abriu um grande sorriso quando a expressão de Thomas se iluminou, embora Livia não acreditasse muito no que estava ouvindo.

– Eu sou Lázaro.

Então se virou e foi embora.

POSFÁCIO

Noantri notáveis – uma pequena lista

A maioria dos noantri, é claro, faz de tudo para não ficar famosa. Estar sob os holofotes torna mais difícil desaparecer e reaparecer depois em outro lugar – uma necessidade da vida eterna. Alguns, contudo, em especial os envolvidos com a arte, não conseguem evitar o reconhecimento público; e alguns realmente gostam da aclamação e da sensação de perigo que o acompanha.

Nas próximas páginas, estão relacionados alguns homens e mulheres que os noantri consideram parte de seu povo. É preciso ser dito que a melodia da fama soa mais alto em alguns países que em outros. Por isso, a lista está cheia de americanos. As datas de nascimento fornecidas aqui são, em alguns casos, as datas reais antes da transformação da pessoa; em outros, são as datas de nascimento associadas à identidade pela qual a conhecemos – uma data falsa, em outras palavras. Quais são as falsas e quais são as verdadeiras são informações guardadas nos arquivos noantri aos quais este escriba não conseguiu acesso.

Sam Cabot

1º de janeiro de 2013

Khachatur Abovian, 1809, escritor armênio.

Al-Hakim bi-Amr Allah, 996, sexto califa fatímida.

Theodosia Burr Alston, 21 de junho de 1783, filha do vice-presidente americano Aaron Burr.

Dorothy Arnold, 1884, socialite americana.

Benjamin Bathurst, 18 de março de 1784, diplomata britânico.

Ambrose Bierce, 24 de junho de 1842, escritor americano.

Capitão James William Boyd, 1822, oficial militar dos Estados Confederados da América.

Matthew Brady, 1822, fotógrafo americano.

Giordano Bruno, 1548, frade dominicano, matemático, astrônomo, filósofo.

John Cabot, 1450, explorador italiano.

Santa Cecília, século II, mártir católica romana e santa padroeira dos músicos e poetas.

Thomas P. “Boston” Corbett, 1832, soldado da União.

Hart Crane, 21 de julho de 1899, poeta americano.

Joseph Force Crater, 5 de janeiro de 1889, juiz nova-iorquino.

Arthur Cravan (Favian Avenarius Lloyd), 22 de maio de 1887, pugilista, poeta e surrealista suíço.

Emilio de' Cavalieri, 1550, compositor italiano.

Amelia Earhart, 24 de julho de 1897, aviadora americana.

Os Oito Taoistas Imortais, dinastia Tang ou Song, personagens “mitológicos” chineses.

Carlo Gesualdo, 8 de março de 1566, compositor italiano.

Franz Greiter, 1918, cientista austríaco, inventor do filtro solar.

Jesus de Nazaré, século I, figura central da cristandade.

Louis Aimé Augustin Le Prince, 28 de agosto de 1841, inventor francês.

Romualdo Locatelli, 1905, pintor italiano.

Thomas Lynch Jr., 5 de agosto de 1749, patriota americano, signatário da Declaração de Independência dos Estados Unidos.

Stefano Maderno, 1576, escultor italiano.

Maria Madalena, século I, uma das primeiras discípulas de Jesus de Nazaré.

Philip Mazzei, 25 de dezembro de 1730, físico italiano, confidente de Thomas Jefferson, criador da frase “Todos os homens são criados iguais”.

Matusalém, 1.656 anos depois da Criação, figura mencionada na Bíblia Hebraica.

Nefertiti, 1370 a.C., “Grande Esposa Real” do faraó Aquenáton.

Ivan Nikitin, 1690, pintor russo.

Qin Shi Huang, 259 a.C., imperador chinês.

Os Sete Adormecidos de Éfeso, 250, mártires cristãos.

Spartacus, 109 a.C., escravo trácio rebelde.

Bram Stoker, 8 de novembro de 1847, romancista irlandês.

Horace Sumner, 1826, passageiro americano no malfadado navio em que Margaret Fuller (escritora americana) desapareceu.

Jan van Eyck, 1390, pintor flamengo.

Imperador Amarelo de Huangdi, 2724 a.C., imperador chinês que reinou de 2696 a.C. a 2598 a.C.

AGRADECIMENTOS

Sem o árduo trabalho de muitas pessoas, este livro não existiria. Por isso, Sam Cabot gostaria de agradecer a Damiano Abeni, Dana Cameron, Moira Egan, Conor Fitzgerald, Massimo Gatto, Tom Govero, Betsy Harding, o falecido Royal Huber, Tyler Lansford, Dermot O'Connell, Franco Onorati, Ingrid Rowland, Tom Savage, Barbara Shoup, a cartógrafa secreta, e a todos os crentes e não crentes do Rancho Obsesso. Sam gostaria de tirar o chapéu – na verdade, o barrete! – para Steve Axelrod, da Axelrod Agency, e para David Rosenthal, Vanessa Kehren e o simpático povo da Blue Rider. *Grazie.*

Sem a eletricidade da Art Workshop International, em Assisi, Sam Cabot não existiria. Por essa razão, Carlos Dews e S. J. Rozan gostariam de agradecer a Edith Isaac-Rose, Bea Kreloff, Charles Kreloff, Chris Spencer e ao Hotel Giotto. *Pax et bonum.* Paz e bem.

SOBRE O AUTOR

SAM CABOT é o pseudônimo de Carlos Dews e S. J. Rozan.

CARLOS DEWS é professor-associado e titular do Departamento de Língua e Literatura Inglesa na Universidade John Cabot, onde dirige o Instituto de Escrita Criativa e Tradução Literária. Mora em Roma.

S. J. ROZAN é autora de muitos romances aclamados pela crítica e de contos policiais agraciados com os maiores prêmios da literatura do gênero, incluindo o Edgar Allan Poe, o Shamus, o Anthony, o Macavity e o Nero. Nascida e criada no Bronx, Rozan vive atualmente em Manhattan.

carlosdews.com

sjrozan.net

facebook.com/samcabotwriter

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista e O resgate, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva e O salmão da dúvida, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para

atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)
[40](#)
[41](#)
[42](#)
[43](#)
[44](#)
[45](#)
[46](#)
[47](#)
[48](#)
[49](#)
[50](#)
[51](#)
[52](#)
[53](#)
[54](#)
[55](#)
[56](#)
[57](#)
[58](#)
[59](#)
[60](#)
[61](#)
[62](#)
[63](#)
[64](#)
[65](#)
[66](#)
[67](#)
[68](#)
[69](#)
[70](#)
[71](#)
[72](#)
[73](#)
[74](#)
[75](#)
[76](#)
[77](#)
[78](#)
[79](#)
[80](#)
[81](#)
[82](#)

[83](#)

[84](#)

[85](#)

[86](#)

[87](#)

[88](#)

[89](#)

[90](#)

[91](#)

[92](#)

[93](#)

[94](#)

[95](#)

[96](#)

[97](#)

[98](#)

[99](#)

[100](#)

[101](#)

[102](#)

[103](#)

[104](#)

[105](#)

[106](#)

[107](#)

[Posfácio](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)